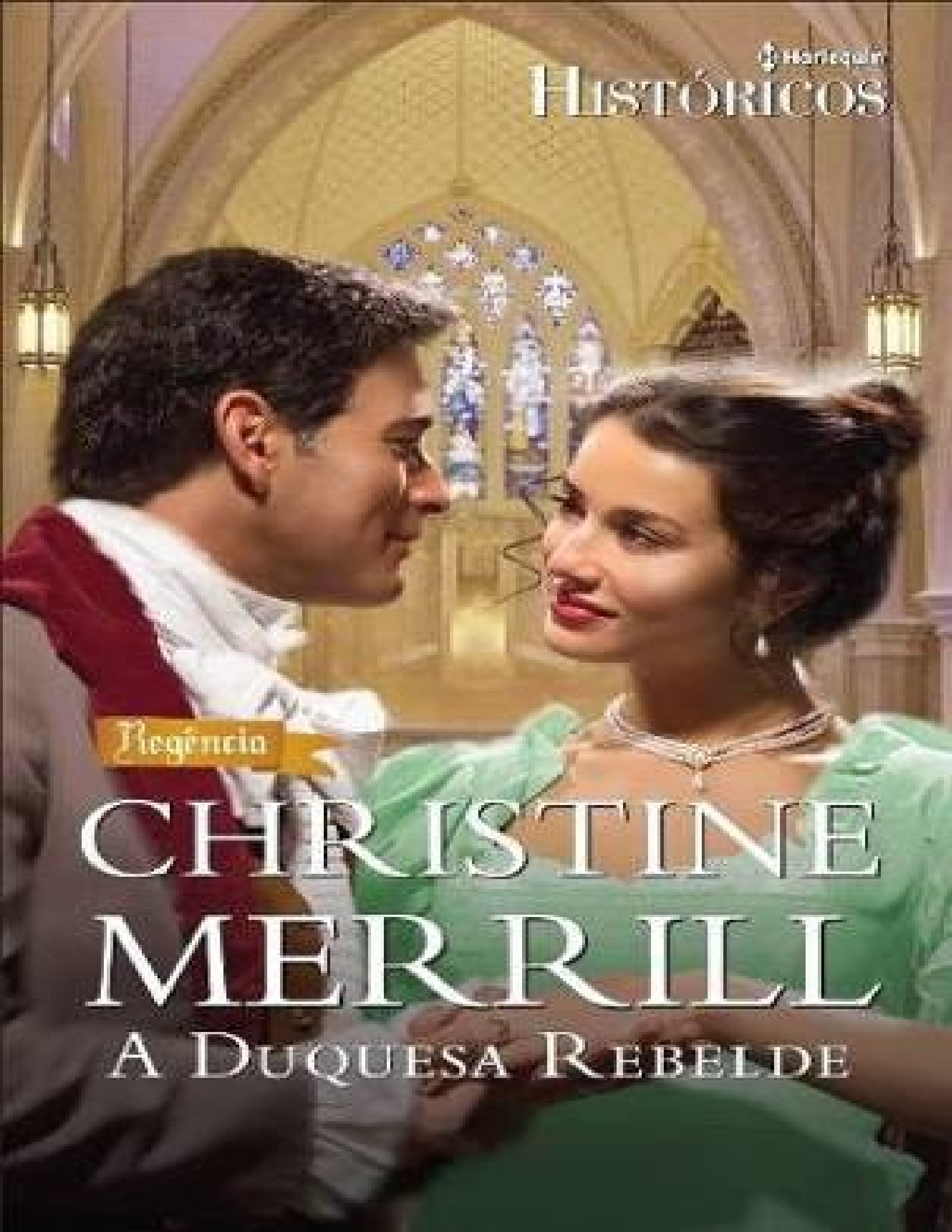

Harlequin
Históricos
Regência
Christine Merrill
A Duquesa Rebelde

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

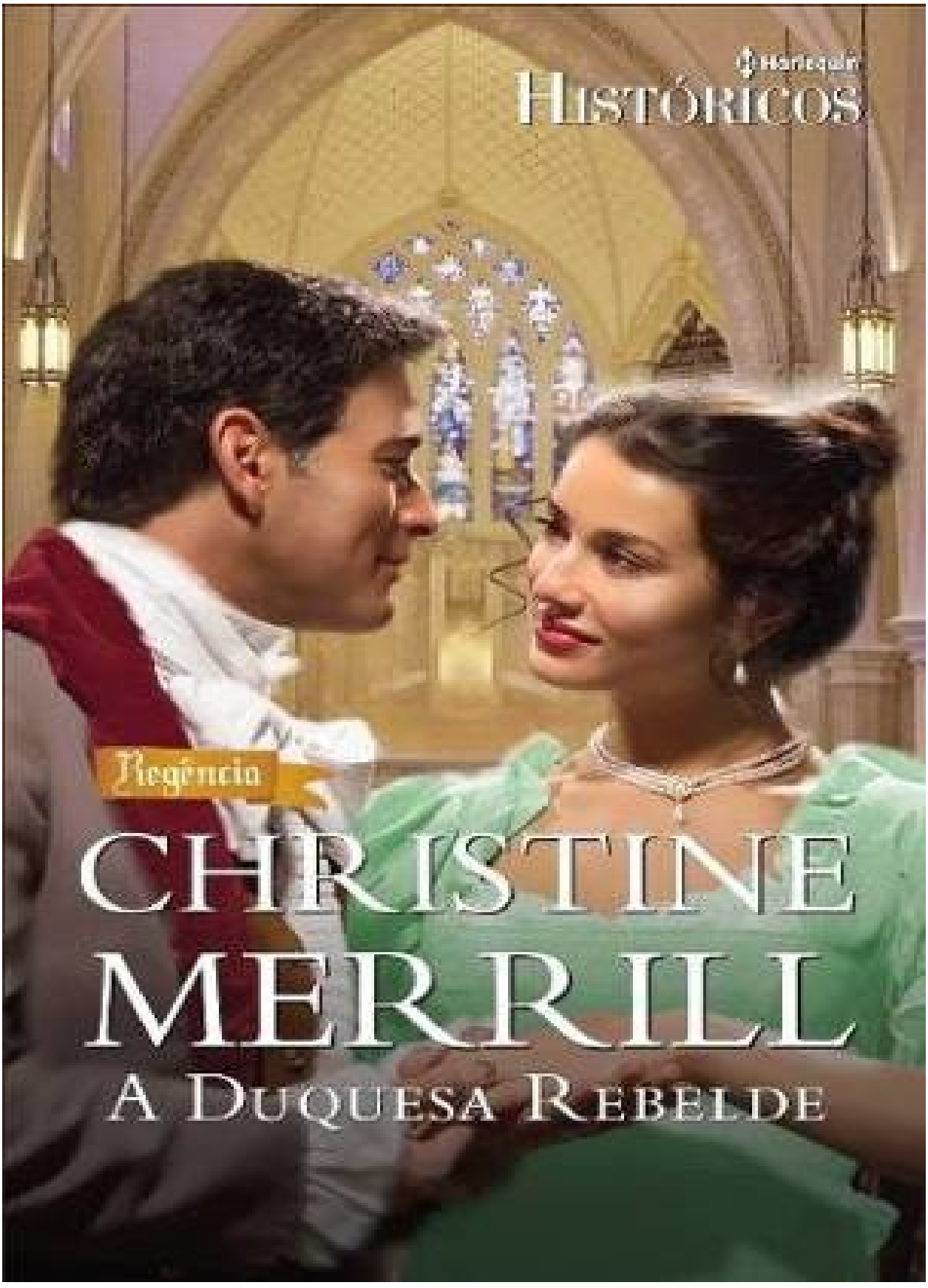
O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A Duquesa Rebelde

The Inconvenient Duchess

Christine Merrill


Harlequin
HISTÓRICOS
Regência
CHRISTINE MERRILL
A DUQUESA REBELDE

Título original: THE INCONVENIENT DUCHESS
Copyright © 2006 by Christine Merrill

Tradução *Eugênio Barros e Fabia Vitiello*
HARLEQUIN
2014

De plebeia a duquesa em um dia!

Lady Miranda noivou e casou com Marcus Radwell, o duque de Haughleigh em um único dia! Não tardou para descobrir que a vida de casada não era bem o paraíso… Uma mansão decadente e um marido reservado não faziam parte dos sonhos de nenhuma mulher. Mas toda vez que olhava para seu taciturno marido sentia-se compelida e obstinada a não só conquistar o coração dele, mas também a transformar a união em um casamento feliz… e bastante sensual!

Querida leitora,

Lady Miranda achou que sua vida iria melhorar quando se casou com Marcus Radwell, o duque de Haughleigh. Seria uma duquesa e se afastaria da pobreza que seu pai a deixara, após beber todo o dinheiro da família. Entretanto, ao conhecer seu marido, percebeu que seu futuro não seria como imaginara. Marcus era um homem ferido, marcado pela dor e pela perda. Ele não queria uma nova esposa, mas esta jovem duquesa transformará sua vida e remendará o seu coração.

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

CAPÍTULO 1

— É claro, você sabe que estou morrendo. — Sua mãe retirou os dedos magros debaixo das cobertas e bateu suavemente na mão que ele lhe oferecia.

Marcus Radwell, quarto duque de Haughleigh, manteve o rosto impassível, vasculhando a mente por uma resposta apropriada.

— Não. — O tom de voz era neutro. — Teremos, sem dúvida, esta conversa novamente no Natal, quando você se recuperar dessa doença momentânea.

— Só você usaria a teimosia como um modo de me animar no meu leito de morte.

E somente você usaria a morte como palco para um melodrama teatral. Ele não proferiu as palavras, lutando por decoro, mas observou cuidadosamente a cena arranjada. Ela escolhera tapeçarias de veludo cor de vinho para as paredes e luz difusa para acentuar sua já pálida pele. O cheiro enjoativo dos lírios sobre a penteadeira deixava o ar fúnebre.

— Não, meu filho, não teremos esta conversa outra vez. As coisas que tenho para lhe revelar serão ditas hoje. Não tenho forças para contar duas vezes e, certamente, não estarei aqui no Natal para forçar outra promessa sua. — Gesticulou para o copo de água sobre o criado mudo.

Ele o encheu e lhe ofereceu, apoiando-a enquanto bebia.

Sem forças? Ainda assim, a voz dela parecia firme o suficiente.

Esta nova doença fatal não devia ser mais real do que a última. Ou a penúltima. Marcus olhou firme para o rosto da mãe, procurando por alguma indicação da verdade. O cabelo ainda tinha o mesmo tom loiro delicado sobre o travesseiro, mas seu rosto era cinzento sob a pele com aparência de porcelana que sempre lhe dera um falso ar de fragilidade.

— Se você estiver fraca demais… talvez mais tarde…

— Talvez mais tarde eu esteja fraca demais para dizer as palavras, e você não terá de ouvir. Boa tentativa, mas eu esperava mais.

— E eu esperava mais de você, mamãe. Pensei que havia deixado claro, na minha última visita a seu *leito de morte* — As palavras eram pesadas com uma ironia que ele não conseguia mais disfarçar —, que eu estava cansado de bancar o bobo nestes pequenos dramas que você insiste em encenar. Se quer algo de mim, poderia pelo menos ter a cortesia de estabelecer isso claramente numa carta.

— Para que você pudesse recusá-la pelo correio e livrar-se da viagem a nossa casa?

— Nossa casa? Esta é sua casa, seu lar. Não o meu.

A risada dela foi melancólica e terminou numa tosse áspera.

Velhos instintos o fizeram estender a mão, mas logo percebeu e a deixou cair para o lado. A tosse terminou abruptamente, como se a falta de compaixão fizesse com que ela repensasse a estratégia usada.

— Este é seu lar, Vossa Graça, mesmo que você escolha não morar aqui.

Desse modo, se o medo pela saúde dela não o movia, talvez a culpa por sua omissão sim. Ele deu de ombros.

A mão dela tremeu enquanto gesticulava em direção ao criado-mudo. Ele alcançou a garrafa de água para tornar a encher o copo.

— Não o copo. A caixa sobre a mesa.

Marcus passou a caixa trabalhada para ela, que a abriu e retirou um maço de cartas, afagando-as.

— Como meu tempo de vida é curto, trabalhei para reparar os erros do meu passado. Para acertar os erros que pude. Para fazer paz.

Para ficar bem com Deus antes do inevitável julgamento Dele, acrescentou Marcus para si mesmo.

— E, recentemente, recebi uma carta de uma amiga da juventude. Uma velha companheira que foi tratada muito mal.

Marcus podia imaginar por quem. Se sua mãe estava planejando corrigir seus erros cronologicamente, era melhor ser rápida. Mesmo que ela vivesse mais vinte anos, como ele desconfiava que viveria, havia erros suficientes no seu passado para preencher o tempo que sobrasse.

— Houve problemas financeiros, como sempre há. O pai dela morreu mais pobre que rato de igreja. Ela foi forçada a voltar para casa e teve de encontrar seu próprio caminho no mundo. Ela foi, pelos últimos 12 anos, a acompanhante de uma jovem.

— Não. — A voz dele ecoou no silencioso quarto da doente.

— Você já disse *não*, e, todavia, não fiz nenhuma pergunta.

— Mas muito certamente fará. A jovem está agora em idade de se casar e é de boa família. A conversa será sobre a sucessão. A pergunta é inevitável, e a resposta será *não*.

— Gostaria de vê-lo estabelecido antes de eu morrer.

— Talvez você veja. Estou certo de que temos bastante tempo pela frente.

Ela continuou como se não tivesse havido nenhuma interrupção:

— Deixei você esperar, assumindo que faria uma escolha no seu próprio tempo. Mas não tenho tempo para deixar você lidar com as coisas. Não tenho tempo para deixá-lo afundar-se em sofrimento por perdas e equívocos de dez anos atrás.

Ele não proferiu a réplica mordaz que lhe veio à mente. Ao menos naquilo ela

estava certa. Ele não precisava reabrir sua parte em uma velha discussão.

— Você está certo. A garota está na idade de casar, mas suas perspectivas são pobres. Não passa de uma órfã. As terras da família estão hipotecadas e perdidas. Há pouca esperança de fazer um casamento, e *lady* Cecily está desanimada quanto às suas chances. Ela teme que esteja destinada a uma vida serviçal e não deseja ver seu próprio destino atrelado ao de outro. E aproximou-se de mim, esperando que eu pudesse ajudar…

— E você me ofereceu em sacrifício para reparar o erro que cometeu há quarenta anos.

— Eu ofereci esperança a ela. Por que não ofereceria? Tenho um filho que tem 35 anos e nenhum herdeiro. Um filho que não mostra sinal algum de querer remediar essa condição, embora sua esposa e seu herdeiro estejam há dez anos na sepultura. Um filho que desperdiça seu tempo com prostitutas quando deveria estar zelando por sua propriedade e se preparando para a sucessão. Sei o quão rápido a vida passa. Se você morrer, o título irá para seu irmão. Considerou isso, ou se considera imortal?

Ele forçou um sorriso.

— Por que isso importa a você agora? Se St. John herdasse o título, isso a agradaria sobre todas as coisas. Você nunca fez esforço algum para esconder que ele é seu favorito.

Ela sorriu de volta, com igual frieza.

— Sou uma velha senhora afeiçoada, mas não tão tola quanto a tudo isso. Não mentirei e o chamarei de favorito. Mas também não afirmarei que seu irmão, St. John, tenha o talento ou temperamento para dirigir esta propriedade. Posso confiar que, uma vez que você esteja estabelecido aqui, não perderá a coroa de seu pai no jogo. Sua omissão quanto aos seus deveres é benigna e facilmente remediada, mas pode imaginar a terra depois de um ano aos cuidados de seu irmão?

Ele fechou os olhos e sentiu um frio percorrer sua espinha. Não queria imaginar o irmão como duque, do mesmo modo que não queria se imaginar preso a uma esposa e família, preso a essa casa fúnebre. Havia fantasmas suficientes ali, e agora sua mãe ameaçava juntar-se à lista de espíritos repugnantes que ele estava evitando.

Ela deu um suspiro vago e tossiu.

Ele ofereceu-lhe outro gole de água e ela pigarreou antes de tornar a falar:

— Não o ofereci em sacrifício, contudo teria muito prazer se você aceitasse bancar o mártir. Eu sugeri que ela e a garota nos visitassem. Só isso. De você, espero uma promessa. Um pequeno obséquio, não a rendição total. Pediria que você não a descartasse antes de conhecê-la. Não será uma união de amor, mas

acredito que perceberá, agora, que o amor não garante uma união longa ou feliz. Se ela não for deformada ou sofrer de uma doença, ou se não for tão desesperadamente idiota para tornar-se uma companhia insuportável, espero que você pense com seriedade na sua oferta. Humor e beleza podem murchar, mas se ela tem bom senso e boa saúde, possui qualidades suficientes para ser uma boa esposa. Já não se casou com uma qualquer do continente?

Ele olhou para ela e sacudiu a cabeça.

— Ou se encantou tragicamente pela esposa de um amigo?

— Por Deus, mamãe…

— E você não está cortejando nenhuma rosa inglesa em segredo, certo? Seria querer demais. Portanto, isso o deixa sem desculpa lógica para evitar o encontro. Nada além de um coração partido e uma natureza amarga, que você pode voltar a alimentar depois que um herdeiro tiver nascido e a sucessão estiver assegurada.

— Você fala sério quando sugere que eu me case com alguma garota que você requisitou, baseada em sua correspondência casual com uma velha conhecida?

Ela lutou para sentar-se ereta, os olhos brilhando como carvão em brasa no rosto cinzento.

— Se eu tivesse mais tempo e se você não fosse tão teimoso, eu o teria feito correr por Londres e o forçado a pegar a fina flor da estação há anos. Mas o tempo é curto, e sou forçada a lidar com o que pode ser encontrado rapidamente e arranjado sem esforço. Se ela tiver quadris largos e uma natureza amigável, supere suas reservas, case-se e engravide-a.

Ela tossiu novamente, mas dessa vez não foi o som delicado com o qual Marcus estava acostumado, mas o som de pulmões cheios demais para aguentar. E continuou, até que seu corpo sacudiu.

Uma empregada entrou no quarto apressada, devido ao som, e inclinou-se sobre a cama, apoiando as costas da mãe de Marcus e segurando uma bacia diante dela. Depois de mais tosse, ela cuspiu e voltou a recostar-se nos travesseiros, desgastada. A empregada correu com a bacia, mas uma minúscula partícula de sangue permaneceu nos lábios da mãe.

— Mamãe. — A voz dele era incerta e sua mão tremia quando levou o lenço à boca da senhora.

A mão materna apertou a dele, mas com pouca força. Ele podia sentir os ossos através da pele translúcida.

Quando ela falou, a voz era um sussurro rouco. O brilho nos olhos transformou-se em um olhar suplicante e amedrontado que ele nunca tinha visto.

— Por favor, antes que seja tarde demais, conheça a garota. Deixe-me morrer em paz. — Ela sorriu de um modo que parecia mais uma careta, e ele imaginou se era de dor.

Ela sempre tentara manter um controle rígido sobre si mesma e sobre ele. Sobre tudo, na verdade. Devia ser constrangedor ter de se render agora. E, pela primeira vez, o duque notou o quanto ela era pequena deitada ali e sentiu um cheiro de decadência disfarçado pelo aroma enjoativo dos lírios.

Era verdade então. Dessa vez, ela realmente estava morrendo.

Ele suspirou. Que mal poderia haver em fazer uma promessa nesse momento, quando a mãe iria embora bem antes que ele precisasse cumpri-la? Marcus respondeu com firmeza, dando-lhe mais esperança do que lhe dera em anos:

— Vou considerar o que me pede.

CAPÍTULO 2

A porta da frente era de carvalho, e quando bateu a pesada argola de latão contra ela, Miranda Grey ficou surpresa de que o som fosse pouco mais alto do que a batida da chuva sobre as bandeiras à sua volta. Seria um milagre se alguém ouvisse o som sobre o estrondo da mais nova tempestade de verão.

Quando a porta enfim se abriu, o mordomo hesitou, como se um pequeno momento na chuva pudesse lavar a entrada e poupá-lo do trabalho de acompanhá-la.

Ela temia imaginar o que ele teria de ver. Seu cabelo estava desalinhado e pingando. Seu xale, colado ao corpo, totalmente ensopado por causa da chuva. Seu vestido de viagem moldava-se sobre o corpo, e a saia salpicada de lama grudava em suas pernas quando ela tentava se mover. Rezou silenciosamente uma prece de agradecimento por ter decidido não usar sandálias ou seu novo par de sapatos. As botas pesadas que escolhera eram terrivelmente inapropriadas para uma senhora, mas qualquer outra coisa teria se desintegrado no caminho. Seus pulsos, que se projetavam das mangas do vestido antes de desaparecer dentro das luvas desbotadas, estavam azuis devido ao frio.

Depois de uma eternidade, o mordomo abriu a boca, provavelmente para mandá-la embora. Ou, pelo menos, para dirigi-la à entrada dos fundos.

Miranda se empertigou e ouviu Cici repetindo as palavras na sua mente:

— O que importa não é o que você parece ser e sim quem você é. Apesar das circunstâncias, você é uma lady. Nasceu para ser uma lady. Se você se lembrar disso, as pessoas a tratarão devidamente.

Contente com sua estatura nesse momento, olhou para baixo, encarando o mordomo, e disse num tom de voz tão frígido quanto a água gelada da chuva em suas botas:

— *Lady* Miranda Grey. Creio que sou aguardada.

O mordomo deu um passo para o lado e murmurou algo sobre uma biblioteca. Depois, sem esperar por uma resposta, infiltrou-se pelo hall, deixando Miranda e sua mala de viagem para trás.

Ela carregou a bagagem através da soleira, deu um passo em frente e fechou a porta de carvalho. Olhou para sua mala, no meio de sua própria poça de água sobre o assoalho de mármore. Poderia ficar ali e apodrecer. Miranda estava certa de que não era trabalho seu carregar aquela coisa arruinada. As bolhas que se formaram sob os calos das palmas da mão a convenceram de que já carregara a mala o suficiente por uma noite. Assim, abandonou-a e apressou-se em seguir o mordomo.

Ele a conduziu a uma sala imensa, com prateleiras cheias de livros, e murmurou algo. Ela se inclinou mais para perto, mas foi incapaz de decifrar as palavras. Não era mais fácil entendê-lo na quietude mortal da casa do que havia sido quando a cumprimentara na porta de entrada. Então, ele se afastou de novo, desaparecendo no hall. À procura da viúva rica, ela esperava. No rastro dele, ela detectou um leve cheiro de gim.

Quando ele foi embora, ela examinou em detalhes o ambiente em volta, tentando ignorar a água pingando de suas roupas sobre o rico tapete. A casa era magnífica, sem sombra de dúvida. O teto era alto. O parque em frente era enorme, como Miranda notara frustrada enquanto caminhou tropeçando através de sua larga extensão sob a chuva torrencial. O caminho até aquela sala fora longo, largo, marmorizado e enfileirado por portas que indicavam uma variedade de quartos igualmente grandes.

Mas…

Ela suspirou. Tinha de haver um mas… Uma casa nobre, mas sem algum tipo de problema, algum defeito omitido, não teria aberto suas portas para ela.

Miranda andou até mais perto das prateleiras de livros e lutou para ler alguns dos títulos. Eles não pareciam ser bem usados ou atuais… não que ela tivesse alguma ideia da literatura em moda. As lombadas dos livros não estavam estragadas; eram cobertas de poeira e acompanhavam as ocasionais teias de aranha de canto a canto. Pelo visto, o duque não era um grande leitor.

Ela ponderou. Certamente, ler não era um requisito. Um homem instruído podia ser esperto demais, e ela logo estaria de volta à chuva. Talvez ele tivesse mais dinheiro do que sabedoria.

Miranda caminhou para mais perto da lareira e examinou os tijolos que a formavam. Essa sim era uma área que ela entendia bem. A lareira deixava uma mensagem muito mais legível do que as estantes de livros. Havia fuligem sobre os tijolos que deveriam ter sido esfregados há muito tempo. Ela podia ver as leves manchas sobre as paredes, sinais de que a sala há muito tempo não tinha uma boa limpeza. Farfalhou as pesadas cortinas de veludo sobre as janelas, espirrou diante da poeira e espantou um alvoroço de traças que perturbara.

Então, o duque não era um homem instruído, e a viúva rica não tinha pulso firme sobre os empregados. O mordomo era bêbado, e as empregadas não perdiam tempo limpando a sala destinada a receber convidados. Suas mãos coçaram para alisar as almofadas, tirar a poeira do veludo e encontrar uma escova para esfregar os tijolos.

Aquelas pessoas não entendiam que sorte elas tinham? E que descuido com a boa condição deles! Se fosse a dona daquela casa…

Parou para se corrigir. *Quando* ela fosse dona daquela casa. Era assim que

Cici queria que ela pensasse. *Quando*, não *se*. Seu pai apreciava mitos e frequentemente contava-lhe histórias de soldados espartanos. Quando eles iam para a guerra, suas mães ordenavam que retornassem com seus escudos ou sobre eles. E sua família teria o mesmo dela. Fracasso não era uma opção. Ela não podia decepcioná-los.

Muito bem, decidiu Miranda. Quando ela fosse dona daquela casa, as coisas seriam diferentes. Ela não podia oferecer riquezas a Sua Graça. Mas, a despeito da sujeira, a casa e o mobiliário provavam que ele não precisava de dinheiro. Ela não era uma grande beleza, mas quem a veria ali, tão longe de Londres? Faltava-lhe o refinamento e os encantos de uma *lady* acostumada à sociedade, mas ela não vira evidência de que Sua Graça gostasse de diversão. Ela tinha pouca instrução, mas a poeira na biblioteca mostrava que aquilo não era sua prioridade.

O que ela poderia oferecer eram as qualidades que ele claramente precisava. Administração da casa. Costas fortes. Vontade de trabalhar duro. Miranda podia fazer a vida dele mais confortável.

E poderia lhe dar um herdeiro.

Afastou depressa o pensamento da mente. Aquilo seria parte de seus deveres, é claro. E, apesar das explicações bem detalhadas de Cici sobre o que este dever acarretava, ela não tinha medo. Bem, não muito. Cici lhe contara o suficiente sobre Sua Graça, o duque de Haughleigh, para encorajá-la neste sentido. Ele era viúvo havia dez anos, portanto talvez não fosse exigente demais. Se suas necessidades fossem grandes, ele devia ter encontrado meios de satisfazê-las que não envolvessem uma esposa. Se suas necessidades não fosse grandes, então ela não teria motivo para temê-lo.

Ela o imaginara esperando pela sua chegada enquanto fazia a longa viagem de Londres. Ele era mais velho do que ela e mais delgado. Não franzino, mas com uma leve corcunda. Cabelo ficando grisalho. Ela adicionara óculos, porque eles sempre faziam o usuário parecer menos intimidador. E um sorriso bondoso. Um pouco triste, talvez, já que esperara tanto tempo depois da morte da esposa para procurar uma nova.

Mas ele não procurou, lembrou-se ela. Cici fizera toda a procura, e aquela apresentação fora arranjada com a mãe dele. Miranda acrescentou timidez à lista dos atributos dele. Ele era um cavalheiro rural aposentado, e não o terrível libertino ou o extravagante contra o qual Cici fizera questão de preveni-la. Ela seria educada. Ele seria receptivo. Eles formariam uma boa dupla.

E quando finalmente os detalhes de suas circunstâncias precisassem ser explicados, ele teria ficado tão afeiçoado a ela que os aceitaria sem receios.

Sem aviso, a porta se abriu atrás dela, que girou para olhar. Seu coração bateu forte no peito, e Miranda jogou fora a imagem que estivera criando. O homem a

sua frente não era nenhum sábio rural tranquilo. Nem um libertino moreno bonito. Ele entrou na sala como um raio de sol infiltrando-se através de uma janela.

Não tão velho, pensou ela. Ele devia ter se casado jovem. E o rosto não continha marcas de sofrimento, nem linhas de tristeza. Era aberto e amigável. Ela relaxou um pouco e devolveu-lhe o sorriso. Era impossível não devolver. Os olhos dele brilhavam. E eram tão azuis quanto…

Ela hesitou. Não da cor do céu. O céu na cidade estivera cinza. O mar? Ela nunca o vira, portanto não estava certa. Flores, talvez. Mas não as flores comuns encontradas em um jardim. Algo plantado a céu aberto que não servia para nada além de proporcionar prazer a quem as observava.

O cabelo era muito mais fácil de descrever. Brilhava como ouro à luz da lareira.

— Bem, bem, bem. E quem temos aqui? — A voz dele era baixa e agradável, e o calor dela fez com que Miranda quisesse se aproximar.

E quando o fizesse, estava certa de que ele teria cheiro de sabonete caro. E a respiração dele seria doce. Ela quase tremeu só de pensar que poderia muito em breve saber ao certo. E fez uma reverência.

Ele continuou a encará-la, intrigado.

— Desculpe, minha querida. A senhorita me surpreendeu. Pelo que me consta, não estávamos esperando hóspedes.

Ela franziu o cenho.

— Minha tutora escreveu para sua mãe. Deveria estar tudo combinado. É claro, fiquei muito surpresa quando ninguém veio me encontrar na carruagem, mas…

Agora era ele quem franzia o cenho, mas havia um olhar de compreensão surgindo.

— Entendo. Se minha mãe arranjou tudo, isso explica por que a senhorita esperava… — Ele pausou novamente e indagou com cautela: — Conhece bem a minha mãe?

— Eu? Não, em absoluto. Minha tutora e ela foram amigas de escola. Elas se correspondiam. — Miranda vasculhou sua bolsa e retirou uma carta de apresentação muito manuseada e úmida que ofereceu a ele.

— Então a senhorita não sabe sobre a doença de minha mãe. — Ele pegou a carta e a examinou, sobrancelhas arcadas enquanto olhava para ela. Então tirou a moderna jaqueta escura, revelando a braçadeira preta atada na manga da camisa. — Receio que esteja seis semanas atrasada para um encontro com minha mãe, a não ser que tenha poderes que outros membros desta casa não têm. A grinalda de flores está do lado de fora da porta. Suponho que seja desrespeito meu dizer tal

coisa, mas a senhorita não perdeu muito. Nos melhores tempos, minha mãe não era nada agradável. Aqui, agora…

Ele estendeu-lhe a mão quando ela desabou na cadeira, não mais atenta à água do vestido encharcado que ensopava a tapeçaria.

— Pensei, já que a senhorita não a conhecia… não esperava que isso a afetasse tanto. Posso lhe oferecer algo… um conhaque…? Raios! A garrafa está vazia novamente… Wilkins! Droga de homem! — Ele abriu a porta e gritou através do hall, tentando localizar o mordomo resmungão — Wilkins! Onde está o conhaque?

Portanto, ela chegara ensopada pela chuva, desacompanhada e inesperada, a uma casa em luto, com uma carta dúbia de apresentação, esperando adquirir as afeições de um fidalgo e assegurar uma oferta antes que ele fizesse muitas perguntas e a mandasse de volta para casa. Enterrou a cabeça nas mãos, desejando que pudesse penetrar no tapete e desaparecer como a chuva gotejando de seu vestido.

— Que diabos está acontecendo aqui? — A voz no hall, claramente, não era do mordomo. — St. John, o que significa gritar por conhaque pelo hall afora? Não tem vergonha alguma? Beba a casa toda se quiser, mas tenha a decência de fazer isso em silêncio. — A voz ficava mais alta à medida que se aproximava da porta aberta. — E quem é esta? Juro por Deus, St. John, se foi você que deixou esse rato ensopado desse jeito, amaldiçoado seja pela memória de sua mãe, atirarei você na chuva, mais conhaque e garota, tudo junto!

Miranda olhou para ver um estranho na porta da sala. Ele era tudo o que o outro homem não era. Cabelo escuro, com uma listra de cinza em cada têmpora e um rosto enrugado por amargura e mal viver. Uma boca sem sorriso. Força e poder irradiavam dele como calor do fogo.

O outro homem passou por baixo do braço dele e caminhou de volta à sala, oferecendo uma garrafa de conhaque. Então, mudou de opinião e conservou a garrafa para si, tomando um longo gole antes de falar:

— Para variar, querido irmão, não pode me culpar por esta confusão. A garota é problema seu, não meu, e vem por cortesia de nossa falecida mãe. — Ele passou a carta de apresentação para o irmão. — Apresento-lhe *lady* Miranda Grey, que veio ver Sua Graça, o duque de Haughleigh. — O homem loiro sorriu.

— O senhor é o duque? — Ela olhou para o imponente homem junto à porta e imaginou como pudera estar tão enganada.

Quando aquele homem entrara na sala, seu irmão se reduzira à insignificância. Ela tentou ficar de pé para reverenciar de novo, mas seus joelhos fraquejaram e ela tornou a tombar no sofá. A água nas suas botas fez um som desconcertante quando se moveu.

Ele olhou para trás.

— Claro que sou o duque. Esta é minha casa, para a qual a senhorita veio. Quem esperava encontrar? O príncipe regente?

St. John sorriu.

— Acho que ela teve a impressão errada de que eu era o duque. Apenas entrei na biblioteca, procurando a garrafa de conhaque e a encontrei esperando aqui…

— Por quanto tempo? — indagou-lhe o irmão.

— Momentos. Escassos momentos, embora eu tivesse gostado de mais tempo com *lady* Miranda. Ela é uma pessoa agradável e conversadora.

— E durante esta conversa agradável, você omitiu seu nome e permitiu que ela continuasse enganada? — Marcus voltou-se para ela.

O olhar dele segurou o dela por um momento muito longo, como se ele pudesse ler o coração de Miranda nos seus olhos. Ela desviou o olhar, constrangida, e gesticulou inutilmente para a carta de apresentação.

— Eu era esperada. Não tinha a menor ideia… sobre sua mãe. Sinto muito — acrescentou ela como uma reflexão tardia.

— Não sente tanto quanto eu. — Ele examinou a carta. — Droga de mulher. Ela me fez prometer, mas foi uma promessa no leito de morte, e eu disse as palavras esperando que o falecimento dela me absolvesse da ação.

— O senhor prometeu casar-se comigo esperando que sua mãe morresse? — disse ela, horrorizada.

— Prometi conhecê-la. Nada mais. Se minha mãe tivesse morrido naquela noite, como parecia que morreria, quem iria saber que eu fiz a promessa a ela? Mas ela demorou. — Ele agitou a carta. — Obviamente, tempo suficiente para enviar um convite. E agora aqui está a senhorita. Com uma empregada, suponho?

— Ahhh… não. — Ela lutou com a resposta.

Era como temera. Ele devia pensar que ela estava fora de juízo, viajando desacompanhada para visitar estranhos.

— Ela ficou doente e tornou-se incapaz de me acompanhar. — Enquanto a mentira saía dos lábios, ela se esforçou para encontrar o olhar resoluto do duque.

— Decerto, sua tutora…

— Infelizmente, também não. Ela do mesmo modo está mal de saúde, não mais em condições de viajar. — Miranda suspirou.

Cici era forte como um touro, e jurara que jamais voltaria a estar na presença da mãe do duque.

— E a senhorita viajou sozinha? De Londres?

— Na carruagem do correio — terminou ela. — Viajei ao lado do condutor. Foi incomum, mas não impróprio. E barato em termos de dinheiro.

— E quando chegou a Devon?

— Fiquei surpresa por não haver ninguém me esperando. Perguntei o endereço e caminhei.

— Quatro milhas a pé? Através dos bosques? Debaixo da chuva?

— Depois de Londres, apreciei o ar fresco. — Não precisava mencionar a economia em não contratar um trole.

— E não se fartou de ar viajando por horas no teto de uma carruagem do correio? — Ele estava olhando para ela como se fosse louca.

— Gosto de tempestades. — Era uma mentira deslavada, mas o melhor que podia fazer. Qualquer amor por tempestades que pudesse ter havia desaparecido quando a chuva encharcou sua anágua e correu gelada por suas pernas.

— E a senhorita também gosta da desonra, para cortejá-la assim?

Ela baixou a cabeça novamente, não mais capaz de encará-lo. Tinha sido um erro vir ali. O comportamento dela fora bizarro, mas não estivera tentando se comprometer. Ao andar até ali, arriscara tudo, e agora, se o duque a descartasse e ela tivesse de encontrar seu próprio caminho de volta, não haveria modo de reparar o estrago à sua reputação.

Ele gesticulou através da sala.

— A senhorita está a milhas da proteção da sociedade, na companhia de um par de notórios libertinos.

— Notórios? — Ela os comparou.

O duque parecia perigoso o suficiente, mas era difícil acreditar que seu irmão fosse uma ameaça à sua honra.

— Sim, notórios, sem dúvida. Alguém sabe que a senhorita está aqui?

— Pedi explicações do endereço a um cavalheiro respeitável e sua esposa.

— O homem era bastante alto? — O duque esboçou uma altura com a mão. — E rechonchudo? Com cabelo grisalho? A esposa: alta, magra como um espeto? A boca que a faz parecer… — Fez uma careta — um pouco respeitável demais?

Ela deu de ombros.

— Suponho que sejam eles. Se ele usar óculos e ela tiver um leve estrabismo.

— E quando falou com eles, a senhorita disse seu nome, certo?

Ela olhou de volta em desafio.

— Por que não o faria?

O duque afundou-se numa cadeira com um gemido.

Seu irmão deu uma gargalhada.

O duque o olhou com raiva.

— Isso não é motivo para risada, seu pateta. Se você se importa com honra, então um de nós está em maus lençóis.

St. John riu mais ainda.

— Agora você sabe a resposta para a primeira parte da afirmação. O que o levaria à resposta da segunda. Suponho que poderia generosamente oferecer…

— Posso imaginar o que você consideraria uma oferta generosa. Complete a sentença e eu quebro sua cabeça. — Marcus passou os dedos pelo cabelo escuro. Depois se voltou vagarosamente para ela. — Srta. qualquer que seja seu nome… — Releu a carta e começou de novo: — *Lady* Miranda Grey. Sua chegada aqui foi algo assim… incomum. Em Londres, poderia ter passado despercebida, mas Marshmore é pequeno, e a chegada de uma jovem senhora numa carruagem, sozinha, é razão suficiente para mexericos. Na vila, a senhorita falou com o reverendo Winslow e sua esposa, que tem um amor anticristão por boatos e nenhuma grande afeição por esta família. Quando pediu o endereço para esta casa, e não havia nenhuma acompanhante consigo, a senhorita consolidou a visão deles sobre sua pessoa.

— Não entendo.

St. John sorriu de modo malicioso e disse:

— Sem dúvida, agora é bem sabido por toda a cidade que o duque e seu irmão reconciliaram-se suficientemente após a morte da mãe para compartilhar uma mulher de reputação suspeita.

— Há uma chance de a história não voltar a Londres, suponho — disse o duque com um toque de esperança.

O que não ajudaria. Por causa do pai dela, ainda era cedo demais para que Londres a apoiasse. Se ela tivesse de cruzar Devon, também… Miranda suspirou. Havia um limite de número de condados em que ela podia cair em desgraça e ainda não haveria esperança de um casamento.

St. John continuava divertido.

— A sra. Winslow tem um primo em Londres. Poderíamos pôr um anúncio no *Times.*

O duque olhou para fora da janela e para a chuva, que havia mudado de suave garoa para uma potente tempestade e forte ventania.

— Não há notícias sobre a condição da estrada daqui até a hospedaria. Não ousaria arriscar uma viagem.

O olhar dele a fez imaginar se esperava que ela fosse a pé. Ela engoliu a resposta que se formava em sua mente, tentando focalizar no objetivo daquela viagem. Um objetivo que não era mais tão improvável quanto fora quando Cici o sugeriu.

— Ela tem de pernoitar aqui, Marcus — afirmou St. John. — Não há nada mais a ser feito. E a única pergunta a tomar conta da cidade será qual de nós dois a teve primeiro.

Miranda ofegou, chocada diante do insulto, e então cobriu a boca com a mão.

Não havia vantagem em chamar a atenção para si agora. Julgando pela expressão do duque, era mais provável que a atirasse na tempestade do que desculpar-se pela grosseria do irmão.

St. John bateu nas costas de Marcus.

— Mas, boa notícia, meu velho. A solução está à mão. E era o desejo de nossa mãe, não era?

— Maldita seja! Que fique no inferno. Maldito vigário e sua mulher bruxa. Maldição. Droga!

St. John deu um tapinha no seu apoplético irmão.

— Talvez o vigário precise explicar livre-arbítrio a você, Marcus. Não são eles que o estão forçando.

O duque gesticulou a mão em ofensa.

— E dane-se você também!

— Você tem uma chance, Marcus. Mas Haughleigh? — O título escapou dos lábios de St. John. — É Haughleigh que não tem. Porque ele nunca poria bom senso acima de cavalheirismo; poria, Marcus?

O rosto do duque escureceu.

— Não preciso de sua ajuda nisso, St. John.

— Claro que não, Vossa Graça. Nunca precisou. Portanto, diga as palavras e acabe logo com isso. Proteja sua preciosa honra. Esperar não vai ajudar em nada.

O duque empertigou-se, depois se voltou para Miranda, de queixo apertado e a expressão fechada, como se fazendo um grande esforço para ordenar as emoções. Houve uma longa pausa, e ela imaginou que podia sentir o chão tremer quando a declaração surgiu dele como a lava de um vulcão em erupção:

— *Lady* Miranda, a senhorita me dá a honra de aceitar se casar comigo?

CAPÍTULO 3

— Mas isto é ridículo — Miranda deixou escapar.

Não era para ser essa a resposta, lembrou-se ela. Esse era o objetivo, não era? Tirá-la do escândalo devidamente casada? E com um duque. Como poderia contestar a oferta?

Imaginara um conde em idade avançada. Um nobre rural rústico, inculto. Um barão perdido na bebida ou nos livros. Alguém com expectativas tão baixas quanto as dela próprias. Não um duque, a despeito do que Cici planejara. Ela mencionara que o duque de Haughleigh tinha um irmão mais jovem. Ele parecera o mais provável dos dois considerando as possibilidades.

E agora, Miranda encarava o irmão mais velho. Infeliz. Impaciente. Mais do que esperava.

— Acha minha proposta ridícula? — O duque a olhava um tanto atônito.

Ela sacudiu a cabeça.

— Desculpe. Não é ridículo. Claro que não. Apenas, de repente, sua proposta me surpreendeu.

Ela começava a balbuciar. Parou de falar antes que fosse tentada a descartá-lo e requeresse a oferta do irmão no lugar.

— Bem, a senhorita já se recuperou do choque, espero.

É claro, pensou ela, engolindo a amargura. Tinha levado segundos. Ela deveria estar completamente recuperada agora. Olhou para St. John em busca de ajuda. Ele sorriu-lhe de modo aberto, honesto e em vão.

O duque batia o pé, impaciente. Será que ela queria uma vida submissa a um homem que bateria o pé sempre que ela estivesse tentando tomar uma decisão importante?

A voz de Cici chegou claramente à sua memória:

— Querer não tem nada a ver com isso. O que você quer não significa nada. Você faz a melhor escolha possível diante das opções disponíveis. E se houver apenas uma escolha…

— Estou mesmo arruinada?

— Se não puder deixar esta casa até amanhã cedo, o que não poderá. E se a esposa do vigário espalhar a história, o que ela fará. Sinto muito — acrescentou ele como uma explicação tardia.

Ele sentia muito. Já era alguma coisa, ela supunha, mas sentia muito por ela ou por si mesmo? E teria ela de passar o resto da vida em reparação por aquela noite?

— Está certo. — A voz dela era quase um sussurro. — Se isso é o que Vossa

Graça quer.

O comportamento formal dele evaporou-se sob a tensão.

— Isso não é o que quero — disse ele —, mas é o que precisa ser feito. A senhorita está aqui agora, não agradecerei a minha falecida mãe por fazer a confusão e me deixar sem saída. E não finja que esse não era seu objetivo em vir aqui. A senhorita estava à procura de uma proposta e recebeu uma poucos minutos após nosso encontro. É um sucesso para a senhorita. Um golpe bem-sucedido. Não pode pelo menos fingir estar satisfeita? Não espero mais nada além de que sejamos um par adequado. E agora, se me der licença, preciso escrever uma carta ao vigário para ser entregue tão logo a estrada permita, explicando a situação e solicitando sua presença amanhã pela manhã. Só espero que ouro e boas intenções evitem os detalhes e o convençam a pôr de lado as restrições. Podemos ter uma cerimônia na capela da família, longe de olhos curiosos e com a mulher dele como testemunha. — Marcus se virou e caminhou em direção à porta.

— Desculpe-me! — Miranda gritou. — Que devo fazer enquanto isso?

— Vá para o inferno! — Os olhos dele brilhavam. — Ou vá para seu quarto. Não vejo outra opção.

A porta bateu atrás do duque.

— Mas não tenho um quarto — disse ela para a porta fechada.

St. John gargalhou atrás dela.

Miranda se virou, espantada. Esquecera a presença dele diante da personalidade do irmão, que parecia ocupar todo o espaço disponível na sala.

Ele ainda sorria, e ela relaxou um pouco. Pelo menos teria um aliado na casa.

— Não se importe demais com o meu irmão. Ele está um pouco aborrecido neste momento, como qualquer homem estaria.

— E o latido dele é pior que sua mordida? — acrescentou ela.

— Sim. Estou certo disso. — Mas houve um momento de hesitação quando ele fez tal afirmação. E, por um momento, o rosto dele ficou pálido como se tivesse recordado alguma coisa. Então, St. John enterrou o pensamento, e seu rosto retornou à expressão ensolarada de antes. — Seu anfitrião deve ter esquecido, mas acho que posso encontrar um quarto e uma ceia para a senhorita. Vamos encontrar o mordomo e ver o que ele fez com suas malas.

ELA FIZERA de novo. Marcus estivera certo de que alguns metros de terra o separariam das intervenções maternais na sua vida. Pensara que meia promessa de cooperação seria suficiente para tranquilizá-la em seu repouso e deixá-lo livre.

Obviamente, não. Ele esvaziou uma gaveta da escrivaninha de sua falecida mãe. Artigos de papelaria, envelopes, selos. Derramou um vidro de tinta e praguejou, secando a mancha espalhada na toalha de linho bordada.

Mas ela havia jogado a linha, e na primeira oportunidade, ele abocanhara a isca como uma truta faminta. Deveria ter saído da sala e deixado a jovem para St. John. Jogado-a de volta à tempestade com o que quer que restasse da honra dela. Ou deixá-la ficar numa cama seca, e que se danasse a reputação dela.

Mas como poderia ele? Marcus afundou na cadeira próxima à mesa e sentiu-a ranger sob seu peso. Viu-se perdido tão logo olhara nos olhos dela. Quando ela percebeu o que tinha feito ao vir à sua casa, não notou triunfo nela, somente resignação. E quando ele a circundara, a srta. Grey mantivera-se firme, costas retas e queixo para cima, embora seus olhos não pudessem esconder o pânico e o desespero que estava sentindo.

Marcus vira aquele olhar com muita frequência nos velhos dias. No espelho, todas as manhãs quando se barbeava. Dez anos haviam apagado aquilo de seu próprio rosto, apenas para marcar aquela pobre jovem. Ela, certamente, tinha o olhar de alguém que havia se metido em dificuldade com a amaldiçoada família dele. E se houvesse algo que pudesse fazer para aliviar o sofrimento dela…

Voltou para a escrivaninha. Não era do feitio de sua mãe queimar velhas cartas. Se ela arquitetara um plano, haveria algum registro disso. E ele tinha visto outra carta, no dia em que ela sugeriu aquele encontro. Estalou os dedos em reconhecimento.

Na caixa trabalhada no criado-mudo dela. Graças a Deus pela incompetência dos criados de sua mãe. Eles não haviam limpado o quarto, a não ser para mudar os lençóis depois da remoção do corpo. A caixa ainda permanecia ao lado da cama. Ele a pegou e retirou diversos maços de cartas, atados com uma fita.

Correspondência de St. John, o rato chupador de ovos. Cada carta começando com “Querida mãe…”.

Marcus admirava-se da habilidade do irmão para mentir com cara lavada e sem tremer a letra por causa da gargalhada enquanto escrevia aquelas palavras. Mas St. John não tinha dúvida em pedir dinheiro, e aquilo nunca era um assunto engraçado para ele.

Nenhum maço de cartas dele mesmo, percebeu. Não que as curtas missivas que ele era propenso a enviar tivessem sido apreciadas pela viúva rica.

Cartas de advogados sobre assuntos de propriedades arranjadas. Ela fora bem preparada para ir quando a hora chegasse.

E, embaixo de tudo, um pequeno maço de missivas em grosso pergaminho creme.

Queridíssima Andrea,

Já se passaram muitos anos, aproximadamente quarenta, desde que nos vimos na escola da srta. Farthing, e tenho pensado muito em você. Li sobre seu casamento com o falecido duque e sobre o nascimento de seus filhos. Na ocasião, pensei em mandar congratulações, mas você pode entender a razão pela qual isso seria insensato. Todavia, pensei em você e a mantive nas minhas preces, esperando que você recebesse a vida que tão ricamente mereceu.

Escrevo-lhe agora, esperando que possa ajudar uma velha amiga numa hora de necessidade. Não é para mim que escrevo, mas para a filha de nosso amigo em comum, Anthony. A vida de Miranda não tem sido fácil desde a morte de sua mãe e dos subsequentes problemas do pai dela.

Ela não tem esperança de fazer um casamento apropriado de modo comum.

Sou levada a acreditar que seus dois filhos estão, atualmente, solteiros, Andrea. Seu primogênito não encontrou outra esposa desde a morte, no parto, da duquesa dez anos atrás. Sei o quão importante a sucessão deve ser para você. E nós duas sabemos quantos acidentes podem ocorrer, ainda mais a homens jovens ativos, como estou certa de que seus filhos são.

Portanto, talvez o casamento arranjado por um par de velhas amigas de escola possa resolver ambos os problemas e ver a jovem Miranda e um de seus filhos estabelecidos.

Espero esperançosa por sua resposta.

Cecily Dawson

Uma carta estranha, pensou ele. Não era impossível pedir ajuda a uma velha amiga da escola, mas muito incomum quando não houvera comunicação entre elas por quarenta anos. Marcus voltou-se para a segunda carta.

Andrea,

Eu ainda espero sua resposta referente ao assunto de lady Miranda Grey. Não desejo ir até Devon e estabelecer isso cara a cara, mas irei se precisar.

Por favor, responda.

Esperando sua resposta,

Cecily Dawson

Ele arqueou uma sobrancelha. Ainda estranho. Voltou-se para a terceira carta.

Andrea,

Obrigada pela sua breve resposta, mas temo que não seja suficiente. Se você teme que a jovem não seja casta, por favor, entenda que ela é mais inocente no que diz respeito ao quarto de dormir do que qualquer uma de nós era na idade

dela. E desejo que ela permaneça assim até que possa fazer um casamento adequado à sua posição. O que quer que tenha acontecido ao pai dela, a jovem Miranda não pode ser culpada por isso. Mas ela é pobre como um rato de igreja e cercada por ofertas de outras coisas que não casamento. Quero vê-la a salvo daqui antes de algum desastre. Se não seus filhos, então talvez outro cavalheiro qualificado na sua vizinhança. Poderia arranjar uma apresentação para ela? Guiá-la através de seu círculo social? Qualquer assistência seria grandemente apreciada.

Sua em gratidão,

Cecily

MARCUS SE voltou para a última carta do maço.

Andrea,

Sinto muito ter notícias de sua saúde falhando, mas não veja nisso uma desculpa para sua negação de ajuda. Se você vai se encontrar com o Criador em breve, pergunte a ele se ouviu meus quarenta anos de pedidos de justiça a ser feita entre nós. Posso perdoar as doenças que você me causou, mas você também merece uma porção de culpa pela vida infeliz que esta criança levou. Resgate-a agora. Faça-a voltar ao posto que ela merece e rezarei pela sua alma. Dê-me as costas novamente e eu mesma levarei a jovem a Devon para explicar as circunstâncias à sua família no funeral.

Cecily Dawson

Ele sentou-se na cama, olhando para as cartas em total confusão.

Chantagem. E, conhecendo sua mãe, era um caso de cobrança de dívida antiga. Se ela não tivesse culpa, teria destruído as cartas e ele não saberia nada sobre aquilo. O que poderia sua mãe ter feito para colocar sua alma imortal em perigo? Para tornar-se tão odiada que uma velha amiga rezaria por sua maldição?

Um número enorme de coisas, pensou ele severamente, se aquela mulher Cecily tivesse se colocado entre ela e um objetivo. Um homem, talvez? Seu pai, ele esperava. Aquilo faria os comentários sobre a sucessão fazerem sentido. Sua mãe fora mais do que consciente da honra da família e de seu lugar na história. A necessidade de um herdeiro legítimo.

E a necessidade de manter coisas secretas em segredo.

Ele fora, também, em certa ocasião, antes que a amarga experiência tivesse aberto seus olhos. Algumas famílias eram tão corruptas que era melhor deixá-las morrer sem herdeiros. Algumas honras não mereciam ser protegidas. Alguns segredos ficavam melhores se expostos à luz. Isso os aliviava do seu poder de macular seus arredores e destruir as vidas daqueles em volta deles.

E que vergonha era essa que se apossava desta jovem, pela qual a família dele era responsável? St. John, muito provavelmente. Carregando outro filho ilegítimo, para ser misturado sorrateiramente ao resto da família.

Ele franziu o cenho. Mas aquilo não podia estar certo. As cartas falavam de velhos crimes. E no que se referia à jovem e St. John juntos, não haveria nenhum sentido de conspiração. Ela parecera uma completa estranha para ele e para aquela casa. Perdida nas suas redondezas.

Ela não era uma jovem bonita, certamente, mas ele não a vira na sua melhor apresentação. Seu longo cabelo escuro estava caindo das presilhas, desarrumado e molhado. O vestido que ela usara nunca fora da moda, e estar ensopado pela tempestade tornara-o ainda mais deformado. Colou na estrutura alta e ossuda dela do mesmo modo como os cabelos grudaram nos angulosos contornos do rosto. Tudo nela era forte: as linhas do rosto e corpo, o conjunto da boca, o olhar.

Ele sorriu. Uma mulher querendo seu coração. Talvez eles se dessem bem, afinal de contas.

MIRANDA OLHOU em volta em desespero. Então aquele era para ser seu novo lar. Não aquela sala, esperava ela. Era grande o suficiente para uma duquesa.

Precisamente o motivo pelo qual não pertencia a ela.

Esforçou-se em afastar o pensamento de sua mente.

— Essa é a vida a qual você pertence, não a vida que você teve até agora. O passado era uma aberração. O futuro é meramente um retorno ao caminho certo.

Tudo bem. Era melhor aceitar as palavras de Cici no coração e repeti-las com tanta frequência quanto necessário até que elas se tornassem verdade.

É claro, se aquela era a vida que lhe era reservada, então poeira e teias de arranha eram uma parte inerente ao seu destino. Ela esperava, quando finalmente teve o gosto pelos confortos de uma grande casa, que não teria de começar limpando tudo aquilo. Aquela sala não era arejada havia anos. Precisaria ter uma escada robusta para subir nos candeeiros pendurados no teto e esfregar as manchas e a fuligem, assim como o empoeirado aparador da lareira. Amaldiçoada a cabeça do homem que pensou que tetos altos davam majestade a uma sala.

Miranda puxou as cortinas empoeiradas da janela para observar a noite chuvosa. Ali devia ser a frente da mansão, e aquelas protuberâncias embaixo deviam ser a vista de um jardim formal. Sem dúvida estaria relaxado e cheio de ervas daninhas como tudo o mais na propriedade.

Estaria seu novo marido tão pobre que sua propriedade ficara tão deteriorada?

Cici pensara que não.

— *Rico o suficiente para desperdiçar dinheiro com prostitutas* — dissera ela, mas depois, descrevera a viúva rica como uma aranha no centro de uma grande teia.

Miranda não esperava chegar e encontrar a teia vazia.

Cici teria ficado satisfeita, Miranda estava certa. A parte fraca do plano sempre tinha sido a cooperação do filho.

A viúva rica podia ser forçada, mas como ganharia a cooperação do filho sem revelar tudo? Cici esperara que um dos dois homens estivesse tão desesperadamente sob o domínio da mãe a ponto de concordar sem perguntas quando uma mulher adequada fosse posta diante dele, mas ela tivera suas dúvidas. Se os filhos estivessem sob o controle da mãe, eles já teriam se casado.

Tropeçar numa completa ruína era mais afortunado do que ela podia esperar.

Extinguiu a culpa crescente. O duque estava certo. Ela obtivera seu propósito e deveria tirar algum prazer disso. Estava prestes a se tornar a senhora de uma grande e muito suja propriedade. Estava prestes a se casar com um duque, o sonho de todas as jovens da cidade, e ter seu herdeiro.

Sentou-se na ponta da cama. Aquele era o ponto crucial do problema. Para ter os herdeiros, ela teria de tornar-se muito mais familiar ao duque de Haughleigh do que gostaria. Teria que subir na cama daquele homem intimidador e…

Deitar muito quieta e pensar em alguma outra coisa, supunha Miranda.

Cici assegurara que havia muitos tipos de homem. E que o lado que eles mostravam na sala de estar talvez não fosse o que veria no quarto de dormir. Ela esperava que não, ou ele passaria a noite interrogando-a e batendo seus pés quando as coisas não fossem tão rápidas quanto ele esperava. Miranda o imaginou, ao seu lado no café da manhã do segundo dia de casados, exigindo saber por que ela não estava crescendo.

— *Injusto. Injusto* — dizia Cici na sua cabeça. — *Como você pode alegar conhecer um homem que acabou de encontrar? Dê-lhe uma chance.*

Tudo bem. Uma chance. E ele tinha se oferecido a ela, quando percebera as circunstâncias. Ele poderia tê-la deixado arruinada. Se ele pudesse recuperar sua raiva inicial em ser trapaceado e obrigado a uma união, poderia tornar-se um bom marido. Ela tentaria ser uma esposa decente.

E numa casa tão grande quanto essa, eles poderiam perfeitamente conviver sem se ver muito. Havia espaço suficiente.

Uma suave batida soou na porta.

— *Lady* Miranda? Sua Graça me enviou para servi-la. — Uma cabeça bem plebeia enfiou-se através da porta aberta. — Posso entrar, madame?

— Sim, por favor.

— Sou Polly, madame. Não especialmente a criada de uma *lady*, receio. Não tem havido necessidade disso. A criada da velha senhora voltou para seu povo após o funeral.

— Bem, passou-se longo tempo desde que eu tive uma criada à minha disposição, Polly, portanto apenas teremos de trabalhar nisso juntas.

A garota sorriu e entrou, carregando uma bandeja com um bule de chá e uma leve ceia. Colocou tudo na pequena mesa ao lado da janela.

— Lorde St. John pensou que a senhorita ficaria mais feliz comendo aqui, madame. Jantar nessas partes é, de alguma maneira, irregular.

— Irregular?

Como assim? Sempre? Em horários irregulares? A comida era estranha de algum modo? Ela olhou para a refeição, que consistia em um ensopado ralo e uma crosta de pão. Certamente não o que esperava. Muito parecido com as refeições pobres com as quais estava acostumada. Ela provou.

Mas não tão bem preparada.

— A casa ainda está encontrando seu caminho depois da morte de Sua Graça. — A criada curvou a cabeça numa segunda reverência silenciosa.

— E como era o modelo antes?

— Sua Graça levaria, na maioria das vezes, a bandeja para o quarto dela à noite.

— E seus filhos?

— Não estavam aqui, madame. Lorde St. John costumava permanecer em Londres. E Sua Graça, no continente. Paris e coisa assim. Ele não voltou até antes de sua mãe morrer, para fazer as pazes. E lorde St. John quase perdeu o funeral.

Era tal qual ela fosse desonrada, pensou ela. Não parecia que nenhum dos homens a teria por causa dos gentis rogos da mãe.

— Quando podemos esperar pelo resto de suas coisas, madame? — Polly estava alisando as pregas do seu pobre vestido de noite amarrotado.

Não havia maneira de explicar que a criada vira o total de seu enxoval: dois vestidos leves para todo o dia, além do vestido de viagem que estava secando num cabide no canto do quarto, complementado com um par de luvas rotas e meias usadas.

— Receio que não haja mais nada, Polly. Houve um problema na carruagem — mentiu Miranda. — Havia um baú, mas não veio comigo na viagem. Os homens, acidentalmente, o deixaram para trás, e temo que tenha sido roubado.

— Talvez não, madame — replicou Polly. — Na próxima vez que Sua Graça for à vila, poderá investigar sobre isso. Eles enviarão o baú tão logo tenham o

endereço.

Miranda podia imaginar a resposta que receberia se pedisse para ele investigar o fabuloso guarda-roupa. O duque, sem dúvida, daria a ela alguma espécie de mesada para despesas da casa.

Ela contava com isso. Talvez os poderes de observação dele não fossem tão afiados e ela pudesse começar a fazer pequenas compras da mesada para suplementar seu guarda-roupa. Voltou ao assunto em questão:

— E Sua Graça ficou doente por muito tempo antes de morrer?

— Sim, madame. Ela passou os últimos dois meses no quarto. Nós todos vimos a morte chegar.

E relaxaram seus deveres porque ninguém estava ali para repreendê-los pelo desleixo. Pela aparência da casa, o duque não se importou com a lida doméstica depois do funeral.

— E agora que Sua Graça está no comando de tudo — perguntou Miranda, cautelosamente —, que espécie de patrão ele é?

— Não sei ao certo, madame. Ele se ocupa das terras e deixa a lida da casa para ela mesma. Algumas noites ele come com seus inquilinos. Outras noites come na vila. Algumas noites ele não come em absoluto. Não foram feitas melhorias nas casas alugadas e na conservação delas desde que ele partiu, e eu acho que o duque se sente um pouco culpado. E não se pode dizer o que lorde St. John faz. — Ela sorriu, como se aquilo fosse um ponto de orgulho na casa. — O jovem lorde St. John é o homem certo para um rosto bonito.

— Bem, sim. Humm… — Era a última coisa que precisava, mas ele fora agradável com ela e muito útil.

— Foi ele quem sugeriu que puséssemos a senhorita aqui, apesar de o quarto não ter sido muito usado. Penso que o duque iria querer a senhorita aqui no fim das contas.

— E por que iria querer?

Polly esticou um polegar em direção à porta para a parede sul.

— É mais à mão. Este foi o quarto de sua falecida duquesa, embora isso tenha sido bem antes de meu tempo aqui.

— Há quanto tempo ela faleceu, Polly?

Miranda olhou em direção à cama, desconfortável diante da ideia de dormir no leito de morte de alguém, não importava o quão grandiosa pudesse parecer.

— Mais de dez anos, madame. — Polly viu o olhar nos olhos dela e sorriu. — Mudamos os lençóis desde então, estou certa.

— É claro — disse ela, sacudindo-se com o arrepio. — E de que ela morreu?

— No parto, madame. O duque ficou arrasado com isso e jurou que deixaria a casa apodrecer antes de casar-se novamente. Ele ficou no continente a maior

parte dos últimos dez anos. Aparecia uma ou duas vezes ao ano para checar a propriedade, mas isso era tudo.

Miranda inclinou-se na sua poltrona e agarrou-lhe os braços. A imagem que Cici pintara para ela era de um homem que sofrera, mas estava pronto para casar-se de novo. E ele não a esperara. Não a quisera. Tinha apenas concordado com um encontro para agradar sua mãe, que morria.

Não era de admirar que tivesse desaparecido com raiva. Talvez ele pudesse emprestar-lhe a carruagem de volta para Londres. As perspectivas eram negras, mas decerto não tão ruins quanto atar-se a um marido de má vontade.

Não deixe que um ataque de nervos a afaste de seu destino. Não há nada aqui para que retornar se você puser de lado uma oportunidade em Devon.

Nada, a não ser Cici, que fora uma mãe para ela por tantos anos, e seu pobre e querido pai. Ele sacrificara o pouco que tinham para dar a Miranda esta única chance de um casamento. Não podia decepcioná-los. E se ela se tornasse uma duquesa, poderia encontrar um meio de vê-los outra vez.

Isso se seu marido permitisse.

— O que vai ser de mim? — sussurrou Miranda mais para si mesma do que para Polly.

A NOITE passou devagar, e a tempestade continuou batendo contra as janelas. O quarto estava úmido, e o pobre fogo que restava na lareira não adiantava nada. Polly desistiu, depois de diversas tentativas, de encontrar uma camareira para arejar e mudar a roupa de cama ou fazer algo para melhorar a corrente que vinha da chaminé. Retornou com instruções de Sua Graça de que, pelo bem da decência, Miranda deveria permanecer no seu quarto com a porta trancada até a manhã seguinte, quando alguém viria buscá-la para levá-la à capela para o casamento.

Miranda, cuidadosamente, trancou a porta depois que Polly saiu, tentando imaginar de que tipo de perigos ela precisaria ficar a salvo. Na certa, agora que o estrago estava feito, a sua honra não mais corria perigo. Perambulariam cachorros selvagens no corredor à noite para que precisasse trancar as portas?

O único perigo que ela temia provavelmente não entraria pela porta principal do quarto. Ela olhou para a porta de comunicação que conduzia aos aposentos do futuro marido. Se ele desejasse entrar, teria fácil acesso.

E o caminho para o resgate ou fuga, caso ela precisasse disso, estava bloqueado. Os pelos de sua nuca eriçaram-se. Ela andou nas pontas dos pés através do quarto e colocou a mão contra a porta de comunicação, colando o ouvido na madeira para ouvir barulhos do outro lado. Havia apenas um ruído

surdo e mais nada. Por enquanto.

Sacudiu a cabeça. Estava sendo ridícula. Se ele a quisesse, não haveria pressa. Pertenceria ao duque legalmente dentro de 24h. Era muito improvável que Sua Graça estivesse planejando irromper no quarto naquela noite e tomá-la.

Segurou a maçaneta, que estaria trancada, é claro. Estava sendo boba. Seu futuro marido não revelara nada que indicasse um desejo por ela agora, ou a qualquer momento no futuro. Ele parecera mais desinteressado do que lascivo ao pensar no iminente matrimônio e suas consequentes relações sexuais.

Enfim, girou a maçaneta e abriu a porta, fechando-a rapidamente e voltando a inclinar-se contra a madeira.

Tudo bem. Afinal, a ideia não era tão bizarra, afinal de contas. A porta para o hall estava trancada contra intrusos, e o caminho, livre para a visita de um homem que seria seu amo e senhor. Era incapaz de impedir isso.

E estava agindo como se tivesse desperdiçado sua vida com romances tolos, ou vivendo uma peça ruim interpretada por um duque libertino e uma virgem prestes a desmaiar. Se ele estivera planejando sedução, tivera ampla oportunidade. Se havia algum perigo real, poderia chamar St. John para socorrê-la.

Mas, como garantia, ela colocou a delicada cadeira de pernas douradas da penteadeira debaixo da maçaneta do quarto de comunicação.

Recordando-se do duque, da largura de seus ombros e seu temperamento violento, deslizou a penteadeira para junto da cadeira para bloquear a passagem. Então voltou a subir na cama, puxou as cobertas até o queixo e ficou a olhar no dossel.

MARCUS ACORDOU sentindo um suor frio rolando de seu corpo e ouvindo o batimento de seu coração, cujo ritmo era vagaroso agora que ele estava acordado e reconhecendo as redondezas.

Quase dez anos sem pesadelos desde que se mantivera tão longe da casa que tinha sido a fonte deles. Estava convencido de que eles voltariam assim que atravessasse a soleira da porta. Permaneceu acordado, esperando por eles na primeira noite e na segunda. E não houve nada.

Pensou que, depois do funeral de sua mãe, voltariam a atormentá-lo. Noite após noite sentindo a sujeira atingir seu rosto e lutando para respirar. Ou batendo contra a tampa do caixão fechado, enquanto a terra batia contra o outro lado. Certamente, observar o funeral de sua mãe traria de volta os pesadelos de ser enterrado vivo que sempre o assombravam quando estava nessa casa.

Mas não houve nada além de um sono pacífico nos últimos meses. E ele se

acalmou achando que estivesse livre. Pelo menos tão livre quanto possível, dadas as responsabilidades do título e da terra. Nada mais a temer, e tempo para dedicar-se aos negócios, que ele estivera evitando por tanto tempo, de ser um duque e um administrador da terra.

E agora os sonhos estavam de volta fortes como nunca. Tinha sido com água, desta vez, seu pesadelo. Provavelmente ecos da tempestade do lado de fora.

Ondas e ondas de água, arrebentando no seu quarto, afogando-o. Pressionando contra seus pulmões até que fosse forçado a dar a última respiração líquida que acabaria com sua vida.

Marcus acordara com um sobressalto. Um pequeno som irrompera pelo seu sonho e agora ele jazia na cama enquanto seu coração batia devagar, tentando ouvir se o som se repetiria.

A porta de comunicação abriu-se com um estalo, e um raio de luz entrou no quarto dele, antes que a porta fosse outra vez fechada às pressas com um pequeno clique que ecoou no silêncio.

Ele deu uma risada. Sua noiva, acordada e vagando pelo quarto, o arrancara do pesadelo do qual ela era a provável causa. Ele considerou gritar para ela, através da porta, que estava tendo um pesadelo e pensou em pedir conforto como um garotinho. Que louco ela pensaria que ele era então?

Não louco, talvez. Não foi o medo de sua loucura que a fez checar a porta. Fora tolice dele não tê-la trancado, o que teria deixado mais tranquila a srta. Grey, mas havia muito tempo desde que Marcus atravessara aquela soleira, e ignorou isso por tanto tempo que quase esqueceu.

Sorriu em direção à sua futura noiva através da escuridão.

Sei que você está aí. Do outro lado da porta. Se eu apurar a audição, poderei ouvir o som de sua respiração. Venha para meu quarto, querida. Venha para mais perto. Você está com medo, não está? Medo do futuro? Bem, droga, eu também, mas sei de uma maneira de passarmos as horas até o raiar da aurora. Honra, virtude e obrigação que vão para o inferno por apenas uma noite, uma noite apenas.

Tarde demais, decidiu ele, enquanto escutava o som de alguma coisa pesada sendo empurrada pelo tapete para ser encostada contra a porta destrancada. Olhou para o dossel de sua cama. Miranda Grey era, sem dúvida, a mais honrada e virtuosa jovem senhora que se tornaria uma ótima esposa. O pensamento era imensamente deprimente.

CAPÍTULO 4

O vigário sacudia a cabeça severamente enquanto Marcus escorregava a carta para fora do mata-borrão para lhe entregar.

— Como pode ver, estava acabando de lhe escrever um convite para vir à minha casa de forma que pudéssemos resolver essa situação. — Os lábios dele se comprimiram enquanto lutava para conter o resto do pensamento.

É claro que eu não precisava ter me preocupado. Você pegou a carruagem e dirigiu-se para cá tão logo o sol se levantou. Veio ver o estrago da tempestade, vigário? *Velho bobo intrometido. Ou veio ver a jovem e estava esperando pelo pior?*

O reverendo pareceu solidário, mas não pôde disfarçar o sorriso sarcástico quando falou:

— Bastante desastroso. Uma gama de eventos muito desastrosa. É claro que você percebeu qual é seu dever nesta situação, para impedir falatórios na vila e para proteger a reputação da jovem senhora.

Um dever que podia ter sido impedido ontem, se você realmente se importasse o mínimo com a jovem ou com o calar da fofoca.

— Sim — respondeu Marcus. — Discuti isso com Miranda ontem, e estamos de acordo. Falta apenas providenciar a cerimônia.

O vigário assentiu.

— Sua mãe teria ficado muitíssimo satisfeita.

— Será que agora ficaria? — Ele estreitou os olhos.

— Humm, sim. Ela mencionou o fato na minha última visita que lhe fiz.

— Mencionou Miranda?

Ele assentiu de novo.

— Sim. Ela disse que o casamento entre vocês era iminente.

— Maldição.

— Vossa Graça, não há necessidade…

— Isso tudo foi minuciosamente arranjado, não foi? A mão de minha mãe do além-tumulo empurrando esta pobre moça pela estrada da ruína, e você e sua esposa olhando para o outro lado enquanto isso acontecia. — Ele se inclinou para a frente e o vigário para trás.

— Vossa Graça, não posso acreditar…

— Você nunca pode, isso é certo. Suponha que eu seja tão mau quanto minha mãe me fez ser. Então você teria atirado fora a honra da jovem na esperança de que eu concordasse com essa loucura. Suponha que eu estivesse fora de casa quando ela chegou e apenas St. John estivesse aqui para cumprimentá-la. Você

honestamente pensa que ele seria tão condescendente? — O duque estava a ponto de gritar de novo. Pausou para ganhar controle, e suas palavras seguintes foram um frio e desdenhoso sussurro. — Ou você teria varrido o caso para debaixo do tapete e apressado-a de volta para fora da cidade, em vez de trombetear por toda a vila o local a que ela se destinava para que todos soubessem e minha obrigação ficasse clara?

— Isso não faz sentido. Felizmente, tivemos a situação à mão para lidar com ela.

— O que me deixa casado com uma estranha escolhida por minha mãe.

O reverendo estava assentindo outra vez, mas com incerteza.

— Hmm, bem… sob as circunstâncias seria melhor agir apropriadamente. O anúncio…

— Está longe de ser apropriado, pelo que me lembro. Nós o dispensamos da última vez. Uma licença especial.

— Se você solicitar a Londres hoje, então talvez na próxima semana…

— E suponho que você esconderá a jovem na sua casa por uma semana, até que a papelada corra junto com a conspiração. Realmente, reverendo, você e minha mãe deviam ter planejado isto melhor. Talvez você devesse ter falsificado meu nome no requerimento um mês atrás, e poderíamos concluir isso hoje. Não precisava me envolver na decisão em absoluto. — Marcus pensou por um momento e olhou friamente para o sacerdote. — Procederemos dessa maneira. Você celebrará a cerimônia hoje, e irei buscar a licença em Londres amanhã.

— Mas isso seria altamente inapropriado.

— Porém, asseguraria que eu nunca precisasse ver seu rosto em minha casa novamente, e isso é muito adequado para mim. Se você se importasse com impropriedades, deveria ter visto isso ontem, quando encontrou Miranda em sua viagem para cá. Quando eu voltar com a licença, mandarei um criado levá-la para que você possa preenchê-la com qualquer data que escolha e assinar a droga do papel. Mas esta manhã você verá a jovem senhora e eu nos casarmos diante dos olhos de Deus na capela de minha família!

A cabeça dele estava sacudindo agora numa desaprovação óbvia.

— Hmm, bem… isso dificilmente seria legítimo.

— Ilegítimo, talvez, mas certamente moral. E moralidade é com o que você deve se preocupar. Se você não questiona o fato de que me coagiu a aceitá-la, então não perca seu tempo me dizendo que meu comportamento é impróprio. Abra o livro de oração e diga as palavras, depois desapareça com sua intimidadora e maldosa esposa desta casa e deixe-me em paz. Agora, vá para a capela e prepare-se para a cerimônia. Miranda e eu estaremos lá muito em breve.

O vigário saiu do estúdio, nada feliz, mas aparentemente querendo seguir o

plano de Marcus sem mais objeções. Uma generosa recompensa depois da cerimônia faria com que a pequena confusão se acalmasse, e logo o escândalo de seu novo casamento não seria mais comentado por ninguém como se não tivesse havido nada de incomum a respeito dele.

A mente de Marcus estava em paz em um ponto, pelo menos. A entrevista com o vigário exonerou Miranda de qualquer culpa pelo incomum e escandaloso modo como aparecera na sua porta.

Ela esperara fazer um casamento, mas não havia evidências de que tivesse tentado armar um laço sobre ele, arruinando-se. Não havia razão para acreditar que ela não era quem parecia ser.

A não ser que tivesse sido desonrada antes de chegar à casa dele.

As cartas da misteriosa Cecily diziam o contrário, que ela era inocente. Mas, é claro, elas diziam. Nenhuma pessoa de mente sã mandaria uma carta dizendo que a moça era uma rameira de bom coração. Ele lutou contra o pensamento, tentando afastá-lo da mente. Estava bastante e verdadeiramente atado a ela por juramento e honra, qualquer que fosse a condição da reputação de Miranda.

Mas não por lei. Até que seu nome estivesse na licença, não ataria um nó que não pudesse ser desatado, caso a verdade viesse à luz em breve. Ele cuidaria da jovem e encontraria o que pudesse da verdade antes que fosse tarde demais. E ele a protegeria enquanto estivesse na sua casa. Queria se certificar de que não estaria piorando uma situação que já era ruim.

Tocou a sineta chamando Wilkins e exigiu que chamasse St. John ao estúdio.

DEPOIS DE um breve tempo, seu irmão entrou na sala com o mesmo desdém e a mesma insolência que sempre mostrava quando os dois estavam a sós.

— Como sempre, seu criado, Vossa Graça.

— Pode me poupar de sua falsa subserviência desta vez, St. John.

St. John deu um sorriso afetado para ele.

— Não aprecia quando eu faço o máximo para mostrar respeito a você, Haughleigh. Oh, meu Deus, é tão difícil agradar Vossa Graça…

— Como você faz questão de me dizer, sempre que nos falamos. Pode considerar uma trégua por um dia. Hoje você me concederá a honra devida a um duque e senhor desta casa. — Ele estava perto de gritar outra vez.

Seu plano de atraí-lo como um irmão afundara antes que tivesse uma chance de colocá-lo em prática. Para o inferno com seu breve mau humor e a habilidade de St. John de reduzi-lo a uma raiva imensa sem gastar um pingo de energia.

— Muito bem, Marcus. — O nome próprio dele soou tão falso e desprezível como seu título sempre soara quando partia dos lábios do irmão. — Uma trégua,

mas apenas por um dia. Considere isto meu presente de casamento para você.

— É sobre o casamento que eu queria falar com você, St. John.

— Mesmo? — Ali estava a insolente peculiaridade das sobrancelhas que ele arqueava com repugnância. — Precisa de um conselho a respeito de algo? Assumi que o vigário daria a você o discurso sobre os deveres do marido. Ou que, talvez, você recordasse de alguns deles, depois de Bethany, mas, lembrando de seu último casamento, posso ver por que viria a mim atrás de um conselho.

O punho de Marcus bateu na mesa como se não tivesse nenhum controle.

— Como você ousa, St. John? Maldito seja por falar de Bethany, justamente no dia de hoje.

— Por que não, Marcus? Ela nunca está longe de minha mente. Só porque você deseja esquecê-la não significa que eu esquecerei.

— Você me prometeu uma trégua, e vejo que esqueceu rapidamente. Vamos fingir, por um momento, St. John, que você ainda tem alguma honra, já que pertence a esta casa.

— Muito bem, irmão. Um último jogo de "Vamos fingir", que jogávamos quando éramos crianças. E o que estamos fingindo?

— Que você planeja por vontade própria ir embora dessa propriedade, hoje, e que não será necessário pedir aos criados que o expulsem.

— Ir embora? Desta casa? Por que razão eu faria isso, Marcus?

— Porque você detesta isto aqui tanto quanto eu. E me detesta. São duas boas razões. Eu preciso permanecer para encarar as lembranças que estão aqui. Como você faz questão de lembrar, sempre que estamos sozinhos, sou o duque de Haughleigh. E, agora, vou ser um homem casado, e as chances são boas de que em breve terei um herdeiro. Não há razões para que você espere na casa até que eu quebre o pescoço caindo das escadas e deixe para você o título e a herança. Estou certo de que, caso o feliz acidente pelo qual você está esperando ocorra antes que um filho chegue, minha esposa o notificará, e assim poderá voltar.

— Você está certo, Marcus. Eu realmente detesto você e esta casa, mas fiquei muito afeiçoado a Miranda.

— Nas 12h em que você a conhece?

— Passei mais tempo com ela durante estas horas do que você, Marcus. Enquanto você estava ocupado bancando o lorde do solar e dando ordens, eu roubava a cena. E, agora, acharia muito difícil me separar de minha querida irmã, pois é assim que a vejo.

O sorriso no rosto dele era enganosamente inocente. Marcus sabia disso muito bem.

— Você a verá de longe, se é que verá. — Marcus abriu a gaveta da mesa, retirou uma bolsa de couro, que tiniu com o ouro do conteúdo, e a atirou sobre a

mesa. — Você irá hoje, e leve isto consigo. Não precisa nem mesmo parar no seu quarto para fazer a mala, porque Wilkins já está providenciando isso. Suas coisas estarão a caminho da hospedaria dentro de uma hora.

— Você pensa em tudo, não é, Marcus? Exceto, é claro, no que fará se eu me recusar a obedecer a seu comando.

— Oh, St. John, pensei nisso também.

— Sério?

— Sim. Você pode partir para a hospedaria imediatamente e de lá a pontos distantes. Ou poderá deixar os pés para a frente em uma posição levemente à esquerda de mamãe. A vista do local que planejo para você é excepcional, apesar de que você não será mais capaz de apreciá-la.

— Fratricídio? Tornou-se um homem de ação nestes dez anos de nossa separação, Marcus?

— Ou um duelo, se você tem coragem. Os resultados serão os mesmos, asseguro-lhe. Posso apenas imaginar como passou todos esses anos, mas eu estudei com os melhores esgrimistas na Itália e me tornei o melhor. Permiti-lhe um período de luto, e fiz todos os esforços que pude para preencher a lacuna entre nós e deixar o passado de lado. Foi um terrível fracasso. Depois de hoje, você não é mais bem-vindo na minha casa, St. John. Se não sair por sua vontade, eu mesmo o removerei.

— Com medo, Marcus?

— De você? Certamente que não. — Ele se mexeu na cadeira, tentando disfarçar a tensão.

— De o passado voltar para assombrá-lo, acho.

— Não estou com medo, St. John, mas não sou mais o jovem inocente que fui uma vez. Não há lugar para você aqui. Qual é a sua decisão?

St. John inclinou a mão indolente para a frente e puxou a bolsa para si.

— Como poderia recusar sua generosidade, Marcus? Direi olá para toda a velha turma em Londres e pagarei a todos um drinque em sua honra e de sua nova e encantadora esposa.

Marcus sentiu os músculos relaxarem.

— Escolheu com sabedoria, St. John.

MIRANDA ESPEROU educadamente enquanto a sra. Winslow e Polly examinavam o vestido.

— Mas é cinza. — O desapontamento da sra. Winslow era óbvio.

— Pareceu uma escolha útil na ocasião. — A desculpa de Miranda era tão esfarrapada quanto a renda que enfeitava o vestido.

— Minha querida, bom senso é uma coisa boa, mas este é o dia do seu casamento. Não tem nada mais apropriado? Este vestido parece mais adequado…

— Para luto? — Miranda completou. — Bem, sim. Minha própria querida mãe…

Tinha morrido havia trinta anos, mas o que a sra. Winslow não sabia não a machucaria. E se a morte parecia mais recente, aquilo explicava o vestido. O traje em questão tinha, de fato, sido o vestido de luto de Cici, comprado 15 anos atrás, depois da morte de um conde espanhol. Enquanto luto preto fechado podia ter sido mais apropriado, Cici escolhera seda cinza, não querendo parecer indisponível por muito tempo. Dedicara-se a diminuir o corpete e a aumentar a saia para servir em Miranda, mas fizeram um bom trabalho acrescentando um babado na bainha.

— Sua mãe? Coitadinha de você… mas está livre do luto agora?

— Claro, mas tive pouco tempo para comprar coisas novas. — *Ou dinheiro*, disse para si mesma.

— Bem, agora que o duque tomará conta de você, estou certa de que as coisas serão melhores. E, por enquanto, isto deve servir. — A sra. Winslow olhou para ela com curiosidade. — Antes de sua mãe morrer… ela… — Ofegou forte. — Há coisas que todas as jovens senhoras precisam saber antes que se casem. Certos fatos que farão a primeira noite menos… chocante.

Miranda mordeu o lábio. Era melhor não revelar o quanto ela sabia do assunto de relações matrimoniais. As lições de Cici foram informativas, não convencionais, e lhe proporcionaram detalhes que não condiziam com uma senhora.

— Obrigada pela sua preocupação, sra. Winslow.

— Você está ciente… de que há diferenças no homem e na mulher…

— Sim — respondeu ela um pouco rápido demais. — Eu ajudei… enfermagem… obra de caridade. — Muito podia ser explicado por obra de caridade, esperava.

— Então você viu… — A sra. Winslow tomou um nervoso gole de chá.

— Sim.

— Bom. Bem, não exatamente, mas pelo menos você não ficará surpresa. E os dois gêneros se encaixam onde há diferenças, e o homem planta uma semente da qual os bebês vêm. Entende?

Cici deixara claro o suficiente, mas Miranda duvidava de que a descrição da sra. Winslow fosse de muita utilidade para uma iniciante.

— Eu…

— Esqueça — continuou a mulher. — Ousaria dizer que o duque sabe muito

bem como proceder. Você tem de confiar nele em todas as coisas. Contudo, o duque… é um… — As palavras falharam novamente — homem muito *vigoroso.*

— Vigoroso?

— Na sua plenitude. Robusto. E os homens na sua família têm a reputação de terem apetites saudáveis. Saudável demais, alguns diriam. — Ela fungou em desaprovação.

Miranda olhou para a mulher do vigário com o que esperava ser uma expressão apropriadamente confusa, e não teve de disfarçar o rubor colorindo suas faces.

— E o bebê que sua primeira mulher estava dando à luz quando morreu… dizem que era excepcionalmente grande. Um parto difícil. Ele insistirá, é claro, num herdeiro, mas se suas exigências parecerem excessivas depois do nascimento do primeiro filho… muitas mulheres têm… depressão, talvez. Uma pequena mentira não é pecado maior quando dá a uma mulher cansada uma ocasional noite de paz.

MIRANDA PERMANECEU atrás da capela, esperando pelo homem que estava prestes a selar seu destino. Quando a batida soou na porta, pensou que fosse o duque, mas se surpreendeu ao ver St. John estendendo-lhe um pequeno buquê e se oferecendo para acompanhá-la à capela. O vestido que ela, finalmente, escolheu não foi o de seda, mas seu melhor traje diurno, e se ele pensou em fazer um comentário sobre o estado dele, não demonstrou. Parecera muito melhor à luz da lareira quando ela o reformara. Ali em Devon, de dia, a pobreza da peça era aparente para qualquer um que se preocupasse em olhar. A bainha do vestido de algodão verde de Cici tinha sido baixada algumas polegadas para acomodar as longas pernas de Miranda, e a marca da velha bainha estava claramente visível atrás da incomum faixa de renda aplicada para escondê-la. Os franzidos, cortados do excesso de tecido do corpete e acrescentados ao fim das mangas, não combinavam, e o pedaço de renda no fim fazia a vestimenta toda parecer não tão alegre quanto patética.

— Não pareça tão carrancuda, embora eu entenda que uma longa conversa com a esposa do vigário possa deixá-la sem vontade de sorrir. Ela explicou a você seus deveres de esposa?

Miranda corou diante do atrevimento de St. John.

— Não tão bem. E também perguntou sobre meus pais e sobre as últimas 24h. E me assegurou de que o que quer que tenham feito a mim, se eu sentisse necessidade de fugir, eles me aceitariam e não fariam perguntas.

A risada bateu contra o teto abobadado, e o vigário e a esposa olharam para

trás em desaprovação.

— E Deus não os castiga por suas mentiras quando dizem que não fariam perguntas a você. Pelo menos meu irmão e eu não escondemos nossos modos pecaminosos. Eles oferecem proteção para esconder o desejo de ouvir a história indecente da sua sedução.

— Minha o quê?

— Eles esperam pelo pior, minha querida. Se você irrompesse em lágrimas no altar e implorasse por salvação, preencheria os sonhos e as suposições mais selvagens deles.

— St. John! — Ela franziu o cenho em reprovação.

— Ou, melhor ainda, você poderia cair chorando nos meus braços e me deixar carregá-la para longe deste lugar, enquanto meu irmão se enfurece. Eu me deliciaria com a obrigação.

— Como se isso não maculasse minha reputação.

— Ah, mas que reputação. Ser seduzida para longe de seu casamento pelo belo irmão mais jovem do duque e levada para um lugar distante. Oh, mas vejo que a estou preocupando. — Ele apontou para a janela acima do altar, onde a cabeça sangrenta de São João Batista repousava no vidro manchado. — Não sei o que minha mãe estava pensando quando me deu o nome de um santo. Se foi para me encher de piedade e virtude, não funcionou.

— A janela foi feita em sua homenagem então?

— Não consegue ver a semelhança? — Ele inclinou a cabeça para o lado colocando a língua para fora e virando os olhos para mostrar a parte branca.

E, mesmo sem vontade, ela riu.

— Não, é um velho nome de família, e a janela foi feita em homenagem a algum repreensível St. John antes de mim. Provavelmente, perdeu a cabeça por alguma mulher, a pobre alma. — Tocou o cabelo loiro e admitiu: — De qualquer forma, há uma leve semelhança. A maioria da arte nesta sala foi feita para parecer família. Meu irmão é que se parece mais com a indiscrição de minha mãe do que com o primeiro filho de meu pai.

— Eu não acho — observou ela, apontando para uma estátua de mármore. — Este mártir carrancudo no canto podia muito bem ser ele. Vê o perfil?

St. John riu.

— Não, o nome do meu irmão nunca foi tirado da bíblia. Foi tirado de um ditador romano. Muito apropriadamente, na verdade.

— O que você ainda está fazendo aqui?

St. John estava certo. Aquela era a voz de um imperador cujo dono não fez questão de disfarçar nela o desprezo quando falou com seu irmão.

— Você precisava de testemunhas para esta pequena festa, Marcus. E como

poderia perder o casamento do meu irmão?

— Poderia perder porque ordenei a você — rugiu Marcus. — Acredito que lhe disse para esvaziar seus aposentos e sumir esta manhã.

— Mas você quis dizer depois da cerimônia, lógico. Duvidei que me deixasse ser o padrinho, mas, na certa, alguém precisa entregar a noiva a você.

Ela cerrou o cenho. Já fora entregue, com toda a certeza. Não precisava da presença de quem quer que fosse para lembrá-la disso.

— E suponho que esta seja a razão pela qual eu fui ao quarto de Miranda para buscá-la e o encontrei vazio — disse Marcus.

— Traz má sorte para o noivo ver a noiva antes do casamento.

— Para você tanto quanto para mim. — Havia um tom mortal na voz do futuro marido de Miranda.

— Por favor, Vossa Graça — intercedeu ela. — Seria tão errado St. John ficar por apenas mais uma hora se eu desejar?

— Se você deseja… — A frase curta pareceu como se estivesse sendo arrancada de seu coração. O duque apontou a nave da igreja em direção ao altar e murmurou para o irmão — Se você insiste em fazer parte do casamento contra minhas instruções específicas, então não desgaste minha paciência. Conduza-a ao altar e poderemos começar.

St. John deu o braço a ela e começou o curto caminho para a frente da capela num passo vagaroso, com Marcus um passo atrás. Miranda podia senti-lo atrás de si numa nuvem de irritação tão grossa quanto de um incensório. St. John contraiu-se ao lado dela enquanto a mão do irmão o empurrava para andar mais rápido.

— Mais depressa, Marcus? Posso ver por que, é claro, com tão encantadora noiva à sua espera, mas precisamos respeitar a solenidade da ocasião. Não é necessário dispararmos pela nave, concorda?

— Apenas caminhe. — Ele quase cuspiu as palavras.

Ela estava com medo de se virar para encará-lo, mas já podia imaginar a expressão dele. Era a mesma que de antes que começasse a praguejar.

Eles caminharam para a frente da capela, e o vigário os olhou com um sorriso benevolente.

— Queridos amados, estamos reunidos aqui hoje à vista de Deus e desta congregação… — Titubeou ao olhar para os bancos vazios, e St. John deixou escapar um bufar.

A voz dele aumentou e caiu monotonamente:

— E sem comprometer-se precipitadamente, de maneira leviana…

Miranda mordeu o lábio. Comprometer-se precipitadamente, de fato. O que poderia ser considerado precipitado sobre aquilo?

— Deixe-o falar agora, ou seguir adiante e abraçar sua paz.

Houve uma alta e desaprovadora fungada da esposa do vigário no banco da frente da capela para preencher a dramática pausa.

O vigário voltou-se para eles.

— Eu os requisito e os responsabilizo, como responderão no terrível dia do julgamento, quando os segredos de todos os corações serão revelados, que se um de vocês souber de algum impedimento…

Deus amado, me perdoe pelo que estou fazendo hoje. Juro que serei uma boa e fiel serva deste homem, rezou Miranda fervorosamente. *E não me puna pelos segredos no meu coração, porque juro mantê-los. Estava errada, eu sei, mas jurei por Cici e por meu pai…*

Ela sentiu a mão do marido apertar a sua enquanto ela rezava. Sem perceber, ele a puxara para mais perto, e Miranda se apoiou no braço dele, que era tão sólido quanto mármore. Talvez fosse uma espécie de sinal, a força dele a protegê-la e zelando por ela enquanto encarava seus medos.

O vigário conduziu-os a fazer os votos, o duque respondendo com um firme "sim" e mantendo o aperto no braço dela que a inspirou a fazer o mesmo.

Ele fez sua promessa com igual segurança, embora seus olhos quase não virassem em direção a ela enquanto dizia as palavras, e ela prometeu "amar, cuidar e obedecer".

Então, o vigário pediu o anel, e o duque olhou para ela com expressão pasmada, claramente esquecido. Olhou uma vez para um divertido St. John, e então tirou o anel de sinete do seu próprio dedo e o entregou ao vigário para abençoá-lo.

Quando Marcus murmurou "Com este anel eu me caso com você, com meu corpo eu a venerarei e com todas minhas posses universais eu a dotarei", a voz dele era uma consciente desculpa por tudo que havia acontecido nas últimas 24h. E ele beijou o anel uma vez antes de deslizá-lo no dedo anular dela.

Ele dobrou os dedos dela num aperto frouxo, para evitar que o anel escorregasse, e, por um momento, ela sentiu como se tivesse segurado o beijo em sua mão e conseguiu sentir o calor dele a invadi-la.

O vigário sussurrou a conclusão da cerimônia, e Miranda se ateve ao beijo na sua mão. Cici estava certa o tempo todo. Daria tudo certo. Ele podia ser rude, mas havia uma ternura no modo como Marcus dissera os votos que a fazia acreditar nas palavras, e a apoiava quando ela estava com medo e dava a ela seu próprio anel.

A cerimônia então terminou, e sua mão estava firmemente entrelaçada ao braço de seu marido enquanto eles se voltaram para aceitar os parabéns da congregação. Os dois convidados.

A esposa do vigário fungou educadamente e permitiu-se dizer que fora uma cerimônia encantadora. Mesmo assim, desejou-lhes felicidades num tom de voz que indicava que pensava que as chances de felicidade entre eles eram remotas.

O sorriso de St. John estava brilhante como nunca, se bem que um pouquinho triste. Ele ofereceu a mão ao irmão, e Marcus aceitou duramente.

— Boa sorte, Marcus. Mais uma vez você foi mais afortunado do que merece. — Ele voltou-se para a noiva. — Miranda, querida irmã. — E apertou a mão dela. — Preciso ir embora esta tarde, conforme meu irmão deseja. Mas se alguma vez houver qualquer coisa que eu possa fazer por você, o estalajadeiro na vila saberá onde me encontrar. E agora… — seus olhos brilharam —, deixe-me ser o primeiro a beijar a noiva.

E antes que seu irmão pudesse contestar, embora ela visse a tempestade que se formava nos olhos do marido, os lábios de St. John desceram rapidamente para beijar os dela. Foi doce e inofensivo, e ela não pôde evitar um sorriso pela impertinência dele.

— St. John, acho que está na hora de você partir. Passou tempo demais, na verdade. E você… — Marcus olhou para ela, que notou de novo o quanto ele era maciço e afastou-se dele, mas ele a puxou para mais perto. — Você precisa aprender a tomar cuidado com quem beija, madame.

Olhou nos olhos dela, e os seus próprios ficaram escuros. Ela ficou perdida neles, paralisada pelos nervos e pela expectativa. Então, a boca de Marcus cobriu a dela, e a mão veio para sua nuca, segurando seus cabelos e fazendo sua espinha se arrepiar.

Mesmo sem querer, ela relaxou e se inclinou contra ele, passando as mãos pela lapela do paletó para sentir a solidez do corpo, permitindo que a apoiasse enquanto a outra mão dele escorregava para sua cintura. Aquilo era errado. Devia ser. As ideias que cresciam dentro dela não tinham lugar numa capela. Abriu a boca para protestar, e a língua dele mergulhou mais ainda numa feroz investida… E Miranda experimentou a sensação invadi-la num grande tremor.

Lutou para controlar suas emoções. Deus querido, não. Ela não deveria responder ao beijo. O que ele pensaria? Afastou-se dos braços dele e ficou olhando em estado de choque.

Ele sorriu e alçou uma sobrancelha em surpresa. E então se afastou, olhando através dela enquanto St. John virava-lhes as costas.

CAPÍTULO 5

Ela ainda tremia com uma mistura de paixão e pânico. Como ele ousara? Dentro da igreja! Na frente do vigário? E ela havia retribuído como uma prostituta qualquer. Se o beijo tivesse sido algum tipo de teste para checar sua experiência, provavelmente havia confirmado os piores temores dele. Seu estômago roncou, e ela cobriu a boca com medo de olhar para a esposa do vigário a fim de evitar vomitar no chão de mármore, o que deixaria a situação ainda pior.

E seu marido não notara. Já se apressava para fora da capela e adentrava a casa atrás de St. John a uma distância segura, provavelmente para se certificar de que este se dirigiria aos estábulos e enfim partiria.

Ela endireitou as costas e virou-se para o vigário e sua esposa forçando um sorriso.

— Bem — disse com uma alegria artificial —, devo agradecer-lhe, reverendo Winslow, e sra. Winslow, por sua preocupação quanto à minha segurança e honra.

— Hmmm. Bem, é claro que a preocupação continua, Vossa Graça.

Por um momento ela se virou, esperando ver o marido atrás de si, e só então se deu conta de que o vigário se dirigia a ela, a nova duquesa.

— Obrigada mais uma vez. Mas estou certa de que, agora que estamos casados, vou ficar bem aqui.

Eles continuaram a encará-la. Ela achava que bom-dia estivesse implícito em seu agradecimento, mas eles não davam nenhum sinal de que partiriam. Deviam estar esperando por algo.

— Bem — ela tornou a dizer, mas a alegria em sua voz estava desaparecendo.

— Talvez durante o café da manhã nupcial possamos voltar a conversar com Vossa Graça. Para nos certificarmos de que não seremos mais necessários — afirmou a sra. Winslow, levantando outro problema.

— Ah, sim. O café da manhã nupcial. — Miranda imaginou se algum dos criados teria considerado convidados.

Ela duvidava, depois de observar seu humor na capela, que seu marido se importasse em comemorar. Mesmo assim, se não podia providenciar bolo e champanhe, talvez pudesse encontrar uma empregada para aprontar uma sala para receber os Winslow. Eles não davam nenhum sinal de que partiriam.

— Vamos até a casa para ver o que os empregados estão preparando. — Miranda os acompanhou de volta e os deixou na sala de estar, prometendo que voltaria logo; então correu para o hall, gritando por Wilkins.

Ele apareceu, tão curvado e confuso quanto no dia anterior, e deu a ela um longo olhar de peixe morto que fez Miranda suspeitar de que ele se esquecera de quem era ela.

— Wilkins — seu tom era agudo, na esperança de atravessar a nuvem de gim na cabeça dele —, preciso encontrar Sua Graça e pedir que volte a casa para se despedir dos Winslow. E preciso pedir à governanta que prepare um pequeno desjejum nupcial.

— Desjejum… — As palavras haviam sido registradas, a julgar pelo pânico que aparecia no rosto dele. — Isso não será provável, senhorita. A governanta está de folga hoje.

Como um raio, a bagunça sobre a qual ela havia pousado espalhava-se agora na sua frente. A casa era indirigível, os empregados, intratáveis, o duque, antissocial e alheio ao caos em volta dele. Então, depois de vinte minutos de preces rotineiras, ela estava no comando.

— Primeiro, Wilkins — sua voz era macia como seda —, você não vai mais me chamar de "senhorita". Depois da cerimônia, esta manhã, na capela, meu título é Sua Graça, a duquesa de Haughleigh. Já que duvido de que se lembre do meu antigo nome, não precisará perder tempo em esquecê-lo. Se a governanta está de folga, ela precisa deixar tudo organizado para que a casa funcione enquanto ela estiver fora. Quem exatamente é o responsável na ausência dela?

Os olhos inexpressivos e a testa vincada de Wilkins responderam à pergunta.

— Muito bem. Assumirei que ninguém está no comando, uma vez que esta é decerto a aparência que esta casa produz. A cozinheira está disponível? Sóbria? Viva? Por acaso temos uma cozinheira, Wilkins?

— Sim, senhorita… madame… Vossa Graça. — A cada novo título as costas dele se endireitavam ao se dirigir a ela.

— Então, dirá a ela que, se valoriza sua posição aqui, haverá um café da manhã nupcial servido na sala de jantar em 45 minutos. Não espero um milagre. Apenas o máximo que ela puder conseguir assim tão em cima da hora. E uma garrafa ou duas do melhor champanhe que houver na adega, para desviar a atenção da comida. Por favor, encontre o duque e peça a ele para se juntar a nós na sala de estar.

O discurso deve tê-lo afetado, pois Wilkins correu na direção da cozinha numa velocidade que ela ainda não tinha presenciado. Então ela se virou com tanta majestade e comando quanto podia reunir e se dirigiu de volta para a sala de estar, tentando irradiar sua metade da bênção matrimonial.

Os Winslow estavam empoleirados nas beiradas de suas respectivas cadeiras, esperando pela chegada da duquesa. Ela os informou do breve atraso e tratou de manter sua participação no diálogo, o que era tão difícil quanto segurar um boi

morto. Assuntos como família, passado, amigos e planos para o futuro tinham sido esgotados ou evitados nas entrevistas matinais com a sra. Winslow.

Esforços para fazer com que os Winslow falassem de suas vidas mostraram que eles não eram nem viajados, nem inteligentes. O tempo passava e nenhum sinal da chegada do duque. Seria benfeito se ele chegasse quando estivessem falando dele. Ela tentou com relutância:

— Conhece a família Radwell há muito tempo, reverendo? A não ser pela ligação da viúva com a minha tutora eles são estranhos para mim.

— Hmmm. Bem, sim. Estive nas redondezas a maior parte da minha vida. As coisas eram diferentes sob o comando do antigo duque — indicou ele.

— Como assim? — Ela duvidava que um pedido de informação assim tão direto encontrasse uma resposta, mas valia a pena tentar.

O vigário lançou um olhar nervoso para a porta, como se esperando que o atual duque aparecesse à menção de seu nome. Mas a sra. Winslow não conseguia mais conter os segredos negros que sabia.

— O velho duque jamais apoiaria o absurdo que seus filhos aprontam. Ele conhecia seu dever, e a terra era um exemplo enquanto ele a controlava. O quarto duque tentou por alguns anos manter os padrões do pai, mas desistiu do fantasma depois que sua primeira esposa faleceu, deixando a pobre viúva sozinha para administrar da melhor maneira que ela conseguiu. E lorde St. John… — Ela balançou a cabeça e fungou para enfatizar — nunca fez esforço algum para facilitar a vida da família. Desde que seu tornou crescido o suficiente para distinguir os sexos e ler os números do baralho ou contar os pontos de um dado, sempre houve uma dívida da qual ele tinha de fugir. Em minha opinião, a viúva morreu mais por causa de um coração partido do que qualquer outro motivo.

— O duque atual…

Então, como se tivesse sido convocado, a porta se abriu emoldurando Marcus. A esposa do vigário calou-se subitamente.

— Gostaria de vê-la por um instante no hall, Miranda.

A palavra “agora” não fora dita, mas plenamente implícita. E o som de seu nome nos lábios dele soou estranho, na verdade. Havia algo estranho na maneira como ele pronunciou o “r”, que pareceu vibrar como um rugido.

— Podem me dar licença um instante, reverendo, sra. Winslow? — E girou nos calcanhares rapidamente para juntar-se a seu marido no hall. — Vossa Graça?

— Exigiu minha presença, Miranda? — E ele fez uma reverência zombeteira.

— Não exigi. Pedi ao sr. Wilkins que o localizasse, para trazê-lo de volta ao nosso desjejum nupcial.

— Não pedi nenhum desjejum.

— Eu pedi. — Ela o olhou, frustrada — Talvez Vossa Graça não encontre motivos para comemorar o dia, e eu estaria bem sem a continuação desse… desse… melodrama, mas os Winslow esperavam isso de nós e não partirão até que as gentilezas sejam feitas.

— Malditos Winslow!

— Malditos realmente, senhor — sussurrou ela —, mas falemos baixo. Eles devem estar ouvindo à porta.

— Não ligo para o que estão ouvindo. Se lhes falta noção para que partam…

— Muito bem, então não haverá café da manhã algum. E, uma vez que não tenho direito à autoridade nesta casa, deixarei para o senhor a incumbência de entrar na sala de estar e pedir para que saiam. Dê a ordem em nome da casa. Parece que milorde é bom nisso.

— Ahh, chegamos ao ponto crucial, finalmente. É sobre St. John, não é? Eu disse a ele esta manhã que não era mais bem-vindo aqui, e mantenho minha decisão.

— St. John? Não seja ridículo. Estamos falando sobre sua má vontade em viver de acordo com as convenções sociais por mais de cinco minutos por vez.

— Eu as segui quando fiz uma oferta por você. E casei com você, não foi?

Ela forçou um sorriso e murmurou através dos dentes cerrados:

— E agora você tem de fingir comemorar o fato, assim como estou fazendo. Engula um pedaço de bolo e um copo de vinho. Ambos precisamos comer alguma coisa, e não nos matará se o fizermos juntos. Depois, agradeça ao vigário por celebrar a cerimônia. Pague-o. Faça-o partir.

A porta da sala de estar balançou e a cabeça do vigário apareceu na abertura.

— E como vocês dois estão se entendendo?

O marido sorriu com tanta ferocidade que o vigário se protegeu atrás da porta.

— Tão bem quanto se podia esperar, reverendo. Fiquei sabendo que minha esposa organizou um banquete para nós. Vamos nos retirar para a sala de jantar e ver o que os criados prepararam.

Ele conduziu o caminho, notou Miranda aliviada, uma vez que a sala de jantar não era um lugar que ela tivesse precisado visitar desde sua chegada à propriedade. Era bem como esperava: suja e empoeirada, mas com seda pintada sombriamente nas paredes, representando pastores e pastoras mal desenhados tocando ovelhas pelas colinas.

O café da manhã também estava como imaginara. Chá fraco, ovos mal cozidos, um presunto passável acompanhado de outra porção do interminável estoque de pão seco. Ela imaginou como a cozinheira tinha conseguido aquilo. Teria ela encontrado uma maneira de secá-lo antes de assar? O bolo de casamento, então, era a parte mais assustadora da refeição. Não houve tempo

para preparar um bolo de verdade, e a cozinheira tinha se arranjado com algo que fora a sobra de outra refeição. De quem, ela não tinha certeza. Decerto não tinha visto aquilo durante sua breve estada. A ponta cortada tinha sido retirada, e a coisa toda fora pesadamente coberta com glacê e salpicada de violetas de açúcar incapazes de disfarçar a natureza torta do bolo.

E Marcus reinou sobre a mesa sem dizer uma palavra, mantendo o mesmo sorriso horrível que havia mostrado no hall. O vigário ofereceu uma pequena oração de agradecimento, para a qual Marcus piscou em resposta, e então eles comeram.

Para alívio de Miranda, Wilkins seguira suas instruções e providenciara o melhor champanhe que a adega podia oferecer. Ela nunca experimentara aquilo antes, e ficou surpresa com o quão leve e fácil de ingerir era aquela bebida. E igualmente surpresa, vinte minutos depois, por ter bebido três copos e mal tocado a comida em seu prato. Abriu a boca para falar e soluçou, fazendo com que os Winslow saltassem em suas cadeiras e ela recebesse um olhar crítico do marido. Desculpou-se com toda a calma e protegeu o copo do lacaio ansioso por enchê-lo.

Pouco tempo depois, o duque removeu o guardanapo do colo e o jogou no prato, dando o tom de finalização. Levantou-se e avançou devagar em direção ao vigário com um sorriso tão maléfico e um ritmo tão calculado que todos à mesa se convenceram de que estavam prestes a ver o pobre homem assassinado e talvez devorado.

O duque alcançou o bolso da frente do paletó, e o vigário encolheu-se diante do possível ataque repentino.

Marcus simplesmente exibiu um envelope cheio de notas e o deixou cair no prato em frente ao vigário.

— Obrigado por sua ajuda com esse assunto, reverendo, sra. Winslow. Tenham um bom dia.

E, então, ele permaneceu ali, imóvel, acima do vigário. E esperou. Considerando tudo, Miranda decidiu que preferia quando ele estava gritando. Mas o efeito era impressionante, e levou menos de um segundo até que a tranquilidade do vigário se partisse e ele estivesse se desculpando e desejando felicidades aos noivos antes de empurrar a esposa para a porta.

Miranda os acompanhou com uma cortesia artificial que esperava não ser tão óbvia e virou-se para encontrar o marido, que também os tinha seguido até a saída.

— Creio que foi suficiente, não, madame? — Ele a olhou com apenas um pequeno traço da irritação que mostrara na última hora.

— Sim, obrigada. — Ela o encarou e imaginou o que estava realmente

passando por sua cabeça.

Ele era capaz de tantas emoções e podia mudá-las tão rápido…

— Muito bem. — Marcus continuou olhando para ela, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Ela baixou o olhar e entrelaçou as mãos, lembrando-se do anel que ele lhe dera e do beijo; e corou, correndo o dedo pela superfície de ouro sentindo-se segura e aquecida.

Marcus olhou para baixo.

— Ah, sim. Tinha me esquecido. Pode devolver meu anel, por favor?

Ela o olhou, chocada.

— Eu preciso dele. E não seria bom que você o perdesse.

— Perdê-lo? É só que… eu pensei… — E olhou para o anel, sem saber o que dizer.

Ela pensou que o presente significasse alguma coisa. Talvez não.

E os olhos dela encontraram os dele, e ela se sentiu perdida. Seus dedos relaxaram e o pesado anel escorregou e bateu contra o chão de mármore.

Ele se curvou e o pegou, antes que rolasse para longe, acenando com a cabeça como se isso confirmasse a suspeita da negligência dela em tomar cuidado com a joia.

— Obrigado. E agora, se me der licença, estou certo de que a verei em seus aposentos mais tarde.

CAPÍTULO 6

Ela olhava fixo para o dossel da cama, observando uma aranha girando no canto escuro. Seu marido chegaria logo, faria o que tinha de fazer e então estaria terminado. Tentou não revisar em sua mente a explicação que Cici lhe dera sobre relações matrimoniais. Doeria da primeira vez, mas ela não tinha nada a temer.

Amaldiçoou Cici mentalmente por explicar isso. Não podia doer tanto, ou as mulheres nunca permitiriam a segunda vez. Estava familiarizada com a dor. Não poderia machucar seu corpo tanto quanto sair de casa machucara seu coração. Ela sobreviveria.

Cici afirmara que com alguns homens não era doloroso, na verdade era bem prazeroso. Quando o homem era amável e gentil, não havia outro lugar onde você desejasse estar mais do que junto dele. Cici conhecera muitos homens e tivera a oportunidade de compará-los. Mas já que ela conheceria apenas um, se houvesse a chance de prazer em outro lugar não seria da sua conta. Na verdade, era irritante pensar que as coisas pudessem ser melhores em uma cama diferente. Não sabia ela que existiam melhores lugares para estar do que as circunstâncias nas quais se encontrava? E não foi a tola busca por melhores condições exatamente o que a trouxera até ali?

Lembrou-se de seu último emprego, ajudando na cozinha de uma das melhores casas de sua antiga vizinhança. Ela carregava morangos do jardim para a cozinheira, quando um lorde desconhecido a viu em um caminho isolado. Ele bloqueou sua passagem e sorriu, desejando bom dia.

Miranda sorriu em resposta e deu a volta nele para seguir.

E ele perguntou seu nome.

Ela respondeu educadamente e continuou seu caminho até a cozinha.

Ele estava em cima dela antes que Miranda percebesse, e suas costas ficaram contra a parede. Ele pegou um morango da vasilha que ela ainda segurava à sua frente, levou à boca e mordeu, deixando o suco escorrer pelo queixo. E pegou outro, colocou-o nos lábios dela e a fez morder. Miranda estava com fome e foi incapaz de resistir à tentação de comer apenas um. E comeu da mão dele como um animal domado. Então, o homem enfiou a mão dentro de seu vestido e agarrou o seu seio.

Ela ficou ali, congelada pelo choque, enquanto ele sentia o peso do seio e brincava com o mamilo entre os dedos.

A mente dela gritara para que ela corresse. Mas as pernas traidoras não se mexeram. E ele se inclinou mais para perto, mordiscando suas orelhas e sussurrando que havia maneiras muito mais fáceis de se ganhar dinheiro do que

colher e carregar morangos para a cozinheira. E que poderia haver lindos vestidos e lindas bugigangas para uma bela jovem, uma garota quieta, se ela trouxesse sua tigela de morangos e fosse com ele agora.

E, para sua vergonha, ela ficou tentada. A parte dela que era fraca e estava cansada e assustada dizia-lhe que ele estava certo. Seria mais fácil deitar-se e desistir. Mas ele havia começado a descrever o que queria em sussurros ofegantes, e a raiva tomara conta do medo na mente dela. Miranda derrubou a tigela e correu para a casa.

Havia salvado sua honra, mas perdera sua posição. E considerara-se com sorte por ele não ter conseguido o que queria sem o benefício da discussão. Cici a alertara de que, se acontecesse de um homem ser bruto, era melhor não resistir, deitar quieta e deixá-lo terminar. O que trouxe sua mente de volta a seu novo marido. O beijo na igreja tinha sido estranho o bastante. Fora agradável no começo, mas opressor e difícil de escapar. Ela imaginou estar presa debaixo dele esta noite enquanto ele grunhia e se excitava como um garanhão em um estábulo. Ficaria quieta, deixaria que ele tomasse o que quisesse e talvez ele perdesse o interesse e retornasse para seus próprios aposentos.

Precisava olhar para o lado bom que, de fato, existia. Marcus se mantinha mais limpo do que os empregados mantinham a casa. Seu rosto se mostrara suavemente barbeado e seu corpo cheirava a colônia, e não a suor. Seu hálito era bem fresco. Seus dentes eram bons. As vantagens da riqueza, pensou ela. As tais melhores condições que Cici disse que queria para ela. Era inevitável que ela se casasse e tivesse um homem em sua cama. Pelo menos um homem rico seria limpo, e a cama, grande.

E o resultado seria o mesmo, quer ela se casasse com um pedinte, quer com um fidalgo. Uma barriga inchada, a dor do parto e um bebê. Pelo menos seu novo marido tinha condições de sustentar seus filhos. Ela nunca precisaria se preocupar com comida ou um teto ou algo para vestir. Era o presente que seu pai queria para ela, e Miranda devia ser grata por ele ter sido sensato o bastante para cuidar de seu futuro.

Ouviu sons vindos do outro quarto, e seus nervos se retesaram ainda mais. Quanto tempo ele planejava esperar? Já passava da meia-noite e ainda não havia nenhum sinal.

O estômago dela se revirou, e o buraco dolorido nele trouxe os ácidos para cima até sua garganta. Deveria ter comido alguma coisa. Deveria ter partilhado daquele triste desjejum. Agora estava faminta tanto quanto amedrontada, e podia sentir um desmaio martelando atrás de suas têmporas.

Talvez devesse pedir para que Polly trouxesse um pouco de chá. Como se ela quisesse vir a uma hora dessas. Miranda era solidária demais para tirar os

empregados do calor de suas camas a fim de satisfazer necessidades que deveriam ter sido satisfeitas mais cedo.

E claro que não havia nenhuma lei que a impedisse de cuidar de tudo ela mesma. As grandes casas são todas parecidas. Os quartos ficam em cima, e as cozinhas, embaixo, e havia escadas entre eles. Era possível que àquela hora o duque não tivesse mais planos de visitá-la.

Miranda deixou a porta aberta um pouquinho e andou na ponta dos pés até o hall, onde tinha certeza de que havia uma escada.

O DUQUE olhou para seu copo de conhaque. Ele deveria estar no andar de cima agora, esperando por sua nova esposa.

Serviu-se de outra dose e bebeu. Não era assim que o dia deveria ter corrido. Não desejava de modo algum encontrar uma esposa, e decerto não quisera unir-se ao patinho feio que surgira à sua porta na véspera. Algum dia, ele teria de tomar a decisão, mas estivera aproveitando a quietude relativa da casa sem a presença da mãe. Teria o controle da propriedade antes. E algo teria de ser feito em relação a St. John. Uma nada fácil trégua pelo menos. Eles precisariam relevar o velho problema o bastante para que não pulassem no pescoço um do outro. Não tinha realmente o desejo de expulsar seu único parente vivo da casa para sempre, mas talvez fosse necessário se nenhuma solução fosse encontrada. Mas alguém tinha se enfiado no meio de tudo, e agora Marcus via-se diante de outro problema com que lidar.

E lidara com isso de maneira desastrosa até agora, ralhando com ela no hall por causa de problemas que não eram da conta dela, instigado pelo sarcasmo de St. John com aquele beijo depois do casamento. Dava para perceber pelos lábios apertados dela durante o café da manhã que estava convencida de que se casara com um homem grosseiro.

E agora, em vez de se desculpar e retomar as rédeas do problema, estava ele ali, escondendo-se na biblioteca com uma garrafa de conhaque. Como se o excesso de bebida pudesse fazer alguma coisa além de inibir sua habilidade de realizar a nova tarefa que se adicionava à longa lista.

No mínimo sua atitude o deixaria sem cuidados e ele imaginava que deflorar uma virgem pedia certa dose de finesse. Se essa fosse mesmo a condição dela. Ele suspeitava que não. Apressar-se para fora de Londres desacompanhada levantava dúvidas. Marcus não sabia nada a respeito da família dela a não ser que tinha sido arruinada pela dele, o que não estreitava muito o campo na escolha de uma esposa. Foi assim que o duque conseguiu sua primeira esposa também. Suspeitava, entre sua mãe, seu irmão e ele mesmo, de que haveria uma

grande lista de mulheres qualificadas cujas famílias tinham sido arruinadas. Mas Marcus não podia ter um harém para assegurar a honra da família. Talvez fosse melhor, pensou ele, agitando a bebida na garrafa, adiar a consumação; pelo menos até que pudesse se certificar do motivo pelo qual sua mãe estivera tão ansiosa para que ele se casasse com essa moça em particular. Seria o curso de ação racional para proceder com cautela.

E qual seria a graça daquilo?

Marcus sorriu com a ideia que se arrastava em sua mente. Jogar a cautela ao vento? Ele era irmão de St. John, afinal de contas. Da mesma maneira que era sensato guardar a noite de núpcias até ter certeza de que teria alguma intenção de permanecer casado com a jovem em questão, não era nada satisfatório. Se Miranda viera à sua casa esperando se casar, na certa estaria esperando sua visita.

Descansou o copo e caminhou devagar até seu quarto. Se ela fosse honrada, e isso fosse tudo um terrível engano, merecia a proteção do nome dele e deveria desejar submeter-se graciosamente a seu novo marido. Ela tivera muitas oportunidades de parar com essa farsa de casamento no começo, mas, mesmo assim, não dissera nada. Agora não tinha razão nenhuma para chorar recusa ao inevitável ponto alto do dia.

Mas, e se ela fosse alguma rameira empurrada para ele por uma combinação de má sorte com a necessidade de redenção de sua mãe? Então Marcus podia aproveitar dos favores de sua esposa, sabendo que ele não estaria tomando nenhuma liberdade que ela já não tivesse dado por aí. E quando encontrasse a verdade, ele a jogaria na rua de mala e cuia, e que se danasse a reputação. Miranda podia gritar e chorar o quanto quisesse, mas onde não havia os papéis do casamento, não havia casamento. Não estavam ligados por nenhum contrato legal e nenhum choro de mulher ou aperto de mão de pastor o convenceria a mantê-la.

Além do mais, a maneira mais rápida de descobrir sobre a honra dela seria realizar o feito. Ao vê-la nua poderia procurar por uma protuberância reveladora ou falta de modéstia. Mas e se ela fosse inocente? Então, ele precisaria de um plano.

Marcus chegou ao seu quarto e parou com a mão na maçaneta. Qual seria o melhor cenário? Seu quarto ou o dela? O dela, ele suspeitava. Assim, quando tivesse terminado ela poderia ter o conforto da familiaridade, se é que conseguira alguma em 24h de ocupação.

Vestido ou despido? Despido seria mais fácil. Certamente, havia um prazer na descoberta lenta, mas talvez nesse caso conveniência fosse melhor.

Despido então. Mas quanto? Não totalmente. Chegar ao quarto dela

completamente nu? De modo algum. Se ela fosse virgem, não havia como saber quanta informação recebera a respeito das atividades do casamento na cama. Sem roupas e excitado não criaria condições para uma aula de anatomia. Talvez agora mesmo ela estivesse sentada ereta em seu leito, vestida com sua melhor camisola e touca, esperando por seu marido.

A ideia o fez sorrir.

Muito bem. O quarto dela. Ele chegaria vestido com seu roupão e sentaria no canto da cama para não alarmá-la. Eles conversariam. Logo ele estaria sentado ao lado dela. Pegaria sua mão, a fim de tranquilizá-la. Então tomaria seus lábios. E logo tomaria o resto, dela e o trabalho estaria feito.

Despiu-se sem a ajuda do criado e vestiu um roupão de brocado. Apertou o nó com força e acenou com a cabeça em aprovação. Pronto. Ele tinha um plano, e as coisas continuariam até uma conclusão bem-sucedida. E abriu a porta de conexão para o quarto dela.

Agora podiam continuar, exceto pela ausência de um elemento muito importante. Sua esposa não estava em lugar algum.

ELA VASCULHOU a despensa. Como a casa sobrevivia com um estoque de comida tão escasso? Um pouco de queijo era tudo que queria, mas esperava encontrar mais. O lanche que ela fazia não era apropriado nem para o camundongo que assustara ao entrar na cozinha.

Pão muito velho e queijo tão seco. Estava tão intragável quanto o almoço e o jantar. Ela se imaginou escrevendo um apelo para sua família.

Queridos Cici e papai,

Cheguei a Devon e me casei com o duque. E estou mais cansada e com fome do que jamais estive em toda minha vida.

Por favor, me deixem voltar para casa.

— Que diabos está fazendo na cozinha?!

E por que você sempre se dirige a mim aos berros?, pensou ela enquanto esfregava as têmporas.

O duque estava parado na soleira, com os braços cruzados. As palavras dele a atropelaram em uma torrente.

— Fui ao seu quarto, esperando encontrá-la me aguardando, e tive de caçá-la por toda a casa até achá-la. E justamente aqui. Esperava dormir perto do fogo, como o gato da cozinha? Para que os criados saibam que Sua Graça tem uma esposa por menos que um dia e já não sabe onde ela se encontra?

— Porque tudo diz respeito a você, não é? — respondeu Miranda. — E ao que as pessoas pensam. Por isso teve de se casar comigo. Esta é a única razão de eu

ainda estar aqui, e posso esperar que tenha razão em mencionar isso sempre que eu cometer um erro, pelo resto da minha vida.

— Se deseja permanecer nesta casa, então sim, tudo diz respeito aos meus desejos. E se eu disser que o que as pessoas pensam é importante, seria melhor você acreditar e agir de acordo.

— Mas é exatamente isso — retorquiu ela — Eu não desejo permanecer nesta casa. Que razão eu teria para ficar aqui?

— Muitos pensariam que uma ótima casa e um duque são razões suficientes — grunhiu ele.

E a raiva e a confusão amansaram dentro dela e desapareceram.

— Então muitas pessoas ainda não conhecem você. Se conhecessem talvez mudassem de opinião. Pois eu juro que nunca fui tão infeliz em toda minha vida. Senhor, você tem um temperamento repugnante e palavras sórdidas. — Ela respirou fundo. — E é bêbado. Não faz nada a não ser gritar comigo, mas espera que eu aguarde humildemente pela sua chegada a meu quarto. Estava ansioso o bastante para me beijar no altar, e, mesmo assim, não teve pressa alguma de vir ao meu quarto na nossa noite de núpcias. Esperei horas ali sentada, e acabei faminta demais para ficar mais um pouco, e então vim à cozinha atrás de alguma comida. — E gesticulou em volta de si — E, veja! Não tem nada aqui. Você é tão avarento e ameaçador que as refeições nessa casa têm que ser tão pobres, e os quartos, tão frios e sujos?

Ele parecia, pensou ela, como um cão que levara uma pancada no focinho no momento chocado de compreensão antes de ter de decidir entre o ataque ou a retirada. E ela sentiu o chão sair de seus pés assim que percebeu o que acabara de fazer. Não era provável que o duque de Haughleigh virasse as costas e partisse.

— Se é assim que se sente, madame — sua voz soou gelada —, então talvez eu deva mandá-la de volta para Londres.

E ela percebeu que tinha ido longe demais. Falhara com seu pai e com Cici. Enfurecera o duque. E não tinha para onde ir. A cozinha girou em volta dela.

— MALDIÇÃO!. — MARCUS a viu começar a se torcer e correu para ampará-la antes que seu corpo batesse no chão.

Quem poderia imaginar que depois de tão admirável fúria ela se mostraria do tipo que desmaia? Então, ele a puxou para perto e soube a resposta. A pobre criatura era pele e osso. Não exagerara ao afirmar que estava com frio, cansada e com fome. Apenas dizia a verdade sobre a péssima hospitalidade que ele havia demonstrado.

Marcus colocou a mão embaixo dos joelhos dela e a ergueu em seus braços, surpreso que, apesar da altura, ela fosse tão leve. Ela despertou e atacou fracamente o peito dele, murmurando:

— Ponha-me no chão.

— E a deixo cair amontoada? Claro que não.

Ele transpôs a escada e fez o caminho até os aposentos deles.

Quando ela percebeu para onde estavam indo, lutou contra ele, mas o duque a segurou mais forte.

— Não, por favor.

E ele sentiu o tremor atravessando o corpo dela ao cruzarem a soleira.

Olhou espantado para o topo da cabeça dela, tentando ver através do ninho de rato que aquela mulher devia chamar de cérebro, e suspeitou que compreendera.

— Madame, não tenha medo. Necrofilia não está entre os meus muitos vícios. Não tenho a intenção de arrastá-la inconsciente para a cama e me atirar contra o seu corpo sem vida. — Colocou-a na cama, e ela se curvou como uma bola com as mãos fechadas em punho pressionadas contra a face.

O duque a olhou contra a luz da lareira, surpreso com o que via. Miranda era incrivelmente magra, e as chamas lançavam sombras nos espaços profundos abaixo dos olhos e das faces dela. A camisola não era o delicado enxoval que ele esperava encontrar, mas algodão barato muito remendado, e um pouco pequena demais para ela.

Puxou as mãos dela para longe do rosto e as olhou esfregando os polegares pelas palmas magras. Elas eram grossas e cheias de calos, e mostravam bolhas recentes, cortes e cicatrizes de alguém que sabia o que significava trabalhar para viver. Soltou-as, e Miranda as escondeu, olhando para ele aterrorizada, esperando pela reação.

— Enviarei Polly a seu quarto com alguma provisão. No futuro, não tenha medo de pedir o que quer, seja lenha extra para a lareira ou outra refeição. Vou para o meu quarto agora, e não espero nada de você a não ser que descanse e ganhe forças antes de tomar qualquer decisão. Boa noite, Miranda.

Marcus fechou a porta devagar. Que estranho pássaro era a sua mulher. E disposta a voar para dentro de uma tempestade e bater suas asas contra ela. Temperamento repugnante e palavras sórdidas, não é?

Ele sorriu e sentou-se à escrivaninha. Ela o analisara depois de um dia apenas. E a visão dela no alto de sua ira contra ele era bastante, ele se mexeu na cadeira, excitante. Não era a flor delicada que ele temia tocar. Ou a sedutora calculista querendo armar uma cilada. Essa tinha fogo nas veias e não ligava a mínima para ele ou seu título. E se a ira e a paixão estivessem interligadas, então talvez fosse mais que a hora para esse casamento.

É claro que ele precisaria reparar alguns dos estragos que tinha causado no último dia se quisesse que ela o procurasse de livre e espontânea vontade. Precisaria ser cuidadoso. Foi pensando daquela maneira que tinha sido levado ao desastre do seu primeiro casamento. Com Bethany foram o temperamento doce e os olhares fascinados que permitiram que ela o enredasse por completo em sua teia, sugando-lhe a esperança. Essa poderia fazê-lo através da enorme força de vontade, seduzindo-o com paixão, deixando-o fraco pelo desejo de satisfazê-la.

Precisava saber de onde Miranda vinha, antes de cair sobre ele inesperadamente. Por que era marcada pelo trabalho. O que sua mãe teria feito para ela? Refletiu por um momento e traçou um curso de ação pegando papel e caneta da sua escrivaninha.

Querida Miranda.

Amassou o papel e jogou na lareira. Como começar uma carta para uma esposa que era uma completa estranha?

Miranda.

Um pouco frio, talvez, mas correto.

Acho melhor, depois da noite passada, que prossigamos com cautela nessa nossa nova jornada. Suas ideias estão corretas. Eu não teria escolhido você se a situação não tivesse sido forçada a mim pela honra, assim como você também não teria buscado por mim baseada no meu comportamento durante esses últimos dias.

Mas isso não significa que nossa união seja impossível. Às vezes, ver o pior e encontrar a doçura da felicidade mais tarde fortalece um casamento. Por isso decidi visitar Londres por algumas semanas e deixá-la em paz para acostumar-se com o novo ambiente. A casa é sua; faça como quiser. Os empregados também estarão sob seu comando. Penso que perceberá que há vantagens em um título e uma propriedade que talvez compensem pelas sérias deficiências no caráter de seu dono.

Tire duas semanas sozinha e use-as para descansar da sua viagem e para se ajustar ao seu novo lar antes de começarmos novamente. Farei o possível para deixar o mau humor na cidade e voltar um marido respeitoso e arrependido.

E, se ainda assim, você decidir que quer voltar para sua família, cuidarei disso quando retornar. Não deve ser difícil conseguir uma anulação, já que me ausentei da cama nupcial e a deixei com sua honra.

Até a volta. Seu marido,

Marcus Radwell, duque de Haughleigh.

Selou a carta e deixou para que a empregada colocasse na mesa do café da manhã no dia seguinte. Então, chamou seu criado e deu poucas e sucintas instruções para que a carruagem fosse preparada e os cavalariços acordados.

E, por último, levou as missivas que sua mãe recebera de uma misteriosa *lady* Cecily. Duas semanas deveriam ser tempo suficiente para encontrá-la e conseguir informações sobre sua noiva.

CAPÍTULO 7

O dia amanheceu desconfortavelmente claro e cedo, e Miranda puxou as cortinas contra ele. Depois da visita do duque na noite anterior, ela se sentia perdida quanto ao que poderia dizer essa manhã. Não havia dúvidas de que sua bagagem estaria arrumada e esperando por ela no hall de entrada. Será que ele pensou em arranjar transporte ou assumiu que ela poderia comprar uma passagem com seu próprio dinheiro?

Ela riu, amarga, como se existisse tal coisa. Sua carteira fora esvaziada na viagem a Devon e não dava sinal algum de que fosse magicamente preenchida para a viagem de volta. E, se fosse voltar, para onde iria? Seu pai deixara claro que não haveria retorno desse curso, e mesmo que a partida tivesse sido doce, ela sabia que ele fora sincero no seu desejo de se livrar dela para sua própria segurança e a paz de espírito dele.

A menos que abandonasse todo o orgulho e ganhasse a vida sozinha como mais de um nobre, já havia sugerido. E que tolo pensaria que era melhor ser a prostituta de um homem rico do que ser sua esposa?

Não havia mais nada. Esta manhã, procuraria seu marido e se atiraria a ele em busca de misericórdia de qualquer maneira. Se não houvesse mais nada para comer hoje, teria que engolir suas palavras da noite anterior.

— Vossa Graça, está acordada? — Polly colocou a cabeça entre as cortinas e ofereceu a ela a bandeja do chá. — Imaginei que não quisesse descer para o desjejum. A cozinheira disse que haverá algo na sala do café. Não o que está acostumada, estou certa, mas um pouco melhor do que o que tem comido.

O chá pelo menos estava quente esta manhã, e Miranda esperava que fosse um sinal de que algo aconteceria. Deu um gole e sentiu-se um pouco melhor.

— Sua Graça me disse que a senhora, sem dúvida, estaria cansada esta manhã, e devo me certificar de que dormiu o suficiente e que tenha um café da manhã decente, mesmo que eu tenha de parar na sua frente e forçá-la a comê-lo — disse Polly com orgulho.

— Ele disse, não foi? — Ela considerou recusar-se a comer, mas se lembrou de sua promessa alguns minutos atrás. — E o que mais ele tinha para dizer?

— Que *milady* saberia o que queria fazer e é a senhora desta casa agora, e devo ajudá-la com o que precisar. Depois, entrou na carruagem e partiu.

— Partiu?!

— Ontem à noite, depois da meia-noite. Foi a Londres, e lorde St. John voltou de onde esteve. Estava movimentado como o pátio da hospedaria aqui.

— St. John de volta? — Miranda tentou não transparecer o alívio na voz.

Talvez o cunhado a ajudasse a entender as ações do marido.

Polly ajudou-a a se vestir, e ela desceu as escadas em direção ao desjejum, mas parou na metade do caminho. Por que estava hesitando? Essa era sua casa. Suas escadas. Seus empregados. Bem, não exatamente seus. De seu marido, talvez, até que ele voltasse de onde quer que tivesse ido. Provavelmente, com a papelada necessária para uma anulação, se é que era preciso, assumira ela, pois não havia assinado nenhuma licença no dia anterior e imaginava que isso deveria ter acontecido. Tinha certeza disso. Bem, quase certeza. O dia correra tão depressa, e ela estivera tão cansada…

Levou as mãos às têmporas e as massageou, tentando silenciar os pensamentos que tomavam conta de sua mente. Não fazia nenhum bem tentar analisar os fatos dos últimos dois dias. Mesmo que estivesse com a mente limpa, eles não haviam feito muito sentido e pareciam ficar cada vez mais estranhos. Decidiu concentrar-se na tarefa a realizar agora. Nada no passado. Nada no futuro. Só um passo de cada vez, até que conseguisse encontrar o caminho para fora da confusão em que se encontrava. E o primeiro passo era o café da manhã.

Entrou na sala e viu St. John, sentado à cabeceira da mesa, no lugar onde ela esperava ver o duque. Ele lia a correspondência como se fosse o dono da casa. Miranda imaginou qual seria a reação do marido se estivesse ali para ver aquilo, mas ela mesma se deu conta.

Sabia perfeitamente qual seria. Parecida com todas as reações que já o vira ter quando algo o desagradava. Gritaria. Ameaças. E St. John seria banido da casa sem chance de se manifestar. Se ela não podia fazer nada mais pela casa, talvez pudesse encontrar uma maneira de acabar com a rusga com a qual os dois pareciam se deleitar.

— Miranda. — Ele se levantou e sorriu para ela, que se sentiu imensamente menos solitária. — Você já está causando um efeito positivo aqui. Há café da manhã, para variar. E, embora eu não confie no salmão, os ovos parecem bem frescos. Sente-se.

— Não está um pouquinho livre com a hospitalidade de seu irmão, já que o vi bani-lo desta casa ontem?

Ele sorriu de novo.

— Talvez. Talvez. Mas fui informado na hospedaria de que meu irmão partira para Londres. E, embora ele não consiga suportar minha companhia, os criados aqui ainda gostam muito da ovelha negra, e conto com eles para segurarem as línguas quando ele voltar à pastagem. E… — Lançou a ela um olhar inquisidor. — E imaginei que a nova duquesa talvez pudesse precisar da minha assistência depois de ter sido abandonada pelo marido em sua noite de núpcias. Você está bem? — A pergunta foi feita gentilmente, mas ele já não sorria, e ficou tenso ao

esperar pela resposta.

— É claro — mentiu ela.

Não havia sido dispensada, se a atitude de Polly fosse uma indicação do humor do duque. E ser deixada em paz por seu marido, mas com permissão de permanecer na casa, era o melhor de todos os possíveis resultados, só um tanto irritante.

— Já começo a me sentir em casa aqui. Essa é a correspondência? — Esticou a mão para a carta na frente dele, mas ele a pegou antes dela.

— Esperando um "bilhetinho", irmãzinha? Não, não é a correspondência. Apenas algo que eu trouxe comigo para pôr em ordem. Malditos cobradores, me encontraram na hospedaria. Vou mostrar o que penso deles. — Selou novamente a carta, amassou e foi em direção à lareira. — Quanto menos tempo ficar com esta carta na mão, melhor será para todos os envolvidos. — Riscou um fósforo na pedra da lareira, ateou fogo à carta, observando enquanto ela queimava, e atirou a chama ao fogo.

— Realmente, St. John, não deveria fazer pouco-caso das suas responsabilidades.

— Miranda, minha querida, sou bem sério algumas vezes, quando tenho um objetivo. Ainda não viu o meu melhor. Tenho certeza de que, se conversou com meu irmão, não ouviu nada além do pior a respeito do meu caráter.

— Oh, não, eu lhe asseguro. Houve pouco tempo para discutir qualquer coisa com o duque na noite passada. — Ela pausou, envergonhada.

Sua frase deu a entender que eles estiveram ocupados de outra maneira. Ela olhou para o seu prato e mordiscou um pedaço de torrada.

— Ele se preocupou em dizer a você por que a estava deixando tão cedo?

— Estou certa de que há uma boa razão para a ação dele — respondeu ela.

St. John assentiu sobre seu café.

— Tenho certeza de que sim. Há certas pessoas em Londres que devem ser informadas de seu casamento, para evitar constrangimento mais tarde.

— Certas pessoas? — Ela esperou que ele continuasse.

Ele limpou a garganta.

— Bem, sim. Não é bom deixar o rumor chegar à cidade antes dele. Não há necessidade de mudar a situação atual, se ele se casou de novo, mas é sábio acalmar a mente dela. Certficá-la de que sua posição ainda está segura. Ciúme, seu nome é mulher e tudo o mais. — E olhou para ela, e um rubor pálido pode ser visto naquele rosto. — Sei que não deveria sugerir essas coisas, ainda mais para uma dama, e muito menos no seu primeiro dia aqui. Mas senti que você merecia saber como as coisas funcionam. Não quis insultá-la.

Então, seu marido havia deixado a cama de núpcias ainda fria e ido a Londres

para ficar com sua… Miranda passou manteiga cuidadosamente em outro pedaço de torrada, mastigando-o até que virasse poeira em sua boca. E não havia a mínima razão para que isso a perturbasse. Ela esperava algo do tipo. Essa não era mesmo uma união de amor, e ela também não era uma garota leviana.

— Tudo bem, St. John. Obrigada. Você está certo, é melhor saber como as coisas funcionam.

Ele suspirou num alívio óbvio.

— Bom. Estou feliz que tenha aceitado tão bem. E lembre-se, como já ofereci antes, se precisar de um homem forte para apoiá-la e não conseguir achar meu irmão, sempre poderá me chamar.

— Obrigada. — Ela sorriu palidamente.

— E agora, minha querida, preciso sair. Para verificar as responsabilidades que gostaria que eu tivesse. — Ele suspirou. — É preciso muito esforço para parecer tão à toa quanto pareço. Posso ter a honra de sua companhia para jantar esta noite?

— É claro.

Ao observá-lo partir, ocorreu a ela que, se ele vinha para o jantar, significava que haveria uma refeição. O que requeria menus, compras e coordenação dos empregados. Talvez o duque conseguisse sobreviver de chá fraco e cozido, mas certamente deveria ter algo mais na cozinha.

Estava encarregada da casa. Pelo menos até que o duque chegasse e a aliviasse. E se estava encarregada, deveria haver algumas mudanças.

Aprumou as costas ao descer os últimos degraus para o hall dos empregados e para a cozinha, onde estivera na noite anterior. O resto do café da manhã estava endurecendo em pratos sobre a mesa. O fato de não terem sido limpos evidenciava um relaxamento que ela não acreditava ser possível.

Quando examinou o conteúdo dos pratos, a situação ficou ainda pior. As cascas de pão estavam amolecidas e claras. Geleia. Mingau nas tigelas. Uma única fatia de bacon ainda na borda de um prato.

Ela se lembrou dos ovos crus e do arenque impossível de comer e lutou contra um impulso de juntar os restos e escondê-los no seu quarto para mais tarde. Então, uma porta do outro lado do cômodo se abriu e uma mulher entrou. Era pequena, robusta e com uma cara azeda. Olhou fixo para Miranda.

— Quem é você e o que está fazendo aqui embaixo?

Miranda empertigou-se à sua alta estatura e sorriu.

— Sou a senhora desta casa. E quem exatamente é você?

— Não há uma senhora desta casa. Pelo menos não desde que a viúva, Sua Graça, faleceu.

— Há desde ontem, quando Sua Graça e eu nos casamos, senhora…?

— Sua Graça não me disse nada a respeito.

— Pelo que entendi, você estava fora, e os empregados não tinham ideia de como contatá-la, senhora…?

— Sua Graça não falou nada sobre se casar — argumentou a cozinheira.

Uma empregada da cozinha entrou sorrateiramente e permaneceu silenciosa no canto, guiada pela voz alta da governanta.

— Foi um choque para ele também. Talvez tenha sido negligente em informá-la. Mas certamente Wilkins…

— Aquele velho bêbado não tem permissão para chegar perto de mim ou eu…

Claramente a mulher estava acostumada a gerenciar a casa à sua maneira. Miranda assumiu um tom mais firme e deu um passo à frente.

— Sua Graça não tinha de dizer nada a você, senhora…?

Ela pausou novamente, e a mulher respondeu, relutante:

— Clopton

— Sra. Clopton. Você sabia que eu estava aqui, já que deve ter enviado o café da manhã para mim mais cedo. — Decidiu não mencionar a qualidade da comida. Podia esperar até que amolecesse a governanta.

— Não presto atenção às mulheres que eles mantêm lá em cima. Não é da minha conta.

— Mas deveria ser, sra. Clopton. Afinal de contas, você é a governanta, não é?

— Sou a encarregada aqui — informou a senhora.

Miranda acenou em direção à casa e deu uma olhada para a cozinha, notando o bando de empregados que se reunia para testemunhar a disputa. Qualquer que fosse o resultado, a casa toda saberia no fim da manhã, e ela não tinha condições de perder essa disputa.

— Se você é responsável pelo que vi nesta casa, não tem motivo algum para se orgulhar disso. — E apontou para a mesa de jantar dos empregados. — Vejo evidências de que alguém aqui está se mantendo confortável, mas esse não é o caso do andar de cima.

— E eu suponho que você espere que os empregados trabalhem como cães de estômago vazio.

Miranda contrapôs:

— Mas não vejo nenhuma evidência de que os empregados estejam trabalhando feito cães. Talvez nos estábulos, onde o duque tem tempo de observar.

— Os empregados fazem o que são pagos para fazer e ganham bem pouco.

Miranda levantou as sobrancelhas em choque.

— Eu serei o juiz disso, sra. Clopton. Se trouxer os livros de gastos dos

empregados, veremos o que pode ser feito.

À menção dos livros, a governanta deu um passo atrás.

— Sua Graça nunca achou necessário checar os livros.

— Sua Graça não está aqui. — As palavras saíram por entre seus dentes cerrados à medida que dava à governanta uma parte das frustrações matrimoniais dessa manhã. — Mas eu estou. E quer você reconheça isso, quer não, sou a duquesa, e de agora em diante estará lidando comigo. Sra. Clopton, traga-me os livros.

Um murmúrio correu pelos criados, e a sra. Clopton empertigou-se, encarando-a.

— Não acho que isso será necessário.

Miranda manteve a voz calma, mas firme:

— Eu acho. A menos que haja alguma razão para que você não queira mostrá-los. — Ela esperou.

— Quando a antiga duquesa estava viva…

— Nunca checava os livros também, eu suponho. Durante quantos anos, sra. Clopton, você vem desviando as contas da casa? Economizando na comida e nos empregados e enchendo seus bolsos. — Era um tiro no escuro.

— Quem você pensa que é para me chamar de ladra?! — Sra. Clopton atirou de volta. — E você, infiltrando-se nesta casa. Como não deveria. Tentando se passar por uma duquesa.

A sra. Clopton também estava atirando no escuro, e Miranda lutou para não mostrar o quão perto do alvo seus tiros estavam chegando.

— Eu não sei o que você é, mas não tem qualidade.

— Porque não a deixarei roubar o duque?

A governanta retrucou:

— Servir-se do que eles não precisam não é nenhum grande crime. Mas roubar um título…

— Está despedida! — As palavras que saíram de sua garganta soaram como um rugido digno do duque ausente. — Espero que tenha pego o suficiente, sra. Clopton, para que dure um bom tempo. Quero-a fora desta casa antes do meio-dia.

Miranda ignorou os suspiros e as lágrimas dos empregados atrás de si.

— Wilkins?

O mordomo havia se juntado à plateia em algum momento e deu um passo à frente em resposta.

— Cuide para que esta senhora encontre seu caminho para fora desta residência. Depois reúna os empregados no hall de entrada. Desejo falar com eles.

— Sim, Vossa Graça. — Ele pareceu confuso, mas as palavras eram o que interessava, e não as aparências. E ele obedeceria a uma ordem. Tinha de fazê-lo.

OS SENHORES Binley e Binley eram amigos e advogados da família desde o primeiro duque, quando os dois nomes na tabuleta pertenciam aos ancestrais do homem que se encontrava agora no escritório. O Binley mais velho estava aposentado, mas seu filho Claude mantinha o nome na tabuleta por respeito e simplicidade. Depois de muitos estudos em Oxford, haveria um novo Binley no escritório, e não seria necessário pintar de novo a tabuleta.

Claude acompanhou Marcus pelo escritório com painéis de carvalho e o fez sentar-se em uma cadeira de couro pesada antes de acomodar-se em sua própria cadeira atrás da enorme escrivaninha.

— E a que devo a honra, Vossa Graça?

— Tenho um problema, Claude.

— Então, nós temos um problema. Como devo sempre lembrá-lo, não pense que precisa enfrentar esses assuntos sozinho.

— Este eu preciso. É necessária total discrição.

— Discrição é meu lema.

Marcus sorriu. Houve momentos em Oxford em que a discrição era a última coisa que ele buscaria na companhia de Claude.

— Há uma dama envolvida.

— St. John? — Claude Binley alcançou o talão de cheques no canto da mesa.

— Acredito que não.

Claude relaxou na cadeira.

— Desta vez, eu é que estou intimamente envolvido.

O corpo de Claude moveu-se em alerta.

— Você, Marcus? Muito surpreendente. Estou aliviado por você ser cauteloso a esse respeito.

— Ao contrário dos duques de Haughleigh anteriores? — Marcus tornou a sorrir.

— Sua família conseguiu se encontrar em situações complicadas nas últimas gerações.

— E sua família nos tirou delas.

— Mas você? Achei que depois de… — Claude parou no meio da frase antes de ultrapassar os limites da amizade e das relações de trabalho. — Bem, você não tem sido um problema pelos últimos dez anos.

— E esperava passar outros dez na mesma posição. Essa situação, em particular, caiu na minha porta há uma semana. Parece que me encontro

amarrado.

— Casado?

— Mas não legalmente.

Claude engasgou com o chá.

— Com uma completa estranha. — Marcus andou em volta da mesa e bateu nas costas do advogado, enchendo a xícara dele.

— Chá não. — O advogado arfou. — Tem uísque na garrafa atrás da prateleira.

— Tão cedo?

— Quando a situação pede. Sirva-se também e explique.

Marcus foi até a garrafa e serviu uma boa dose nas duas xícaras de chá. Atrás dele, Claude murmurou:

— Sabia que você era bom demais para ser verdade. Meu pai me alertou sobre os Haughleigh. E pensei que talvez pudéssemos pular uma geração. Ou que a bagunça se limitaria ao seu irmão velhaco.

Sorrindo, Marcus ofereceu-lhe a xícara.

— Não podemos nos livrar totalmente da hereditariedade, Claude. — E contou a história do começo, desde o pedido de sua mãe até o encontro com Miranda na sala de estar.

Claude estava sentado com uma expressão intensamente concentrada. Quando a história acabou, estendeu a mão para o talão de cheques de novo.

— A solução para esse problema é simples. Pagamento substancial. O bastante para colocar a jovem em uma posição confortável, de preferência em algum lugar bem longe.

— Mas e se ela for uma senhora distinta como a carta alega?

— Então poderá mandá-la de volta ao lar, onde irá isolar-se.

— O casamento?

— Não é legal. Ou foi consumado. Quebra de promessa talvez. Mas duvido que chegue aos tribunais, uma vez que foi armado para que você fizesse uma oferta. Algumas libras a mais devem calar qualquer reclamação.

— E a chantagem?

— Já teria vindo à tona se a acusação fosse séria. A alegação, qualquer que seja, tem quarenta anos e foi feita contra uma mulher morta.

— Mas quero saber qual foi o escândalo. E se essa garota foi prejudicada por ele…

— Então, não foi culpa sua. Se realmente quer meu conselho, Marcus, compre o silêncio dela. Se tivesse vindo a mim mais cedo, eu teria lhe dito para mandá-la de volta. Se uma família se importasse com a reputação dela nunca a teria enviado a você, e quando ela chegou…

— Encontrou St. John. Se eu não a tivesse tomado, não sei o que poderia ter acontecido àquela jovem com ele ali, pronto para oferecer ajuda. Em minha própria casa. Deveria ter esperado para ver?

— Se tivesse seguido meu conselho sobre St. John, o teria cortado há muito tempo. Ele continua a ser um problema porque você continua a pagar as contas dele. E agora seu coração mole e sua mente gentil combinaram-se para que aportasse aqui.

Marcus endireitou-se na cadeira, mas antes de conseguir falar, foi cortado pelo advogado:

— Desculpe-me, Vossa Graça, por falar tão abertamente. — Seu tom não era de desculpas em absoluto. — Mas se não deseja seguir meus conselhos, então me dê instruções. O que exatamente quer de mim nessa situação? Parabéns pelas núpcias? — Seu olhar era frio e direto, e os dedos tamborilavam na beirada da mesa esperando pela decisão de Marcus.

— Quero…

O que ele queria? Tomar uma decisão sábia que beneficiasse a todos e não apenas salvar a própria pele. Ser um homem melhor que seu irmão. Ou seu pai. Ou os outros Haughleigh de outras gerações, homens que escolheram deliberadamente loucuras e interesses próprios acima das necessidades alheias.

— Quero saber a verdade sobre esse caso. Quero saber de onde Miranda Grey vem e que papel minha mãe teve em sua vida. Se houver mesmo algum dano, se ela precisar de minha ajuda em qualquer coisa, desejo assisti-la. — Respirou e continuou: — E quero a emissão de uma licença de verdade.

Claude explodiu:

— Você não quer, de fato, tornar esse casamento legal, quer? Não posso conduzir o progresso de tal ação Vossa Graça. É loucura.

— Dei-me, por acaso, melhor quando me casei por amor? Além do mais, voltei para ficar, e há muito trabalho a ser feito. Teria de resolver o problema do casamento e da sucessão logo. St. John anda xeretando pela casa, bebendo meu conhaque e esperando que eu engasgue com uma espinha de peixe. O serviço da casa está uma bagunça, e não tenho ideia de como ajeitá-lo. Essa Miranda Grey pode ser uma caçadora de dotes, mas, por Deus, ela aprenderá sobre seu destino se decidir ficar. Quando eu voltar, em duas semanas, se ela ainda não tiver fugido de desespero ou se trancado em seu quarto, ou se eu não tiver encontrado evidência de que ela está além da aceitação, talvez não seja a pior decisão tornar a situação permanente e mantê-la.

— Marcus, você fala como se tivesse contratando uma governanta.

— Pelo menos não estou maluco em ficar caçando amor eterno e felicidade divina. Não sou mais o bobalhão que costumava ser, Claude, chorando por meu

coração partido e meus sonhos despedaçados. As mulheres são todas iguais depois que as luzes se apagam. Nunca pensei que diria isso, mas minha mãe estava certa. Se a garota é casta e tem vontade, poderia ser pior. Pelo menos não deu nenhuma indicação de ser uma *socialite* de cabeça vazia. Nem propensa às lágrimas falsas ou risinhos bobos.

Ele sorriu enquanto formava a imagem de sua nova esposa na mente e quase pôde sentir o peso dela em seus braços ao carregá-la para o quarto. A próxima vez que a carregasse para lá seria diferente.

— Não, Claude. Se eu não encontrar um defeito grande, tenho intenção de ficar com ela. — Colocou as cartas da chantagem na mesa. — E quero que me direcione em minha busca pela família dela.

CAPÍTULO 8

Marcus entrou na terceira papelaria do dia, com um crescente sentimento de desespero. Talvez Claude estivesse certo quando ofereceu fazer as investigações ele mesmo, mas, desde que não sabia o que poderia encontrar no fim da jornada, preferira fazer ele próprio o trabalho.

E descobrira que havia, na verdade, uma *lady* Miranda Grey, com 23 anos de idade, filha de Sir Anthony, mas ambos não eram vistos havia anos. Sir Anthony dilapidara a fortuna da família depois da morte de sua esposa, e havia rumores de que fugira na surdina para o continente como um covarde sujo ou tranquilamente metera uma bala nos miolos. O que restou dos bens da família fora vendido em leilão anos atrás, mas a filha não estivera presente. Não havia família conhecida, embora houvesse menção sobre uma tia ou mulher parente de alguma espécie ter aparecido e reclamado pela garota. O nome *lady* Dawson não aparecia em nenhum dos registros que acompanhavam, nem era familiar para aqueles que foram indagados.

Olhou imperiosamente para o dono da papelaria à sua frente e tentou esconder qualquer esperança que pudesse sentir pelo resultado da visita. Seu título era suficiente para fazer o homem apressar-se em atendê-lo de olho no que esperava que pudesse ser um pedido lucrativo.

— Como podemos ajudar Vossa Graça?

— Casei-me recentemente e precisarei de uma grande variedade de coisas. Proclamações. Cartões de visita para minha esposa, assim como papel de carta para ela. Com monograma. E um marcador de linha d’água. O brasão da família. Poderia providenciar isso?

— Claro, Vossa Graça. — O homem estava absolutamente babando diante da perspectiva.

— Vi recentemente um finíssimo papel de cartas postadas para minha falecida mãe e estou procurando os fornecedores dos papéis em questão. Seria capaz de identificar por meio dos papéis de carta que forneceu a outros de modo que eu pudesse saber a loja correta que comprou? Tentei diversas, mas não fui bem-sucedido.

— Não teria sido mais fácil simplesmente perguntar a quem enviou as cartas pelo endereço?

Marcus respondeu com um olhar tão frio que o homem logo arrependeu-se de ter perguntado.

— Mas é claro, se for meu trabalho, reconheceria os papéis. Talvez… se eu pudesse ver as cartas…

Marcus colocou o maço de notas de chantagem sobre o balcão diante dele.

As sobrancelhas do homem arquearam-se.

— Todas com a mesma assinatura e tinta, e todas em papéis diferentes.

Marcus disse:

— O conteúdo das notas não lhe interessa. É o papel que estou investigando.

O homem pigarreou.

— As palavras, é claro, não dizem respeito a mim, mas acho a tinta interessante. Não particularmente uma boa marca para o papel. E quem escreveu pode ter feito com uma pena nova. Posso? — Ele pegou as missivas.

Marcus assentiu.

O homem as segurou e olhou contra a luz.

— Três diferentes linhas d'água. Conheço estas duas. São meus clientes. A terceira é de uma loja em Bond Street, mas reconheço o brasão do cliente. O quarto? — Deu de ombros. — Não combina com os outros. É de boa qualidade, mas papel comum, disponível na maioria das lojas em Londres. Como acontece, reconheço o monograma impresso, que foi apagado aqui no alto da página. Quem escreveu parece ter tentado disfarçar a origem do papel. Este foi vendido pela nossa loja para um cidadão. Um proprietário de fábrica, acredito. — Depositou as cartas de volta sobre a mesa. — É informação suficiente, Vossa Graça? Não faria nada para prejudicar a privacidade de meus clientes.

Marcus riu de um modo expansivo que indicava o ouro a chegar.

— É claro, não iria querer prejudicar ninguém. Se eu escolhesse comprar aqui, gostaria de saber que meus negócios permaneceriam em segredo. — Ele recolheu as cartas e amarrou-as, fazendo-as desaparecer no bolso de seu sobretudo. — Mas estou curioso de um ponto. Estes clientes moram na vizinhança de sua loja?

O homem sacudiu a cabeça.

— Na verdade, não. Não são clientes frequentes. Se Vossa Graça me der um momento, poderia talvez encontrar os endereços deles. Seriam importantes as referências?

Marcus sorriu mais calorosamente. O homem inventara a mais convincente mentira que podia criar.

— Referências — disse Marcus. — Seria muito útil. E, enquanto você se ausenta, se eu puder ver um livro de amostras, começarei a fazer minhas seleções.

Marcus deixou a loja, fazendo um pedido por mais papéis de carta que ele e sua nova duquesa seriam capazes de usar em muitos anos.

E um mapa de Londres e das vilas adjacentes, onde os lares de três lordes menores e de um cidadão jaziam dentro de um raio de três milhas de distância

entre si.

Não era muito. Não havia garantia, mas isso lhe dava um lugar para procurar a misteriosa Cecily Dawson.

CAPÍTULO 9

Os empregados estavam diante dela, aterrorizados. Obviamente, tinham ouvido os contratempos no andar de baixo e estavam todos esperando que a próxima demissão fosse a de um deles.

Miranda tentou voltar um olhar frio e indiferente.

— Todos já sabem o destino da sra. Clopton. Isso, é claro, causará certa apreensão entre vocês, mas… — Pausou para passar pelo madeiramento e limpar uma mancha com seu lenço — me importo mais com o estado das coisas no andar de cima, e duvido que alguma coisa que fiz pudesse criar maior desordem do que já existia aqui. — Sorriu. — Minhas dificuldades com a governanta anterior foram baseadas exclusivamente nos erros nas contas e no estado da casa. Presumo que essas questões estejam solucionadas agora. Se estiver enganada, quero que vocês venham a mim para que possamos alcançar a solução. Substituirei a sra. Clopton em breve, e nos arranjaremos da melhor maneira possível até a substituição. Nesse ínterim… — Apresentou uma lista de tarefas. — Gostaria que começassem no hall de entrada e continuassem por toda a casa com uma total limpeza. Escrevi o procedimento que seguirão e alguns dos produtos de higiene que quero que usem.

Os olhares cautelosos nos rostos dos empregados foram substituídos por um ressentido respeito.

— E, já que faz muito tempo que nada é feito de maneira apropriada, acredito que será preciso mais ajuda. Jenny? — Ela acenou para a empregada chefe da sala de estar. — Você conhece alguém na vila que precisa trabalhar? Irmãs mais velhas? Tias?

Jenny informou que podia conhecer algumas garotas e foi mandada à vila para buscá-las. O restante das mulheres foi dividido em grupos e começou a seguir as tarefas da lista em cada sala de recepção. Uma vez que tudo estava encaminhado, Miranda achou seguro retirar-se para o estúdio e esperar que pudesse encontrar alguma maneira de pagar as despesas em que estava prestes a incorrer.

Sentou-se diante da escrivaninha. A escrivaninha de seu marido, pensou ela, nervosa, então se propôs relaxar. A cadeira giratória era imponente, mas confortável. Própria para um duque.

Deixou uma sonhada sensação de poder envolvê-la e pressionou as palmas das mãos contra a superfície de mogno à sua frente, inspecionando o estúdio. Era mais limpo do que o resto da casa. Talvez a sra. Clopton fosse incapaz de desafiar o duque de um modo tão óbvio. A escrivaninha estava sem papelada, o

vidro de tinta, bem cheio, e as penas das canetas, limpas e de boa qualidade. Era um espaço para trabalho ordenado e confortável. Seu marido devia passar muito tempo ali quando se encontrava na propriedade.

Num impulso, puxou uma gaveta esperando encontrá-la trancada. A gaveta deslizou facilmente, e Miranda a vasculhou.

Colocada no alto de um maço de papéis, como se tivesse sido apressadamente descartada, estava uma folha de papel com um recado.

Letra firme, não apressada. Miranda ouvira que era possível conhecer a alma do escritor pelo modo como ele formava as letras. Se fosse assim, seu novo marido era — ela estudou o papel — forte. Decisivo. Não havia na escrita o traço de raiva que vira nele.

Ela leu as palavras. Havia uma pequena lista de suprimentos, ou para a propriedade ou os inquilinos, não soube dizer. Números certinhos em sequência escritos sem hesitação. E próximo à parte inferior da página, uma observação para ligar para o vigário na primeira hora da manhã. Ela sorriu. Ele escrevera aquilo na noite em que ela chegara. E, embaixo disso, estava uma simples palavra: Miranda.

Ela quase pode ouvir o som da palavra, como se ele estivesse ali, falando com ela. E como era estranho, porque o tom de voz que imaginava não era o que ouvira dele na realidade. A voz que imaginou era suave e convidativa, e cheia de promessa.

Um suave pigarrear vindo da direção da porta indicou a presença de Wilkins.

— Vossa Graça?

Ela deslizou a gaveta e a fechou, encarando o mordomo.

— Sim, Wilkins?

— Tenho uma coisa que… — Ele deixou caírem as mãos para os lados, em defesa. — Receio que preciso avisá-la, madame.

Oh, meu Deus. Ela temera que aquilo pudesse acontecer, mas poderia suportar a perda de ambos os empregados?

— Estou certa de que o duque ficaria muito decepcionado em perder você, Wilkins. Qual é a razão de tão súbita decisão?

— Achei, Vossa Graça, que uma vez que a senhora tomou as rédeas da propriedade, pediria a mim que fosse embora. Estou apenas lhe poupando o trabalho.

— Aprecio sua honestidade. E o fato de vir a mim. A despeito do que acabei de dizer aos empregados, o problema com a sra. Clopton… — Suspirou fundo — não é tanto o crime, que é ruim o bastante, certamente, mas a atitude desrespeitosa. Como posso governar uma casa onde a governanta pensa que sou boba o bastante para ficar intimidada em aceitar as horríveis desculpas dela?

Miranda olhou firmemente para o mordomo.

— Há alguma coisa que você gostaria de discutir, Wilkins?

— Madame, quando fizer um levantamento das adegas, descobrirá que há muito de que tenho de dar conta.

— E não há maneira de compensar a diferença?

— Nada em que eu possa pensar, madame. Posso ser franco?

— Por favor, seja.

— Os ordenados nesta casa há muito têm sido a conversa do distrito. A senhora encontrará dificuldade em substituir a governanta quando souberem o que é oferecido e o que é esperado. E meu próprio ordenando, mesmo suplementado por um ocasional roubo de garrafa de conhaque, é insuficiente para minhas necessidades e para servir Vossa Graça.

Ela levantou a mão para ele.

— Não falemos mais sobre sua saída agora, Wilkins. Não é, certamente, um problema que precisa ser lidado antes da volta do meu marido.

Houve uma batida educada, e a camareira enfiou a cabeça na abertura da porta.

— Vossa Graça? Algo horrível aconteceu na sala de jantar. Venha rápido.

Teria o primeiro dia de seu novo regime de trabalho sido arruinado por um acidente? Teria alguém caído da escada? Esquecera-se de checar a estabilidade dela antes de mandar o lacaio descer os lustres para a limpeza.

Quando entrou na sala de jantar, viu que o problema era muito pior, pelo menos aos olhos das empregadas.

— Tentamos o produto que sugeriu para as paredes, mas veja o que aconteceu.

Estavam todas enfileiradas em obediência no fim da sala, esperando para serem despedidas.

Miranda olhou para a seda que cobria as paredes e ficou chocada. O carneiro que estivera pastando no verde da colina estava totalmente destruído. O pastor que estivera olhando em adoração para suas pastoras continuava lá, mas seu sorriso fora substituído por um olhar de soslaio escorrendo, antes que as empregadas considerassem um péssimo trabalho e pedissem ajuda.

— Pintado à mão — ela murmurou, ofegante. — Teria sido melhor um papel de parede comum, mesmo que fosse seda padrão.

— Apenas fizemos o que Vossa Graça pediu. — Não havia traço de sarcasmo no comentário, somente medo. A pobre garota estava esperando que ela explodisse.

— Sim, é claro que fizeram. Foi culpa minha não pensar na superfície a ser limpa antes de qualquer sugestão. Não há nada a fazer agora. Temos de substituir as coberturas das paredes. Por favor, continuem limpando as janelas, os

assoalhos, a lareira. Mas não se preocupem com as paredes até eu pensar no que pode ser feito.

Miranda caminhou pelo hall até seu quarto. O que podia ser feito era ter uma enxaqueca sozinha em seu quarto. Ela teria de pedir nova seda das lojas na vila. Duvidava que tivessem algo apropriado. Algo podia ser trazido de Londres. E ela não tinha nenhum centavo no bolso e nenhuma ideia de como conseguir dinheiro.

Sorriu para si mesma. Se era uma duquesa, então talvez não precisasse mais de dinheiro. Não conseguia se lembrar, nas saídas com sua mãe, de alguma vez ter visto uma moeda mudar de mãos. Mesmo depois que o dinheiro acabou, os donos de lojas lhes davam créditos por causa do título de seu pai, por mais baixo que fosse.

Tudo que ela precisava fazer era ir até a cidade, encontrar uma amostra apropriada e ponto-final. Aquilo seria entregue na data devida e poderia ser pendurada nas paredes antes que seu marido retornasse para encontrar o erro.

Ele ficaria, é claro, zangado, mas nos dois dias em que o conhecera, o duque ficara zangado sobre tantas coisas que ela duvidava que uma a mais fizesse diferença.

A CEIA daquela noite foi muito diferente do que fora o café da manhã.

Depois de uma curta soneca, Miranda se compusera e retornara para a cozinha para confrontar a cozinheira. A mulher tinha sido cautelosa no início, mas, quando lhe disseram que podia escolher os próprios ingredientes e pedir o que era preciso para desfazer a penúria artificial criada pela sra. Clopton, ficou muito feliz com a mudança.

Miranda, por insistência de Polly, permitiu que seu cabelo fosse arrumado e mudou sua roupa para a única vestimenta decente para a ceia.

O vestido era de cetim cor de vinho que tinha sido muito mais fresco 15 anos atrás, quando fora um dos trajes de baile de Cici.

Elas haviam cortado as mangas bufantes, removido grande quantidade da saia para esconder os pontos gastos e acrescentando alguma renda de outro vestido, para criar algo quase apresentável.

St. John a encontrou à mesa de jantar e beijou-lhe a mão.

— Encantadora como sempre, minha querida. Você parece adorável esta noite. — E olhou por cima do ombro, para a destruição nas paredes. — Deus amado, o que aconteceu aqui?

Ela se sentou e tomou um grande gole de vinho antes de falar:

— Meu primeiro ato hoje, como duquesa, foi despedir a governanta. O

segundo foi destruir a sala de jantar, tentando limpá-la.

— As coberturas da parede — disse ele — foram importadas da França pelo segundo duque.

— Caras? — perguntou ela.

— Insubstituíveis.

— Oh… E o que o atual duque deverá dizer quando perceber que elas desapareceram? — Ela conteve a respiração.

— Desconfio de que você me terá feito um grande favor. O ataque de apoplexia de Sua Graça a deixará viúva e me fará o quarto duque. Então, eu a absolverei de qualquer culpa. Eles eram terrivelmente feios para todo esse valor. — Inclinou-se para a frente e apagou diversas velas de sobre a mesa, escurecendo os cantos da sala. — E dificilmente visíveis agora. Não ficou muito mais íntimo o ambiente?

Ela riu, mesmo sem vontade. St. John parecia satisfeito e continuou a diverti-la durante o jantar.

DEPOIS DA refeição, ele se levantou e ofereceu-lhe o braço.

— Gostaria de se retirar para a sala de estar, Vossa Graça? Ou prefere um passatempo mais interessante? Poderia lhe mostrar a casa, se quiser.

— Estaria escuro nos quartos não usados — protestou ela.

— Então, os criados podem ir à frente e iluminar nosso caminho. É trabalho deles, afinal de contas, Miranda, seguir suas instruções, mas suponho que nos limitemos a um único quarto. Acrescentará conhecimentos a você e não incomodará os criados excessivamente se passarmos a noite na galeria de retratos.

— Essa é uma excelente ideia, St. John.

Ele tocou a sineta, chamando o mordomo, explicou as necessidades deles e, então, acompanhou-a para uma sala longa no segundo andar. Uma vez lá, entreteve-a com histórias de seus ancestrais. O primeiro duque ganhou o título depois de uma batalha. Seu filho, o louco segundo duque. O pai deles, que foi morto num acidente de carro quando os meninos eram jovens. Parou diante do retrato de sua mãe e pareceu fazer em respeitoso silêncio.

Miranda olhou para o rosto na pintura. Definitivamente, mãe de St. John, com os mesmos olhos azuis reluzentes, mas com cabelo tão loiro que parecia quase branco. Ela era tão bonita quanto Cici dissera, e Miranda procurou por alguma indicação de que a mulher fosse uma ameaça, mas não pôde encontrar nenhuma. Não havia nada no seu rosto que não mostrasse doçura e luz.

Ela comparou a mãe ao retrato de seu novo marido. Mesmo para um retrato,

ele não esboçara um sorriso. A pintura na frente dela devia ser antiga. O cabelo não estava grisalho, e o rosto tinha poucas linhas de rugas, mas o olhar era o mesmo olhar intenso que vira. Olhos que não perdiam muito, pensou. Eles a estavam julgando quando parou na frente deles, segurando-a e olhando fundo dentro da sua alma.

Miranda deu de ombros. Se ao menos Marcus sorrisse para ela, talvez o efeito não fosse tão perturbador. Houvera bondade no rosto dele durante o casamento. E quando ele a pusera na cama na noite anterior. Ele não parecera em absoluto amedrontador quando ela sentiu um calor protetor irradiando dele. Talvez, quando ele retornasse de Londres, as coisas se mostrassem diferentes.

Se voltasse.

Ela afastou o olhar do marido e deu alguns passos pela galeria onde St. John estava em pé diante de um retrato de outra mulher bonita. Quando se voltou da pintura e olhou para ela, havia uma lágrima no seu rosto.

— Desculpe-me — sussurrou Miranda. — Não quis interromper.

— Tudo bem, Miranda querida. Fui eu que a trouxe aqui e, então, fui rude o suficiente para esquecer este fato.

Ela olhou para a pintura que ele estivera admirando. Era de uma bonita mulher loira num vestido rosa. Mas beleza era uma palavra muito suave. A mulher era radiante. Seu cabelo era dourado, e as faces tinham uma coloração delicada cor-de-rosa. Seus seios eram altos, redondos e delineados contra a curva do seu corpete. Sua altura deveria ter sido quase uma cabeça abaixo da cabeça de Miranda. Mesmo assim, a pintura era maior do que o tamanho natural, e ela sentiu-se uma anã diante dela.

— Esta é Bethany. Foi a mulher mais adorável que já ornou esta casa.

— É uma ancestral? — Mesmo enquanto dizia isso, Miranda a analisou. O vestido era só levemente fora de moda. Aquela mulher devia ser contemporânea dela.

— Não ancestral minha. Mas você tem muito em comum com ela. Vocês compartilham um marido. Bethany foi a primeira mulher de meu irmão.

Miranda olhou estupefata, em silêncio. Não era de admirar que ele ficara zangado em encontrar-se atado a uma galinha desleixada depois de perder aquele anjo.

— E ela morreu ao dar à luz? — Ela podia ver como foi possível: os quadris estreitos da jovem no quadro dificilmente pareciam grandes o suficiente para suportar um bebê.

— Isso é o que eles dizem. — A voz dele era estranhamente calma.

Ela olhou para o cunhado com curiosidade.

— Você tem alguma razão para duvidar da história?

— Oh, ela morreu de parto, sem dúvida, mas sempre pensei… — Ele suspirou. — Se tivesse casado feliz, o fim poderia ter sido diferente para ela.

— Ela era infeliz?

Parecia tão estranho uma mulher como aquela não ter sido feliz.

O sorriso de St. John foi de lábios fechados.

— Você conheceu meu irmão, Miranda. E viu seus modos. Casá-los foi como atirar uma borboleta numa tempestade. Eles estavam casados havia menos de um ano quando Bethany morreu, mas seu espírito voara distante antes que seu corpo a tivesse destruído.

— Mas por quê?

— Por que ela se casou com ele? — St. John suspirou. — Por que qualquer mulher escolhe meu irmão? Seja honesta, minha querida. Pela mesma razão porque você veio até ele.

Desespero, pensou ela amargamente.

St. John continuou como se uma resposta tivesse sido solicitada:

— O título. Meu irmão é um homem poderoso e rico. Há muita tentação nisso. E Bethany tinha muito a oferecer. — Ele pausou, olhando para a pintura atrás de si. — Este retrato não faz justiça a ela. Os olhos eram mais azuis do que os do retrato. O cabelo, mais dourado e macio como seda para tocar. Ela cantava como um anjo, e sua risada era música. E era delicada. Olhar para Bethany fazia você pensar em uma taça de cristal. — O olhar dele endureceu. — Meu irmão a viu uma vez e soube que precisava tê-la. Ela ficou deslumbrada pela riqueza dele e foi para seus braços.

O corpo de St. John ficou tenso.

— E quando eu a vi, alguns meses depois do casamento, ela estava desesperada para ir embora. Ele a aterrorizava. Quando penso nela, suave como uma pétala de rosa, nas mãos daquele… — Engasgou na última palavra, não querendo ou incapaz de dizer o que pensava. — Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Tinha somente 18 anos e nenhum poder, nem dinheiro para oferecer. — Ele agarrou-a pelos ombros e a girou para que o encarasse. — Eu não cometeria de novo esse erro, Miranda. Meus meios são limitados, mas, se você precisar deles, tudo que tenho é seu para comandar.

Ela lutou por uma resposta. Em primeiro lugar, na sua mente, estavam as palavras *tarde demais.*

— Se você tinha um aviso, ontem teria sido uma hora melhor do que hoje.

— Ontem, meu irmão estava ainda na casa, e os empregados o obedecem, não a mim. Ele foi embora, e agora posso falar livremente. Diga a palavra e eu a ajudarei a fugir, e você poderá estar longe antes que ele retorne.

Fugir para onde? Não havia lar para voltar, nem amigo para aceitá-la.

— Não estou com medo do duque — Miranda mentiu.

Pelo menos com o treino de Cici e a advertência de St. John, ela não entraria no casamento com a cabeça tão vazia quanto a falecida Bethany. Palavras rudes não deixam marcas, e machucados saram. E se o duque a tratasse mal, ela cruzaria aquela ponte quando chegasse a ela.

— Agradeço-lhe por seu bondoso oferecimento e me lembrarei disso se precisar de você, mas estou certa de que não precisarei.

CAPÍTULO 10

Marcus olhou para a pintura desbotada na tabuleta da estalagem: O Braço Direito do Duque.

Soava promissor. De sorte, se é que acreditava em sorte. Mas a pintura, que era de um braço desmembrado sobre um fundo coberto de grama, estragava a imagem que ele queria de um lugar que pudesse oferecer ajuda e socorro. Teria sido sua última opção se precisasse de uma cama para passar a noite, ou um drinque, para tal efeito. As janelas eram sujas, e a porta, repulsiva. Era sua última escolha agora, uma vez que visitara todas as outras estalagens na área.

Um interrogatório gentil aos estalajadeiros revelara um total conhecimento das grandes casas da área e seus habitantes. Todos conheciam os lordes locais e suas famílias. Se combinasse a informação obtida de vários lugares com as do hospedeiro, teria uma boa ideia das idas e vindas dos hóspedes na região. Pequenas quantias de ouro, distribuídas entre os moços da estrebaria e os cavalariços, disseram-lhe tudo que havia para saber sobre quem visitara quem e o que os levaram a chegar até ali.

E ninguém, em lugar algum, sabia nada sobre Miranda Grey ou Cecily Dawson. Ou reconhecia a vaga descrição que ele podia dar de uma mulher nos seus 50 e tantos anos e sua alta protegida.

Elas não eram membros de nenhuma das famílias. Não tinham estado em nenhuma das estalagens em ocasiões correspondentes às datas nas cartas. Não tinham sido vistas viajando. Aparentemente, não residiram em nenhum dos lugares que Marcus visitara.

Sem ter mais como barganhar em frente às portas em troca de perguntas e exigências em saber como Cecily viera, pelo seu material escrito, havia pouca esperança naquela direção.

Aquela era sua última chance. Uma estalagem indecente numa vila miserável que era pouco mais do que um amontoado de cabanas para trabalhadores do moinho têxtil próximo, administrada pela cidadã cujo papel de carta ele mantinha dobrado no bolso. Não era o lugar onde ele queria encontrar informação sobre sua nova esposa, mas fazia um sentido irritante. O papel de carta do dono da fábrica fora usado para escrever a última das cartas para sua mãe. Se a pessoa que escrevera trabalhara duro para criar uma boa impressão na primeira carta, talvez ela tivesse agarrado o que estava mais à mão quando escreveu a última.

O duque abriu a porta encardida e entrou no bar da estalagem, e todos os rostos se voltaram para ele. A onda de desdém dos demais clientes era palpável.

Seguiu em frente e pegou uma cadeira, olhando para trás e os desafiando com sua estranha presença. Passou pela sua mente que ninguém conhecia nada sobre ele, e sua bolsa estava perigosamente pesada. Se não ficasse muito atento quando saísse, era provável que acabasse sua procura recebendo uma pancada na cabeça e atirado na sarjeta.

A garçonete lhe deu um olhar mal-humorado, não se preocupando em ser agradável ou desdenhosa. Pelo visto, ela sentiu que a oportunidade de ganhar algumas moedas de cobre de gorjeta não valia o esforço.

Sem indagar o que ele queria, pôs um copo de cerveja amarga na frente de Marcus.

— Se quiser algo mais, vá ao balcão. Lá você verá o que temos.

Marcus agarrou-lhe o pulso quando ela se virou para se afastar.

— Talvez você possa me ajudar. Estou procurando por duas mulheres.

Ela puxou o braço do aperto dele.

— Eu disse, isso é tudo que servimos. Não obterá nada mais de mim.

— Peço desculpas pela intimidade. — Ele tentou parecer tão inofensivo quanto possível. — Não preciso de nada além de informação.

— Encontrará pouco disso aqui. — Seu olhar nunca hesitou. — Mas posso lhe dar um conselho. Servimos cerveja. Está na sua frente. Beba e volte para o lugar de onde veio.

Ele colocou uma moeda de ouro tirada da bolsa sobre a mesa na frente dela, que olhou para a moeda avidamente.

— Cecily Dawson ou Miranda Grey. Alguma vez ouviu estes nomes?

Por um momento, os olhos dela brilharam por algo mais que luxúria pelo ouro. Então ela voltou para o bar e murmurou alguma coisa ao *barman*. Ele deu um olhar na direção de Marcus e conversou em tom baixo com a garçonete. A garota estava tentando persuadi-lo a algo, e ele meneava a cabeça. Ela insistiu. Por fim, ele deu de ombros e caminhou em direção da mesa.

Sentou-se em frente a Marcus sem pedir licença e recolheu a moeda, atirando-a para a garota.

— Você é um homem corajoso, nobre senhor, vindo aqui sozinho fazendo perguntas que não lhe dizem respeito.

Marcus deixou o título escorregar sem responder.

— Como sabe que as duas mulheres não me dizem respeito?

— Pessoas como vocês raramente têm negócios com pessoas nossas. E quando têm, nunca são boas notícias.

Nossas? Então ele as conhecia. Marcus manteve o rosto impassível.

— Não tenho intenção de prejudicá-las. Já conheci Miranda. Apenas queria satisfazer minha curiosidade sobre certos eventos no passado dela antes…

Antes do quê? O que poderia ele dizer que não revelaria muito?

— …de finalizar a posição dela.

— Se são referências que quer… — O homem deu de ombros —, posso dá-las tanto quanto qualquer um. Ela é uma trabalhadora árdua e honesta.

Uma garçonete?

— Pergunte em qualquer das casas na área e as governantas assegurarão que é uma boa garota. — O homem olhou para ele. — E é melhor não estar oferecendo nenhuma posição menos decente que ajudante de cozinha. Porque, se estiver, os rapazes o levarão para fora para curá-lo dessa ideia.

— Nada indecente, asseguro-lhe, senhor. E *lady* Dawson? Onde posso encontrá-la?

— Pensei que seu negócio fosse com Miranda.

— Mas quero agradecer a *lady* Dawson por mandá-la para mim — mentiu ele. — Ela foi amiga de minha mãe há tempos.

O homem olhou para ele, longa e duramente, como se procurando uma falha na sua compostura.

— E se minha intenção for prejudicá-la, ela poderá sempre enviar os rapazes — acrescentou Marcus. — Estou, como percebe, sozinho aqui, confiando na sua boa reputação, para atingir com segurança meu objetivo.

O homem suspirou.

— Se estiver mentindo, cavalheiro, será uma caminhada totalmente inútil depois deste tempo todo. Não há dinheiro ali. Você sairá com as mãos vazias, mas se veio pela pequena Miranda, eles ficarão satisfeitos em dar notícias. — Ele apontou para a rua e deu a direção para o lugar no lado oeste da vila.

— Obrigado. — Marcus deslizou outra moeda sobre a mesa e o homem olhou para ela por minutos antes de pegá-la e colocá-la no próprio bolso.

CAPÍTULO 11

Miranda olhou para o operário na escada e resistiu à vontade de supervisioná-lo. A remoção das velhas pinturas da parede não era trabalho seu, assim como a limpeza dos lustres. Mas se passara tanto tempo desde que algumas das tarefas domésticas tinham sido efetuadas que o processo fora difícil, e depois do estrago da seda nas paredes da sala de jantar, ela sentiu necessidade de tomar parte ativa na maioria dos trabalhos. Eram somente 11h, e Miranda já estava exausta. E com coceiras, como se uma fina camada de fuligem cobrisse seu corpo. A limpeza estava sendo feita havia uma semana, e ela notou com satisfação que a melhora estava começando a aparecer. Quando e se seu marido errante voltasse para casa, ele ficaria bastante satisfeito.

— Não está ainda trabalhando aqui, está? — St. John aparecera por detrás dela, girando-a para encará-lo.

— Tudo precisa ser feito — disse ela e desvencilhou-se do aperto das mãos dele. — A casa estava extremamente descuidada.

— Precisa ser feito, claro, mas não por você. Duvido muito que meu todo poderoso irmão ficasse satisfeito em ver sua nova esposa atuando como uma ajudante de cozinha.

Ela deixou aquilo passar em silêncio, uma vez que não havia indicação de que seu marido ficasse satisfeito em vê-la realizando qualquer tarefa. E se ela tivesse feito aquilo só para enfurecê-lo depois?

Afastou o pensamento da mente. Estava fazendo o possível para ele. Ele ficaria satisfeito. Tinha de ficar.

— E… — acrescentou St. John, tocando o rosto dela, erguendo-lhe o queixo até que ela estivesse olhando em seus olhos. — você tem uma mancha suja no nariz. Charmosa, mas incomum para uma duquesa.

Ofereceu-lhe seu lenço de linho, e ela limpou a fuligem.

— Miranda, querida, você não deveria passar tanto tempo dentro de casa, trabalhando. Não pode ser bom para você. Tenho um remédio.

— E que tipo de remédio é esse?

— Um passeio com seu novo irmão. Posso lhe mostrar as terras. Aposto que não tem ideia do tamanho da propriedade.

Tinha uma boa ideia, pensou ela languidamente, depois de ter caminhado tanto através dela para chegar à casa naquele primeiro dia. Mas um passeio? Talvez quisesse dizer em uma carruagem.

— O que você precisa é de algumas horas cavalgando uma das excelentes éguas do meu irmão, galopando pelos campos. Isso devolveria cor às suas faces.

A cor nas faces dela estava cinza. Um cavalo? E galopar, nada menos? Fazia uns 12 anos desde que ela andara a cavalo, e fora num pônei.

Mas St. John aqueceu a ideia.

— Tenho intencionado experimentar o cavalo de caçada do meu irmão, e esta é uma boa desculpa. Você pode pegar um cavalo de montaria que lhe sirva.

— St. John — começou ela —, não sei se uma cavalgada seria possível. Não trouxe uma vestimenta comigo quando vim da cidade.

Ele franziu o cenho por um momento.

— Certamente, sua criada poderá encontrar alguma coisa da minha mãe que servirá até que suas roupas cheguem. Chame-a imediatamente e veremos.

— Mas, St. John, eu… — E uma inspiração atingiu-a. — tenho medo de cavalos. — Era perto o suficiente da verdade.

— Medo? — Ele a encarou, aturdido. — E se casou com meu irmão. Oh, querida… Não pode ser, Miranda. Precisa superar esse desafortunado problema antes que meu irmão reapareça, se vocês dois têm de funcionar juntos. Marcus é o tipo do homem para a vida esportiva. A excitação da caçada está no seu sangue. Ele nunca está totalmente feliz a não ser que esteja no lombo de um cavalo. — St. John cerrou o cenho. — Quando ele souber que se casou com alguém que não compartilha seus interesses… — Sacudiu a cabeça. — ficará bastante decepcionado. — Sorriu para ela. — Mas não tenha medo, irmãzinha, estou aqui. E posso ensiná-la. Uma cavalgada pelo campo nas costas de uma égua mansa será o necessário. Quando for a hora de pular cercas… — Ele viu o alarme no rosto dela. — Bem, isso pode jamais ser necessário, portanto não há motivo para preocupar-se.

POLLY FOI capaz de juntar pedaços da roupa de montaria da falecida viúva para deixá-la em condições de cavalgar, embora a vestimenta ficasse com um aspecto antiquado. Miranda desceu as escadas calçando botas muito apertadas, praguejando contra a necessidade de forçar sua estatura alta dentro de roupas de outra mulher pequena. A viúva fora diversos centímetros menor do que ela, com pés delicados e figura esguia. Uma vez mais, seus pulsos e tornozelos apareciam, e ela estava imobilizada numa jaqueta onde faltava espaço para seus ombros, mas sobrava muito espaço no peito, que ela não possuía.

Encontrou-se com St. John no hall de entrada e, se ele encontrou alguma coisa incomum na sua aparência, foi educado em não comentar. Dirigiu-a para os estábulos, onde escolheu uma égua mansa, e ajudou-a a montar, antes de ele mesmo montar o magnífico garanhão preto ao lado da égua.

Cavalos eram mais altos do que ela recordava. Certamente, mais altos do que

pareciam do chão, onde ela desejou estar ainda.

Miranda sentiu a égua contrair-se debaixo dela e forçou o pensamento em sua mente. Se a égua percebesse que ela queria estar de volta em terra firme, poderia decidir atirá-la ao chão. E ela não desejava isso. Desejava permanecer na sela.

St. John saiu trotando em seu cavalo, e o próprio cavalo dela seguiu o dele com um mínimo de direção da parte de Miranda. Ela relaxou um pouco. Ele estava certo; aquilo não era tão mau. Ela relembrou o pouco que podia das cavalgadas de sua infância e manobrou sua égua para caminhar ao lado do cavalo de St. John de modo que pudessem conversar.

— Está vendo? — encorajou ele. — Não é assim tão ruim, é?

— Não. Nem tanto — mentiu ela.

— Cavalgaremos pela estrada principal e nas terras da fazenda, em direção àquele matagal acolá… — Ele apontou em direção ao horizonte. — Depois, voltaremos para casa. E você verá que o ar fresco e o exercício lhe farão muito bem.

Ele a conduziu enquanto comentava sobre a paisagem local. Aquela fazenda abrigava o inquilino mais velho. Lá longe ficava o cultivo de morangos que ele e Marcus atacavam quando meninos. Daquela árvore mais além havia rumores de que fora local de enforcamento de um notório ladrão de estradas.

Enquanto dizia isso, encorajou seu cavalo para um galope, e ela fez o mesmo. Sua sela não era boa, e ela pulava sobre a montaria, desejando que pudessem voltar ao movimento de marcha.

— Você está manobrando muito bem. Estava certo que levaria apenas um instante para voltar a ser como era. — A voz dele era cheia de encorajamento.

— St. John, não estou certa…

— É só um pouco mais para a frente. Pararemos para descansar nos bosques, e então levaremos os cavalos para casa.

Ela cerrou os dentes. Se fosse somente um pouco mais para a frente, poderia lidar com aquilo. E, talvez fosse sua imaginação, mas o passo do cavalo dele parecia mais rápido ainda, e sua égua disparava sem ser encorajada, seguindo o garanhão de St. John. Ela olhou para o lado, e então rapidamente para adiante, para lutar contra a agitação no estômago. Era melhor focalizar os bosques, que se aproximavam. Quando eles chegassem lá, poderia parar e descansar.

Olhou preocupada para o caminho na sua frente. Parecia ser estreito. E sua égua mantinha ainda o mesmo passo do cavalo de St. John e muito perto da beira da estrada. Puxou as rédeas, mas sua montaria a ignorou, recusando-se a render-se. Ela puxou com mais firmeza, mas o animal não mostrava sinal de interesse.

Eles estavam quase no meio das árvores e não havia mais caminho. St. John percebeu o dilema dela e esporeou seu cavalo, então puxou a rédea para o lado

do caminho.

Miranda puxou muito forte nas rédeas e seu próprio cavalo finalmente percebeu o que ela esperava dele e parou sem avisar, baixando a cabeça para pastar.

E, acompanhando tudo que estava em movimento, ela continuou adiante por cima da cabeça do animal. Por um minuto, Miranda teve uma excelente, porém alarmante, vista das árvores que se aproximavam depressa. E então tudo rodopiou e ela aterrissou no chão e ficou olhando para a cara de sua égua, enquanto ela tentava tirá-la do caminho para obter a grama tenra que amaciara sua queda.

O rosto de St. John apareceu no campo de visão dela, horrorizado.

— Oh, minha querida. Oh, Miranda. Nunca pensei…

— Talvez — disse ela — um passeio a cavalo não tenha sido a melhor ideia, St. John.

— Talvez não — concordou ele, seu tom de voz suave em desacordo com a preocupação nos seus olhos. — Você se machucou?

— Acredito que não. — Ela tentou se levantar, então sentou-se de novo enquanto seu tornozelo desmoronava debaixo dela. — Talvez.

— Fique onde está — ordenou ele. — Não se mova. Se quebrou o tornozelo, movimentar-se só irá piorar a situação.

Ela deitou de costas na grama e olhou para as árvores acima. Que boba seu marido pensaria que ela era se voltasse e a encontrasse acamada, incapaz de lidar com um simples passeio a cavalo.

— Não quebrou — insistiu ela.

Simplesmente não podia ter quebrado. Ela não permitiria isso.

Miranda sentiu St. John erguer sua saia e percebeu chocada, que ele estava tirando-lhe as botas. Ela sentou-se e então tombou outra vez enquanto o sangue subia para sua cabeça.

— O que você está fazendo?!

— O que precisa ser feito se queremos saber a extensão de seus ferimentos. Agora deite quieta e tentarei não machucá-la.

Houve um firme puxão e ela soltou um grito quando a bota ficou livre. Ele pegou a outra bota, mas ela puxou o pé.

— Estou certa de que este pé não está machucado.

— Mas é melhor estar seguro do que chorar depois. — Ele puxou a outra bota, que ficou livre.

Ela sentiu o toque dele contra suas meias enquanto ele sondava primeiro um tornozelo e depois o outro. Agora que as botas tinham sido tiradas, a dor não era tão forte. Talvez fosse apenas a perda de circulação que causara o cambalear. As

alfinetadas e agulhadas estavam cessando, e ela podia sentir as mãos dele sobre seus pés.

Era bom que não houvesse nenhum cavalariço por perto para ver aquilo, porque poderia parecer altamente impróprio.

Ele não estava com pressa, tocando cada osso para certificar-se de que estavam no lugar. Pela grossura de suas meias, a sensação tiniu, e ela involuntariamente contorceu os dedos.

A mão dele apertava seu pé.

— Está sentindo aqui?

Ela fez que sim e mordeu o lábio.

— Então, talvez a queda não tenha sido tão severa.

— Estou satisfeita em saber isso. Agora, se não se incomoda, eu mesma calçarei minhas botas.

— E você não pode cavalgar se suas botas estão tão apertadas que não lhe permite sentir os pés. — Ele atirou as botas nos arbustos.

— St. John! Elas pertenciam à sua mãe.

— Ela não planeja tornar a usá-las. Nem você, se não lhe servem. Quando formos andar a cavalo no futuro, encontraremos outra solução.

Quando o inferno congelar e sua mãe precisar das botas dela de volta, pensou ela, mas manteve seu rosto plácido.

— Muito bem. Agora, se você me ajudar a voltar para meu cavalo, poderemos retornar a casa.

As mãos dele continuavam descansando no tornozelo dela, que estremeceu de prazer e tentou tirá-las.

O sorriso dele era maldoso quando ela puxou o pé de seu colo.

— Não tão depressa. Eu acho que descobri sua fraqueza. — Ele massageou de novo a sola do pé dela. — Um momento atrás, eu a vi sorrir. Recuso-me a libertá-la até você me dar a honra de sorrir, porque juro que não posso viver nesta casa um momento mais sem ouvir sua risada.

— St. John, por favor. Isso é muito inadequado, se não inconveniente. — Ela sentou-se, franziu o cenho para ele e puxou a saia curta demais da roupa da viúva para cobrir seus pés, mas a saia cobriu as mãos dele, fazendo a situação ficar pior, porque não podia ver o que ele estava fazendo.

— Você está certa. E esta é a razão pela qual precisamos terminar rapidamente antes que alguém nos encontre. Ria para mim e a deixarei livre.

— St. John, pare neste instante. — Ela tentou parecer severa, mas o efeito foi estragado pela respiração da voz dela.

Ele correu os dedos ao longo da sola do seu pé.

— Quando você me conhecer melhor, Miranda, achará impossível opor-se a

mim. Livre-se do trabalho e me dê o que quero. Então, a ajudarei a voltar para seu cavalo e poderemos retornar a casa. — Ele agora estava massageando, alternando toques firmes com leves e a sensibilidade estava aumentando a cada movimento.

— St. John…

Ela queria brigar com ele, mas o toque das mãos do cunhado era delicioso. E ele era tão malevolamente impertinente… E a situação, tão absurda. Ela ofegou forte, enquanto o sentimento se tornava frustrante demais para ignorar, e um último toque suave como uma pena nos seus arelhos a fizeram dar uma risadinha. Ela se deitou de costas na grama e sacudiu-se de tanto rir enquanto ele alisava a saia dela sobre os pés.

— Vê? Não foi tão horrível, foi, render-se e ter um pouco de prazer?

Ela meneou a cabeça, desviando o olhar dele e sentindo as faces corarem enquanto sorria novamente.

— Ótimo. Porque a fiz feliz aqui, Miranda. Há muito mais com que ser feliz aqui. Meu irmão…

Ela o olhou enquanto ele arqueava uma sobrancelha, tentando encontrar uma maneira de completar a sentença.

— Meu irmão não foi sempre como é agora. Quando éramos jovens, ele não era tão frio. Tão distante. Se você não puder encontrar o homem que ele uma vez foi, então saiba que você sempre terá um amigo em mim e nunca precisará ficar solitária ou com medo. — St. John ficou de pé. — Agora, pegue minha mão e eu a ajudarei a montar. Se estiver forte o suficiente, quero dizer. Você pode sentar na minha frente na cela e eu posso puxar seu cavalo.

Era uma oferta inocente. Inocente demais, desconfiou ela. Os olhos dele eram imensamente azuis e não havia uma nesga de fraude no rosto quando dizia aquilo.

Ainda assim, ela sentiu o calor das mãos dele enquanto a ajudava a se levantar e a mente dela flutuou para o pensamento deles, juntos na sela, o gentil balanço do cavalo entre as pernas deles, e ele, bem atrás dela, balançando contra ela…

— Não. Estou muito bem. Estou certa de que posso cavalgar sozinha. — E tropeçou na direção de seu cavalo.

— Está certa? Você parece instável. Deixe-me ajudá-la. — E a mão dele queimou através da roupa dela quando ele a levantou facilmente e a colocou na sela.

Miranda manteve o rosto afastado do dele, portanto ele não podia ver seu rubor.

Havia algo errado com ela. Devia haver.

Alguma maldade adquirida por conhecimento demais. Ela desejou que fosse

tão inocente como fingia ser. Mas Cici dissera-lhe tudo e fora tão incisiva sobre os prazeres da carne. Talvez aquela fosse a razão por que ela respondia tão rapidamente ao toque de um homem. E o toque de um homem que não era seu marido. O fato de que o homem em questão era seu cunhado tornava aquilo ainda pior, porque ela teria de estar muito próxima a ele, provavelmente para o resto de suas vidas. Precisava domar aquele sentimento. Ganhar controle de si mesma de modo que ninguém jamais soubesse. Nem o duque. E, certamente, nem St. John.

CAPÍTULO 12

Marcus olhou surpreso para a casa. Não era o que esperava. Em absoluto. Imaginara um chalé tranquilo onde duas senhoras podiam passar anos vivendo modestamente, esperando por uma melhora de posição. Pobreza distinta.

Não havia nada distinto no velho lar de sua nova esposa. Era pobreza, pura e simples. Menor que os lares de seus inquilinos e espremido entre outras casas similares. Ele caminhou até a porta e bateu.

A mulher que respondeu fez uma reverência, mas olhou para ele com desconfiança indisfarçável.

— Perdeu-se, milorde?

— *Lady* Cecily Dawson?

Ela olhou para ele de volta.

— A "*lady*" aposentou-se há muito tempo de sua profissão, e seria melhor procurar se divertir em outro lugar.

— Se eu pudesse vê-la, por favor.

— Veio dar uma olhada nela depois de todos esses anos? Quem é você, então? O filho de um dos clientes dela que veio para ser iniciado? Um pouco velho para isso, não é?

— Como? Não entendi.

— Entendeu muito bem o que eu quis dizer. Vá embora de uma vez por todas. A "*lady*" não lhe será de ajuda alguma.

Ele pôs o pé na porta a tempo de impedir a batida, passou rudemente por ela e entrou na minúscula sala.

— Feche a porta. As perguntas que tenho de fazer são mais benfeitas longe de olhos curiosos. — Ele atirou sua bolsa sobre a mesa e observou os olhos dela brilharem de avidez. — Solicito informações. O dinheiro é seu se puder responder adequadamente.

Ela fez nova reverência, esta sem ironia.

— Ao seu dispor, milorde.

— Quero o paradeiro de *lady* Dawson e qualquer informação que puder me dar sobre sua protegida, *lady* Miranda Grey.

A cor esvaiu-se da mulher diante dele. E ela agarrou-se à ponta da mesa.

— Por que você está querendo isso?

— Para satisfazer minha curiosidade a respeito de certos detalhes da vida da srta. Grey antes de seu recém-casamento.

— Ela fez isso então? — A avareza nos olhos da mulher mudou para um brilho de esperança. — Casou-se de modo seguro.

— Sim.

A mulher continuou:

— E o marido? Como ele é?

— Um homem muito poderoso e impaciente por informações. Supra essas informações e mantenha o ouro sobre a mesa… demore mais tempo e as coisas ficarão ruins para você.

Uma voz masculina surgiu do canto encortinado da sala atrás dele.

— Chega, Cici. Conversarei com o cavalheiro.

A última palavra foi dita com um toque de escárnio. O homem que apareceu por detrás da cortina estava nos seus 50 e poucos anos, mas o trabalho duro o deixara com aparência muito mais velha. Ele caminhava com uma bengala, e suas mãos eram retorcidas e nodosas, os nós dos dedos, deformados. Olhou para o duque como se aquilo fosse a sala de visitas de uma grande casa, e não uma choupana, e disse com voz firme:

— E a quem tenho a honra de me dirigir, senhor?

— Alguém que deseja manter-se anônimo.

— Assim como nós. Mas foi você quem forçou sua entrada na minha casa; pode pegar seu ouro e ir embora ou apresente-se devidamente. Tem minha palavra de que sua identidade não irá além destas paredes.

— Sua palavra? E quanto ela vale para mim?

— É tudo que tenho a oferecer, portanto terá de servir.

— Muito bem, sou Marcus Radwell, duque de Haughleigh. — Ele ouviu um ofego agudo escapar da garganta da senhora. — E o senhor?

— Eu, Vossa Graça, sou Sir Anthony Grey, pai da jovem por quem você está indagando.

Marcus resistiu à tentação de agarrar o canto da mesa como apoio. Como poderia imaginar uma coisa dessas?

— Pai dela? Fui levado a acreditar…

— Que ela era órfã? Poderia muito bem ter sido o caso. Na verdade, teria sido bem melhor. — Ele olhou para o duque com curiosidade. — Diga-me, milorde, antes que prossigamos… o senhor é o marido de minha filha?

— Sim. — A palavra soou áspera, e ele pigarreou.

— E veio a Londres à procura da verdade?

— Eu parti na nossa noite de núpcias. — Ele tossiu de novo. Encarar o pai da jovem, mesmo sob aquelas circunstâncias, era muito difícil. — Antes que uma anulação venha a ser impossível.

— E onde está minha filha agora?

— A salvo em Devon, na minha casa.

— E sua decisão sobre ela depende dos resultados de sua pesquisa aqui?

— E dos desejos dela. Não pretendo forçar um casamento com ela caso Miranda não tenha vontade.

O pai dela pareceu resoluto:

— Não se preocupe com o que diz respeito aos desejos dela, Vossa Graça. Sensibilidades delicadas podem ser reservadas para as mulheres que podem sustentá-las. Minha saúde está se deteriorando, e não posso mais fingir conseguir manter nós três. As opções dela aqui são um lugar trabalhando numa grande casa ou caminhando na rua. Se o senhor ainda deseja tê-la depois de hoje, ela o escolherá e ficará grata.

— Continue, então, Sir Anthony.

O homem gargalhou diante do título.

— Que curioso ser chamado assim depois desse tempo todo. Muito bem então. Minha história.

Ele se sentou e indicou uma cadeira a Marcus.

— Certa vez, há aproximadamente 13 anos, eu era um homem feliz, com uma esposa bonita, uma filha que era uma alegria para mim e expectativas de um filho para carregar meu nome. Infelizmente, minha esposa morreu ao dar à luz seu segundo filho, que morreu também. O sofrimento quase me enlouqueceu. Milorde, o senhor é, como Cici recordou, um viúvo pelas mesmas razões?

Marcus deu um leve assentimento.

— Então pode entender a dor e a decepção, e talvez compreender as profundezas nas quais afundei. Dei as costas à filha que amava e, no espaço de alguns anos, destruí a herança dela e a minha própria, jogando fora a terra, bebendo até tarde da noite. Quando fiquei sem um centavo, tomei emprestado de amigos. Esgotei todos os recursos disponíveis e decidi explodir meus miolos para evitar as consequências de minhas ações. Quando estava carregando a arma para terminar minha vida, minha filha entrou no quarto, ainda tão inocente, e rogou que eu passasse apenas alguns momentos com ela, como eu costumava fazer. Um olhar para aqueles olhos mudou o curso da minha vida, e resolvi encontrar um modo de escapar das minhas dificuldades.

Marcus o ouvia, atônito.

— Ai de mim, não houve maneira honrada disponível. Os credores estavam na minha porta. Então, levantei acampamento. — Gesticulou em volta dele. — Para um lugar tão humilde onde meus amigos e credores nunca pensariam em procurar por mim. Seria melhor, pensei, encontrar trabalho honesto e manter o que ganhei do que encarar o cerco de devedores em Londres. E se eu fosse para a prisão, o que aconteceria à minha Miranda? Havia uma fábrica aqui com vaga para escriturário. Era menos do que estávamos acostumados, mas se vivêssemos com simplicidade, poderíamos dar jeito. Passava meus dias no escritório, lidando

com números e copiando, e as coisas correram bem por um tempo.

Sir Anthony agitou a mão torcida diante do rosto.

— Mas não demorou muito até que meus olhos não conseguissem mais focalizar as letras pequenas, e então até as grandes tornaram-se difíceis de decifrar. E minha mão doía ao segurar a caneta. O proprietário tinha uma vaga adequada na fábrica, operando um tear. Não era muito dinheiro, é claro, mas não era um trabalho difícil de aprender e, quando a última de nossas economias acabou e não restou nada para vender, não fui orgulhoso demais em tomar lugar entre os outros operários. Se as pessoas destas paragens tinham alguma desconfiança sobre estranhos no meio deles, o tempo fez suas mentes ficarem tranquilas.

Ele sorriu, amargo.

— Cici e Miranda fizeram o que era necessário para ajudar a ficarmos sem dívidas, aceitando lavar e remendar, e trabalhando nas grandes casas da vizinhança quando precisavam de ajuda extra. E então, aos poucos, minha filha se esqueceu do mundo para o qual ela nasceu.

— E agora que ela não é nem nobre, nem plebeia, o senhor acha que ela deveria se casar com um duque? — Marcus olhou incrédulo para o homem diante de si.

A boca de Sir Anthony apertou-se.

— Sim. Acho. Não posso mais trabalhar. — E mostrou as mãos torcidas como evidência. — Estou inútil. Muito desajeitado para lidar até mesmo com a máquina mais simples. A não ser que pudéssemos encontrar outro meio de sobrevivência, restaria um albergue ou asilo para todos nós. O senhor entende o que significa observar sua filha forçada a servir pessoas que seriam seus inferiores, quando não fiz nada além de manter a cabeça fria e sóbria todo esse tempo? Sentar-se preguiçosamente e observar minha única filha esforçar-se em serviços para reparar meus pecados?

E ficou ainda pior. Marcus ouviu horrorizado enquanto Sir Anthony explicava.

— Recentemente, Miranda ficara popular numa certa casa… sua posição temporária servindo ali iria se tornar permanente. Humilhante, talvez, se me restasse algum orgulho. Mas então ficou claro para mim que o lorde desejava lhe oferecer uma posição mais alta que não tinha nada a ver com o serviço. Miranda é uma garota brilhante, e nos adora. Foi apenas uma questão de tempo, Vossa Graça, antes que ela percebesse que era a solução para todos os nossos problemas e concordasse. Eu precisava mandá-la embora e casá-la com segurança antes que um lorde local pegasse o que queria e eu completasse a ruína de minha filha, sacrificando sua honra para colocar pão na mesa. Foi ideia de Cici tentar encontrar um marido para ela que lhe servisse adequadamente.

Alguém que raramente visitasse Londres e não tivesse consciência do escândalo ligado ao nosso nome.

— Mas por que eu? — Devia haver alguma coisa, um sinal no rosto dele talvez, que o rotulasse facilmente de bobo.

A mulher falou:

— Sua mãe me devia por um erro, feito muito tempo antes de você nascer. Eu chamei isso de débito.

— Li suas cartas. Você a ameaçou-a com exposição. Exposição de quê?

— Havia uma pequena ameaça, de fato, além do peso da própria culpa dela. E talvez o constrangimento de ter me conhecido. Mas ela respondeu às cartas que mandei, e me aproveitei disso.

— Ela estava morrendo.

Lady Cecily olhou friamente nos olhos dele.

— Eu sei. E não posso dizer que me importei, a não ser pelo fato de que isso me deixava com pouco tempo para formar meu plano. Desculpe-me por ser tão insensível, mas sua mãe, como a conheci, era uma mulher dura e ciumenta. Se ela desejava se arrepender antes de morrer, tinha muito do que se arrepender.

Ele assentiu.

— Por favor, explique.

— Nós nos conhecemos quando crianças. Fomos para a escola juntas e compartilhamos um quarto. Éramos as melhores amigas quando garotas, e ambas doces e bonitas como ninguém. Quando eu tinha 14 anos, meu pai morreu e deixou fundos suficientes para que eu terminasse a escola e sobrevivesse modestamente até que chegasse a idade de casar, e deixou minha tutela para uma tia idosa que sabia pouco do que aconteceu enquanto eu estive fora. — Sua boca delineou uma linha amarga. — Havia um curador lá que tomou, se assim posso dizer, um interesse pessoal no meu caso. Ele aproveitava todas as oportunidades para me lembrar que meus fundos eram limitados e minha posição na escola corria risco. Enfim, me convenceu a encontrar com ele uma noite no escritório. Para discutir os detalhes do testamento de meu pai. Como iria saber o que ele pretendia? Eu era apenas uma garota.

Havia angústia na voz dela, e Marcus sentiu o homem ao lado dela endurecer protetoramente.

— Voltei para meu quarto depois, chorando e tremendo, e sua mãe me ajudou a limpar o sangue, e jurou que não contaria a ninguém o que acontecera. E guardou o segredo para mim porque eu implorei, embora o homem continuasse a me usar pelo resto do ano letivo. Fugi para a casa da minha tia depois disso, e não vi mais sua mãe até o ano que tivemos nossa formatura. Ela era de uma beleza extraordinária, assim como eu. — Cecily sorriu ao recordar. — Coloquei

de lado as dificuldades que tive na escola e esperava fazer um casamento com um homem compreensivo, que não questionaria minha virgindade perdida ao observar a falta de sangue no lençol. Tive muitas propostas boas, incluindo meu querido Anthony, e… — Olhou para Marcus apreensiva — e seu próprio pai, que estava indeciso por sua mãe, na verdade. Nós duas tínhamos sido amigas na escola, mas éramos rivais agora. Quando pareceu que seu pai podia estar pronto para decidir-se por mim, quando pareceu que ela podia perder, sua mãe deixou meu segredo escapar e o espalhou pela cidade. De repente, eu não era uma pobre garota abusada, mas uma jovem sedutora. E as propostas que recebia? — Ela riu. — Bem, não eram propostas de casamento. Por fim, aceitei uma. E quando ele se cansou de mim, encontrei outro. E isso quando eu era conhecida como "*lady* Cecily". Por isso respondi como fiz quando você surgiu na minha porta. Anthony foi o último homem que me acolheu, e eu o amava desde antes de perder minha honra. Quando se tornou muito pobre para me manter? — Ela deu de ombros. — Eu o mantive. E ele dilapidou tudo que eu economizara antes que pudesse persuadi-lo a pegar sua filha, abandonar sua honra e fugir.

— E você deu um jeito de me arruinar como minha mãe a arruinou?

— Não, Vossa Graça. Juro que não tive pretensão de prejudicá-lo. Apenas procurei encontrar o melhor lar possível para Miranda. E não lhe fiz nenhum desserviço ao lhe enviar uma esposa. Ela não é tão brilhante quanto as damas que o senhor talvez escolhesse, mas ela não teve a oportunidade de ser uma *lady* desde os 10 anos, nem ter uma mãe para guiá-la. Se o passado tivesse sido diferente, ela teria sido uma grande dama que o senhor mesmo selecionaria entre suas pretendentes.

As palavras eram distantes nos ouvidos de Marcus, afogadas pelas lembranças na sua cabeça.

A pobre garota…

A honra da sua família…

Olhe para ela e pense no que acontecerá a Miranda se você descartá-la agora…

A criança precisa de um nome…

— Vossa Graça? — Cecily Dawson o olhava intrigada, e ele voltou ao tempo presente.

— Peço-lhe desculpas, madame. Por favor, continue.

— Nunca tivemos intenção de preparar-lhe uma armadilha para que se casasse com Miranda. Era nossa esperança, um tanto ingênua talvez, que ela pudesse apenas conhecer alguns cavaleiros de sua própria classe; poderia pela sua modéstia e bom senso, atrair a atenção de um deles. Pensei que, se sua mãe fosse incapaz de persuadir um de seus filhos a tomar uma esposa, poderíamos, por

ameaça contínua, convencê-la a tomar a garota como uma tutelada e apresentá-la a outro cavalheiro na região. No mínimo, uma posição como companhia para sua mãe…

— Entregando a jovem nas mãos de seus inimigos? — Ele arqueou uma sobrancelha e sorriu ironicamente para eles.

Sir Anthony respondeu:

— Nesse ponto, era a frigideira ou o fogo para ela. Peço desculpas por minha franqueza, Vossa Graça; sua mãe pode ter tido uma língua de víbora, mas palavras não são capazes de ferir minha filha. Ela aceitou minha filha por medo da exposição, admitindo assim sua culpa.

— Mas minha mãe está morta — disse Marcus suavemente. — E não estou sob tal compulsão.

Os olhares nos rostos dos outros dois passaram de determinados para alarmados.

— Peço perdão pelo que disse. Sinto muito sua perda, milorde — disse Sir Anthony.

— Não, não me deve desculpas, nem eu devo. O que falou sobre minha mãe é verdade. Ela se importava apenas consigo mesma e seu status, e muito pouco mais. O fato de o senhor conseguir chantageá-la a uma ação que não era exclusivamente para beneficio dela pesou em sua própria alma no fim da vida. Casei-me com sua filha porque me senti preso à honra de proteger seu bom nome depois que ela veio sem avisar para minha casa e passou a noite lá desacompanhada. Ao morrer prematuramente, minha mãe me obrigou mais uma vez a escolher a honra no lugar do bom senso, e assegurou o sucesso de seu esquema. — Ele olhou em volta. — É claro, agora que soube as origens de minha esposa…

Lágrimas começaram a gotejar por baixo das pálpebras fechadas da mulher diante dele, e ele afastou o olhar. Melhor não olhar e ser enganado pelas lágrimas de uma prostituta.

A voz de lorde Anthony tremeu quando ele começou:

— Sim, Vossa Graça, sua nova esposa foi criada por um bêbado e jogador e adotada por uma prostituta. Ela trabalhou como criada, limpando privadas, esfregando lareiras e fazendo quaisquer serviços considerados abaixo da dignidade de um staff comum. E agora, se você descartá-la, ela não terá lugar para ir e afundará mais baixo ainda para morrer de fome. Estou doente até a morte de observá-la pagar por meus pecados. Deus sabe que preferia ter atirado em nós dois quando segurei aquela arma naquele dia do que condená-la a uma vida de servidão, já que ela não fez nada para merecer isso. E quando a mandei para você, ela resistiu, dizendo que preferia ficar conosco e fazer o que era

necessário do que nos abandonar quando precisávamos dela. Eu a fiz jurar, Vossa Graça, sobre a bíblia da mãe, que obedeceria às minhas ordens e guardaria segredo sobre isso. Eu a fiz jurar que, caso conseguisse casamento com um homem honrado, ela o serviria com todo seu coração e nunca voltaria para o lugar de onde viera. Ela é uma pérola, e uma pérola não se torna menos valiosa só porque está enterrada no estrume.

Marcus manteve o rosto impassível.

— Uma pérola, o senhor diz? De que modo? O que ela pode trazer para nosso casamento? Não há nenhum dote, certamente. E também não me ganhou com sua natureza doce e olhares suaves.

— Miranda pode trazer a força dela, milorde. E sua honra.

— A qual ela provou para mim com mentiras para ganhar acesso à minha casa e escondendo as circunstâncias de sua vida.

— Uma coisa que ela nunca teria feito se eu não tivesse pedido. Ela implorou, Vossa Graça, para não ser forçada a agir assim. E estou certo de que esconder o segredo do senhor a fez sofrer quase tanto quanto a separação de nós. Se milorde pode aliviá-la disso, verá a verdadeira natureza dela, e ela será eternamente grata ao senhor. Consulte seu coração, milorde, e pergunte o que faria nas mesmas circunstâncias. Nunca mentiu para proteger alguém? Porque essa foi toda a culpa de Miranda.

Marcus fechou os olhos contra a pergunta. Talvez ele e sua nova esposa tivessem mais em comum do que percebera.

Ele voltou a pensar nela, a maneira que a exaustão a havia atingido na noite em que ele partira, quando a fria cortesia rompera e um vislumbre de verdade explodira. O horror no rosto dela, quando percebeu o que dissera e fizera.

Ele olhou para as pessoas diante de si.

— E o que está disposto a fazer pela honra de sua filha, Sir Anthony?

— Qualquer coisa que Vossa Graça me peça. Se milorde deseja que trabalhemos como criados na sua casa, diga. Contanto que Miranda esteja segura, estou às suas ordens.

— E *lady* Cecily? Pode falar por você mesma neste assunto?

— Criei a garota como minha própria filha por 12 anos, milorde. É como Sir Anthony diz. Farei o que o senhor pedir.

— Então, peço que recolham seus pertences e se preparem para se mudar para minha casa em Northumberland. Não a mais confortável das residências, certamente. Uso-a para caçadas. Mas há um pequeno staff, e é muito privativa. Poderão esperar lá até que as decisões sejam tomadas. E, lorde Anthony, presumo que seus débitos ainda permaneçam nos livros de alguém.

— Tais coisas jamais são esquecidas, Vossa Graça.

— Então eles precisam ser liquidados.

— Não tenho os meios…

— Claro que não tem, mas eu sim.

— Eu nunca tive intenção…

— É assim que deve ser — disse rapidamente, e ouviu quatro gerações de Haughleigh na sua voz.

Era uma voz que as pessoas não podiam evitar obedecer.

Lorde Anthony ficou em silêncio.

Marcus continuou:

— O senhor pode não ter pretendido me passar a responsabilidade de suas dívidas, mas é minha intenção vê-las pagas. Não aceitarei argumentos. Anote o que pode recordar dos seus débitos e não pense mais no assunto. Vocês se mudarão para meu chalé de caça enquanto eu limpo seu nome e discuto com Miranda os desejos dela para o futuro. Quando chegarmos a um acordo, o senhor será contatado por ela ou por mim. Veremos se Miranda volta para vocês com sua honra e sua liberdade, ou se vocês vêm para nós em Haughleigh. Isso está ainda para ser decidido, mas não a devolverei apenas para que seja vendida a algum outro homem de privilégio. Qualquer que possa ser o futuro dela, o dever dela com o passado acaba comigo.

CAPÍTULO 13

Miranda estava gritando. Era estranho, pensou ele, que reconhecesse a voz dela. Eles estavam juntos havia tão pouco tempo, mas não tinha dúvida, era ela. Gritando de terror. Marcus tentou correr até ela, mas o chão virou lama debaixo de seus pés, sugando suas botas e arrastando-o para baixo.

— Marcus! Ajude-me! Marcus! Por favor! — A voz dela falhou como se estivesse perdendo a força para chamá-lo.

Ele lutou. Lutou contra a sensação de estar afundando e o medo de que a qualquer momento o solo traiçoeiro o engolisse. Havia um galho debaixo de sua mão, e ele o agarrou e se esforçou para a frente, fora da lama e em direção ao lugar onde sabia que ela devia estar a sua espera.

Acordou arquejando e olhou em volta do quarto. Estava na cama na sua casa em Londres. Não havia lama, é claro. Não estava sequer usando botas. E não podia ouvir sua nova esposa porque ela se achava a milhas de distância, em Devon.

Era loucura acreditar em sonhos. Eles não eram presságios do futuro, afinal de contas, mas sim meras fantasias criadas numa mente superexcitada quando esta procurava descansar.

E aquela era a razão pela qual ele se mantivera longe de casa todos aqueles anos. Porque sonhos não significavam nada. Zombou de sua própria insensatez. Poderia ter ficado com sua mãe e aceitado sua posição em Haughleigh se não fosse pelos terríveis sonhos sufocantes. Estabelecera o curso de sua vida pelos sonhos.

Mas e o futuro? Nos seus sonhos, Miranda queria que ele viesse para ela. Se a verdadeira Miranda soubesse disso, ficaria amedrontada. Que razão dera a ela para que confiasse? Ela provavelmente sentia que precisava da proteção dele.

A luz difusa da manhã infiltrava-se entre as cortinas da cama, e ele tocou a campainha chamando seu valete. Fazer a barba e tomar uma ducha espantariam as últimas nuvens de sua mente. Foi ridículo. Nada mais que uma fantasia, mas, pelo menos, não tão amedrontadora quanto um enterro prematuro. Ele podia se mover desta vez e precisava chegar até Miranda.

Ela precisava dele, quer percebesse isso ou não. O pai dela tinha sido bastante agradável, se bem que um pouquinho bobo. Ele arruinara sua filha, nunca pensando no futuro. Marcus lembrou-se dela na cozinha. Pele e ossos tremendo. Mãos com longos dedos afilados cobrindo o rosto com vergonha e horror. Mãos que podiam ter sido ornamentadas com anéis e ter abanado um leque de marfim eram ásperas pelos anos de trabalho duro e deformadas por queimaduras e

cicatrizes.

A boca dele afinou-se numa linha apertada. Os olhos dela tinham sido preservados, com medo de transparecer um brilho de paixão ou dor, com medo de que qualquer fraqueza pudesse ser usada contra ela. E o pai havia feito isso tudo, trazendo-a para baixo em nome de amor e intimidade familiar. E quem poderia saber que ideias Miranda tinha depois de 12 anos ouvindo sua mãe adotiva?

Ele estremeceu ao se lembrar da história, e o valete parou de barbeá-lo para evitar cortar sua garganta.

Havia uma grande confusão, e o fim da corda levava de volta à sua própria soleira da porta. A tal mulher Dawson não precisava ter sido uma prostituta se não fosse pela armação da megera que era a sua própria mãe. Ela podia ter escondido sua vergonha e casado também. Com Anthony Grey, talvez, ou com o próprio pai dele. O que faria Cecily Dawson, ele deu de ombros, mãe dele ou de Miranda. E uma escolha ou outra teria sido um destino mais feliz para todos os envolvidos.

Marcus não podia voltar o relógio para Cecily, mas não era tarde demais para Miranda. Seu sonho lhe disse isso.

O SOL do verão brilhava nas vitrines enquanto ele caminhava no bairro de compras, quente sobre a lã fina de seu paletó, mas tinha sido um dia quente demais para a carruagem, quase o dia mais bonito que vira há bastante tempo e sentiu que precisava caminhar.

Como era mesmo o som? Tentou lembrar-se da canção que estivera tocando em sua cabeça. Alguma coisa sobre ordenhadoras de leite. Olhos castanhos. Galanteio. Alguma coisa. Canções populares eram sempre parecidas. Havia sempre um pastor ou um funileiro e um leiteiro. E os resultados eram sempre os mesmos.

Ele assobiou.

O que estava acontecendo com ele? Vagava pela Bond Street como se não tivesse nada com que se importar no mundo. Na verdade, estava agindo como St. John.

Parou no caminho tão de repente que um homem carregado de pacotes atrás dele colidiu com ele e praguejou.

Marcus pediu desculpas com um sorriso, ajudou o homem a apanhar suas compras e seguiu seu caminho com mais boa vontade do que sentira por anos.

Era muito estranho, considerando o humor em que estava quando viera para Londres, para encontrar-se tão despreocupado agora.

Ainda mais considerando o fardo de responsabilidades que carregava nas costas. Uma esposa já era um grande choque. Uma esposa que limpava latrinas e servia cerveja? E parentes por afinidade com suas dívidas. E uma mãe adotiva que deixaria o vigário com o cabelo em pé se soubesse a profissão anterior dela.

Aquilo podia ser mantido em segredo, decidiu ele, mas precisava achar um meio de persuadir Anthony a legitimar a união antes que os aceitasse na sua casa.

A visão de Cecily Dawson no jantar de Natal surgiu na sua mente. Talvez ele fizesse com que os criados a pusessem no quarto de sua mãe. O pensamento lhe deu um momento de malvado prazer. Era loucura.

Passou através de uma porta para o salão de uma renomada estilista. Fazia anos desde que ele cruzara a soleira, seguindo Bethany em uma de suas muitas viagens de compras, mas madame Souette o reconheceu imediatamente.

— Como posso ajudá-lo, milorde? — Ela sinalizou para uma vendedora trazer chá e ofereceu a ele um lugar no sofá.

— Preciso… preciso de tudo que uma mulher possa precisar. — Ele apresentou o vestido usado e os sapatos que Cecily tinha provido. — Neste tamanho ou um pouco maior.

Ela olhou para a roupa usada diante de si e quase conseguiu esconder o ar de desprazer diante da pobre condição da vestimenta.

— E a mulher em questão? Qual é o gosto dela? — Madame sondava gentilmente, temendo ofender. — Milorde a levará à ópera? Ao teatro? Ou permanecerá em casa?

Ela o fitava, decerto tentando imaginar a identidade da sua nova amante.

Marcus sorriu.

— Oh, tudo que disse, acho eu. Quando eu trouxer minha noiva para Londres, ela frequentará tais funções. Mas, por enquanto, roupas adequadas para uma vida tranquila no campo.

— Um guarda-roupa digno de uma duquesa?

Ele assentiu.

— E ela precisa de tudo. — Os olhos da mulher brilharam ao calcular mentalmente o valor da conta.

— Tudo. Houve um acidente envolvendo as malas dela quando viajou para Devon. Tudo perdido.

— Que desastroso… — Madame tentou, mas falhou em parecer desconsolada.

— Confio que será tão discreta quanto rápida, porque necessito das roupas em três dias.

Ela arqueou a sobrancelha, mas não lhe recusou.

— Será um milagre, sei disso, mas a recompensa há de ser generosa. A pele

dela é clara, mas seu cabelo e olhos são escuros. Faça o que puder para lisonjeá-la. Confio no seu julgamento nesses assuntos mais do que no meu próprio.

Dando a ela seu cartão e endereço, o duque saiu da loja.

Era estranho ver os pequenos quartos onde sua esposa passara tantos anos, pobres além de sua capacidade de imaginar, mas mais calorosos e receptivos do que sua própria casa fora até vir a se tornar o grande mausoléu que era Haughleigh Grange.

Ela merecia coisa melhor.

SUA PRÓXIMA loja foi uma joalheria, onde ele puxou uma caixa de veludo chata de seu bolso. O joalheiro foi tão atencioso e agradável como a estilista tinha sido, pronto para agradar Sua Graça.

Marcus espalhou o colar detestado sobre a mesa à sua frente.

— Casei de novo recentemente e desejo presentear minha esposa com as esmeraldas da família.

E joalheiro observou que as esmeraldas eram finíssimas, o que, é claro, Marcus sabia.

— Um novo modelo, eu penso. Uma nova esposa não deve usar o refugo do velho. Gostaria de deixá-lo novo.

Não que aquilo fosse possível, com o peso de tradição sobre seus ombros. Talvez uma mudança no colar o fizesse lembrar-se de alguma coisa que não sua mãe, ou Bethany, sempre que tivesse de olhar para ele.

O joalheiro fez apressadas anotações, estremecendo só um pouco diante da oportunidade.

— Mais alguma coisa, milorde?

— Não. Eu acho… espere. — A imagem de sua nova esposa de pé no hall enquanto seu sinete rolava pelo chão surgiu na sua mente. — Sim, há. Preciso de um anel. Uma aliança. Casamo-nos rapidamente, e ela merece mais do que minha solução temporária.

O joalheiro trouxe uma pródiga bandeja de diamantes, rubis, esmeraldas e aros simples de ouro. O duque olhou a seleção, mas nenhum dos anéis o fez recordar-se da estranha jovem pálida que deixara para trás na sua casa. Então, sorriu para o homem.

— Você tem cera de lacrar?

O homem desapareceu no fundo da sala e voltou com uma massa de cera de fundição e uma vela.

Marcus fundiu o material sobre o balcão e pressionou seu sinete nela, deixando a marca claramente definida do timbre na cera.

— Isto é o que eu gostaria para ela. Numa aliança simples, mas que caiba no dedo de uma mulher.

— Não é convencional, Vossa Graça.

— Mas servirá a ela muito melhor do que estas bugigangas.

SUA ÚLTIMA parada foi o advogado da família. Claude Binley olhou para ele por cima da pilha de papéis na sua mesa e empurrou seus óculos para a ponta do nariz.

Marcus sorriu em resposta.

— Como as coisas estão progredindo?

— Isso depende, Vossa Graça, do ponto de vista. Da minha posição, elas estão progredindo rápido demais.

— Sério? Porém com sucesso, confio.

O advogado assentiu.

— Fiz arranjos para a licença. Alterei seu testamento para considerar o casamento. Estabeleci contas no Boodle's & White para Sir Anthony Grey.

— E pode esperar ver algumas contas adicionais de uma estilista e um joalheiro — acrescentou Marcus.

Claude torceu o nariz em desaprovação.

— Há algum problema com meus fundos?

— Não, milorde.

— Não tenho intenção de deixar minha duquesa sentar-se em farrapos, Claude. Dinheiro foi feito para gastar.

— Posso falar francamente, Vossa Graça?

— Não se insistir em me chamar de Vossa Graça. Afinal, nós nos conhecemos desde a infância, Claude.

— Muito bem, Marcus, uma vez que conhecemos um ao outro há tanto tempo. Lembro-me de sua primeira esposa e a velocidade com a qual você a cortejou e casou-se com ela. E lembro os detalhes da união e o resultado. Odiaria ver a repetição daquele erro.

Marcus sentiu sua espinha ficar tesa.

— Não acho que seria possível repetir um erro tão substancial como aquele.

— Vejo semelhanças.

— E quais são essas semelhanças?

— Uma mulher que você quase não conhece. Recomendada a você pela sua mãe. Um casamento repentino. E sinais distintos de que você tem uma cabeça cheia de nuvens. Presentes generosos. A recusa em aceitar os conselhos daqueles à sua volta. Medidas heroicas de sua parte para ajudar uma jovem em desgraça.

— Mas Miranda não é como Bethany. E minha mãe, se tivesse vivido para vê-la, não teria ficado assustada.

— Casar-se com ela a despeito de sua mãe não é diferente de casar-se com seu consentimento. Você ainda está acorrentado.

— E você esteve nesse estado por aproximadamente 15 anos, Claude. Já não era tempo de me juntar à fraternidade do casado e estabelecido?

— Sem dúvida, mas não desse modo, Marcus. Talvez com essa moça, se você está tão decidido sobre ela, mas não até que os problemas da família dela e da sua estejam adequadamente resolvidos. Não sabe nada sobre ela, exceto o que lhe contaram, e de todo modo, você quer acreditar que é uma história extraordinária. E você não tem dúvida da honra dela. Só o tempo provará isso. Mesmo algumas semanas podem confirmar…

— Que o próximo duque não será algum bastardo de outro homem? — A voz dele estava gelada agora. — Obrigado por avisar-me, Claude. Mas tome cuidado. Você está falando de minha esposa.

— Que foi criada por um vagabundo e uma prostituta.

Marcus levantou-se de sua cadeira, pronto para desafiar, para brigar.

Claude permaneceu imóvel contra a ameaça.

— Eu falo a verdade, embora você não queira ouvir, Vossa Graça.

Marcus suspirou.

— E eu, Claude, sou o filho de um bêbado e uma bruxa. Talvez nós sejamos adequados um para o outro, afinal. Porque, se parentesco importa tanto, então não sou uma grande barganha, a não ser pelo título. Minha última esposa foi criada por pais exemplares. A história da família dela era imaculada. E no fim, isso não fez diferença.

Claude suspirou.

— Sim, Vossa Graça. E isso o endureceu para um bom conselho. Agora você fará o que quiser, não importa o que eu possa dizer em contrário, porque tem uma cabeça mais dura do que pedra. Rezo para que você esteja certo, e desejo-lhe tudo de bom.

CAPÍTULO 14

— Vossa graça comprou alguma coisa nova nas lojas da vila?

— Não, Polly. Minhas coisas servirão bem.

A cada viagem à vila para compra de suprimentos ou para checar o andamento da seda que Miranda tinha pedido para a sala de jantar, Polly se tornava mais insistente para que ela comprasse algo para si mesma. Miranda suspirou. Seria infernal pagar as contas quando chegasse a hora se não pudesse encontrar um marido para fazer os cheques. Por que acrescentar mais compras para si à crescente lista de necessidades?

Polly pegou a bainha do vestido de noite de Miranda. Ela encontrara a parte onde o acabamento desaparecia e reaparecia costurado alguns centímetros depois.

— A roupa foi boa o suficiente uma vez, Vossa Graça…

Quando era nova, Miranda acrescentou para si mesma.

— Mas não sei quanto tempo estas mangas aguentarão. Talvez se *milady* comprasse renda para reformá-las…

— Não há necessidade, Polly.

— Um novo penacho, talvez? — Havia uma nota de desespero na voz da criada.

Com o marido ausente e nenhum entendimento verdadeiro sobre o assunto, ela não ousava arriscar uma despesa tão frívola. Seria melhor esperar até que ele retornasse e estabelecesse uma espécie de mesada.

— Acho que não — disse ela.

— Oh, bem, madame. Posso ver que pode encontrar o tecido que precisa na vizinhança, uma bagatela para uma fina *lady* londrina. E quando Sua Graça voltar, terá comprado presentes para *milady*.

Talvez quando Sua Graça voltar terá esquecido que é casado. Ela não nutria grandes esperanças de ele comprar enfeites de chapéu.

— Agora, sobre seu cabelo.

— Meu cabelo? — Miranda tocou a trança, temendo por um momento que Polly fosse sugerir que elas comprassem uma peruca.

— Não é bem o estilo que as damas estão usando hoje em dia. Um tanto incomum.

E fácil de conservar, pensou Miranda. Não precisa de ferros para ondular ou encrespar, ou uma criada para arrumar atrás.

Polly pegou uma folha de revista ali por perto.

— Pensei que talvez pudesse me deixar tentar alguma coisa mais como este

penteado aqui.

Era a página do *Le Beau Monde* ou alguma outra revista de moda, e provavelmente passara pelas mãos da maioria das criadas das damas na área.

Polly apontou o dedo rombudo para o recorte do penteado.

— Talvez um pouco longo demais nas costas, mas não muito. Partido de lado, aqui. Os cachos chamariam a atenção para seus olhos, Vossa Graça, e a senhora têm realmente olhos encantadores.

Poderia ser um desastre, pensou ela. Uma tesoura e ferros de frisar em mãos não treinadas.

— Você sabe muita coisa sobre cabelo, Polly?

— Oh, sim, Vossa Graça. Corto e arrumo o cabelo da família toda. Minhas irmãs ficam muito elegantes.

— Alguma delas trabalha aqui?

— Não, *milady*, mas tenho três delas, todas mais jovens. Conheço tudo sobre cabelo.

— Tudo bem.

Devia dar uma oportunidade à pobre mulher, para compensar pelo seu triste guarda-roupa e a falta de ânimo que ela deveria mostrar como a nova *lady* da casa.

— Oh, obrigada, Vossa Graça. Fique aqui e buscarei a tesoura.

Agora? Meu Deus! Imaginara que aconteceria num futuro distante e concordou, esperando que satisfizesse a criada. Afundou na cadeira ao lado da penteadeira, sem tempo para se preparar.

Polly voltou trazendo a tesoura. Deu um pequeno corte para experimentar, e as lâminas brilhantes cortaram o ar. A criada mordeu o lábio.

Faça seu pior, pensou Miranda, olhos fechados, ouvindo o som dos cortes atrás de si, na altura da nuca. A primeira madeixa caiu, e ela se sentiu estranhamente mais leve, como se a dor de cabeça que a incomodava havia dias fosse o resultado do cabelo se enterrando em seu cérebro.

As tesouradas continuaram, e ela relaxou sob os cuidados de Polly. De fato, era muito melhor que fizessem algo por nós do que fazer algo para os outros. E Polly era bem-humorada, o que era raro naquela casa. Falou sem parar sobre suas irmãs, seus cabelos, suas belezas e depois parou.

— Pode abrir os olhos agora, Vossa Graça. Veja, não ficou tão mal assim, concorda? Vou lhe buscar uma xícara de chá e aquecer os ferros de frisar. Verá que ficará excelente quando tivermos terminado.

Miranda olhou-se no espelho em estado de choque. Polly estava certa. O corte mudou seu rosto. Quando o cabelo foi cortado, a estrutura óssea apareceu. E ela de fato tinha bons olhos. Não sombrios e duros como pensara. Rodeada pelos

cachos, ela parecia quase divertida. Não estava tão grandiosa quanto Bethany tinha sido, mas talvez um toque de ruge…

Imaginou o que Marcus pensaria quando a visse.

E percebeu que o ruge não era necessário para a cor aparecer nas próprias faces. Meu Deus. Ela esfregou as faces, como se o pensamento que as deixara rosadas pudesse ser fácil de interpretar.

Polly voltou com o chá, e ela bebeu alegremente, ignorando o leve chocalho da xícara sobre o pires.

MIRANDA DIRIGIU-SE ao jantar naquela noite com a cabeça erguida para acentuar o pescoço gracioso que ela nunca soubera que possuía. E quando entrou na sala de jantar, St. John estava lá e levantou-se ao vê-la.

— Miranda — disse seu nome numa espécie de suspiro, bem diferente do tom festivo que usava quando se dirigia a ela. — Juro que não tinha a mínima ideia.

Ele cruzou a sala, e ela olhou para o chão enquanto o cunhado caminhava vagarosamente em torno dela.

— Quem planejou essa transformação? Foi a Londres e voltou em uma tarde para aparecer assim tão bonita?

— Não. Foi Polly quem fez. Ela insistiu.

— Então você deve aceitar o conselho dela em todas as coisas, porque ela é sábia para alguém tão jovem. Este é um vestido novo também?

— Você estraga seus elogios com lisonjas, St. John. Este é o mesmo vestido que usei para jantar nestas duas semanas.

— Não tive a intenção de bajulá-la. É somente que… sua transformação é tão espantosa… Francamente, Miranda, quase não posso olhar para o vestido; a mulher que o está usando é tão radiante.

Ela tentou não tirar prazer do comentário, lembrando-se de que não era St. John que ela precisava agradar.

E perguntou, hesitante:

— Você acha que o duque aprovará?

St. John desviou o olhar, depois se ocupou com sua sopa. Enfim, murmurou:

— Não sou, talvez, a melhor pessoa a quem se perguntar sobre o gosto do meu irmão no que se refere a mulheres. Afinal de contas, faz muitos anos desde que passamos algum tempo juntos. Os gostos mudam. — Ele pausou, tomando outra colher cheia de sopa. — Mas como ele poderia não gostar disso? Realmente assenta-lhe bem.

Formidável, pensou ela. Ele deve ter uma fantasia por cabelo longo despenteado. Será que tinha mudado o que era aos olhos dele sua única

qualidade?

Tomou um grande gole de vinho e permitiu que o criado reenchesse seu cálice. Não deixaria que a preocupação com o duque arruinasse sua noite. Jogou a cabeça para trás e sentiu os cachos baterem contra seu pescoço. Aquilo a fez sorrir.

— Se ele não gostar, não me importarei com o que ele pensa, porque o corte ficou ótimo.

St. John riu diante da pequena rebeldia por parte dela.

— Esta é a minha garota. Mantenha o queixo erguido e me mostre mais desse pescoço bonito. Sua breve estada aqui lhe fez bem.

Ela podia sentir a cor nas faces novamente. Não havia por que esconder aquilo. Ele podia, sem dúvida, ver que efeito seus elogios tinham sobre ela, mas era educada demais para comentar.

Logo ele torceria a conversa ardilosamente para tópicos mais gerais que ela poderia responder sem corar e sem uma risadinha.

Ela tomou outro gole de vinho. Aproveitaria a companhia dele enquanto pudesse, pois seu marido deveria voltar logo e mandaria St. John embora. Ele já estava descrevendo alguma égua de bom sangue que vira na estalagem hoje fazendo planos, como fazia ocasionalmente, para começar um haras na região. Ela assentiu com interesse enquanto a entrada foi servida e a sobremesa chegou.

Os planos de St. John eram sempre dispendiosos, e Miranda desconfiava que tais planos fossem a fonte do conflito entre ele e seu irmão. O filho mais jovem da família não tinha recebido muito da herança deixada, e o que recebera parecia ter desaparecido nos dois meses desde a morte da mãe. As dívidas de St. John eram maiores do que seus sonhos, e ele contava com o duque para manter seus credores afastados.

Olhou para ela na hora da sobremesa, e eles caíram num silêncio que foi confortável no início, depois cheio de expectativa.

Vinho demais esta noite, pensou ela. Seria melhor retirar-se cedo e pôr um ponto final naquela tolice.

— E sobre esta noite? — perguntou St. John como se lendo seus pensamentos e tentando-a. — Refúgio na biblioteca? Posso ler para você. A sala de música, talvez? Há um piano lá. Acredito que você não toque. Posso cantar algumas melodias que não ofenderão uma *lady*, embora minha voz não seja lá essas coisas.

Ele era tão impetuoso. Sempre querendo agradar. E seria agradável, como as noites passadas na companhia dele frequentemente eram. Muito confortáveis. Ela sentiu o perigo de estar se acostumando a elas.

A separação seria muito amarga.

— Não esta noite, St. John. Estou muito cansada. Acho que vou me retirar para meu quarto e ler.

— Venha… — Ele pegou-lhe o braço. — Eu a acompanharei.

— Não será necessário.

— Ah, mas eu insisto. — Ele levantou-se e veio para o lado dela, apertando seu braço inocentemente, e ela sentiu uma incomum tensão no corpo. — Não deve vagar por esta grande casa sozinha.

— Mas, realmente, eu prefiro…

— Ficar sozinha? Bah… Não é saudável ficar só por muito tempo. Descobrirá que há muitas atividades agradáveis que são melhores na companhia dos outros.

Ele a conduziu para fora da sala, e seguiram pelo hall e pelo primeiro lance de escadas em direção ao quarto dela. Miranda separou-se dele então, agradecendo-lhe mais uma vez pela cortesia desnecessária.

— Mas estamos ainda a meio caminho do seu quarto, Miranda.

— Conheço o caminho. Honestamente, St. John, não há probabilidade de ficar perdida na minha própria casa.

A expressão dele bruxuleou na luz da vela.

— Foi minha casa também um dia. Todos esquecem que sou um membro da família.

— Claro que você faz parte da família, St. John. Para mim, pelo menos. Como um irmão. — As palavras soaram falsas nos ouvidos dela, que se apressou em dizer: — Nunca tive um irmão.

— Você decerto nunca teve o meu, mas retificarei esta falta de família e lhe darei as boas-vindas. — E, antes que ela pudesse afastar-se, ele beijou-lhe a face.

Foi apenas de leve, mas queimou contra a pele dela e a deixou tonta ao sentir o peso da mão que pressionava seu ombro.

St. John tocou-lhe a face, e seu dedo percorreu a linha do nariz dela e, para seu próprio espanto, ela suspirou.

— Dou-lhe minha palavra. Você, na verdade, não teve meu irmão. Ele foi embora, mas a deixou intocada.

Ela corou.

— Não é apropriado falar em tais coisas.

— Inapropriado, mas verdade, não é? — Ele não esperou pela resposta, mas a leu nos seus olhos. — Meu irmão é mais bobo que pensei, abandonando uma gema preciosa para ir atrás da escória que encontrará em Londres.

— Ele não me abandonou. — Mas a voz dela não soou da maneira que ela queria que soasse.

— Talvez não. Ele, sem dúvida, voltará quando se cansar do esporte onde está caçando e espera encontrar sua esposa inocente esperando em casa. Benfeito

para ele se alguém chegar e roubar você.

— Tenho mais honra do que isto, Sir.

— Claro que tem, minha querida Miranda, mas descobrirá que há homens que não têm escrúpulos contra tentar uma esposa solitária a perder sua virtude.

— E suponho que você pretenda me proteger desses tipos de homens — disse ela acidamente.

— Talvez não seja de proteção que você precise.

— St. John, você vai muito longe. — Afastou-se dele, que pegou seus ombros e gentilmente a virou para encará-lo.

— Miranda. — A voz dele era a própria inocência ferida. — Estava apenas provocando. Seu segredo está a salvo comigo.

— Obrigada — ela murmurou.

— Aí está. Muito melhor. Estou perdoado? Não poderia suportar vê-la zangada comigo. Quem eu teria então para conversar e caminhar?

— Eu estava sendo boba.

Ele estava certo, pensou ela. Era melhor estarem sozinhos juntos do que estarem ambos sozinhos separadamente.

Ele a puxou para si e deu-lhe uma saudação na outra face, outro beijinho ligeiro, e ela sentiu o sangue aflorar no seu rosto.

Ele não a deixou ir embora.

— Sentirei sua falta, você sabe, se retirar sua afeição.

Ela olhou nos olhos dele e viu tristeza no seu sorriso.

— Sem você, seria desesperadamente infeliz. Esta é uma casa tão fria, sem o calor de outro ser humano, não é? Você mesma deve sentir isso, à noite, quando está sozinha naquela cama imensa nos aposentos do duque.

Ela não queria pensar na solidão. Não agora, quando estava de pé tão perto de outra pessoa.

— E você, Miranda querida, não deveria ser abandonada na escuridão que é este nosso lar. Você merece coisa melhor.

Ela fechou os olhos contra as palavras. Todos continuavam insistindo que ela merecia mais do que queria. Poderia ser feliz a não ser pelo desejo daqueles à sua volta de melhorar suas condições quando já estava contente.

— Uma flor como você não deve ser mantida no frio e no escuro, mas receber luz e calor de modo que possa florescer. — As mãos dele roçaram vagarosamente os braços dela como se para dissipar o frio, mas ela tremeu diante do toque dele, percebeu a aproximação deles e afastou-se.

No entanto, os braços dele eram fortes e a seguraram rapidamente, e pareciam sugar a força do corpo dela enquanto os olhos de St. John baixaram sobre os dela. E então, em vez de segurá-la, seus braços a estavam puxando para mais

perto, e a cabeça dele, baixando, e seus lábios encontraram os dela.

O beijo foi doce e mais sedutor porque ela sabia que aquilo estava errado. Cici dissera que as pessoas que iam à igreja que se aborreciam com tentação não sabiam o verdadeiro perigo: eles não entendiam a alegria de se apaixonar.

Havia uma sensação estranha percorrendo o corpo dela, como se seu sangue tivesse sido substituído por mel. E ela podia sentir que ele esfregava a língua contra a boca fechada dela, que ele tinha intenção de abrir-lhe os lábios, e a boa Miranda se preveniu sabendo que aquilo seria um desastre, mas a garota malvada disse-lhe que o estrago estava feito e o único perigo agora seria a descoberta. E ela abriu a boca para ele e o deixou tomá-la, e aquilo era bom.

E o sentimento adocicado tinha alcançado seu estômago, e seu corpo gritava que queria estar mais perto ainda.

Ele sentiu a mudança. E, de repente, suas mãos estavam percorrendo livremente o corpo feminino, e a boca de St. John era dura e exigente sobre a dela, não doce e lisonjeira, e ela lutou contra ele.

E ela puxou seu braço para trás o máximo que pôde e o trouxe para a frente rápido e bateu-lhe na cabeça.

Anos puxando água e esfregando assoalhos deram a seus braços músculos que bordar e tocar cravo nunca poderiam dar. Ela observou com satisfação que a pancada fora dura o suficiente para deixá-lo estupefato quando se livrou dela e inclinou-se contra a parede.

Quando os olhos dele ergueram-se para encontrar os dela, estavam escuros e zangados, não cheios de amor.

E ela fugiu. Disparou como uma louca pelo corredor e entrou no seu quarto, onde bateu a porta e a trancou.

E então Miranda ouviu passos no hall pausando do lado de fora de sua porta. A maçaneta girou, para um lado e depois para o outro.

Deixe-me, implorou ela em silêncio.

— Miranda. Deixe-me entrar — ele estava sussurrando no buraco da chave, e sua voz tranquila ecoou através do aposento como um grito. — Doçura, abra a porta para mim.

Ela ensaiou a palavra *não*. Passou os braços em volta de si e sentou-se na cama.

— Você sabe que quer.

Ela não sabia o que queria. Não mais. Queria estar na sua casa. Em algum lugar, ela queria estar em casa.

— Miranda. — Ele cantou o nome. — Meu irmão sabe o quão doce seus lábios são?

Ela limpou a boca com as costas da mão.

— Aposto que era uma boca que nunca tinha conhecido beijos. Você acha que deveria contar a ele?

— Não — ela disse a palavra em voz alta desta vez e praguejou por responder.

— Então, é uma coisa boa que ele a tenha abandonado para mim. Abra a porta, Miranda, e vamos terminar o que começamos.

— Vá embora.

— Muito tarde para me mandar embora. É injusto de sua parte me tentar e depois negar o que estava livremente oferecendo antes.

— Não o tentei, sua cobra!

— Mas não sou uma serpente, querida, e isto não é certamente o Éden. Será que é tão errado assim duas pessoas se aconchegarem em busca de calor quando estamos congelando numa tumba tal qual esta aqui?

— Sim. E se você não sabe por que, então deveria deixar esta casa imediatamente.

— Eu virei e irei quando for a hora certa, Vossa Graça, como sempre fiz. A não ser que queira explicar para meu irmão por que sente que preciso partir. Ele não aceitará isso bem.

— Então, você precisa ficar longe de mim, e planejo manter-me tão afastada de você quanto possível.

A voz dele era suave, e seu cabelo na nuca eriçou-se:

— Em princípio, talvez, mas em breve você verá, minha querida, que ele não a quer do modo como eu quero. E quando você mentir na cama à noite, insatisfeita, ansiando pelo toque de uma mão quente, descobrirá que minha porta sempre estará destrancada para você. — E ele riu.

Ela ouviu seus passos leves em retirada pelo hall.

Miranda correu para a porta e a checou outra vez. Sentou-se no chão em frente a ela. Era verdade então. Como sempre temera. Havia algo errado com ela, que podia sucumbir tão facilmente quando a tentação se apresentava. Ela amava seu pai e amava Cici, mas viver com eles não a ensinara as habilidades que precisava para sobreviver como uma *lady*. Eles não lhe ensinaram prudência ou limitação. E decerto não lhe ensinaram castidade. Em vez disso, Cici ensinara-lhe a verdade do que acontecia entre um homem e uma mulher, e Miranda escutara as histórias avidamente. E lembrava-se. E queria ouvir mais. Saber mais.

Esta noite, estivera pronta, e alguma coisa nela estava ainda pronta, para abrir a porta para um homem que devia ser seu irmão. E para deixar que a tomasse e usasse como quisesse. Abrira os lábios para ele quando nunca deveria ter permitido nada além de um beijo na mão.

E quando o lorde a beijara… Ela lembrou como ele tinha lambido as frutas dos dedos e sentiu a palpitação que sentia sempre que pensava nessas coisas.

Nunca deveria ter deixado que ele a segurasse. Quando ele falou, não deveria ter respondido. Devia ter fugido o mais breve possível. Talvez tivesse querido sentir aquela mão no seu seio. Aquilo e mais.

Queria sentir um homem dentro de si, mesmo se o homem não fosse seu marido. Sabia que estava errada, mas queria aquilo do mesmo modo. E St. John devia ter sentido a sua fraqueza ou nunca teria tentado o que fez.

Ajoelhou-se perto da porta e ofereceu uma prece silenciosa por perdão e por força. E que seu marido jamais descobrisse a maldade nela entre todas as outras mentiras de seu coração infiel.

CAPÍTULO 15

Havia um tumulto no pátio. Miranda podia ouvi-lo através da janela aberta. Levantou-se de onde tinha dormido, inclinou-se contra a porta e se esticou para aliviar as cãibras nas costas. Através da madeira, podia ouvir mais sons, mais fracos, de criados apressados tentando parecer ocupados. Fogo, talvez?

Não, alguém teria vindo até ela, mesmo que não gostassem de sua administração.

Houve uma batida abafada no painel próximo a ela que a surpreendeu.

— *Milady*, está acordada? Eu teria entrado, mas a porta está trancada. É hora de se vestir. Rapidamente. Sua Graça, o duque, está de volta.

Oh, Deus. Ele tinha voltado. Justamente como se tivesse visto o que acontecera na noite anterior, e veio para acertar as contas com ela. Destrancou a porta, e Polly entrou apressada no quarto. Elas tiraram juntas a camisola e pentearam o cabelo dela, e Miranda examinou os resultados no espelho. Se possível, ela parecia até mesmo pior do que quando ele a deixara. O vestido, que tinha sido de triste figura quando ela chegara a casa, parecia ainda mais velho. Havia lugares onde a surrada bainha se desfizera, e Polly fizera o possível para remover todos os amassados, mas as linhas esbranquiçadas pareciam ainda piores. O ajuste não estava largo como estivera, mas desconfortavelmente apertado nos seios.

Seu cabelo. Ela passou a mão pelos cachos, lembrando o que St. John dissera sobre o amor do irmão por cabelo longo solto, lembrando o retrato no hall de cima da loira atraente envolvida com a nuvem de ondas.

E seu rosto era o pior de tudo. Estava cansada, sabia disso, mas não mais pálida por isso. Tinha o rubor culpado de uma mulher que acabara de ser beijada, e não havia nada que pudesse fazer para se livrar da cor de suas faces.

Miranda deixou o quarto e desceu as escadas, tentando manter a cabeça erguida.

Seu marido, se é que ainda era, estava na entrada, dando ordens aos criados para carregarem várias malas, caixas e engradados. Ele se livrou da capa e a entregou ao valete que esperava. Suas botas ainda estavam empoeiradas da estrada, mas o terno preto que usava se mostrava imaculado, a gola da camisa, enrugada, e a gravata, com nó complicado, se mantinha segura no lugar por um alfinete de ouro. Marcus era, em todos os sentidos, o elegante cavalheiro da cidade, rico e bem-criado. Ela sentiu uma onda de orgulho e admiração, sabendo que pertencia a dele.

O duque olhou para o alto da escada e parou suas instruções ao mordomo,

seguindo-a com seus olhos enquanto ela descia. Miranda estava novamente consciente de sua triste aparência. Parecia com o que de fato era: dificilmente boa o suficiente para reclamar um emprego como empregada na casa da qual era dona.

Alcançou o chão e parou a alguns metros dele, curvando-se na sua melhor reverência.

— Bem-vindo ao lar, milorde. — *E onde você esteve?* A mente dela forçou as palavras não verbalizadas, mas elas permaneceram entaladas na garganta.

— E é uma agradável volta ao lar encontrá-la aqui para me cumprimentar. — A expressão dele era de avaliação, mas havia um leve sorriso nos seus lábios, como se aprovasse alguma coisa. Gesticulou para as caixas que o rodeavam. — Parece-me que cheguei na mesma hora que algumas de suas compras. Elas estavam esperando na estalagem, e as trouxe comigo. Usou as últimas duas semanas para gastar meu dinheiro?

Ela corou. Não era a primeira impressão que tinha desejado dar ao seu novo marido, de gastar deliberadamente quando ele virou as costas. Ela esperara que as novas cortinas estivessem penduradas, o papel de parede, colocado, e os débitos, escondidos nas contas. Homens raramente observam melhorias quando já estão no lugar e as mudanças são drásticas. Uma enorme pilha de caixas, contudo, fez aquilo tudo parecer pior do que era.

— Posso explicar — assegurou-lhe ela.

— Retiremo-nos para o estúdio e poderá explicar. — Ele caminhou na frente, deixando as caixas para trás.

Uma vez no estúdio, sentou-se à mesa e começou a examinar a pilha de correspondência que tinha se acumulado na sua ausência.

Ela permaneceu em silêncio, diante dele, esperando uma oportunidade de começar.

— Bem? — O duque dirigiu-se a ela sem olhá-la.

— As caixas no hall…

— Estão, sem dúvida, cheias de quinquilharias sobre as quais não precisa explicar.

— Estão cheias de cortinas e papel de parede para a sala de jantar — corrigiu ela, com um olhar firme. — Quando tentamos limpar a sala, o veludo se fragmentou ao tocarmos nele. Entendo o valor da seda nas paredes, mas estavam tão manchadas sob a fuligem que estava além de recuperação. Não fiz grande mudança na cor ou no estilo da sala, mas, uma vez que as novas compras estejam instaladas, estou certa de que apreciará a diferença.

— Você tentou limpar a sala de jantar — repetiu ele.

— Claro. Precisava ser feito. Não toquei em nenhum de seus quartos

privativos… — *por enquanto*, pensou ela, olhando para uma perniciosa teia de aranha no canto do estúdio —, mas senti que as áreas comuns da casa deveriam ser esfregadas.

— Venha aqui — ordenou ele, e ela deu um passo para mais perto. Ele pegou-lhe as mãos, virando as palmas para cima e passando um dedo ao longo dos calos amolecidos. — Espero que não tenha feito esse trabalho todo sozinha.

— Milorde tem criados, embora tenha sido necessário encontrar ajuda extra da vila. Estou certa de que será apenas uma despesa extra.

— E o que a governanta pensa de seus planos?

Agora ele vai falar francamente, pensou ela, temerosa.

— A sra. Clopton tinha muito pouco a dizer depois que a despedi. A nova governanta era muito mais compreensiva com as mudanças.

— Despediu-a? — repetiu ele.

— Sim. Ela não mostrou disposição, e senti que não deveria continuar se eu fosse permanecer aqui.

Miranda pensou ter visto o leve tremor de um sorriso antes que ele continuasse:

— Então gastou diversas centenas de libras em novas cortinas e despediu a governanta. Há algo mais?

Houve uma delicada tosse, que anunciou a presença de Wilkins, o mordomo.

— Não agora, Wilkins, estou falando com minha esposa.

— Não, suponho que seria uma boa hora para falar com Wilkins — disse ela. Estava encorajada, tendo sobrevivido tanto tempo sem incidente. — Porque estou certa de que ele gostaria de lhe falar. Não o despedi, ainda — acrescentou ela —, uma vez que ele é um antigo empregado da família e achei que seria melhor se milorde lidasse com isso.

O duque arqueou a sobrancelha. Não estava acostumado que lhe dissessem que era seu trabalho "lidar" com alguma coisa.

— Wilkins tem estado infeliz ultimamente, e esta infelicidade o levou a uma desafortunada dependência de sua adega e das garrafas de conhaque. Não calculei quanto milorde está perdendo, mas a quantidade é considerável e está afetando a habilidade dele de desenvolver seus deveres.

— Isto é verdade, Wilkins?

Wilkins devia ter desejado vir e implorar seu caso antes que o duque tivesse tido uma chance de conversar com a nova e louca esposa dele.

— As coisas estiveram de algum modo melhores nesta última semana, e eu penso que encontrei uma solução — apressou-se ela em dizer.

— Mesmo?

— Estive olhando os livros de despesas domésticas, razão pela qual tive a

ideia das novas cortinas. Sua mãe não… sua mãe era… — Ela procurou pelas palavras que expressariam a verdade sem falar em doença mortal. — Embora os criados sejam devotados à memória de sua mãe, ela não ajustava seus salários fazia muitos anos. O valor de salários aqui, desde o mordomo até cozinheiras e copeiras, é muito mais baixo do que o que estou acostumada a ver.

Ela devia saber, pensou ele, uma vez que estava intimamente familiarizada com o pagamento de uma empregada doméstica.

— Está seriamente recomendando que recompensemos bebedeira e furto com uma elevação de salário?

Wilkins parecia preferir morrer a sugerir tal coisa.

— Sim, estou — continuou ela. — Quando os criados são forçados a desempenhar tarefas servis para um patrão ingrato, encontram meios de pegar de volta algo para si. Eles roubam, faltam ao dever, tiram do orçamento, pegam o troco da mercearia e colocam água no vinho. Sei que sua propriedade deve ser lucrativa e pode suportar um aumento significante no orçamento doméstico. No momento, seus empregados o estão roubando escondido, e a casa está um caos.

Ele olhou para ela.

— Falatório franco, madame.

— Falo a verdade. A governanta foi embora porque trazia cortes inferiores de carne, adulterava os livros e ficava com a diferença. O staff está em tumulto, mas pelo menos o jantar será deglutível. Um aumento no pagamento resolverá a confusão na área da cozinha. Prove que contei ao meu marido estes assuntos e permita-me deixar a casa em ordem.

— E quanto a Wilkins?

O lábio inferior de Wilkins torceu-se, que era o mais próximo que ela vira de um mordomo aterrorizado.

— Se ele conseguir parar de surrupiar as adegas, será bem-vindo para retornar ao seu posto.

— Wilkins, esta condição lhe satisfaz?

— Sim, Vossa Graça.

— Muito bem então. E antes que vá embora, veja o aumento que Sua Graça sugeriu. Cinco por cento.

Miranda fez um gesto de negação.

— Bom, dez por cento ao todo. E que todos saibam que devem agradecer a Sua Graça pela mudança na situação.

— Sim, senhor. — E Wilkins sumiu, deixando-os sozinhos.

— Bem, se isto é tudo, milorde… — Miranda intencionou seguir o mordomo para fora.

— Não, não é tudo.

Ela voltou-se, sentindo um arrepio nas costas.

A expressão dele era impassível.

— Você parece ter estado ocupada nas duas últimas semanas.

— Bem, sim, mas eu vi que havia muito que precisava ser feito.

— E sua situação aqui, dá-lhe satisfação total?

Os olhos dele eram frios e cinzentos olhando para ela.

— Minha situação?

— Quando falamos, antes de eu partir para Londres, você parecia, de algum modo, menos do que feliz com nosso casamento. Expressou um desejo de voltar para casa. Acredito que este não mais seja o caso.

Ela fez uma reverência diante dele e baixou os olhos para o chão.

— Eu era um poço de nervos infantil e histérico, milorde. Isso não se repetirá. Vossa Graça honrou-me ao se casar comigo, e sou grata, e pretendo devolver esta honra como uma fiel e submissa esposa.

Ele pensou por um momento ter ouvido um bufar zombeteiro nas últimas palavras, mas olhou para o rosto dela, que estava teimoso como sempre.

— Muito bem. E noto, enquanto estive ausente, que se sentiu livre para gastar meu dinheiro à vontade.

Seria ele um avarento como sua mãe? Ela baixou os olhos para o chão novamente.

— Milorde não deixou instruções específicas de como eu deveria agir. Achei melhor controlar a criadagem tão rapidamente quanto possível. Desculpe-me se as despesas foram mais do que pretendia.

— No futuro, por favor, deixe-me ver quaisquer recibos acima de cem libras. Mas, se continuar do jeito que começou, não vejo razão para não concordar com o julgamento de seus assuntos domésticos.

— Obrigada, milorde. E agora, se me der permissão…

— É claro.

Ela se virou, mas, quando alcançou a porta, ele disse suavemente:

— Miranda?

— Sim?

— Seu cabelo.

Ela passou as mãos nos cachos esquecidos nas suas orelhas.

— Está muito vistoso.

Ela sorriu mesmo sem vontade.

— Obrigada, milorde. — E voou para a segurança do seu quarto.

Muito curioso, pensou ela. Muito curioso na verdade. Nenhuma palavra de explicação sobre onde ele tinha estado ou o que fizera. Marcus dissera Londres, mas aquilo foi tudo. E ela não teve coragem de perguntar. Quando ela havia

chegado, ele afirmava ser um libertino. Talvez houvesse uma aventureira esperando numa casa alugada em algum lugar, usando seda e joias, e sorrindo de satisfação em duas semanas passadas com o solene marido de Miranda.

Enquanto ela trabalhara arduamente, ele sem dúvida estivera aproveitando os prazeres da cidade e passando muito bem longe desta casa detestada e de seu novo estorvo.

Empurrou a porta de seu quarto e ela resistiu.

— Oh, Vossa Graça, espere um minuto, deixe-me tirar suas coisas da frente da porta.

Suas coisas? Miranda enfiou a cabeça na abertura da porta e olhou com surpresa.

— Não é maravilhoso? Sua Graça encontrou seus baús e suas malas. Eles não estavam perdidos, afinal de contas. E tantos pertences bonitos, *milady*! A senhora, sem dúvida, vai querer mudar esse vestido que está usando por algo mais apropriado para o almoço.

— Não. — Miranda envolveu o corpo com os braços, como se com medo de que Polly arrancasse dela o vestido detestado.

Polly a olhava como se ela fosse louca.

— Quero dizer, não desejo mudar de roupa até que tenhamos uma chance de desfazer as malas. — *E até que eu possa imaginar a quem estas roupas pertencem*, pensou ela.

As etiquetas dos baús foram claramente marcadas para ela. É claro, estavam assinaladas com seu título e nome de casada. Talvez Marcus houvesse encontrado alguma bagagem feminina sem etiqueta e assumido que aquilo pertencia a Miranda.

Improvável, pensou, examinando o conteúdo. As roupas eram novas; alguns dos vestidos ainda tinham o fio alinhavado nas bainhas. Era um trabalho apressado que a costureira não pôde terminar.

— Gosta deles? — Seu marido estava parado à soleira entre os quartos.

E Miranda notou, pela primeira vez, a semelhança entre os irmãos. Os olhos dele a seguiam famintos, e o sorriso era pura malícia. Como se ele tivesse entrado no quarto sem cruzar a soleira e posto a mão em sua pele.

Ela olhou para ele sem perguntar, e Polly começou a cantar.

— Oh, realmente, Vossa Graça, são maravilhosos. *Milady* será o centro das atenções do condado quando sair vestida neste. — Ela balançava um traje de dia cor de maçã verde a sua frente e ouvia os crespos babados farfalharem uns contra os outros.

— Estou satisfeito por eles terem sua aprovação, Polly. Vá agora e deixe-me ter uma palavra com minha esposa.

A empregada fez uma reverência e desapareceu, dando uma risadinha.

Marcus cruzou a soleira e moveu-se em direção a ela, sentando-se na cama, parecendo até mesmo mais masculino envolto em babados.

— Acredito que ficará mais confortável — disse ele de modo enigmático —, agora que suas coisas chegaram.

Ela girou para encará-lo.

— Não são coisas minhas, e milorde sabe disso muito bem.

Ele replicou:

— É claro que são suas. Os baús estão etiquetados, e, se prestar atenção, as etiquetas nos vestidos têm seu nome. Madame Souette em Bond Street. Uma estilista muito fina e modista de chapéus. — Ele tocou a seda de um corpete. — Você tem excelente bom gosto.

— Foi isso que esteve fazendo nas últimas duas semanas? Brincando de bonecas com uma estilista?

— Claro que não. Deixei instruções gerais, e ela preencheu o pedido. É quase desnecessário, para mim, examinar todos os aspectos de seu guarda-roupa.

— Não pedi que examinasse parte alguma dele.

— Mas alguém deveria, sem dúvida. Notei, embora tenha dedicado considerável expediente aos itens domésticos e às mobílias, e insistido que eu compensasse até mesmo o escalão mais baixo da criadagem, que você está usando o mesmo vestido que usou no dia em que nos casamos. — Ele andou em volta dela examinando detalhadamente. — Embora seu cabelo tenha melhorado muitíssimo e você não pareça mais atormentada e com aspecto intratável. Quase posso dizer que há rosas nas suas faces esta manhã. O ar campestre deve ter lhe proporcionado isso.

Ela podia sentir a culpa no rosto crescer até mesmo mais pronunciada.

— Então, levou sua bolsa para Londres e comprou um guarda-roupa para mim? E agora o que espera de minha pessoa?

Ele inclinou-se para perto e, quando ela afastou a mão, roçou numa coleção de delicada lingerie.

E ela sabia o que ele esperava, o que exigiria, qual seria seu direito de tomar quando escolhesse.

Ele inclinou-se para mais perto e sussurrou no ouvido dela:

— Espero que diga: “Obrigada pelas roupas adoráveis.”

— Obrigada, Vossa Graça.

Ele suspirou.

— Sua gratidão me encanta. Tente de novo. E, desta vez, e no futuro, quando se dirigir a mim, espero ouvir meu primeiro nome. Não quero mais reverências, como uma criada diante de mim. Gosto de poder olhar em seus olhos quando

fala comigo. — Ele torceu um cacho entre os dedos, e ela afastou-se e olhou dentro de seus olhos.

— Obrigada, Marcus, pelos encantadores vestidos. E agora, se me permite. — Ela gesticulou para a porta.

— Estou dispensado, não estou? Madame, estou acostumado a que meus presentes sejam agradecidos com mais entusiasmo. Ganhar tão mesquinho agradecimento e uma dispensa de um quarto cheio de presentes? Tive mulheres desmaiando, gritando de alegria por meras bugigangas…

— Suas amantes, talvez, fiquem facilmente balançadas por qualquer atenção que lhes dê. E, se é tolo o suficiente para esperar tão imodestas e mercenárias demonstrações, então talvez devesse voltar para elas. Mas sou sua esposa e não devo cair prostrada em êxtase sempre que você se dignar a me abençoar com sua companhia.

Ele praguejou e atirou no chão o sapato que estivera segurando.

— Não, é claro. Por que razão eu esperaria que minha mulher pudesse ficar, no mínimo, satisfeita em me ver? Por que esperaria sinceras boas-vindas em minha própria casa? Bajulação por meu título… bem, é claro posso compreender que não o faça. Mas nenhum oferecimento de calor ou amizade é digno de punição. Muito bem, então, vamos seguir como você escolheu. Como seu marido e como duque, ordeno-lhe que queime toda a roupa que trouxe, e que use as coisas que comprei. Ou, Deus a ajude, eu a trancarei no seu quarto. Bom dia, madame!

O duque passou por ela através da porta adjunta e bateu-a tão forte que os quadros balançaram nas paredes. Alguns segundos mais tarde, ela o ouviu bater a porta do quarto dele também, e dirigiu-se ao hall, sem dúvida procurando por outras portas para bater.

Ela sentou na cama, cercada pelas sedas e fitas, aturdida. A entrevista no estúdio tinha sido tão boa, e ela se acalmara com a visão do que imaginara que o relacionamento deles poderia ser. Sem paixão, talvez, mas lidariam bem um com o outro. E se ele sentiu a necessidade de passear em Londres na noite do casamento dos dois, sem uma palavra de explicação, deixando-a sozinha para lutar contra as lascivas investidas de seu irmão e então reaparecer sem avisar, não lhe dizia respeito. Seu dever era lidar com o staff doméstico, o dele, lidar com as terras. Eles quase não veriam um ao outro. Exceto à noite, quando…

Ela saiu da cama e sentou-se em uma cadeira.

E se nada disso importava, por que ela o tinha banido de seu quarto e o condenado por trazer presentes?

Porque ele lhe ordenara a fazer coisas. Primeiro ele ordenara-lhe que não fosse subserviente; depois continuara que queimasse suas roupas, as quais não

passavam de andrajos, que ela detestava.

— *Milady*? — Polly enfiou a cabeça na porta entreaberta do quarto de dormir.

A criada, sem dúvida, ouvira o fim da troca de farpas, assim como as pessoas nas vilas da vizinhança deveriam ter ouvido. A batida da última porta foi provavelmente forte o suficiente para amedrontar os animais selvagens dos condados vizinhos.

— Sim, Polly? — Miranda continuava com o tremor na voz quando falou.

— Posso continuar a desfazer as malas agora?

Ela sorriu com mais segurança do que sentia.

— Sim, Polly. Isso seria de muita ajuda.

— E posso selecionar um vestido para *milady*, para que use no almoço? O verde, talvez?

Polly gostava do vestido verde, ela percebeu, mas, depois da tempestade que ela acabara de testemunhar, seria benfeito para ele se ela aparecesse à mesa do almoço usando o mesmo vestido que usava agora. E deixá-lo enfurecer-se e sair esbravejando do almoço também.

O duque podia ir embora sem comer, na opinião dela, e ver se aquilo melhorava seu humor. Ela ergueu as mãos para o cabelo, desejando que tivesse crescido novamente, só de raiva.

A manga do seu vestido, já em mísero estado pelos anos de duro trabalho, enfim não aguentaram mais, e Miranda sentiu o vento quando seu cotovelo apontou pelo irreparável buraco.

— Tudo bem, Polly. O verde. E queime este.

MARCUS OLHOU para o teto de seu estúdio, em direção do quarto dela, em estado de frustração. Como iria lidar com tal mulher quando ela o provocava toda vez?

Pensou que ela teria, pelo menos, alguma coisa em comum com Bethany e com todas as outras mulheres de seu conhecimento, que as roupas a deixariam em êxtase feminino. Ele podia, então, deitar o prêmio da segurança do pai aos pés dela e ter um carinho de gatinhos contentes para o resto da sua vida.

Não esperava que a primeira parte do presente fosse recebida com tanta suspeita e que o presente que eram sua casa, suas terras, seu título e todo o dote e tudo o que possuía fosse tratado como um grande sacrifício que ela teria que suportar.

Estremeceu ao pensar em como seria quando eles chegassem à parte do voto em que seria necessário que ela lhe desse seu corpo. Se ela mantivesse aquela atual atitude, seria uma experiência desconfortável.

E dizer a ela agora que ele sabia de tudo e que o pai dela a visitaria no Natal podia ser o modo mais efetivo de fazer com que Miranda obedecesse rapidamente, mas não o mais satisfatório. Ela era uma mulher orgulhosa, a mais orgulhosa que já conhecera, apesar do fato de que não possuia nada além de um fiapo de honra. Miranda não seria grata por não ter mais um segredo, ficaria envergonhada. E quando descobrisse que ele a ajudara, iria para a cama dele tranquilamente como uma refém da segurança do pai.

E por que tinha de ser daquela maneira? Teria ele se tornado tão repelente no tempo em que ficara fora que ninguém podia querê-lo? Estaria a devassidão estampada no seu rosto? Os pecados de orgulho e fraqueza eram tão óbvios no seu caráter que nenhuma mulher honesta, não importava o quão desesperada, podia suportar ser levada para a cama por ele?

E ele encontrara uma mulher honesta, não encontrara? Querendo sacrificar-se cegamente para realizar o sonho do pai. E como ele podia apreciar o fardo da obrigação familiar? Eles não eram diferentes e, uma vez que ela percebesse isso, eles se dariam bem.

Mas, como sempre, ele fora um marido bruto, pensando que com uma demonstração de riqueza as coisas podiam ser feitas com rapidez. Miranda estava acostumada à simplicidade e ao trabalho árduo, e ele lhe oferecera esplendor. É claro que ela estava desconfortável. Ela parecia estar bem quando era ativa. Sem duquesas tipo boneca de porcelana para ele. Não dessa vez. Ele precisava encontrar trabalho adequado para as habilidades dela.

Marcus sorriu. E, uma vez que ela estivesse feliz, na certa outras tarefas ainda mais agradáveis poderiam cair no roteiro dela no fim do dia e ser realizadas com um mínimo de estardalhaço.

Se ele pudesse fazê-la vir para sua cama com um coração leve, então poderia compartilhar a informação sobre o pai e cimentar o relacionamento sem fazê-la uma escrava obediente aos seus desejos.

CAPÍTULO 16

Miranda sentou-se sozinha à mesa de almoço com salmão frio e trepidação. Estava sendo punida, desconfiava, pela explosão no quarto de dormir.

E então ela ouviu um som distante de portas se abrindo, e uma agitação no hall. Começava a desconfiar de que, onde quer que estivesse uma nuvem de barulho e ação, redemoinhava em volta do duque.

Ele entrou na sala de jantar e tomou seu lugar à cabeceira da mesa, quase não a notando, enquanto os criados apressavam-se a encher o prato e os copos dele. Começou a comer sem dizer uma palavra, mas parou depois de algumas garfadas para olhar para ela. A expressão dele não apresentava nenhuma sombra da lembrança de sua recente explosão.

— Este salmão está impecavelmente bom. Você despediu a cozinheira também?

— Não. Simplesmente inspecionei a compra dos alimentos. Verá que a comida que mandei fazer melhorou muito em qualidade.

— E continuará a melhorar depois que a cozinheira ouvir falar no aumento do salário?

— Acredito que ela já ouviu, Vossa Graça… Marcus — corrigiu ela. — O almoço de hoje é notoriamente melhor do que a ceia de ontem.

Ele deu de ombros e continuou a mastigar.

— Se a tendência continuar, terei de considerar comer a ceia em casa.

— Se há pratos que possam tentá-lo a jantar aqui, por favor, informe-me, de forma que eu possa providenciá-los.

O garfo parou a meio caminho até a boca, e ele a examinou antes de responder. Então tomou um gole de vinho.

— É claro. Se houver algo capaz de me tentar a permanecer em casa, você será a primeira a saber.

Ele continuou a olhar por cima do garfo para ela até que Miranda corou pela atenção.

Então ele continuou:

— Esse vestido fica muito bem em você. Faz suas faces ficarem coloridas.

— Obrigada, Marcus — acrescentou ela com dificuldade, e a conversa morreu ali.

Miranda mastigava em silêncio. Ficaria terrivelmente monótono se o curso de todas as refeições envolvesse uma observação sobre a comida, uma observação sobre o vestido dela e silêncio. Sobre o que ela conversaria, quando no seio da família? O que fizeram? O que planejavam fazer?

E se ela perguntasse a Marcus onde ele estivera por duas semanas? Ele poderia dizer-lhe, e ela podia não gostar da resposta, ou o silêncio podia crescer mais profundo ainda.

— Você tem planos para esta tarde, Marcus?

Ele olhou por cima do garfo outra vez.

— Por quê? Tem alguma sugestão?

Era uma insinuação, desconfiou ela. Preferiu ignorar.

— Não. Trata-se apenas de uma conversa trivial. Você não precisa responder se não desejar.

Eles continuaram a comer, calados.

— Estava pensando — disse ele finalmente — em visitar algumas das fazendas afastadas.

Ela assentiu e deu outra garfada.

— Você pode me acompanhar. Se desejar, é claro. Quero dizer, os inquilinos podem pensar que é uma grande honra receber a visita da duquesa. É algo que eles nunca esperaram nos anos em que minha mãe manteve o título. — O duque contemplou seu vinho. — É lógico, se você não quiser…

— Oh, não. Quero dizer, sem dúvida gostaria de cavalgar com você. Estou certa de que será muito interessante.

Quando eu cair do meu cavalo novamente e você tiver de me carregar para casa.

Ele assentiu em aprovação.

— Muito bem então. Encontrarei você do lado dos estábulos em meia hora. — Ele atirou seu guardanapo sobre o prato e levantou-se, olhando para ela com o mais leve dos sorrisos. — Vista-se apropriadamente.

ELA COMPARECEU ao lado dos estábulos 35 minutos mais tarde, praguejando contra todos os homens que pensavam que era fácil subir as escadas e vestir uma roupa de montaria como se aquilo fosse um par de luvas e depois correr para o lado de fora em direção aos estábulos em menos de uma hora. E tudo isso só para montar em alguma besta pestilenta com loucura nos olhos e o diabo no coração.

Miranda deu um suspiro profundo. Precisava aprender a não pensar naquilo como uma imposição, mas como parte de seus deveres como duquesa. Marcus estava certo. Se os inquilinos não tinham visto a *lady* da casa nos últimos trinta anos, era importante que ela fizesse a coisa certa. Talvez não tivesse de empreender muitas visitas até que melhorasse o modo de andar a cavalo.

Voltou-se surpresa de ver que o duque não montava um garanhão puro-

sangue, mas estava no alto da mais sensata carruagem.

— Peço desculpas — disse ele — por não encontrá-la na frente da mansão, mas havia coisas que eu desejava ver antes de viajarmos. — Olhou para a vestimenta dela. — Eu pedi a eles que atrelassem a carruagem, mas se você prefere montar…

— Oh, não — interrompeu ela. — Realmente. Carruagem é muito melhor.

Ele assentiu.

— Alguns homens diriam o contrário, que a maior alegria da vida é um cavalo de montaria vivaz e o espaço para fazê-lo correr. Mas sempre pensei que eles têm um desejo de puxar, e não pular cercas a galope.

Então, por que ela passara uma tarde inteira apoiando seu tornozelo sobre um travesseiro? Fez uma anotação mental para dar um chute em St. John por aquilo e diversas outras coisas quando tornasse a vê-lo. Miranda permitiu que o cavalariço a ajudasse a se sentar ao lado do marido, que conduziu os cavalos.

Marcus dirigiu a carruagem pela estrada, e os cavalos respondiam aos seus comandos. Depois de alguns momentos, ele fez leves comentários das vistas que passavam e dos nomes dos chalés, e ela se viu ouvindo com interesse. Quando ele não estava zangado com alguma coisa, ou olhando para ela com aqueles olhos tempestuosos, era boa companhia.

— E há a árvore na qual dizem que enforcaram Blackjack Brody, o ladrão de estrada — disse ele, apontando para o velho carvalho à esquerda deles.

— Eu sei — replicou ela. — Pelo menos, isto é o que St. John disse quando me levou para cavalgar na semana passada

Ele apertou as rédeas, fazendo os cavalos começarem a relinchar, antes de relaxar e recuperar o controle.

— St. John esteve aqui enquanto estive ausente?

— Sim. Ele voltou logo depois que você partiu.

— Eu esperava que ele voltasse. — A voz dele era mais fria agora do que ela já ouvira antes. — Não tinha ideia, madame, de que a estava amolando com a repetição de informação que já ouviu antes.

— Nada disso. O que esteve me contando é de grande interesse, e em absoluto o que conversei com St. John. — Ela esperava que a cor não estivesse aflorando às suas faces para traí-la. — Não discutimos nada importante na verdade. Somente amenidades para passar o tempo.

— Posso imaginar — replicou ele no mesmo tom frio de voz. — No futuro, Miranda, haverá, sem dúvida, outras ocasiões em que serei chamado repentinamente para longe de casa. Quando eu estiver fora, preferia que não entretivesse homens na minha ausência.

— Mas pensei, desde que era seu irmão…

— Talvez não tenha sido muito claro. Não quero que você entretenha homens quando não estou aqui. Meu irmão é um homem, não é?

— Bem, sim. — Ela resistiu a uma vontade de esfregar as costas da mão na própria boca, para apagar qualquer traço do beijo.

— Então, ele seria incluído. Tem algum problema com meu pedido?

— Além do fato de que não foi um pedido, mas uma ordem? Não, Vossa Graça.

Ele não se deu ao trabalho de corrigir a formalidade do título.

— Bom. Então temos um entendimento.

E o silêncio esmagador recaiu entre eles. Na estrada adiante, um homem acenava para a carruagem. Marcus diminuiu a marcha e parou.

— Milorde, graças a Deus Vossa Graça chegou.

— Olá, Steven, qual o problema?

— A jovem Maggie. Chegou a hora dela. E as mulheres da família estão visitando alguém, mas ela está adiantada.

— Maggie? — Ele procurava na memória um rosto para o nome. — Está para dar à luz?

— Sim, milorde, minha neta. O marido dela morreu há seis meses, e ambos os pais estão longe. Sou somente eu sozinho com ela, e não está indo nada bem.

— Maggie já é viúva? Ela não passava de uma garota quando parti. Estive longe por muito tempo — murmurou ele enquanto descia da carruagem e ajudava sua esposa a descer.

— Mas está de volta agora. Vejamos o que tem de ser feito. — Pelos gritos, Miranda tinha uma boa ideia de como as coisas estavam indo antes de entrar no chalé.

— Veja, milorde — sussurrou Steven —, ela entrou em trabalho de parto já há algum tempo e não sei o que fazer.

— Deixe-me sozinha, seu velho bobo. Não há nada que você possa fazer agora — a garota corada na cama disse as palavras de um só fôlego e depois soltou uma lamúria.

— Só um minuto, Maggie, depois que eu mandar os homens embora, virei aqui para ajudá-la. — Miranda agarrou o duque e Steven pelos braços e enxotou-os para fora do chalé, fechando a porta atrás deles.

— E quem é a senhora? — O som da lamúria diminuiu, enquanto Maggie acalmava-se entre contrações.

— Meu nome é Miranda, Maggie, e estive ao lado de muitas camas com mulheres grávidas. Agora, façamos o que pudermos para deixá-la mais confortável e depois eu darei uma espiada em tudo.

Em poucos minutos, ela afastou-se do lado da cama para voltar para os

homens.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer — murmurou Steven —, apenas diga. Já ajudei muitas éguas a darem cria e sou bom com ovelhas, mas nunca vi ou ouvi nada como isto antes. Maggie foi sempre uma garota tão mansa e gentil. Nunca disse uma palavra ofensiva para ninguém.

— Se o gado pudesse falar — respondeu Miranda —, acho que seria do mesmo jeito. Por que não sobe na carroça, Steven, e Sua Graça o levará junto em busca do médico?

— Médico? Certamente nós não estamos precisando…

— Seria melhor, apenas por segurança. — Ela deu-lhe um gentil empurrão em direção à carruagem.

Seu marido olhou para ela e passou a mão, preocupado, pelos cabelos dela. Ele estava com os lábios brancos, Miranda notou, olhando nervosamente em direção a casa.

— Se é difícil… será que ela…? Talvez fosse melhor… minha esposa… — O duque pegou na manga dela com uma mão oscilante.

Minha esposa, dissera ele. O coração de Miranda inchou de orgulho diante das palavras.

— Ficarei bem.

E ela olhou nos olhos dele, que estavam assombrados com tristeza, e percebeu que Marcus não estava com ela, mas no passado, ao lado de um outro nascimento.

Ela agarrou seu braço e ele fixou o olhar nela outra vez.

— Não precisa ficar preocupado. Tive experiência nesse assunto. Ela já está atravessando o pior de tudo, e é simples daqui, mas é o primeiro filho de Maggie. Ela não precisa de seu avô, ou uma visita especial do duque para aliviar seu trabalho de parto, e sim de mulheres por perto. Mande buscar a mãe dela ou alguma amiga. Se não puder encontrá-las, então vá buscar o médico, mas vá com calma. Apenas mantenha-se fora do caminho por um momento e deixe a natureza fazer o resto.

Miranda voltou para o chalé e bateu a porta enquanto Maggie começava a praguejar.

Marcus experimentou um alívio atônito. De todas as situações com que ele menos era capaz de lidar… Não podia atravessar a soleira do chalé novamente, muito menos ser útil quando chegou ali. E Miranda parecia tão corajosa e firme… Será que ela não sabia como seria? Ele sacudiu a cabeça para dissipar os pontos dançando diante dos olhos.

— Vamos, Steven. Vejamos se podemos encontrar sua filha.

— Milorde, já enviei um garoto das redondezas atrás dela, avisando sobre

tudo. Mas quem é a grande dama que deixamos com a jovem Maggie?

— É minha nova duquesa, Steven.

— Sua mãe?!

Ele suspirou. Steven algumas vezes ficava confuso com as coisas.

Não era de admirar que Maggie estivera gritando.

— Não, Steven. Sou o duque, agora, lembra? E a boa *lady* com Maggie é minha mulher.

— Ah, sim. Parabéns, Vossa Graça, mas pensei que *lady* Bethany estivesse grávida também.

Steve estava longe do presente.

— Não Bethany. Isso foi há dez anos. *Lady* Bethany morreu… — O ar ficou grosso e preso na sua garganta. — morreu de parto.

Na sua mente, ele podia ainda ouvir o grito. Eles o tinham mandado embora do quarto, mas a visão dela, lutando por respirar e gritando o seguira enquanto ele vagava pela casa. E os gritos ecoaram na distância, enquanto ele sentava nas escadas. Marcus rezara:

— Deixe isso terminar, Deus querido. Não posso suportar. Não posso. Deve haver uma saída.

Então os gritos pararam. Marcus escutara o choro da criança, mas logo cessou. Ele seguiu para o quarto, mas havia tanto sangue. Sangue demais…

— Milorde?

Ele voltou ao presente. Suas mãos estavam molhadas de suor nas rédeas, e Marcus estava apressando os cavalos. Relaxou o aperto das rédeas.

— Aonde estamos indo, Steven?

— Dar uma volta, milorde. Talvez encontremos o médico.

— Certo.

MARCUS DIRIGIU a carruagem para a estalagem com Steven e afundou-se a uma mesa em grato silêncio, com cerveja diante de si, ouvindo Steven falar aos outros homens sobre a grande *lady* que viera para ver sua neta.

Quanto tempo deveriam esperar? Para Bethany, tinham sido muitas horas. O dia inteiro. E era tarde da noite quando…

Ele sacudiu a cabeça para dissipar a imagem. Foi tolo em tentar casamento outra vez. E agora se comprometia com outro tão mau agouro quanto o último…

Talvez os resultados fossem diferentes desta vez. No próximo ano, poderia estar segurando seu filho. Com Miranda, sorrindo para ele enquanto fazia isso. O duque tentou imaginá-la esforçando-se e com medo, como Bethany fizera, mas podia ver somente o queixo confiante se erguendo, desafiando a dor. Ela xingaria

como Maggie fizera e jamais deixaria a morte tomá-la, ou ao filho deles.

— Steven, você está pronto para voltar para sua casa, homem?

— Sim, milorde. O médico está fora, atendendo a outra emergência. Só nos resta rezar para que tudo corra bem.

Marcus sentiu um aperto no peito.

QUANDO PARARAM a carruagem em frente ao chalé, com o sol já se pondo, para seu alívio, a filha de Steven correu ao pátio para encontrá-los.

— Oh, Vossa Graça, obrigada por trazer sua esposa até nós! — Ela fez uma reverência.

— Foi sorte estarmos por aqui — murmurou ele, incerto sobre o que fizera para receber os agradecimentos, a não ser fugido do problema tão rápido quanto possível.

— Com sua permissão, milorde, minha filha gostaria de dar ao menino seu nome, Marcus, em sua homenagem.

— Obrigado… — Ele lutou para lembrar o nome dela. — Obrigado, Jane. Mas certamente o pai…

— O pai fugiu, o bastardo fornicador — berrou de lá de dentro a meiga e gentil Maggie. — E não merece crédito, já que ele teve o prazer e eu terei o trabalho.

— Gostaria de entrar, Vossa Graça, e ver o garotinho?

Ele assentiu cautelosamente, e foi conduzido para o quarto recém-limpo para ver a mãe e o bebê.

— Minha mulher? — Ele olhou em volta.

— Está lá fora, milorde, se lavando.

— Aqui, milorde. — Miranda surgiu ao lado dele sem que ele notasse. — Fui bem — murmurou. — Sem problemas. Não precisava ter se preocupado. Houve gritos e confusão, mas estas coisas normalmente acontecem.

Marcus a fitou. O rosto dela estava suave, sem acusações.

— Ótimo. Vamos, então, e deixemos essas pessoas em paz.

Eles voltaram para a carruagem, seguidos por muitos agradecimentos e oferecimentos de um presunto defumado e alguns potes de geleia a serem entregues na cozinha da mansão, e seguiram seu caminho.

O duque olhou para sua mulher.

— Obrigado por assisti-los.

— É meu dever, não é, ajudar aqueles que precisam?

— Mas muitas mulheres teriam fugido do trabalho. Ou sido incapazes; ou pior, inúteis.

Ela deu de ombros.

— Estou certa de que há muitas coisas que a última duquesa poderia fazer para as quais não tenho habilidade alguma.

— Como bordados e aquarelas?

Ela sorriu.

— Minha falecida esposa tinha uma encantadora voz para cantar e um rosto bonito. Pensei, na ocasião, que aquilo fosse suficiente, mas não significou nada, no final.

— Eu canto tão bem quanto qualquer corvo.

— Mas você é uma mulher muito bonita.

— Não a grande beleza que ela foi.

— Poucas são — replicou ele. — E ela teve o bom senso de morrer jovem, portanto, sem estragar o efeito com a idade.

Ela se espantou com tamanha sinceridade.

— Minha mãe foi também uma grande beleza, mas com um coração como um bloco de gelo e a língua como navalha.

— Duvido, se ela estivesse viva, que me aprovaria — murmurou Miranda.

— Então teríamos tido muito em comum, porque ela nunca me aprovou também. Preferiu St. John, que a favorecia. Eu era muito igual ao meu pai.

— Você é muito diferente de seu irmão — disse ela suavemente. — Em muitas maneiras.

— Tenho um temperamento infame e uma disposição amarga — disse ele. — E, frequentemente, me dizem que St. John é uma companhia mais agradável.

— Ele não tem as preocupações que você tem, nem as responsabilidades.

— Responsabilidades que tenho evitado há dez anos — corrigiu ele. — Essas pessoas ainda são estranhas para mim. Fiquei longe por muito tempo, e agora há muito a ser feito.

— Acho que é melhor não se fixar nos erros do passado — observou ela —, mas continuar o que pretende fazer.

Eles chegaram à frente da casa, e ele a ajudou a descer, envolvendo-a com seus braços, mas ela escapou.

— Cuidado, Vossa Graça. Não quero arruinar seu terno.

— O quê?

— Parto é um trabalho muito sujo. Eu já arruinei a roupa de montaria adorável que você me deu.

Ele olhou para baixo e notou, pela primeira vez, as manchas de sangue frescas no traje dela. E, mesmo sem querer, afastou-se de Miranda. Em seguida, ficou firme e moveu-se para mais perto, mas não antes de ela notar sua hesitação.

Ela tocou-lhe o braço.

— Estou muito cansada, embora não tenha sido eu a realizar o trabalho. E estou certa, depois de sua viagem e deste dia…

— Sim, estamos ambos muito cansados, mas espero ansioso por amanhã.

— Como eu. Foi uma tarde muito interessante e informativa.

— Verdade — disse-lhe o duque enquanto ela subia as escadas antes dele em direção a seus quartos.

CAPÍTULO 17

Estranho, pensou Miranda, o quanto as coisas podiam mudar em um dia. Polly a estava ajudando a vestir um de seus muitos vestidos novos, de musselina pregueado, para o dia. Miranda se preparava para encontrar seu marido no café da manhã. Um marido que não gritara com ela por quase 24h, pensou com um sorriso.

Ela perguntou sobre o paradeiro de seu cunhado, e lhe foi informado que St. John se fora assim que o irmão chegara.

— Não deixa de ser típico dele — admitiu Polly. — Ele e Sua Graça não conseguem se entender, e ele tende a desaparecer com frequência, não importando onde o duque esteja. Lorde St. John já estava se demorando em minha opinião.

Miranda foi tomada pelo alívio. Já havia o suficiente com que se preocupar sem ter de evitar as atenções indesejadas de St. John.

Ela se perguntou se teriam mesmo sido indesejadas.

Não queria desonrar seu marido, disse a si mesma. Mas a conversa com St. John fora agradável. E os toques, ainda que breves, emocionantes. E ela viu que ansiava por mais após cada encontro…

E cada vez ele lhe dava mais, lembrou. Pouco a pouco, passo a passo, como um ganso seguindo uma trilha de grãos, caminhando em direção ao tronco de degola. St. John não era tão inocente quanto parecia. E ela terminara entrincheirada em seu próprio quarto, enquanto ele ria e a provocava no corredor.

Sabia Deus quantos empregados da casa tinham visto. Polly certamente, a julgar pelo seu olhar preocupado quando Miranda perguntou pelo jovem senhor. E o alívio evidente, quando Miranda a advertiu para tomar cuidado extra com seu cabelo, para que estivesse bonita no café da manhã com o marido. Miranda sabia que precisaria ser muito cuidadosa para não se deitar com ele.

MARCUS DIVIDIA a atenção entre um prato de arenque defumado e o jornal da manhã quando a porta se abriu e sua nova esposa entrou na sala. Ele prendeu a respiração ao vê-la. Certamente, um vestido novo e uma boa noite de sono não poderiam fazer tal mágica. Seu vestido era cor de damasco e combinava com sua pele.

Ele deixou seus olhos seguirem do seu rosto para a curva de seu pescoço e mais abaixo, admirando o modo como seu rubor desaparecia no decote do

vestido. Imagens de fruta madura inundaram sua mente. Doce e suculenta. Pronta para tocar e provar.

Ele balançou a cabeça e sorriu para ela, imaginando se ela havia notado sua perturbação.

— Bom dia, Miranda — disse ele, ajudando-a com sua cadeira.

— Bom dia, Marcus.

— Quais são seus planos para hoje?

Ela hesitou.

— Pensei em supervisionar a instalação da tapeçaria na sala de jantar e fazer uma lista, para sua aprovação, de outros projetos que precisam ser executados.

— Muito bom. — Mas o plano o aborreceu. Ele percebeu que tinha esperança de encontrá-la ociosa. — E diga-me, minha querida, qual é o próximo cômodo na sua agenda?

Ela desviou o olhar.

— Os quartos.

— Talvez pudéssemos organizá-los juntos. — Pronto. Aquilo deveria ser bastante claro.

A cabeça dela baixou ainda mais.

— Se for preciso…

— Preciso? — Ele mordeu a língua contra a explosão que estava se formando em sua mente. Agora, mais do que nunca, não deveria perder a calma. — Miranda, não quero que você sinta que deve fazer de tudo para me agradar. Você mal me conhece. Se ficar mais fácil nós adiarmos…

— Apenas por alguns dias. Uma semana, talvez? — disse ela.

Ele concordou com a cabeça, afastando de si à força as imagens de pêssegos maduros.

E ela continuou:

— Claro, entendo se isso não for conveniente para você… Eu sei que você deve ter certas… necessidades — quase sussurrou a palavra. — Se quiser visitar sua amante… não vou culpá-lo por isso.

Ele engasgou com o chá.

— Há algumas coisas que precisamos esclarecer, senhora minha esposa. Em primeiro lugar, não quero que você discuta essas coisas de modo algum, mas, se precisar, não irá fazê-lo à mesa do café. Em segundo lugar, se e quando eu quiser visitar minha “amante”, não vou pedir, nem preciso de sua permissão para nada relacionado com esse assunto. Em terceiro lugar, você não deve nem mesmo saber de tais pormenores, e, se vier a saber, agradeço se mantiver a informação para si mesma. A última coisa que quero fazer é discutir “minhas necessidades” com minha esposa.

O último trecho pareceu-lhe tão ridículo que Marcus ficou momentaneamente mudo. Não era de admirar, com uma atitude como essa, que ele tivesse procurado evitar o estado matrimonial por tanto tempo. Olhou para ela, esperando lágrimas por sua explosão, ou uma risada sabida, mas, em vez disso, encontrou um olhar de desafio. Ele podia sentir a irritação subindo dentro de si novamente e começou um novo sermão:

— Visitar minha amante? Meu Deus, mulher, de onde tirou tal ideia tão disparatada? Provavelmente, de seu próprio pai. Você acha que não posso controlar minha luxúria animal por alguns dias sem procurar alívio? Procurar minha amante?! E onde estou mantendo essa mulher, já que você parece saber tanto sobre ela?

— Eu pensei que, quando você foi para Londres…

— Negócios! — retrucou ele. — Fui a negócios. Isso é tudo que você precisa saber, e sem dúvida mais do que entenderia.

— Uma resposta vaga, Vossa Graça.

Ele jogou as mãos para o ar, cheio de irritação. Não era o momento de revelar a ela, com uma raiva gigantesca, que sabia tudo sobre seu passado.

— Volto com uma carruagem repleta de presentes para você e ainda não está satisfeita?

— Isso faz com que eu me pergunte por que um homem com a consciência limpa perderia tempo com tais extravagâncias.

Ele olhou nos olhos dela e viu algo irreconhecível. E então se deu conta. Ciúme. Certamente, não era uma emoção que tivesse visto em sua primeira esposa. Quando enfim procurou desesperadamente por uma amante, ela sentiu-se aliviada, não ciumenta. Mas ele reconheceu o brilho nos olhos escuros de sua mulher a partir de seu próprio rosto no espelho.

Ele fez uma pausa, saboreando a novidade daquilo e tentando não sorrir em triunfo. Miranda não estava pronta para o quarto, mas já se importava com onde e com quem ele tinha estado.

Importava-se o suficiente para no dia anterior rejeitar seus presentes, e agora pressioná-lo por mais detalhes.

Ele caminhou devagar em direção a ela e parou perto de sua cadeira. Miranda fingiu interesse em seu desjejum, que tinha esfriado no prato.

— Posso pensar em muitas razões pelas quais um homem pode comprar presentes para sua esposa. Como recompensa, talvez, por uma noite de núpcias inesquecível.

Ela corou.

— Ela foi, sem dúvida, memorável, mas não creio que tenha sido merecedora de recompensa.

Ela agora baixava a cabeça, embaraçada. Mas o lábio ainda se projetava em um amuo.

— Como compensação por uma consciência pesada. Hmmm… A ideia oferece possibilidades. Depois de passar duas semanas nos braços de outra mulher, que tipo de bobagens eu traria para silenciar minha nova esposa? — Ele notou uma nova emoção no rosto dela. Curiosidade. E um calor crescente que não tinha nada a ver com constrangimento. — Seria uma vergonha comprar um conjunto de vestidos caros para a amante e ser obrigado a trazer ainda outros mais para casa, para a esposa. Desde que elas nunca viessem a se encontrar, talvez fosse mais fácil duplicar os guarda-roupas, e pedir para a costureira fazer os mesmos estilos de vestido, mas em dois tamanhos. No entanto, depois de certo tempo, chega o momento em que o homem se cansa de cair no sono sobre um travesseiro de seios perfumados a saltarem para fora de um decote indecente, e quando é hora de voltar para casa, o que ele quer é uma esposa adequadamente vestida. A visão de uma mulher com um espartilho, depois de perder tanto tempo com o tipo de mulher que não se importa com corpetes, é bastante revigorante.

Ela o observava, atenta. O garfo parou a meio caminho de sua boca.

— Eu decerto compraria uma coleção de tecidos lisos decentes para minha esposa. Nada dessa bobagem de anáguas escorridas e vestidos transparentes. Claro — disse ele lenta e distraidamente —, a visão de mamilos maquiados com ruge aparecendo por trás de tecido transparente é bastante intrigante na primeira vez que alguém vê, mas irritante na prática. — Ele colocou a mão sobre um seio imaginário. — O ruge se espalha por todo lado e mancha os dedos. E os dentes, claro.

Ela deixou cair o garfo ao puxar a respiração com força.

— Se tivesse passado a semana com uma amante, eu iria, sem dúvida, trazer-lhe um guarda-roupa mais sensato, bem de acordo com seu gosto, tenho certeza. Decotes altos. Tecidos que não amassam. E uma pulseira, talvez.

Ele olhou sério nos olhos dela.

— Mas, como neste momento não tenho uma amante, ou planos para arrumar uma, contentei-me em trazer para casa sedas e cetins para minha esposa, já que notei, quando parti, que ela precisava muito de roupas novas.

Marcus pôde ver no rosto dela a desaprovação à sua piada, com sua boca contraindo-se em uma linha. E depois mudou, abrindo-se em surpresa enquanto absorvia as palavras. E raiva de novo, embora ele não tivesse certeza se era dele. Mulher estranha, sua nova esposa.

Ele se inclinou para perto dela, que virou a cabeça, recusando-se a encontrar seus olhos. Marcus deixou a mão desocupada descansar na parte de trás da cadeira dela, roçando a pele do seu pescoço ao fazê-lo. E então se inclinou sobre

Miranda, de modo que sua boca quase tocou-lhe a orelha.

— Parece que tenho o desejo egoísta e tolo de saber que minha mulher está vestida da cabeça aos pés com roupas que lhe dei — disse Marcus com a voz rouca. — E suspeito que me daria o mesmo prazer ver essas roupas retiradas ao fim do dia. Se esse dia for daqui a uma semana ou um ano, vou esperar por ele.

O duque podia sentir a respiração dela presa na garganta, e se perguntou qual seria sua resposta se ele se inclinasse mais um centímetro e lhe prendesse a orelha com os dentes.

E, como se tivesse lido o pensamento dele, a respiração dela escapou em um suspiro trêmulo.

Marcus se afastou e colocou uma das mãos em seus ombros.

— Será que você se surpreende ao pensar que eu posso querer vê-la feliz, Miranda? E que eu poderia estar disposto a conhecê-la melhor?

— Eu nunca imaginei…

— Claro. Como você achou que este casamento seria? O que esperava quando veio para cá?

Ela pensou por um momento e disse cuidadosamente:

— Eu me esforcei bastante para não esperar coisa alguma.

— Não tinha esperanças? Sonhos? Nem fantasias de menina?

— Suponho que… — Ela fez uma pausa e começou de novo. — Deixei as fantasias de menina para trás há muito tempo. Estava bem evidente que me casaria com um homem ao qual eu pertenceria e que faria o melhor possível em qualquer circunstância. Pode-se mirar alto, na esperança de acertar uma estrela, e errar o alvo por completo.

— Mas se alguém mirar muito baixo? — perguntou ele.

— Pelo menos não perderá a flecha. Parecia tolice esperar por um tipo particular de marido quando eu diria *sim* para qualquer homem que oferecesse, independentemente de suas características, sua riqueza ou sua personalidade.

Ele riu e ela olhou para ele, preocupada.

— Se você estava disposta a se contentar com qualquer um, então eu não posso ser uma decepção muito grande.

— Uma surpresa, talvez. Mas não uma decepção. E você, Marcus? Refletiu sobre o tipo de mulher com que queria se casar? — Seu olhar era estático, mas com um toque de apreensão. — Você diz que não tem uma amante…

— Porque não tenho nenhuma. — Ele tentou não soar como se a repreendesse.

— Havia mais alguém? Você tinha planos antes de eu vir para cá? — Ela hesitou. — Quando nos conhecemos, você mesmo me disse que era um libertino notório. Por que não devo levar em conta sua própria palavra?

Ele olhou fixo de volta para ela.

— Um homem não chega aos 35 anos sem conhecer mulheres. Claro que tive outras, mas nenhuma recentemente, e nenhuma que tivesse a intenção de tomar como esposa. Embora seja verdade que não tive vontade de me casar com você quando chegou, e que eu tenha feito o possível para evitar o estratagema de minha mãe, isso não significa que a sua chegada tenha estragado quaisquer planos a curto prazo. Minha mãe estava certa em uma coisa: que era hora de eu me estabelecer. Casei-me uma vez por amor. É uma experiência mais comum na juventude. Não terminou bem. Se desta vez me casei pela honra e por conveniência, não posso ser criticado.

As costas dela se retesaram, e ela desviou o olhar.

— Conveniência. — A palavra soou dura quando Miranda a repetiu, e ela fez uma pausa. Quando recomeçou, sua voz estava controlada. — Claro! E eu farei o meu melhor para ser sua companheira em todas as coisas e uma esposa adequada para você. — Seu olhar estava voltado para seu prato diante, e Miranda começou a cortar seu peixe com mais violência do que o necessário.

Marcus tocou-lhe a mão, e sentiu a tensão que a tornava imóvel sob a dele.

— Acho que você mente para mim, Miranda. Você tinha esperanças, com certeza, embora não admita isso. Seu coração está comprometido em algum outro lugar, ou entrou no casamento livremente?

Ele olhou para ela, procurando por alguma hesitação.

— A verdade, madame. Ainda há tempo, sabe, se você é atraída para outro lugar.

— Tempo? — Ela olhou para ele, curiosa.

Ele enfiou a mão no bolso.

— Aqui está o motivo da minha viagem. Quando eu estava em Londres, tomei o cuidado de obter a licença que nosso casamento não tinha. Para que ele fosse realmente legalizado…

Ela recostou-se, alarmada.

— E todo esse tempo nós não estávamos realmente casados.

— Aos olhos de Deus, sim, Miranda. Eu jurei a você diante de Deus. Não faço juramentos de forma leviana. Mas, aos olhos da lei, nossos nomes devem estar no papel para que a união seja real. Quero me certificar de que você entendeu que, se quisesse, poderia ter exigido pelo menos um acordo. Teria sido impossível obter uma licença tão rápido, a menos que eu estivesse esperando por você e providenciado isso com antecedência. E, considerando as circunstâncias, senti que seria melhor agir logo e resolver as questões legais depois.

— E é isso que você foi buscar em Londres?

— Não foi bem como eu havia planejado, mas foi melhor, não acha, obter a

licença antes de ir para o seu quarto? E as duas semanas sozinha lhe deram tempo para pensar. Para decidir se você pode ser feliz aqui.

Feliz? Miranda pareceu intrigada ao dar-se conta de que o direito à felicidade era um pensamento que nunca tinha lhe ocorrido. Ela sentiu um aperto no peito.

— Por que eu não seria feliz, Vossa Graça? Você me honrou com seu nome e…

Ele fez um gesto.

— E você pretende ser uma esposa boa e obediente para mim. Sim, sim. Nós já passamos por tudo isso. Você está conseguindo de forma admirável. Mas não quero que se sinta coagida ou presa a esta união. Tenho certeza de que, se você quiser ir embora agora que já viu como são as coisas aqui, que existem outros homens…

— Não há outros homens — disse ela às pressas, e ele olhou atento em seus olhos.

Ela estava com medo de alguma coisa? De revelar algo que ele não deveria saber?

— Eu quis dizer apenas que você é uma mulher atraente. — Marcus respirou fundo e afirmou, com sinceridade: — Uma mulher *muito* atraente. E se não quiser assinar o papel que irá uni-la para sempre a mim, poderá haver outros pretendentes no futuro.

Ela pensou por um momento antes de falar:

— Quando entrei na capela, foi com a intenção de manter as promessas que fiz. Seria errado quebrá-las agora, por causa da falta de papelada. Se você quiser me manter, gostaria de ficar.

Ele tentou não se sentir decepcionado com o jeito que ela falou. Ela ressaltou a lealdade acima de tudo, mas não havia nada em seu tom de voz que o fizesse acreditar que poderia esperar mais dela.

— Muito bem — disse ele —, vamos para o meu estúdio acabar com isso.

Ela o seguiu para fora da sala.

Quando chegaram à mesa dele, ele sentou-se e colocou a licença no mata-borrão à sua frente. Mergulhando uma pena na tinta, assinou com um floreio. Em seguida, ofereceu a cadeira a ela.

Ela sentou-se na beirada, aparentando sob todos os aspectos esperar que ele a atirasse fisicamente para fora dela, então pegou a pena com a mão trêmula e escreveu seu nome.

Marcus espalhou areia sobre a tinta e eles observaram a licença secar.

— Pronto. Está feito. Vou enviá-la ao vigário, para que ele possa assiná-la também.

Ela suspirou de um jeito que ele esperou que fosse de alívio.

Ele enfiou a mão no bolso.

— Na pressa, eu me esqueci. Há uma compra adicional que fiz enquanto estava em Londres. Eu precisava corrigir um descuido. — O duque puxou a caixinha quadrada do bolso. — Na pressa da cerimônia, não me ocorreu encontrar um anel adequado para você. Deve haver muitos na casa, a caixa de joias de minha mãe está cheia, a ponto de explodir.

— Claro. Não era… não é necessário — disse ela, mas seus olhos estavam abatidos.

— É — assegurou ele. — Nossa história não estará completa sem o anel. E em Londres, procurei algo que pudesse me lembrar de você. Talvez você não goste. Vou deixá-la escolher outro se desejar. — Tirou o pequeno símbolo da caixa, beijou-o e pegou-lhe a mão trêmula. — Na capela, eu lhe prometi tudo. Minha casa, meu lar, minha terra, eu mesmo, e este anel é um símbolo disso.

Ela olhou para ele, sem nada dizer.

— E não vai escorregar do seu dedo se você conseguir relaxar o suficiente a ponto de parar de cerrar os punhos na minha presença.

Ela ainda olhava para o anel, mas agora uma lágrima formou-se no canto do seu olho e escorreu pelo nariz. Querido Deus, ele cometera um erro.

— Havia diamantes — disse ele rapidamente. — Pérolas, talvez. Ou uma opala. Não. Nada de opalas. Não seria uma pedra que traria sorte para um anel de casamento, pois dizem que elas roubam a alma do utente.

O rosto dela se inclinou em direção ao dele enquanto a lágrima escorria pelo resto do caminho até cair de seu queixo e foi logo seguida por outra.

— É a coisa mais perfeita que já vi. — Ela ainda chorava, mas seu rosto se iluminou com o primeiro sorriso verdadeiro que ele viu nela. — Eu nunca vou tirá-lo. Obrigada! — Sua mão acariciava o anel enquanto falava, e ela o encostou no rosto antes de baixar a mão para olhar para ele outra vez.

— E agora, senhora, se quiser descansar durante a tarde, tenho trabalho a fazer.

Ela olhou em volta como se tivesse notado pela primeira vez que estava ocupando a cadeira em seu estúdio.

— Sim. Eu… eu acho que vou para meus aposentos. Obrigada — repetiu, e saiu pela porta.

Marcus pensou nas montanhas de cetim e fitas, e em toda aquela confusão, e comparou-a com o simples anel no dedo e o sorriso no rosto dela.

Deu de ombros. Uma mulher muito curiosa sua nova esposa.

CAPÍTULO 18

O descanso da tarde fizera maravilhas com o humor de Miranda. Claro que descobrir que St. John mentira em quase todas as conversas que tiveram ajudou a aliviar suas preocupações. Seu marido não tinha amante. E também odiava a tapeçaria na sala de jantar. Ele levou tempo até mostrar a ela, antes que o lacaio removesse, o lugar onde, quando menino, fez alterações com carvão na anatomia de uma das pastoras e manifestou algum alívio ao saber que as provas seriam removidas permanentemente na redecoração.

Ela tocou um cacho de seu cabelo. Marcus gostava de seu cabelo. Ela olhou para o anel em seu dedo e sorriu novamente. Ele não desistira dela de todo, pelo contrário, pensara nela em Londres! E lembrou-se de lhe comprar um anel. Foi uma escolha sentimental de um homem que ela pensava que se importava apenas com obediência e aparência. E ele beijou aquela peça, exatamente como beijara o anel que colocou em seu dedo no dia em que casaram.

Miranda ficou ruborizada. Talvez fosse tolice e decepcionante continuar alimentando fantasias sobre os motivos e as intenções de seu marido.

Ele era tão prático e, ainda assim, às vezes parecia um amante. Lembrou-se da sensação de sua respiração contra seu rosto e sentiu um arrepio delicioso percorrer seu corpo. Talvez ele viesse a vislumbrar algo mais do que raiva quando olhasse para ela, e esquecesse a frustração da armadilha em que ela o prendera. E ela pretendia esforçar-se para que as coisas tomassem esse rumo. A conversa que estava imaginando ter, na qual admitia como chegara até ele, teria de esperar um longo tempo. Não havia razão para marchar pela ponte frágil que estavam construindo entre si, dando-lhe informações que ele não queria ouvir.

Ela saiu para o corredor, foi até o corrimão e olhou para a teia de aranha pendurada no teto. A aranha vivia ali havia muito mais tempo do que ela, e o fato a aborreceu. E viveria lá mais tempo ainda. Poderia levar meses até a equipe terminar os quartos e começar o trabalho nos andares superiores.

Se ela tivesse a intenção de deixar aquilo para os empregados, pensou. A teia era quase alcançável do corredor do terceiro andar, se ela se inclinasse um pouco sobre o corrimão. Ela subiu as escadas, elaborando um plano de ataque. Seria perigoso se inclinar muito, é claro. Mas poderia medir a distância. Talvez com um pano na ponta de uma vassoura pudesse atingir a coisa e derrubá-la. Ou pedir a um empregado que fizesse isso.

Miranda apoiou a mão no corrimão e inclinou-se para a frente. Não, não tanto assim. Havia um banco baixo na parede oposta. Ela o empurrou através do corredor e subiu nele. A altura estava certa, mas precisaria da vassoura para fazer

o serviço e alguém para firmá-la quando subisse.

De repente, um braço a agarrou pela cintura, puxou-a para fora do banco e levou-a para o salão.

— De que diabo você está brincando? — Seu marido estava em pé diante dela, com todos os sinais de que a trégua recente evaporara, tão bravo quanto ela já o tinha visto ficar em outras ocasiões.

Ela desvencilhou-se do seu braço.

— Eu estava apenas tentando encontrar uma maneira de tirar a teia de aranha ali do canto. — Miranda apontou.

Ele ignorou sua mão e a agarrou pelos ombros.

— Tentando quebrar o pescoço, é o que mais parece. Você não se importa com sua segurança?

— Que bobagem. Eu não estava em perigo.

— Você estava de pé em um banco, três andares acima do solo.

— E bem afastada da beira.

— Tentando fazer um trabalho que é melhor deixar para os criados.

— Eu sou perfeitamente capaz de… — Ela parou no meio da frase.

— De trabalhar no porão? Não me lembro de tê-la contratado como empregada. Você é uma duquesa, e faria bem em agir como uma.

— Então, você faria bem em me tratar como uma, Vossa Graça, em vez de gritar comigo como uma serviçal e me agarrar rudemente nos corredores.

— Sou algum animal lascivo então? Vai me dizer que as teias de aranha estão penduradas porque as empregadas têm medo de subir para retirá-las?

— Eu nunca…

— Nem eu.

— Vossa Graça — sussurrou ela —, estamos em um corredor comum. Qualquer pessoa pode ouvir…

— Não há muito que possa chocar os serviçais aqui, Miranda. Eles sabem segurar suas línguas e vão me obedecer ao pé da letra se eu quiser lhes dar uma ordem. Por exemplo, talvez eu deva insistir para que eles a mantenham trancada em seu quarto, para evitar qualquer tolice da sua parte. Estou certo de que terei a cooperação deles. Espero que você vá para seu quarto, tire esse maldito avental e tente se comportar como a dona da casa, e não como a governanta. Você disse que queria descansar, e espero que faça isso. Ficou claro?

— Como cristal, milorde. — Ela deu de ombros, afastando-se das mãos dele, e caminhou pelo corredor até seu quarto.

MARCUS BUSCOU a garrafa de conhaque e, então, retirou a mão. Trancado

em seus aposentos e bebendo durante o dia, mais uma vez? Se ele fizesse disso um hábito, o casamento atual realmente iria lembrá-lo do anterior.

Assim como ter visto Miranda balançando perto do corrimão de onde Bethany tantas vezes ameaçara atirar-se tivera um efeito terrível sobre ele, deixando-o muito abalado. Mas, ah, ele bancara o idiota perante os olhos de sua nova esposa, não? Ele tinha certeza.

Será que tinha colocado palavras em sua boca, ou ela suspeitava de que ele incomodava as empregadas? De onde ela tirara tal ideia? Provavelmente, de patrões anteriores. Não admirava que seu pai estivesse tão ansioso para vê-la casada e longe. Não admirava que estivesse com medo de ir para a cama. E, quando ele disse que a criadagem poderia guardar os segredos dele, deu a entender que existiam segredos a serem guardados.

Que, naturalmente, existiam. Ele tentou se lembrar de quantos criados estavam ali durante o reinado de sua primeira esposa. Eles deviam ter ouvido Bethany se enfurecendo com ele nos corredores. E, desde então, as empregadas passaram a fugir dele, convencidas de que a doce duquesa falava a verdade.

A mãe de Marcus, ao perceber a fragilidade da união, mudou-se para Londres e deixou que os rumores a respeito dele se espalhassem.

Passou a mão pelo cabelo, frustrado. Chega de passado. Qual a melhor forma de reparar o estrago atual? Ele tinha mesmo gritado com ela sobre seu comportamento? De onde havia tirado ideias tão precisas sobre como uma duquesa deveria agir?

Certamente, não de Bethany, a megera, ou de sua mãe, desocupada e negligente. Miranda era bastante esquisita em seus desejos de consertar pessoalmente tudo o que estivesse errado na mansão, mas ele supôs que não havia mal algum nisso. E ela não estava reclamando da carga ou repreendendo-o pelo trabalho. Em vez disso, parecia aperfeiçoar-se nele.

Assim, em sua infinita sabedoria, tentou negar-lhe o prazer de deixar sua marca nas coisas. Marcus balançou a cabeça, espantado com sua própria imbecilidade.

E, então, um pensamento lhe ocorreu. Chamou Wilkins e enviou-o para o quarto da viúva para buscar sua caixa de joias. Estava exatamente onde se lembrava, e ele rabiscou rápido um pedido de desculpas sobre a caixa antes de entregá-la a Wilkins para que a repassasse à empregada de sua esposa.

Mas chamou Wilkins de volta antes que ele passasse pela porta. Marcus remexeu em sua mesa e pegou seu chaveiro, raramente necessário, uma vez que confiava que os serviçais cuidassem das fechaduras. Ele o adicionou à oferta de paz e rezou para que não estivesse prestes a ser trancado do lado de fora por sua esposa furiosa.

MIRANDA ESTAVA deitada na cama, olhando para as cortinas. As aranhas também ainda estavam lá. Perguntou-se se deveria ousar derrubá-las ou se seu marido entraria em fúria no quarto, insistindo que poderia se machucar na ponta afiada do travesseiro. Não estava nem perto do corrimão quando Marcus a arrancou para fora do banco. Certamente, ele não achava que ela seria tão estúpida a ponto de cair sobre a beirada. Ou, pior ainda, de saltar. Se chegasse a esse ponto, escolheria um fim menos caótico, considerando a quantidade de tempo e ácido bórico que foi necessária para deixar o mármore do hall de entrada novamente branco e imaculado.

Socou o travesseiro, frustrada. Ele precisava ser arejado. Assim como as cortinas.

Tentou não pensar dessa forma. Mas havia tanta coisa para fazer. Se ele queria que ela fosse uma desocupada, iria aprender a sê-lo.

Então pegou o travesseiro, sentindo-se culpada, e foi com ele até a janela aberta, batendo-o no peitoril antes de deixá-lo pendurado para que ficasse na brisa.

— Vossa Graça? — Houve uma batida leve e a porta se abriu para revelar uma Polly hesitante.

— Sim, Polly? Entre. Não precisa ficar no corredor desse jeito.

— Wilkins disse que o duque o avisou que a senhora deveria estar indisposta.

— Ele disse isso agora?

A crença de Marcus de que os funcionários podiam guardar segredos era extremamente equivocada.

— Sim, *milady*. Mas ele disse a Wilkins, e Wilkins me disse, para lhe entregar isto, com seus cumprimentos. — E balançou alguma coisa para Miranda, como se ela fosse mordê-la.

Era uma corrente pesada, mas necessária para segurar os muitos anexos pendentes. Preso nela, havia um pequeno par de tesouras, uma caixa de agulhas, e um pequeno tablete de marfim com um lápis prateado. Rabiscado no marfim, pela mão que estava se tornando cada vez mais familiar a ela, estava: “Desculpe-me.”

E, na última ponta, ele anexara um grande anel de chaves, que estragou a graça da coisa, mas não a mensagem.

— É o chaveiro da viúva da mansão, Vossa Graça. Ela não se importava com isso, e também não ouvi dizer que a segunda duquesa o usasse. Mas Sua Graça diz que é sua agora, se a senhora ainda quisesse, e que pode fazer o que desejar dela.

MIRANDA ABRIU a porta para a galeria de fotos, hesitante, na entrada. Estremeceu. Ainda se o quarto não fosse tão cheio de fantasmas. A mãe dele era má o bastante, embora nunca tivessem se encontrado. As histórias de Cecily tinham sido suficientes para formar seu conceito sobre ela. Mas ter de enfrentar a falecida duquesa, mais imponente do que ela, era uma zombaria desconcertante de sua posição ali.

Seu marido estava fascinado, na escuridão, diante do retrato de sua falecida esposa. Maldito mármore dos pisos, pensou ela, pois seus primeiros passos ecoaram, chamando a atenção dele, e teve de abandonar a ideia de afastar-se despercebida.

— Desculpe-me, Marcus. Eu não queria interromper… — Sua voz esvaiu-se. O que estava interrompendo?

— Oh… — Ele olhou para ela como se não a reconhecesse e, depois, pareceu voltar a si. — Não é nada. Eu venho aqui algumas vezes porque é silencioso.

Ela aproximou-se dele.

— Vim para agradecer o presente. — O chaveiro tilintava em sua cintura. — E para dizer que não há necessidade de se desculpar. A culpa foi minha.

Ele suspirou.

— Você é rápida demais em assumir a culpa pelos meus erros. Eu olhei para a escada, vi você no corredor, e isso me lembrou de uma antiga situação. Uma da qual você não participou. Vou tentar ser menos tolo no futuro.

Ela assentiu.

— E eu vou tentar me comportar mais como uma duquesa.

— Seja quem você é, Miranda, e se isso a faz feliz, eu serei feliz com isso. — Marcus passou o braço em volta dos ombros dela e puxou-a para mais perto, apontando para o retrato dele. — Olhe para esse jovem idiota. É duro olhar para ele. Havia mais empáfia do que cérebro em mim quando pintaram isso. Eu tinha 25 anos, e era recém-casado. Não fazia ideia do que estava fazendo. Nenhuma. — Olhou para ela, analisando-a. — Teremos de encontrar um artista que possa fazer-lhe justiça.

— O que você quer dizer?

— Não algum idiota que iria embrulhá-la em renda e sentar você ao lado de um piano, ou, Deus me livre, segurando um cão de colo. É claro, vestindo um avental e segurando um esfregão pode não ser mais apropriado… — Ele estendeu a mão para a touca fina que ela usava para proteger os cabelos enquanto trabalhava. — Mas nada convencional para um retrato formal.

— Sobre o que você está falando?

— Quando você se casou comigo, ganhou o seu lugar na parede, minha

querida. Você pertence à minha mão direita.

Ela olhou para o retrato à sua frente e disse baixinho:

— O lugar já está ocupado.

Ele ficou em silêncio e olhou de volta para o retrato.

— Ela era muito bonita — opinou ela.

— Sim. — A voz dele era inexpressiva.

— É melhor eu me retirar.

E deixá-lo sozinho com sua esposa morta. Ela sentiu uma pontada de ciúme com o pensamento.

— Não, fique. — Ele olhou de volta para ela, depois novamente para o retrato, e em seguida, de novo para ela.

Ela contraiu-se com seu olhar.

Bethany permaneceu em abençoada imperturbabilidade, sorrindo para eles.

— Eu gostaria que você não me olhasse desse jeito — ela murmurou. — Não gosto de ser comparada a ela, porque sei que vou ficar em desvantagem.

— Você é muito diferente — confirmou ele. — Mas não sou o homem que era quando me casei pela primeira vez. Bethany foi a escolha de um jovem.

— E eu?

— Um gosto adquirido — disse ele sem rodeios.

— Você me adquiriu, isso é certo. E não teve muita escolha nesse caso.

Mas você a pediu em casamento, pensou ela, e o ciúme a alfinetou de novo.

— Eu tive menos escolha ainda com Bethany. Minha mãe providenciou nosso encontro, e eu fiquei apaixonado no início. Ela possuía a voz de um anjo, e a pintura não faz justiça à sua beleza. Nós nos casamos logo depois. E ela estava morta dentro de um ano.

Ela se lembrou do que St. John tinha dito.

— Você deve ter ficado muito triste.

— Na verdade, não. — Ele soou despreocupado.

— Se você não sente a falta dela, então por que vem aqui?

Para expiar uma culpa antiga, como seu irmão disse.

— É mais ou menos como tirar a casca de uma velha ferida. Não consigo deixá-la em paz para que cure.

— Uma ferida? Na consciência?

— No orgulho. Não demorei muito tempo para perceber que ela queria meu título, e pouco se importava comigo quando conseguiu obtê-lo. Sua mãe a criara e treinara para ser um ornamento, e ela fez muito bem esse papel. Mas, por trás da fachada… — Balançou a cabeça —, havia um vazio tão grande que nunca tive sequer esperança de preencher. E um coração de mármore.

Ele se aproximou e tomou-lhe o queixo entre as mãos, inclinando seu rosto

para que pudesse olhar em seus olhos.

— Você é muito diferente dela. Porque quando olho nos seus olhos, eu suspeito de que há mais por trás deles, não menos.

Ela desviou o olhar.

— Não há nada. Não estou escondendo nada.

O sorriso dele era triste quando ela encontrou seus olhos novamente.

— Oh, é mesmo? Acho que todos nós temos algo a esconder. Mesmo no vazio que era minha primeira mulher, encontrei segredos. E há muita coisa que você não sabe sobre mim. Eu não era feliz no meu primeiro casamento. Foi um erro que reconheci logo, mas tarde demais para salvar a mim mesmo.

— Mas ela era? Feliz, quero dizer. — Miranda deixou escapar sem pensar.

Ele sorriu.

— Ela era feliz? Da sua perspectiva, essa seria uma questão sensível. Não fui sempre o homem com quem você se casou. Não tão sombrio. Tão propenso a latir e gritar. — Ele pareceu pensar sobre a questão. — Ela era feliz? Acho que existem algumas pessoas que são mais felizes quando todos ao seu redor estão infelizes. Será que isso faz sentido? Sei que minha mãe era uma delas. Vaidosa e cabeça oca. Ela sugou a alegria do meu pai, certamente. Ele teria bebido até a morte para evitá-la se a queda do cavalo não tivesse quebrado seu pescoço antes. Eu nunca o vi tão em paz como no dia em que estava no caixão, esperando que pregássemos a tampa. E minha esposa era como a minha mãe. Ela era feliz? Certamente não comigo, e me dizia isso sem papas na língua. O título foi o suficiente por certo tempo. Bethany gostava de dinheiro e de gastá-lo. Eu era apenas o recipiente, o veículo. Ela precisava de mais. Sempre precisava de algo. Primeiro, tentei satisfazer seus caprichos, mas nunca era o bastante. Nunca poderia fazer o suficiente. Nenhum homem poderia. Era como atirar moedas de um centavo em um poço, tentando mantê-la feliz.

Marcus respirou fundo.

— Temi quando você veio para cá, que o meu segundo casamento viesse a ser uma repetição do primeiro, Miranda. Não parece ser o caso.

Ela pensou na busca de terras e dinheiro que a trouxera a esse lugar. Se isso realmente não era uma repetição de seu primeiro casamento, então ele deveria ter se casado com alguém livre da avareza.

— Não sei. Se não fosse pelo título antes do seu nome, eu jamais teria chegado aqui. E não fiquei por amor a você. Após nosso primeiro encontro, não teria procurado você outra vez.

— A não ser que eu fosse muito rico — lembrou ele rapidamente.

— Mesmo se você fosse muito rico. Se eu tivesse escolha, então teria fugido desta casa e de você, se ao menos tivesse para onde ir.

— Então, você é muito diferente da minha primeira esposa. Porque ela teria se casado comigo de qualquer modo. Bethany encheu minha cabeça com belas mentiras e olhares suaves e me levou ao altar pelo nariz. E me desprezou por ser um tolo. — Ele se afastou do retrato e olhou para ela novamente. — E você, Miranda? Agora que está presa aqui, oferece serviço e obediência, o que já é algo, suponho. Se não pode me oferecer mais do que isso, vou entender. Mas me prometa que nunca fingirá sentir mais do que sente, pois é um despertar cruel saber a verdade depois de dar seu coração para alguém que não tem nenhum.

Na penumbra que dominava a sala protegida por grossas cortinas, Marcus não era o nobre impetuoso do qual ela se lembrava do primeiro dia. Ele parecia mais o homem da foto, apenas mais ponderado e cansado. Marcus queria a verdade de Miranda, e ainda havia muito que ela não contara. Mas pelo menos podia prometer não enganá-lo sobre o que houvesse em seu coração. Se ao menos pudesse descobrir o que sentia quando olhava para ele, teria o maior prazer em compartilhar. Ela se aproximou e segurou a mão do marido entre as suas.

— Eu prometo.

Ele enfiou a mão dela na dobra do seu braço e puxou-a para si.

— Muito bem então.

CAPÍTULO 19

Miranda brincava distraída com as chaves no chaveiro, observando-as brilhar sob o sol da manhã. Aquele fora um presente adorável, mas o que significaria? Ela ficava feliz ao olhar para elas, mas estaria Marcus feliz por ela usá-las?

Talvez devesse tentar ser mais parecida com Bethany. Ele nunca sugerira aquilo, mas se pudesse ter uma versão mais alegre, mais carinhosa, mais dedicada de sua primeira esposa, talvez Marcus não parecesse tão triste, nem pensasse tanto no passado.

Se ao menos ela fosse uma pessoa capaz de fazer bordados inúteis e pintar aquarelas medíocres, ou de se sentar ao piano todas as noites, cantando canções entediantes em um francês hesitante, ou alguém que pudesse demonstrar sua criação impecável para beneficiar seu marido!

Suspirou. Se ao menos pudesse ser alguém que jamais poderia ser…

Os empregados daquela casa conheciam seu lugar melhor do que ela própria. Claro que eles não sabiam disso até ela chegar e assumir o controle da casa, mas o que aquilo provava? Que se daria melhor no papel de governanta do que de duquesa, supôs Miranda. E o que seria dela agora?

Talvez ela poderia se dedicar à jardinagem. Apanhou um par de tesouras e uma cesta na saleta. Poderia, assim, cortar algumas rosas para enfeitar a sala de jantar. Seu marido não haveria de encontrar objeções. Se ela o fizesse de forma graciosa e ineficiente, talvez desse uma boa duquesa afinal.

Mas ao chegar ao jardim, descobriu mais uma área da casa que precisava de trabalho. O parque ao redor da residência era extenso, mas apenas pequenas partes dele estavam bem cuidadas, e ainda assim sem um plano ou tema específico. Ela olhou para a casa, protegendo os olhos com as mãos e contando as janelas. A viúva fora confinada ao seu quarto pelo tempo que durasse sua doença. E o jardineiro era mal remunerado e não tinha gente suficiente na equipe. Assim, cuidara das áreas que podiam ser vistas das janelas dos quartos e deixara o resto ser coberto pelas sebes.

Miranda andou pela casa, tomando notas mentais sobre tudo o que precisava ser feito, resistindo ao impulso de começar a limpar o jardim ela própria antes de preparar um plano de ação. Mas quando chegou à horta, não conseguiu mais se conter. Os canteiros de ervas e legumes estavam em ordem, mas as árvores frutíferas não eram tratadas havia muito tempo. A colheita daquele ano não seria tão boa quanto era de se esperar, e eles teriam de comprar maçãs em dezembro, quando com um pouco mais de cuidado, poderiam comer o produto de suas próprias árvores tranquilamente durante os meses de inverno. E nos fundos do

quintal, as framboesas eram um emaranhado confuso, e os pássaros estavam roubando o resto da safra do verão. Miranda agitou os braços, e os pássaros saíram em revoada, piando em protesto contra a interrupção. Então, ela usou as tesouras das roseiras para abrir caminho entre os galhos, para poder alcançar as melhores frutas. Encheu meia cesta e se voltou para os arbustos de groselha, também cheios de frutas.

MIRANDA SE ocupou por mais de uma hora antes de parar e examinar seu trabalho. Seus dedos estavam manchados, o vestido, rasgado pelos espinhos, e, sem um chapéu para se proteger, na hora do jantar, seu nariz mostraria os resultados de uma manhã passada sob o sol direto. Miranda provara mais uma vez que não era o tipo de mulher com quem ele deveria se casar, nem uma duquesa apropriada para Haughleigh.

Se fosse descoberta. Mãos podiam ser lavadas, e o vestido podia ser consertado ou jogado fora. Havia pó de arroz em seu quarto, que ela poderia usar para disfarçar a queimadura de sol. Se fosse habilidosa. Se não tivesse sido vista. Ele não precisava saber.

Ela deslizou pelo corredor que levava da horta até a cozinha. Deixaria as frutas com a cozinheira, subiria pelos degraus dos fundos e faria Polly jurar segredo. Na hora do almoço, diria que passara a manhã cochilando, e ele jamais desconfiaria.

— O que você está fazendo?

Miranda quase derrubou a cesta de frutas que carregava. Seu marido estava de pé à sua frente, bloqueando-lhe a passagem.

— Nada. Nada mesmo. — Ela fez menção de passar por ele.

O duque bloqueou seu movimento mais uma vez, olhou para o conteúdo da cesta e apanhou uma framboesa no topo da pilha.

— Nada? Parece que andou trabalhando no jardim.

— N…não andei trabalhando. Havia algumas frutas maduras nos arbustos. E me pareceu uma pena deixá-las para os pássaros, se há o suficiente para fazer geleias, um pudim ou algo assim.

— E você decidiu ir colhê-las?

— Não vi problema algum.

— Não poderia ter chamado um empregado? Ou dito à cozinheira que gostaria que alguém fosse colher algumas frutas?

Ela ergueu o queixo, em um gesto desafiador.

— Acontece que eu gosto de frutas.

Ele apanhou outra framboesa na cesta.

— E eu também. Diga-me, Miranda, qual é o gosto destas framboesas?

— Gosto? De framboesas, é claro.

— Mas elas são mais doces do que o normal? Mais amargas? Passaram um pouco do ponto? Já é o fim da estação, você sabe.

— Eu… Eu ainda não tive a chance de provar uma — admitiu.

— Você as colheu porque gosta delas. E mesmo assim, quando estava rodeada delas, não colocou uma em sua boca?

A mente dela ficou enevoada pelas lembranças. Aprendera, quando garota, que não se devia comer enquanto se colhiam frutas no bosque perto do chalé. Aquilo significava que você comia bem e tinha dor de estômago mais tarde, mas que o resto da família passava fome por causa da sua gula. Era melhor esperar até chegar em casa e repartir a comida com todos os outros.

E colher frutas na casa grande? Não era certo comer frutas que não lhe pertenciam. As memórias dela a levaram a outro corredor e a um homem sorridente que se aproximava demais.

Claro que grandes homens em grandes casas não viam problemas em tomar coisas que não lhes pertenciam.

— Não, Marcus, não coloquei. — E olhou direto nos olhos do marido.

Ele suspirou.

— O que devo fazer com você? — O duque colocou a mão no ombro dela, empurrando-a contra a parede.

Miranda sentiu a pedra fria contra suas costas e se lembrou dos boatos maldosos e do gosto das framboesas. E seu rosto mostrou uma expressão de alarme.

— Feche os olhos, Miranda. Não, querida, eu não disse “Olhe para mim como se eu estivesse prestes a devorá-la”. Eu disse “Feche os olhos”.

Ela os fechou com força, e ficou tensa, esperando pela mão em seu corpo.

Em vez disso, sentiu o toque suavíssimo de um dedo contornando a linha reta de seus lábios cerrados.

— Abra.

Ela sentiu o dedo dele contornando sua boca de novo, enquanto a mão firme lhe segurava o queixo, acariciando-o. Miranda moveu o maxilar com esforço, e a ponta do dedo dele deslizou para dentro de sua boca, tocando-a de leve na língua.

— Prove.

Ela sentiu um gosto muito leve de suco de framboesa na ponta da língua, doce e maravilhoso. Sem pensar no que fazia, lambeu o dedo dele, que o retirou de sua boca.

— Mais uma vez. — E o duque colocou uma fruta entre os lábios dela,

mantendo os dedos ali enquanto ela a mordiscava. Quando ele tornou a falar, sua voz estava próxima ao ouvido dela, murmurando: — É isso que você está perdendo, Miranda. Tantos prazeres à sua volta, à sua espera. Doces como framboesas. E tudo o que eu consigo convencê-la a fazer é trabalhar.

Ele levou outra fruta aos lábios dela, que ergueu a mão, segurando a dele enquanto comia, e ouviu-o prender o fôlego quando seus dentes roçaram-lhe os dedos.

E, de repente, Marcus a puxou contra si com o outro braço, e ela sentiu a cesta escapar-lhe das mãos e deslizar entre eles. Miranda abriu os olhos e viu as framboesas e groselhas cascateando pela camisa de linho, esmagadas entre a cesta e a gravata dele.

E sentiu suas defesas caindo por terra enquanto os velhos desejos a invadiam e o empurrou para longe, colocando as frutas de volta na cesta.

— Meu Deus, que desastre! Rápido, Marcus, vá lá para cima e dê essa camisa ao seu valete, antes que as manchas não possam mais ser removidas.

Os olhos dele estavam mais escuros do que o normal, e houve um momento de suspense entre os dois, quando ela teve certeza de que ele iria gritar outra vez por ela ser tão tola. E, então, ele riu. Era um som que Miranda não se lembrava de ter ouvido, não vindo dele. E ele tomou-lhe o rosto com as mãos manchadas de suco de framboesa, puxando-a para si e beijando-a, rapidamente e com firmeza.

Sua língua se insinuou entre os lábios abertos dela uma vez antes de desaparecer. E, em seguida, ele apanhou um punhado de framboesas e esmagou-as contra a frente da camisa, colocando a última na boca.

— Doce, Miranda. Muito doce. E valeram o custo da camisa. — E Marcus saiu andando pelo corredor, afastando-se dela, como se nada tivesse acontecido.

Doce, sem dúvida. Mas ele falara das frutas ou do beijo?

E, sem pensar, ela apanhou um punhado de framboesas na cesta e comeu uma a uma enquanto se encaminhava para a cozinha.

MIRANDA ESTAVA inquieta no divã da sala de estar e tentava não parecer tão impaciente quanto se sentia. Aquela deveria ser uma típica noite em casa, com seu marido, e ela deveria aprender a desfrutá-la.

A palavra ficou presa em sua mente como um nó na garganta. Casa. Aquela era a sua casa, disse a si mesma. A lembrança do lugar que fora a sua casa já se tornava um tanto indistinta. Ela se lembrava de muita felicidade, obviamente, e sentia saudade de seu pai e de Cici, mas não deveria se esquecer de todo o resto, precisava ser grata por tudo o que tinha agora. Aquela sala se tornara confortável

e aconchegante agora que fora limpa e arejada. Era quente, silenciosa e espaçosa, e o som da chuva lá fora, distante e confortador. Ela não precisava mais esvaziar a panela cheia d'água, usada para coletar os pingos de chuva que atravessavam o telhado, como em casa. Não precisava mais se sentar em frente a uma corrente de ar. E apesar do ardor da queimadura de sol em seu nariz, Miranda não se sentia cansada depois do trabalho de um dia inteiro antes de dormir.

De forma estranha, aquilo era parte do problema que enfrentava naquela noite. Seu sangue ainda fervia depois do beijo no corredor, mas Marcus estivera quieto a tarde inteira e distante no jantar. Talvez alguma parte de sua mente, a parte que o levara ao salão dos retratos, ainda estivesse presa ao passado e ao seu primeiro casamento. Mas se era assim, St. John lhe contara mais uma mentira, porque ele não agia como um homem tomado pela culpa, e sim como alguém que fora profundamente magoado e tinha medo de reabrir velhas feridas. Quando ele deixara transparecer, depois do jantar, que frequentemente ia descansar na sala de estar à noite, e que se ela quisesse, poderia se juntar a ele, Miranda agarrara a chance de fazer algo que pudesse aliviar um pouco da tensão no rosto do marido. Mas ele se esquecera de sugerir o que ela poderia fazer para se ocupar quando chegasse lá.

Ela olhou de relance para ele, por sobre o livro que folheava. O duque parecia bem confortável, embora olhasse para cima com frequência e observasse o fogo antes de suspirar e virar mais uma página.

Havia um piano em um dos cantos, e ela se perguntou se Bethany, que todos faziam questão de lembrá-la a todo instante que era uma dama muito talentosa, costumava distrair o marido todas as noites, tocando e cantando. Ele não mencionara nenhuma preferência musical para ela. Também não sugerira que ela tentasse tocar, pelo que era profundamente agradecida. As escalas que praticara na escola não seriam suficientes para garantir um entretenimento prazeroso.

Miranda olhou de esguelha para a outra cadeira perto do fogo e imaginou Bethany, com sedas e linhos ao colo, costurando e bordando, à luz das chamas refletidas em seu cabelo loiro e macio. Ela era, sem dúvida, talentosa com as costuras também. Mas o duque não queria outra Bethany, Miranda lembrou a si mesma. Aquela visão radiante fora criada por St. John e pelo artista que pintara o maldito retrato. E a víbora que Marcus lhe descrevera também não existia. Mas nenhuma das duas imagens tornava mais claro o que Miranda deveria fazer para preencher as noites, sozinha com o marido.

Fitou as próprias mãos e flexionou os dedos. Eles eram habilidosos o bastante, e certamente poderiam fazer trabalhos delicados se tivesse paciência para isso. E era aquele o problema.

Eles haviam aprendido desde cedo a fazer coisas que eram necessárias, coisas que eram práticas. Fazer barras e pregar botões. Remendar roupas resistentes, sem ornamentos. A costura mais complicada que ela fizera em anos fora transformar as roupas velhas de Cici nas peças gastas que ela usara em Haughleigh. E não houvera conforto algum naquele trabalho, como não houvera conforto naquelas costuras corriqueiras. Nenhuma sensação de conquista.

Miranda se perguntou o que seu marido pensaria se ela roubasse algumas costuras das serviçais para fazer numa daquelas noites, ou se talvez pedisse ao valete que lhe desse os lençóis e as toalhas de Sua Graça para engomar. Ele acharia que ela estava louca.

Ela se levantou em silêncio, para não perturbar a concentração de Marcus, e foi até a janela, observando as gotas de chuva batendo contra o vidro, mexendo distraidamente em uma peça do jogo de xadrez sobre a mesa.

— Você está cansada, Miranda?

Ela se virou, apertando a peça que segurava contra o peito. Ele colocara o livro de lado e a estava olhando.

— Você parece inquieta. E eu a ouvi suspirar agora há pouco. Se estiver cansada, não precisa esperar por mim.

Ela examinou o rosto dele, procurando por qualquer sinal de raiva ou desagrado, e voltou logo para sua poltrona.

— Oh. Eu sinto muito. Não quis perturbá-lo. Não, não estou cansada. De jeito nenhum. Estou bem. Mesmo. Obrigada. — As palavras lhe vinham aos borbotões, e ela colocou a mão sobre a boca para impedi-las de escapar.

E olhou para baixo, percebendo que trouxera a peça do tabuleiro consigo. Miranda praguejou em silêncio, porque agora teria de atravessar a sala mais uma vez para colocar a peça no lugar, e seria forçada a perturbar ainda mais a quietude.

— Eu a vi admirando o jogo de xadrez. Alabastro entalhado a mão. Uma herança de família.

Miranda olhou para a peça e se perguntou se aquilo significaria que ela deveria colocar o peão imediatamente no tabuleiro.

— Se você quiser… — Ele hesitou mais uma vez —, eu poderia ensiná-la a jogar.

— Eu já sei. — Ela desejou poder retirar as palavras.

Ele se oferecera, tão gentilmente, para ensiná-la, e ela arruinara tudo confessando seu conhecimento prévio. Bethany teria, provavelmente, sorrido, fingido ignorância, e seu marido teria tido uma noite de entretenimento, demonstrando sua superioridade.

Mas mentir sobre algo tão simples como xadrez teria adicionado mais um

pecado à sua carga já muito pesada, e ele a teria desmascarado depois que eles jogassem por algum tempo e ela fizesse progressos rápidos. E Miranda prometera, não prometera?, ser sincera. Seu marido parecia muito atento para deixar que sua própria vaidade interferisse com suas observações.

— A minha família também tinha um jogo, embora não fosse tão luxuoso como esse.

Entalhado a mão, sim, mas de lascas de madeira, com um tabuleiro de oleado, e um dos lados pintado de escuro com tinta.

— Meu pai costumava jogar comigo.

Porque ele achava que era um passatempo muito melhor do que o baralho, depois que a fortuna e a casa se foram.

Marcus se levantou e puxou a outra poltrona para mais perto do fogo.

— Venha. Traga o tabuleiro e a mesa. Vamos jogar uma partida.

Ela jogou com curiosidade no começo, prometendo a si mesma que salvaria a noite perdendo o jogo. E ele realmente a derrotou, depois que ela fez uma jogada imbecil que deixou seu rei exposto.

— Vamos jogar de novo? — Marcus não parecia satisfeito nem entediado.

— Sim! Obrigada…

— E se você insistir em disfarçar suas habilidades, por favor, tente escondê-las com mais cuidado. É um insulto para mim vê-la recorrer a jogadas tão medíocres para que eu possa ganhar. E lembre-se da sua promessa. Eu falava sério. Não esconda a sua personalidade verdadeira de mim. Desfrute de tudo que a rodeia.

Miranda olhou para ele e viu não um rosto enevoado pela tristeza ou pela raiva, mas uma expressão fria. À luz da lareira, os olhos de Marcus pareciam faiscar enquanto ele preparava o tabuleiro para outra partida. Era mais difícil, agora que ele tinha alguma noção do nível de habilidade dela, que não sentiu necessidade de recorrer a subterfúgios para manter o jogo interessante.

Miranda perdeu várias peças antes de tomar uma dele, e perdeu a partida quando o duque preparou uma armadilha e ela se apressou em tentar tomar-lhe a rainha.

— Devemos nos retirar, senhora?

— Depois de você me derrotar tão completamente? Que conveniente. Eu tenho energia para mais uma partida se você não estiver muito cansado.

O desafio que ela lhe lançara a surpreendeu, mesmo antes de lhe escapar dos lábios. A resposta dele foi uma gargalhada sonora. O duque começou a arrumar as peças e disse:

— Talvez eu esteja cansado, e você planeje usar isso contra mim.

— Acha que vai funcionar? — inquiriu ela.

— Talvez. Você é uma jogadora excepcionalmente boa quando faz um esforço. Mas tem outras armas com as quais pode me distrair se quiser vencer.

— E quais são essas armas?

A voz dele era como seda contra a pele dela:

— A luz do fogo refletida no seu cabelo quando você se inclina para se aproximar do tabuleiro. O modo como você morde o lábio quando se concentra. E a falha na sua respiração quando descobre uma jogada, faz coisas incríveis com o decote do seu vestido. Eu fico tentado a jogar mal só para ver o rubor na sua pele quando você toma o meu rei.

Ela engoliu em seco.

— Eu juro, senhor, que você está dizendo essas coisas só para me distrair, para poder me vencer novamente.

— E o que me dará como prêmio se eu vencer?

O ar entre os dois parecia pesado.

— Não tenho a intenção de deixá-lo me derrotar pela terceira vez, portanto, não vou me preocupar com a sua recompensa.

Ele riu de novo e moveu uma de suas peças, recomeçando o jogo. A concentração dela não melhorou ao perceber que ele a observava intimamente, enquanto ela escolhia as jogadas. Mas Miranda lutou para convencer a si mesma de que aquele era um problema dele, não dela. E, no fim, aquilo pareceu funcionar, porque depois de uma hora e meia de jogo intenso, ela gritou:

— Xeque-mate! — E disfarçou o triunfo, esperando para ver a reação dele.

Marcus se recostou na cadeira e juntou os dedos das mãos, olhando para ela por sobre eles.

— E agora, se você se desculpar por me derrotar, como parece prestes a fazer, eu vou torcer o seu pescoço, sua descarada. Juro que a minha mãe teria procurado uma esposa para mim em outro lugar se tivesse imaginado que deleite você é para minha pessoa. E agora, você está corando ao ouvir a verdade. O que me pediria como prêmio por ter perdido a partida?

— Nada. Mesmo. Eu não pretendia jogar por uma recompensa.

— Porque temia perder. Mas venceu. Peça o seu prêmio, qualquer que seja ele.

Ela olhou para ele por um longo tempo, com uma fascinação horrorizada. Sabia o que queria. Era um beijo. Um beijo como o que St. John lhe dera antes de ela precisar se trancar no quarto para escapar. Só que ela não queria fugir daquele homem. Queria a mesma busca incontrolável que a fizera deitar-se, passiva, nos braços de outro. E aquele pensamento fez sua pele corar de vergonha, com um calor estranho e indescritível.

Ela prometera ser sincera com ele. O que poderia dizer? *Tome-me em seus*

braços e me beije como seu irmão fez? Ela lhe prometera dizer a verdade. E não havia como dizer a verdade ao marido.

Ele estava estranhamente imóvel, observando-a, esperando por um sinal. E ela podia ver, pela tensão dele e pelo calor em seus olhos, que lhe daria qualquer coisa que ela lhe pedisse, se tivesse a coragem de pedir.

Ela baixou os olhos.

— Não sei o que quero.

— Eu acho que sabe.

O sangue dela ficou gelado. Será que ele podia ler seus pensamentos? Uma verdadeira dama não desejaria ser possuída em frente à lareira, na sala de estar. Uma verdadeira dama seria inocente dos desejos vergonhosos que a invadiam agora. Imagens lhe vieram à mente, das coisas que Cici lhe descrevera, coisas que nenhuma mulher decente deveria saber. Uma esposa deveria ser uma aluna ignorante, mas disposta na cama de seu marido. Uma mulher decente não sentiria o sangue ferver depois de um simples jogo de xadrez.

— Você está errado. — A mentira era trêmula nos lábios dela. — Eu não sei o que quero além de fazer qualquer coisa que o agrade.

— Qualquer coisa que me agrade? — Ele se inclinou, aproximando-se, e a respiração dela ficou presa na garganta.

O que ela acabara de lhe oferecer? Cici lhe contara histórias sobre cachecóis de seda e mel, e dera a entender que havia muitos joguinhos estranhos para as pessoas experientes. O pensamento deveria causar-lhe repulsa, mas em vez disso, a curiosidade queimava dentro dela.

— Sim, Marcus. — Ela quase tropeçara no nome dele mais uma vez.

— Ah, mulher, eu terei tempo, todo o tempo do mundo, uma vida inteira, para ter prazer com você. Mas, para começar, eu gostaria de deixá-la escolher.

Ela estremeceu.

— E eu lhe juro que não sei o que quero. Faça o que quiser comigo.

Ele suspirou. E quando falou, sua voz era gentil, mas exausta:

— Muito bem. Talvez ainda seja cedo demais para você. Chegará a hora em que você compreenderá, quando o seu coração e o seu corpo não lhe deixarão escolha. Você estará certa do que quer. E então, nesse dia, venha me procurar. Você vai me contar quando souber?

— Sim.

— Muito bem. Então, boa noite para você, minha querida. — E ele lhe tomou as mãos gentilmente.

Seus polegares lhe acariciaram as palmas, e ele sorriu, levando-as aos lábios, beijando-lhe as costas das mãos antes de virá-las de novo para beijar de leve cada pulso.

— Durma bem.

As mãos dela se soltaram das dele, e ela disse um boa-noite apressado antes de correr para o corredor. O beijo dele parecia atravessar-lhe a pele e invadir-lhe o corpo até chegar ao coração. Ele a aquecia, e ela sentia que o carregava consigo, bem lá no fundo.

Dormir bem? Ela nunca se sentira tão desperta.

CAPÍTULO 20

Quando Miranda se sentou para tomar o café da manhã, seu marido estava, como era de hábito, lendo a correspondência. Ele deu uma olhada para ela e entregou um elegante cartão impresso.

— Você dormiu bem? — perguntou ele.

— Sim, obrigada.

Aquela era outra mentira. Ela se virara na cama a noite toda. Pensando nele.

Se o marido tinha conhecimento de seus pesares enquanto ela tomava seu café, ocultou a informação muito bem.

— Parece que fomos convidados para nosso primeiro baile. Uma família amiga da minha mãe há tempos. Tenho certeza de que ele e a esposa estão ansiosos para conhecer a nova duquesa. Por favor, providencie a resposta.

Ela olhou para o cartão, sem expressão.

— Suponho que devamos ir.

Ele deu outra olhada para ela, erguendo a sobrancelha.

— Posso jurar, senhora, que essa não é a resposta apropriada. A senhora deveria ir aos céus com a chance de, finalmente, ter uma vida social neste lugar completamente esquecido por Deus. Irá enviar uma resposta positiva muito polida agora mesmo, e depois virá a mim na hora do almoço para pedir, implorar e me bajular até que eu concorde que deve ter um novo vestido, fitas novas, luvas, joias e outros enfeites, e talvez uma viagem a Londres para fazer mais compras, até que eu não possa mais suportar ouvir o som da sua voz e concorde em gastar uma pequena fortuna para que tenha uma noite de festa como se deve.

— Isso tudo não será necessário, tenho certeza.

— Ah, sim, certeza? Será que ainda não observou o suficiente o seu guarda-roupas para entender que precisa de mais peças de ouro, mais tecidos incrustados com diamantes ou qualquer outro tipo de bobagem feminina?

— Não, Marcus. Estou certa de que o que tenho é mais do que o suficiente e será adequado para a festa.

— Hum… Bem… É uma esposa atípica, Miranda, devo dizer. Como posso mimá-la se está sempre satisfeita? Realmente, não sei o que fazer com você — declarou por fim, antes de voltar a ler.

Havia uma sugestão de riso nos olhos dele.

Após o desjejum, Miranda se dirigiu para sua escrivaninha e começou a primeira de várias falsas tentativas de resposta ao convite. As folhas de papel iam sendo amassadas e atiradas à lareira antes que ela terminasse. Bem, esperava que o marido estivesse tão bem de vida quanto declarava estar, porque o

desperdício de papel estava sendo significativo. E nada do que Miranda escrevia parecia-lhe bom o suficiente.

Amaldiçoava Cici e seu pai por negligenciarem tantas coisas por tanto tempo, e então esperarem que ela pulasse com os dois pés nas águas profundas de sua nova vida e se mantivesse à tona. Como alguém poderia esperar que a caligrafia dela fosse bela e harmoniosa depois de anos e anos de escassez de papel e nenhuma razão para escrever? Miranda acreditava que sua ortografia fosse adequada para a tarefa de escrever as duas ou três frases necessárias de agradecimento ao lorde e sua esposa por sua graciosa oferta de hospitalidade, mas sua mão parecia rígida e desobediente. Na quarta tentativa, o bilhete parecia ter sido escrito de forma apressada e descuidada, como se tivesse segurado a pena entre os dentes. Bem, aquilo teria de servir.

SUA PRÓXIMA tarefa, como dissera o marido, era certificar-se de que seu traje para a festa estava em ordem.

Quando contou a Polly sobre a natureza da festividade, a garota sorriu de modo tão franco que encorajou Miranda a confidenciar-lhe o que a preocupava.

E Polly conseguiu produzir não uma, mas três sugestões adequadas de combinações de vestidos, joias e complementos para o baile, coisa que Miranda estivera apavorada demais para sequer tentar. Todas as sugestões tinham sapatos combinando, havia uma incrível variedade de luvas para a noite, grande variedade de casquetes, gorros e turbantes, e até mesmo um xale de seda para protegê-la durante o trajeto.

— Definitivamente, o traje branco e dourado fica melhor, Vossa Graça.

— Você acha mais adequado que o verde? — Ela tocou o vestido verde com cuidado, como se pertencesse a outra pessoa.

— Não para esse baile, madame. O senhor lhe dará esmeraldas, e, com esse vestido, elas não sobressairão.

Surpresa, Miranda encarou Polly.

— Esmeraldas?

Polly riu.

— Verifique na sua caixa de joias, *milady*. A única coisa que a senhora não tem são esmeraldas. E não me parece que o duque a deixaria sem gemas tão importantes. Ele não parece ser o tipo de homem que se esquece das coisas importantes. Milorde sabe o que se espera dele e já foi casado antes. E não a deixaria ir a um baile elegante sem estar devidamente apresentada. Se a senhora quiser, posso pedir a Thomas para confirmar, mas confie em mim, Vossa Graça. O duque vai lhe dar esmeraldas, e a senhora deve usá-las com o vestido branco e

dourado. — Ela ergueu o vestido contra a luz. — Vê? Não é realmente branco. Há um toque de cor nele, e as flores na renda têm uma folha verde.

A tagarelice da empregada parecia distante. Esmeraldas? Ela se lembrou do colar que viu no retrato, brilhando no pescoço da antiga duquesa. E agora, iria usar aquelas joias.

Miranda tentou ignorar a sensação áspera em sua garganta. Um colar para uma noite amaldiçoada, um lembrete de tudo o que não sabia sobre ser a senhora na sala de um homem de destaque.

Escolheu um leque do amontoado de acessórios à sua frente. Tentou abaná-lo, mas ele escorreu de sua mão. Talvez fosse melhor ir sem leque, ou ela revelaria toda a sua ignorância também no domínio das regras do comportamento esperado das senhoras de certa classe.

E ela pensara estar indo bem, suspirou.

Sozinha em casa, se tivesse excentricidades, ninguém notaria. Bem, pelo menos o marido parecia não fazer mais tanto caso de suas esquisitices.

Mas um baile era regido por normas de conduta que ela não poderia burlar. Havia regras para tudo, que iam desde a especificação sobre qual garfo usar com cada um dos pratos até com que cavalheiro dançar e quando. Ah, sim, havia a dança.

Ela pegou o leque caído na borda da cama.

Nunca aprendera a dançar. Não havia tempo para bailes quando vivia com o pai e Cici. E, já que não havia sido formalmente apresentada em sociedade, não conseguiria se safar com as poucas danças do interior que conhecia. Nenhuma delas era adequada a um salão refinado. Com seu vestido elegante, as esmeraldas de Haughleigh e presa ao braço do duque, ela seria o centro das atenções. E logo ficaria clara a fraude que era.

ELE JAZIA em seu túmulo de novo. Estava vivo e lutava para sair dali, embora as pessoas reunidas ao redor da cova o observassem como se nada estivesse errado. St. John inclinou-se sobre ele e riu. Então afastou-se, e Marcus ouviu ferramentas de escavação na terra. Foi atingido pela primeira pá de terra gelada no rosto. Tossiu engasgado, murmurou um fraco “não”, cuspindo a terra que enchia sua boca. E quando ele olhou para cima novamente; sua mãe estava lá, e Bethany também, e ele percebeu que eram elas que manejava as pás. Marcus ouviu a terra sendo escavada mais uma vez, lâminas de metal arranhando as pedras. E a terra ia sendo jogada sobre ele, uma pá depois da outra, cobrindo seu rosto sem que pudesse se esquivar ou gritar, quase o impedindo de respirar.

De repente, Miranda surgiu, de pé sobre ele, apoiada em sua pá, observando enquanto ele sufocava. Marcus gritou:

— Miranda, não!

Ela olhava para ele sem expressão.

— Por que você tem sempre de gritar comigo, Marcus? Porque tem medo de pás? Você é um covarde. E um tolo.

Ela se inclinou para a frente, e a luz a envolveu. Em vez de jogar terra nele, ela libertou suas pernas.

— O buraco não é tão fundo assim, Marcus. Levante-se. Venha, levante-se.

— Acorde, Marcus. Acorde. Você está acordado?

Ele se deu conta de que estava sentado na cama, olhando para ela, parada no batente da porta de comunicação entre os quartos.

— Miranda?

Ela repetiu, pacientemente:

— Você está acordado? Estava gritando durante o sono. Gritou meu nome. Mas, quando eu abri a porta, não pareceu me reconhecer.

— Era um pesadelo. — Ele engoliu em seco, aliviado ao perceber que sua voz soava firme, apesar de seu coração disparado. — Desculpe-me se a acordei.

— Sem problema. Só fiquei preocupada. E não estava mesmo conseguindo dormir. — Ela hesitou junto ao batente, obviamente incerta sobre o que fazer. Parecia não saber se deveria voltar para seu quarto ou se aproximar dele. — Não sabia se acordá-lo seria a atitude certa. Dizem que é perigoso acordar alguém antes que o pesadelo termine.

— Você fez a coisa certa. Estou bem. Garanto. — Ele sorriu ao notar os cabelos dela soltos. — No sonho, você me criticava por ser tão bobo.

Ela pareceu ficar tensa de repente.

— Desculpe-me, eu jamais…

Ele sorriu de novo.

— Miranda, você está pedindo desculpas por algo que fez em meu sonho? Duvido que pudesse controlar as ações das personagens de meu pesadelo.

Ela se aproximou um pouco, e, conforme andava, a luz atravessava a camisola e o penhoar, desenhando sua silhueta. Miranda usava um dos trajes de dormir que ele escolhera para ela, Marcus notou. O tecido era fino, quase transparente.

— Você apareceu para mim como um anjo salvador quando o pesadelo estava em sua parte mais terrível. E tentou me fazer ver que meus temores eram uma bobagem.

— É mesmo?

Ela se moveu mais uma vez, e ele conseguia ver cada curva de seu corpo: seios fartos e altos, barriga plana, a curva suave de seus quadris e a fenda escura

onde suas pernas se encontravam.

— Sim, exatamente como agora, querida. — Ele se virou para ela, e as cobertas caíram, deixando seu peito nu.

Ela deu mais um passo hesitante na direção de seu quarto, e a luz não mais revelava seu corpo.

— Bem, que bom que você se sente bem. Posso fazer mais alguma coisa?

Marcus pareceu pensar naquilo por um instante e depois sorriu. Ele a queria, aquilo estava claro. Podia sentir a urgência se acumulando, seu sangue começando a correr mais rápido. Um arrepio maravilhoso o percorreu quando olhou para ela. Ele sentiu que endurecia enquanto a observava usando apenas uma camisola fina à sua frente.

— Sim, há.

Ele sabia que ela estava tensa e agitada, e imaginou que aquela fosse a última resposta que esperava. Dando um tapinha no colchão, disse:

— Venha cá. Sente-se aqui um pouco.

Parecendo hesitar por um breve instante, ela foi em direção a ele e se sentou na beirada da cama.

— Não tenha medo, Miranda. Não vou pedir que faça algo para o que não está preparada. Chegue mais perto, deixe-me abraçá-la.

Ela deslizou para junto dele, que a tomou em seus braços.

Miranda cheirava a violetas e sol. Será que ele teria comprado aquela essência para ela? Ou aquele seria apenas o cheiro de Miranda, simples, sem truques? Ele nunca tivera uma mulher em seus braços que cheirasse daquela forma.

Ela se afastou um pouco dele, pousando a mão em seu peito. O coração dele ainda estava disparado, e Miranda podia sentir sua pulsação.

Ela olhou para ele com dúvida no rosto.

— Sim. — Ele riu, parecendo cansado. — Você precisa vir até minha cama e me fazer dormir, como se eu fosse um menino assustado. Não sou bem o implacável sedutor que esperava, sou?

— Eu não achei… — Ela não parecia saber o que dizer. — Nunca sei o que esperar quando estou com você, Marcus. Você é sempre uma surpresa.

Ele colocou a mão entre eles, afastando de vez as cobertas.

— Você também me surpreende, Miranda. Deite-se aqui e deixe-me abraçá-la esta noite. Talvez ambos possamos dormir se não estivermos sozinhos.

Ela tirou o penhoar se deitou ao lado dele, ainda hesitante, mas parecendo bem mais relaxada. Pareceu tensa mais uma vez quando se deu conta de que ele estava nu, mas relaxou de novo e o abraçou pela cintura, repousando a cabeça em seu peito.

Marcus suspirou enquanto seu coração se acalmava. Beijou o cabelo com

cheiro de violeta de Miranda, sentindo a mãozinha dela sobre sua barriga. Esquecera-se de como era deitar-se assim ao lado de uma mulher. Talvez nunca tivesse realmente conhecido essa sensação, já que Bethany sempre voltava para seu próprio quarto depois que faziam amor. E ele não era bem-vindo lá. A cama de uma amante era um bom lugar para um repouso após o ato, mas não o ideal.

Miranda se ajeitou, o corpo ainda mais próximo do corpo dele, parecendo cada vez mais confortável com aquela intimidade.

Marcus percebeu que ela deslizava lentamente para o sono.

Pensou em roubar-lhe um beijo, mas depois fechou os olhos e também procurou se ajeitar. Aquela era apenas a primeira de muitas noites que teriam juntos. Ele teria tempo, não precisava se apressar.

CAPÍTULO 21

Miranda acordou confusa naquela manhã. Mesmo antes de abrir os olhos, sabia que algo estava diferente. Os cheiros não eram os mesmos com os quais se acostumara. Ela se sentia mais aquecida do que se estivesse em sua cama, com seus próprios lençóis.

De repente, lembrou e abriu os olhos. Ele já estava acordado. Apoiado em uma das mãos, sorria olhando para ela. Miranda podia ouvir o valete movendo-se pelo quarto, arrumando as coisas do patrão.

— Bom dia — sussurrou Marcus para ela. — Dormiu bem?

— Sim, Muito bem. — E tinha mesmo dormido bem, pensou, surpresa.

Miranda descansara de verdade pela primeira vez em semanas, sua melhor noite em muito tempo. Tentava dormir bem, cansando-se bastante durante o dia. Mas na noite anterior, após obedecer Marcus e deitar-se com ele, encontrara uma paz enorme. Parecia que havia menos a temer do que ela temia.

— E você, dormiu bem?

Ele se espreguiçou e bocejou,

— Foi a melhor noite que tive. Se eu soubesse que dormiria tão bem com você presa junto ao meu corpo…

— Teria se casado antes comigo? — Ela sorriu ante aquela impossibilidade.

— Eu deveria tê-la atraído para minha cama há muito tempo. E nunca deveria ter ido até Londres.

E, antes que ela pudesse se mover, ele a beijou na boca.

— Preciso me levantar, querida, tenho coisas a fazer antes de levá-la ao baile desta noite. Posso mandar sua criada vir até aqui atendê-la?

— Não se preocupe, posso ir até meu quarto.

Ele apanhou o penhoar dela na beirada da cama e o passou sobre seus ombros.

— Pronto, assim, quentinha. Não quero que sinta frio.

Dito isso, Marcus deixou a cama, sem tremer com o ar frio que o envolvia.

Ela foi para próprio quarto, onde Polly já separara um vestido para o dia e tomava providências para o baile daquela noite.

Sorriu para a garota, que parecia feliz com as tarefas. E tentou evitar os pensamentos que a mantiveram acordada antes que fosse ter com Marcus.

Estava aflita por causa do baile e não queria ir.

DEPOIS DO café da manhã, Miranda procurou livros na biblioteca que a ajudassem a aprender todas as regras de etiqueta e de convivência que não

conhecia, mas não achou nada que pudesse ajudá-la. Pensou em pedir ajuda a Polly, mas desistiu, afinal, ela não poderia saber muito mais do que ela. Talvez se fingisse estar doente… mas duvidava que pudesse ser convincente ao ponto do duque desistir de ir ao baile. Um tornozelo torcido, talvez? Mas por quanto tempo isso adiaria o inevitável? Talvez ela conseguisse não comparecer ao baile dessa noite, mas haveria outros convites, muitos outros. E quanto mais ela tentasse evitar, mais tentativas seriam feitas para tirá-la de casa. E, em breve, seria esperado que ela organizasse um baile em sua própria casa.

Ela não tinha a quem pedir ajuda. Nenhum lugar para ir.

Exceto…

Marcus dissera que estaria ocupado durante o dia, e ela não tinha dúvidas de que ficaria aborrecido com alguma interrupção da parte dela. Mas se lembrava de como o corpo dele junto ao seu a acalmara durante a noite e a fizera sentir-se melhor. Se não pudesse pedir ajuda a ele, não tinha mais esperanças de se comportar da forma adequada no baile.

Miranda se aproximou do escritório do marido com cautela, como de hábito. Encontrou-o sentado atrás de sua escrivaninha, inclinado sobre alguns livros e mordiscando a ponta de sua pena de forma que, se ela não estivesse tão assustada, teria achado comovente.

Ela limpou a garganta.

Ele ergueu os olhos.

— Sim, Miranda?

— Vossa Graça…

Ele ergueu a sobrancelha.

— Marcus, tenho um problema. Sobre hoje à noite. O baile.

— Há algo que deseje, querida? Está achando seu vestido sem graça? Precisa de mais plumas de avestruz?

— Não — respondeu, ruborizada pelo embaraço, pois ele agora saberia a fraude que ela era. — Não posso ir ao baile desta noite. Não creio que saberei como… Bem, eu não posso. — Miranda fez um gesto com as mãos, indicando que desistia.

Ele deu a volta na escrivaninha rapidamente, tomando as mãos dela entre as suas, seus olhos preocupados, encarando-a.

— Por quê? O que a incomoda?

Uma lágrima rolou pelo rosto dela.

— Não posso ir, Marcus. Nunca estive em um baile. Não sei dançar. — A voz dela se transformou em um sussurro — E estou com medo.

Ele passou os braços em torno dela, trazendo-a para junto de si, e Miranda soluçou com o rosto em seu peito. Ela sentiu sua respiração em seu cabelo, e ele

disse:

— Ah, sim. Entendo. Agora você chora e eu estou desarmado, porque tenho tanto medo das lágrimas de uma mulher quanto você tem do baile. Vejamos o que posso fazer para aliviar seu coração. — Ele a abraçou mais uma vez e depois a afastou um pouco de si, para tocar a sineta chamando Wilkins.

O mordomo apareceu quase que imediatamente, com ótima postura e parecendo impecável, notou ela com satisfação, por ver que sua chegada melhorara um pouco as coisas por ali. Era melhor governanta do que duquesa.

— Wilkins, preciso de alguns criados aqui. Seis casais serão mais do que o suficiente. E você. Tire-os de suas tarefas, a arrumação da casa pode esperar. E traga também qualquer um que saiba tocar um instrumento. Quem sabe um violino. Ou podemos cantarolar, suponho. Mande que esperem por nós no salão de baile. Estou sem prática, não danço há muito tempo, e temo esmagar os dedos de minha pobre esposa esta noite. — Ele sorriu para acalmá-la. — Tudo o que preciso é de algum ensaio, querida.

Wilkins apressou-se para cumprir as ordens que recebera.

Marcus franziu a testa.

— Estou desapontado, madame.

— Desculpe-me — gaguejou ela. — Não recebi a melhor educação, e há coisas que não sei, mas…

— No futuro, quando não souber alguma coisa, venha imediatamente falar comigo, não sofra sozinha pensando em como agir. Poderíamos ter contratado um professor de dança para você.

— Desculpe-me, Marcus — pediu ela mais uma vez. — Desculpe-me por esperar tanto tempo e tirá-lo de seus afazeres. Você tem razão, claro. Eu deveria ter pensado em outra forma de lidar com o problema.

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Miranda, você não está me entendendo. Quando tiver um problema, venha falar comigo, porque eu quero cuidar de você, não quero que fique sozinha em seu quarto, aflita, pensando no que eu diria se soubesse. Não posso garantir que serei sempre bonzinho, porque você já me viu nervoso e conhece meu gênio, mas juro que tentarei. Eu lato, querida, mas não mordo. E jurei perante Deus que iria amá-la e cuidar de você. — E, sem afastar os olhos do rosto dela, ele tomou uma das mãos dela e a beijou.

Que estranho, pensou ela, que houvesse tanto sentimento entre os dois. Que ela pudesse sentir os lábios dele roçando sua pele, pressionados contra sua carne. A aspereza suave do rosto dele atravessava a pele dela e a atingia profundamente. Enquanto segurava sua mão para beijá-la, a mão dele parecia também explorá-la, seu dedo correndo pelas linhas da palma, onde a aspereza de

outrora dava lugar à pele delicada de agora. Ele virou a mão dela, passando a língua pelas linhas da mão de Miranda. Os olhos dele estavam estranhamente escuros quando procuraram os olhos dela, e sua voz soou rouca.

— Vá para o salão. Irei para lá em alguns momentos.

Quando Miranda chegou ao salão de baile, ela o observou atentamente. O lugar não era limpo havia muito tempo. Provavelmente, desde o primeiro casamento de Marcus. Puxando a cobertura de alguns dos móveis, ela deparou com cadeiras delicadas e mesinhas, prateleiras para partituras e candelabros empoeirados e cobertos de respingos de vela.

O teto mostrava marcas de fumaça, e as paredes ornamentadas com querubins dourados e cachos de uva estavam cobertas de teias de aranha. Aquele lugar ficaria absolutamente maravilhoso, pensou ela, depois de uma boa limpeza, decorado com flores frescas, iluminado com velas. Ela colocaria guloseimas no bufê para os convidados. Tortinhas doces, limonada e champanhe. Pensara muito naquilo enquanto arrumava salões tão belos quanto aquele para as festas de outras pessoas.

Atrás dela, um dos criados tirava som de um violino, e outro, de um instrumento de sopro. Os criados iam chegando, curiosos, cochichando entre si.

As portas duplas se abriram mais uma vez, e seu marido entrou, com uma pequena caixa nas mãos. Ele sorriu para os criados:

— Vejo que temos mais que o necessário para algumas danças. Então, todos fugiram do trabalho? Pelo jeito, não ficou ninguém para fazer a comida ou polir a prataria.

Os empregados pareciam inseguros.

— Bem, se alguém ficou para trás, corram lá para chamar. Vamos decretar folga no serviço doméstico hoje, pelo menos por algumas horas. Pelas transformações que vi nesta casa, sei que minha mulher os faz trabalhar muito, mas acalmem-se. Planejo mantê-la ocupada, e ela não irá pedir a vocês que limpem o chão deste salão. Pelo menos, não hoje. — Ele se virou para ela. — E você, minha querida. Se vamos ao baile hoje, penso que precisará de algo que complemente sua roupa.

Ele abriu a caixa que trouxera consigo, e exibiu as mais belas esmeraldas, exatamente como Polly dissera que ele faria.

— O colar do retrato — disse ela.

— As pedras — corrigiu ele. — Não o colar. Enquanto estive em Londres, mandei fazer outro. — Correu o dedo pela peça. — Mandei fazer um colar menos óbvio. Ele tem mais classe e graça, como o pescoço que irá usá-lo. E mandei que colocassem alguns diamantes no conjunto, para combinar com o brilho em seus olhos.

— Sim.

Ele se colocou atrás dela, arrumou o colar em seu pescoço e colo, fechando-o. Marcus se inclinou e sussurrou em seu ouvido:

— Espero que você me diga *sim* muitas vezes durante esta noite, Miranda. Juro que não se arrependerá. O que me diz sobre isso, madame?

Ela corou.

— Sim.

— Muito bem. — Depois falou mais alto: — Vamos começar com algo simples, que todos conhecemos. A quadrilha de Sir Roger de Coverly.

E com a ajuda do violinista e do flautista, e marcando o tempo com os pés, Marcus conduziu a esposa e os empregados por uma quadrilha, um minueto e várias outras danças.

No final, estavam todos rindo, exaustos.

— Há uma última dança que quero ensinar a você, apesar de não ser necessária para esta noite.

— Não será necessária?

— Não. Dança-se assim no continente, mas é considerada muito ousada para um baile no interior da Inglaterra.

— Muito ousada…

— Sim. Muito. O homem precisa pôr as mãos sobre você para dançá-la direito. — Ele passou as mãos pela cintura dela e a puxou contra o peito.

— Isso não me parece tão ousado — ela murmurou. — Quando você faz, parece muito bom.

— Bem, então vamos tentar. Violinista, compassos de três por quatro, por favor. Uma valsa.

E ele começou a rodar com Miranda pelo salão. Era difícil no começo, mas, aos poucos, ela entendeu a simplicidade dos passos. E nos braços de Marcus, seus troncos unidos, as pernas dela movendo-se contra as dele, o movimento parecia natural. Segui-lo parecia natural. Ele olhou nos olhos dela, que sentiu que queria a mesma coisa: mover-se junto com o marido, em harmonia. Sempre.

A música acabou, mas ela queria mais e suspirou:

— Que pena que não dançaremos isso hoje à noite…

— Eu não lamento. Não iria querer dividi-la com outros cavalheiros.

— Quem sabe em outra festa?

— Esta noite, Miranda? Se você vier ao meu quarto depois do baile, dançarei com você. E vou ensiná-la outros passos, que darão muito prazer a nós dois.

— Sim.

— Então suba, querida, vá descansar antes de se arrumar. Temos uma longa noite à nossa frente.

Marcus se inclinou, e seus lábios tocaram o pescoço de Miranda, antes que ele a deixasse ir.

Ela foi para seus aposentos e pediu uma refeição leve para Polly, que, depois de servi-la, tomou as providências necessárias para o banho de sua senhora.

Miranda tentou descansar, mas não conseguia dormir. Seu coração estava disparado.

Estava mais tranquila sobre o baile. Seria apenas um lugar onde passaria algumas horas antes de voltar para casa. Para seu marido. E todo seu receio se consumira enquanto dançava nos braços de Marcus. O toque dele era firme, mas delicado, e o beijo que ele dera em seu pescoço fora uma deliciosa promessa.

Ele não fora nada além de doce e cavalheiro. E parecia mesmo preocupado em fazê-la feliz.

Ela ainda estava preocupada com o simbolismo daquele colar pesado e tão valioso. Mas Marcus queria que ela usasse, ele gostava dela, ele a aprovava.

Se ele colocasse o colar nela, ela o usaria com orgulho. E, mais tarde, quando ele o retirasse, ela gostaria disso.

CAPÍTULO 22

Polly ajudou-a enquanto se arrumava, o que foi providencial, já que Miranda estava em um estado tal que mal reconhecia seu próprio corpo. Cada centímetro dela parecia novo, vibrante. O vestido realçava as esmeraldas. Seu cabelo estava preso no alto da cabeça e enfeitado com pequenas fivelas de diamantes que brilhavam contra a luz do fogo.

Quando chegou a hora de ir, ouviu-se uma batida na porta do quarto dela. Polly abriu a porta, e ali estava seu marido, emoldurado pelo batente, olhando fixo para ela.

Miranda deu uma volta na frente dele. Quando tornou a encará-lo, os olhos dele a devoravam.

— Magnífica.

— Eu o agrado?

— Muito. — Marcus tomou as mãos dela entre as suas e acariciou-as, antes de levar uma aos lábios.

Então, ele a acompanhou até a carruagem, ajudou-a a se acomodar e sentou-se diante dela.

Miranda olhou para o lugar vazio ao seu lado e se perguntou por que ele teria se sentado tão longe.

Como se estivesse lendo a mente dela, ele respondeu:

— O trabalho de Polly ficará mais seguro se eu mantiver distância de você, minha querida.

— Como assim?

— Na privacidade desta carruagem, não confio em mim mesmo. Se tiver uma chance, vou puxá-la para o meu colo e mostrar-lhe o que acho da minha nova esposa, e teríamos de voltar para casa antes mesmo de chegarmos ao baile.

— E o que você pensa de mim?

— Acho que você está vestida com exagero.

Ela olhou alarmada para o vestido.

— Você acha que é demais?

Ele riu, uma risada rouca e sensual.

— Qualquer vestido seria demais, minha querida. Você está adorável agora, mas vê-la deitada nua neste banco seria infinitamente melhor.

— Nua?

— Talvez eu a deixe ficar com o colar de esmeraldas, para mantê-la aquecida.

— E o que você vai fazer enquanto eu congelo até a morte?

— Vou me deitar ao seu lado, para que você não sinta frio. E vou enterrar uma

de minhas mãos nesses cachos macios no seu pescoço, e a outra nos pelos sedosos entre suas pernas, e aquecer tudo entre elas com os meus lábios.

Ela estremeceu ao pensar nele possuindo-a na carruagem no caminho para casa, naquela mesma noite.

— É assim que vai ser entre nós, senhor?

Ele assentiu.

— Comigo totalmente apaixonado e olhando com raiva para qualquer homem que dance com você esta noite. Latindo, zangado, para os jovenzinhos que a rodearão, encharcando-a de champanhe, espantando seus admiradores, e fazendo papel de tolo. E as outras damas rirão, por detrás de seus leques, ao verem como você me enfeitiçou tão completamente em poucas semanas.

— Eu o enfeiticei?

— Completamente. Acho que não consigo pensar em mais nada a não ser em você nos meus braços, em você ao meu lado. Sou seu, Miranda, para obedecer ao seu comando, quer você queira, quer não. Espero que o vigário e sua esposa estejam lá para ver. Eles vão ficar muito desapontados ao me verem tão mudado.

Ela sorriu.

— Precisamos ficar até muito tarde esta noite?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você preferiria ficar em casa?

Ela tornou a sorrir.

— Com você. Sim.

— Oh, Miranda, você foi colocada neste mundo para me tentar, afastando-me dos meus deveres. A cortesia obriga que estejamos presentes. Vamos ficar até a meia-noite, e então desapareceremos silenciosamente antes da ceia. Eu direi ao nosso anfitrião que, já que sou recém-casado e estou loucamente apaixonado, não posso suportar compartilhar você com os outros.

— Loucamente?

— Sem dúvida que sim.

Ela sorriu de novo.

— E, eu direi para a nossa anfitriã que não sou uma boa companhia, porque me entristece ficar longe de você, mesmo que por uma hora.

Ele sorriu para ela.

— E, então, fugiremos para casa logo que for possível, depois de criar o maior escândalo possível enquanto estivermos na festa. Talvez eu a beije no salão de dança.

— E talvez eu retribua o beijo. Isso, certamente, irá chocar o vigário e sua esposa.

Ele gargalhou e jogou um beijo para ela enquanto a carruagem parava na

frente da mansão onde o baile aconteceria. O duque a tomou pelo braço, esperou que fossem anunciados e acompanhou-a até a fila da recepção para cumprimentar o anfitrião e a anfitriã, um lorde local e sua esposa, que conheciam Marcus desde que ele era criança.

O velho senhor de bochechas rosadas sorriu para ela e perguntou:

— Onde você encontrou uma coisinha tão adorável, Haughleigh? Não no continente, estou certo.

— Ela foi levada até mim naquela tempestade, há algumas semanas. E que ventania feliz foi aquela. Eu soube imediatamente que precisava tê-la. — Ele sorriu para ela com um orgulho tão óbvio que Miranda não pôde evitar retribuir.

Marcus dançou com ela e, então, a deixou, beijando sua mão. Logo um grupo de jovens a rodeou, competindo por um lugar no cartão de danças e se perguntando, em voz alta, se ela teria uma irmã com a metade de sua beleza.

PARA SUA surpresa, Miranda achou o baile agradável, apesar da não poder ficar o tempo todo ao lado de seu marido. Enquanto girava pela pista de dança, em um número ou outro, ela percebia os olhares ocasionais de Marcus em meio à multidão, sorrindo com um orgulho óbvio com o sucesso que ela fazia. E suas habilidades como dançarina estavam à altura das habilidades da maioria de seus parceiros. Ela girava pelo salão, e ria com o número de vezes que seu parceiro quase tropeçara em seus dedos, quando durante a troca de parceiros um homem a segurou e começou a girá-la.

— St. John — ela murmurou o nome dele enquanto ele sorria.

Miranda tropeçou e se endireitou, e estava dançando, meio trôpega, com seu parceiro novamente, a cabeça rodopiando mais rápido do que a dança.

Claro que ela o veria de novo. Ele fora expulso da casa, e ela esperara que aquilo significasse que não estava por perto. Mas significava apenas que ele se achava longe das vistas de seu irmão. Não havia motivos para acreditar que não estivesse nas redondezas, e nenhuma razão por que não viesse à festa de um velho amigo da família.

Será que Marcus o vira? Eles teriam se falado? Ela duvidava. Da última vez em que vira Marcus, ele parecia relaxado e feliz, muito diferente do homem em que se transformava quando St. John se encontrava presente. Ou mesmo quando era mencionado em uma conversa, ela lembrou. O ódio entre eles, qualquer que fosse a causa, era tão profundo que os irmãos não podiam ficar na mesma sala juntos sem que houvesse um incidente. Ela deveria avisar…

A quem? Não podia simplesmente sugerir ao marido que fossem embora antes que ele se encontrasse com St. John. Aos olhos dele, aquilo pareceria uma

retirada.

E St. John? Se ela falasse com ele, os resultados poderiam ser desastrosos. E se ele entendesse aquilo como uma demonstração de interesse? E se Marcus os visse juntos? Ou se St. John contasse a Marcus sobre o que acontecera nas duas semanas enquanto ele estivera longe? Mais para St. John do que para ela própria, até mesmo uma indicação do que havia transpirado entre eles seria pior do que um desastre.

A onda de culpa que a invadiu quando pensou em seu último encontro com seu cunhado foi o suficiente para que tivesse certeza sobre a natureza delicada e perigosa da situação. Ela não poderia falar com nenhum dos dois sobre aquilo sem arruinar o que esperava que fosse uma noite perfeita. Examinou o salão de baile, mas não viu sinal de seu marido, nem de St. John.

Seria uma mentira, e ela prometera não mentir ao marido, mas aquilo precisava ser feito. Já era quase meia-noite, e ele prometera que eles poderiam ir. Ela só teria de sussurrar no ouvido dele que não podia aguentar mais, e eles estariam na carruagem, a caminho de casa.

Depois da última dança, ela se abanou e confessou a seu parceiro que se sentia tonta e precisava de ar. Recusou sua oferta de companhia, mas sugeriu que, se o jovem rapaz visse o duque, dissesse a ele que ela estava pronta para ir embora. Com aquilo, escapuliu do salão de baile para o terraço, procurando sinais da presença do marido. Se ele não estivesse dançando, estaria ali, ou talvez no salão de jogos. Ela iria procurá-lo.

— Procurando privacidade, Miranda? Ou procurando por mim?

— St. John! — Ela se virou e o viu parado nas sombras, perto de um arbusto ornamental.

— Claro. Você não achou que eu iria embora por muito tempo, minha querida, com tanta coisa mal terminada entre nós.

— Não há nada mal terminado. Eu pensei, quando bati a porta na sua cara, que tinha deixado minha opinião bem clara.

— Não havia nada de claro naquilo. Na minha experiência, uma batida de porta é um convite para que eu me esforce mais da próxima vez. Se as coisas estivessem realmente terminadas entre nós, você teria contado a Marcus. E ele teria me desafiado, como deseja há anos.

Ele se aproximou e ela recuou, apoiando-se na balaustrada do terraço.

— Mas você não disse nada a ele, disse, Miranda? Por que não? Está envergonhada pela maneira como agiu? Por causa do modo como encorajou minhas investidas quando seu marido estava longe?

— Eu não o encorajei.

— Você não me desencorajou, como deveria ter feito se tencionasse ser fiel ao

meu irmão. Talvez eu esteja apenas poupando a ele o desprazer de descobrir, mais tarde, com que rameira traiçoeira ele se casou.

Ele se inclinou na direção dela, que tentou se afastar dele, pressionando as costas contra a balaustrada.

— Você está com medo, agora que o seu marido está por perto, do que ainda pode acontecer entre nós?

— Nada vai acontecer entre nós. — Ela tentou recuar, mas ele a encurralou, prendendo-a entre seu braço e a planta atrás dela.

— Tarde demais, minha querida. Já existe algo entre nós. Você sentiu. Não tente negar.

— Sinto muito se lhe dei a impressão de que estava interessada.

— Deu a impressão? — Ele se aproximou ainda mais, e sua risada suave soprou os cabelos dela, perto da orelha. — Os seus olhos mudaram quando eu cheguei perto. Sua respiração acelerou. Você mordeu meu lábio quando eu a beijei.

— Pare. — Ela o empurrou com força, tentando passar por ele para voltar ao salão de baile.

St. John agarrou-lhe o pulso e a deteve.

— Deixe-me ir — sussurrou ela. — As pessoas vão ver.

— E por que eu me importaria?

Ela notou, com choque, o olhar predador que ele lhe dirigia.

— Sua reputação iria sofrer. A minha iria melhorar. Pergunte a seu marido. Isso não seria diferente do tipo de comportamento que todos esperam de mim.

— O que você quer? — Ela olhou para ele, com raiva. — O que preciso fazer para você me deixar em paz?

— Deixar você em paz? — Ele pareceu pensar na frase. — Não tenho a menor intenção de deixar você ir, agora que a tenho onde quero. Talvez algum dia, quando eu me cansar de você, quando o jogo ficar entediante. Mas tenho certeza de que há muitas coisas que podemos fazer juntos antes de esse dia chegar.

— Solte-me imediatamente ou eu vou…

— Contar ao seu marido? Vamos contar a ele juntos e ver a quem ele ouve. Eu contarei a meu irmão tudo sobre as duas semanas que passamos juntos. E nem terei de mentir. Conheço o meu irmão melhor do que você, querida. Posso lhe assegurar que a verdade já será suficiente.

— Então, o que eu devo fazer para obter o seu silêncio? — Ela cerrou os dentes

— Apenas seja uma irmã generosa. — Ele se inclinou para a frente de novo, e lambeu a curva da orelha dela.

— Você me enoja.

— Com as luzes acesas, talvez. Mas no escuro, você vai me achar bem charmoso. E com o meu irmão ocupado, colocando as propriedades em ordem, teremos muito tempo para nos conhecermos melhor.

Ela estremeceu.

— Ele vai matar você.

— Só se ele nos apanhar juntos. E aí, vai matar você também. Meu irmão é um homem muito ciumento.

— Mas suponha…

— Que você dê ao meu irmão uma ninhada de bastardinhos loiros? — Ele riu. — Porque esse é o pior pesadelo do meu irmão, você sabe. Um tipo de obsessão mesmo. — Enterrou o punho na barriga dela, procurando alguma indicação clássica. — Ainda não está engordando, está? Então, por enquanto, terei de ter cuidado. Meu irmão pode ter o seu ventre, e boa sorte para ele. Isso é tudo que o preocupa, de fato. Mas eu exijo meus direitos sobre todo o resto.

— Não.

— Mesmo? Você tem certeza? Não é algo desagradável que estou sugerindo. É bem prazeroso na verdade. Mas você já sabe disso, não sabe?

Ela ficou tensa.

— Do que você está falando?

— Só estou dizendo que sei de onde você veio, minha querida. Uma aluna habilidosa de *lady* Cecily Dawson, não é? O quanto ela lhe ensinou, eu me pergunto, antes de mandá-la para o meu irmão, para brincar de ser duquesa?

— Não faço a menor ideia do que você está falando.

— Claro que não, Miranda. Você, sem dúvida, vai alegar que não imaginava que sua guardiã fosse uma cortesã famosa. Minha mãe me contou tudo antes de morrer. Mas não disse nada ao meu irmão, ou ele jamais a teria aceitado. E ele não precisa saber, nunca, de nada sobre o seu passado, do mesmo modo como não precisa saber, nunca, que estivemos juntos se formos cuidadosos. Eu conheço truques que você jamais aprenderá com o meu irmão, nem mesmo com a infame Cecily. E os compartilharei, todos, com você.

— Só pela diversão de magoá-lo?

— Bem colocado, minha querida. Certamente, isso acrescentará um toque especial ao nosso encontro, sabendo que estou fazendo tudo com a esposa do meu irmão. — Ele se encostou à perna dela, e ela se afastou, tremendo.

— Não toque em mim.

Ele suspirou.

— Tão cruel. E sem coração. Você me deixaria aqui para sofrer? — De repente, a voz dele assumiu um tom profissional: — Não vai querer ser vista sozinha comigo. Vou dar uma caminhada refrescante no jardim. E daqui a 15

minutos irei para a biblioteca, que fica no fim do corredor, à esquerda do salão de baile. Encontre-me lá, e poderemos passar a primeira de muitas noites deliciosas juntos.

— E se eu não for?

— Então, eu vou voltar para o salão de baile e dizer a todos como você foi criada por uma prostituta e partiu meu coração quando me deu tudo e depois voltou para o meu irmão. Escolha. Eu acredito que você escolherá sabiamente.

Ele saltou sobre a balaustrada baixa e desceu a trilha do jardim, assobiando baixinho, e ela voltou para dentro da casa, sua mente trabalhando a toda velocidade.

Tudo estava indo tão bem; a noite não iria terminar assim. Tinha de haver um modo de deter St. John. Ela iria procurar Marcus e implorar-lhe que a levasse para casa. Duvidava que St. John fosse se importar em destruí-la se seu marido não estivesse lá para ouvir a história.

Ela vasculhou o salão de baile, o salão de jogos e as áreas adjacentes, mas Marcus não estava em lugar algum. O tempo se esgotava. Ela precisava de um novo plano.

Você poderia ir encontrá-lo, sugeriu uma pequenina voz em sua mente, *deixá-lo fazer o que quiser e ir embora*. Ninguém precisaria saber. Cici teria feito exatamente aquilo.

— Não — disse ela, em voz alta.

Ela não iria encontrá-lo e ter mais segredos para esconder do marido. Morreria primeiro.

Se alguém tem que morrer, por que deve ser você?, disse a voz despreocupada em sua cabeça. *Você é apenas uma garota tola, presa na armadilha das circunstâncias. Mas St. John, que a atraiu para essa armadilha, é um homem mau. E, enquanto viver, será um perigo para você e para o seu marido, o homem que ele anseia destruir.*

Ela continuou a examinar a multidão, procurando por Marcus, enquanto uma ideia surgia em sua mente. Poderia ir até a biblioteca. Poderia blefar, e dizer a ele que não havia a menor chance de deixar que ele a tocasse. E poderia andar na direção da lareira, enquanto falava. Haveria um atiçador perto dali. Um golpe poderia resolver o problema para sempre.

Ela estremeceu. Era horrível. Horrível demais para imaginar. Teria o sangue dele em suas mãos. Mas não poderia ser infiel ao homem que amava. Nenhuma vergonha valia aquilo.

Mas, e se St. John saltasse sobre ela logo que entrasse na sala? Não era provável, disse a si mesma. Ele iria preferir brincar com ela. Não a forçaria. Tentaria convencê-la a vir para seus braços. E isso lhe daria tempo de encontrar

uma arma.

E se apenas um golpe não fosse suficiente?

Se ele sobrevivesse, ou mesmo se morresse e ela fosse descoberta, poderia alegar que o fizera em defesa de sua honra. As mentiras dela não poderiam ser mais difíceis de se acreditar do que as dele.

O RELÓGIO no salão marcava cinco para a meia-noite. Talvez, se chegasse à biblioteca antes dele, pudesse se posicionar perto de uma arma quando ele viesse. Ela percorreu o corredor vazio. E se fosse descoberta agora? Então, a testemunha deveria perceber que estava apenas procurando pelo marido. Ela abriu a porta da sala escura e chamou, suavemente:

— Marcus?

Estava muito escuro. Ela não havia planejado aquilo. Não havia velas acesas, o fogo estava baixo e revelava apenas os contornos da mobília e formas indistintas. Ela entrou na sala. E sentiu o homem atrás de si, empurrando-a para a frente e fechando a porta.

Ele estava sobre ela antes que ela pudesse agir, encurralando-a contra a parede com seu corpo e enterrando a mão em seus cabelos.

— Oh, não — ela conseguiu dizer, antes que os lábios dele tomassem os seus.

O elemento surpresa falhara miseravelmente.

Os braços dele a puxaram para mais perto, e ele sussurrou:

— Minha querida Miranda. Eu esperei por tanto tempo.

E então, sua boca se colou à dela novamente, movendo-se sobre a dela enquanto suas mãos lhe percorriam o corpo. E ela se lembrou do real motivo por que St. John era um perigo para ela. Quando queria, era doce, insuportavelmente doce. Doce como o beijo que lhe dava agora, que se transformou em uma gentil exploração de sua boca, e, quando ela suspirou, ele começou a pressionar a língua entre os lábios dela, deslizando-a para dentro deles em um ritmo que cresceu rapidamente, em um frenesi. A mente de Miranda gritava para que ela o empurrasse, mas seu corpo gritava por outro tipo de libertação. O meio-termo entre os dois foi um empurrão inútil das mãos dela contra o peito dele, e ela gritou um:

— Não, não devemos! — Aquilo soou mais como um pedido para que ele continuasse.

Ele a abraçou com mais força.

— Oh, sim, devemos. Aqui. Agora. Rápido, antes que alguém nos descubra. Chega de esperar.

— Meu marido… — Ela tentou recuperar as faculdades mentais, como uma

defesa contra ele enquanto os lábios dele desciam por seu pescoço, chegando-lhe ao ombro.

Ele grunhiu, e suas mãos desceram ainda mais, erguendo a barra do vestido dela e encontrando a pele suave de seu traseiro, acariciando-a a puxando-a contra seu quadril. Ela sentiu quando a mão dele se insinuou entre eles, alcançando os botões em sua calça, e soube o que estava para acontecer, e lutou.

— Não! St. John, solte-me. Você prometeu que não iria…

— O quê? — E ele ficou tenso contra ela, afastando-se.

A porta se abriu e ela teve de lutar para ficar de pé. Ela observou a silhueta do homem à porta e viu quando ele entrou na sala, fechou a porta e riscou um fósforo.

— Bem, eu devo dizer que esta é uma cena interessante. Eu chego poucos minutos atrasado e descubro que você começou sem mim. E que escolha de parceiro.

St. John atravessou a sala, enquanto os olhos dela ainda estavam se ajustando à luz, e acendeu uma vela, enchendo a sala de sombras.

— Você está desfrutando dela tanto quanto eu, Marcus?

Ela olhou, horrorizada, para o rosto do homem à sua frente. Os braços dele ainda a enlaçavam, prendendo-a contra si. Mas o corpo que se movia contra o dela momentos antes parecia ter virado pedra. Talvez fosse um truque da luz, mas o rosto dele parecia endurecer sob as vistas dela, a paixão e a dor desaparecendo para dar lugar a uma impassível máscara de granito. Ele desviou os olhos dela para olhar para seu irmão, que estava parado ao lado da lareira, e deixou escapar uma estranha risada.

— Se você acha que pode me ferir desse modo, St. John, está enganado. Se me importasse, eu o desafiaria por causa disso. Mas o sangue correndo em minhas veias quando eu atirasse em você estaria frio, e não quente. Na verdade, não tenho o tempo ou a energia para lutar até a morte a cada joguinho idiota que você joga. Parece-me que não vale a pena colocar uma bala na sua cabeça só porque você é um maldito incômodo.

A risada de St. John não era estranha, mas genuína.

— Oh, Marcus, que grande ator você é. Não vai me desafiar porque é sensível e fraco, e não confia em sua mão para terminar o serviço, quando o momento chegar. E eu não tenho a menor vontade de matá-lo ao amanhecer. Prefiro feri-lo. Como é que se chama aquela tortura nas histórias de aventura que líamos juntos, quando éramos crianças? A morte de mil cortes. É isso que eu quero para você. Quero vê-lo sangrar. Sofrer como eu sofri.

— Então, sinto muito por desapontá-lo. Isso é tudo, St. John?

— Por enquanto, Marcus.

— Então, boa noite.

St. John fez uma mesura profunda e zombeteira para o irmão.

— Com sua licença, Vossa Graça. — E saiu pela porta da biblioteca, deixando-os sozinhos.

Só agora, quando ouviu a porta se fechando, ele se afastou dela, como se ela estivesse pegando fogo e o contato o queimasse.

— Marcus — disse ela, com urgência —, posso explicar.

— Eu já ouvi mais do que o suficiente de você esta noite. Vou me despedir do nosso anfitrião. Direi a ele que você está indisposta e que vamos voltar para casa. Espere aqui até eu mandar um serviçal para levá-la para a carruagem. — Ele olhou para ela com raiva e desprezo. — Enquanto isso, procure se recompor e se parecer mais com uma duquesa e menos com uma prostituta. — E saiu da sala.

FORAM PARA casa em silêncio. Ele olhava fixamente para a escuridão, e ela temia perturbá-lo. Miranda fez algumas tentativas hesitantes de se desculpar, e ele a ignorou, como se não soubesse de onde vinha o som da voz dela.

Quando estacionou a carruagem na entrada da propriedade, ele entregou as rédeas ao mordomo e entrou em casa, e ela o seguiu.

Ele atirou o sobretudo em um banco no corredor, sem esperar que o serviçal o tomasse, e se virou para ela.

— Senhora, venha comigo. — E então, ele se virou novamente e subiu as escadas.

Haveria uma cena. E seria melhor, quando acontecesse, que eles estivessem sozinhos. Não havia motivo para os empregados saberem do desastre que fora aquela noite.

E seria bom que fossem apenas palavras que ele estivesse segurando. A linha das costas dele, enquanto ele subia as escadas na frente dela, era rígida como uma barra de ferro.

E se tivesse provocado Marcus ao ponto da violência? Era tarde demais para alegar que não era culpa dela. Que caíra numa armadilha. Que nunca tivera a intenção de lhe causar mal ou desgraça.

Em quem ele acreditaria? Talvez nela, se não tivesse deixado claro, na biblioteca, que pensava estar nos braços de outro homem. Seria impossível, agora, fazê-lo acreditar que era uma vítima inocente. Ela parou em frente à porta de seu quarto, com a mão na maçaneta.

— Dispense sua aia.

— Mas… — Ela levou as mãos ao corpete.

— Você não vai precisar dela esta noite. Dispense-a e venha para o meu quarto. — Ele passou por ela, indo para o quarto e fechando a porta atrás de si.

Ela foi para seu quarto e disse a uma Polly sonolenta que seus serviços não seriam necessários, e a garota sorriu para ela, saindo apressada. Se ela vira a expressão nos olhos de Miranda, lera-a como nervosismo ansioso, e não completo terror.

Miranda olhou ao seu redor, procurando uma solução. Não adiantaria nada trancar as portas. Ignorar as ordens dele naquela noite tornaria uma situação ruim ainda pior. Seus joelhos estavam moles.

— Estou esperando, senhora. — Ele estava parado à porta que separava os dois quartos.

Ela apanhou a camisola dobrada aos pés da cama.

— Você não vai precisar disso. Deixe isso aí e venha para meu quarto. — Ele se virou e desapareceu no interior do aposento, e ela o seguiu.

Marcus tirara o casaco e o colete, e sua camisa branca parecia brilhar sob a luz das velas. Ela entrou no quarto, incerta do que a esperava, mas ele a ignorou, sentando-se na cama e removendo as botas e meias, que atirou para o canto do quarto. Ele arrancou a gravata e puxou a camisa pela cabeça, jogando as peças para o canto com as botas. E, então, olhou para ela, com expectativa.

Ela olhou para o corpo dele, à meia-luz. Seu peito era largo e firme, e os músculos se moviam em seus braços enquanto ele desabotoava a calça. Cada movimento que ele fazia revelava sua força, como se uma grande quantidade de energia estivesse esperando para ser liberada.

Ele fez uma pausa e ergueu os olhos para ela.

— Bem?

— O… O que você quer de mim?

— Nada que você já não tenha dado de boa vontade para outros. O tempo de falar e esperar já passou. Tire o vestido.

— Não posso. Não consigo alcançar… — Ela fez um gesto indicando os botões do corpete.

Ele suspirou de impaciência e atravessou o quarto para chegar até ela. Miranda virou as costas para ele e sentiu o cabelo em sua nuca se arrepiar. Ficou parada, prendendo a respiração, e sentiu as mãos dele nos fechos, sentiu cada botão se abrir, e então o corpete se afrouxou, deslizando pelo seu corpo. Ele segurou a combinação sobre o corpete e enlaçou-lhe a cintura com um braço, usando a outra mão para puxar os laços e desamarrá-los com vários puxões fortes. Então, o movimento parou, e ela o ouviu caminhar de volta pelo carpete, até chegar à cama.

Ela se manteve de costas para ele, e tirou a combinação pelos ombros; a peça

lhe caiu aos pés e ela a apanhou do chão, desamassando o tecido com os dedos. Olhou ao redor, procurando um lugar para pendurá-la, talvez uma cadeira.

— Deixe isso.

Ela largou a combinação e tirou os sapatos e as meias, deixando-os ao lado da peça no chão.

— Vire-se.

Ela se virou para ele, com os olhos ainda fixos no chão.

— Olhe para mim quando eu falar com você.

Lentamente, ela ergueu os olhos para encontrar os dele. A calça havia tomado o mesmo destino do resto das roupas dele, e Marcus estava deitado de lado, com a cabeça apoiada em uma das mãos. Os músculos de seu peito se moviam graciosamente, em sintonia com os músculos de seu abdome. E com o resto de seu corpo.

— O que você está esperando? Tire o corpete.

Ela se virou novamente, e ele disse:

— Chega dessas demonstrações ridículas de pudor. Elas não me impressionam. Se você está com vergonha de mim agora, logo não vai mais ter motivos para isso. Tire o corpete. Eu quero ver você.

Miranda afrouxou o restante dos botões e deixou-o cair, lutando contra a vontade de cobrir os seios nus com os braços. Podia ouvir a respiração dele mudar enquanto olhava para ela, e olhou nos olhos dele novamente.

— E o resto. Tire tudo.

Ela levou as mãos para trás do pescoço, para abrir o fecho do colar.

— Deixe as esmeraldas onde estão. E lembre-se de quem você é.

Quem ela era? Nem mesmo Miranda sabia mais quem era. Afrouxou o cordão de suas roupas de baixo e deixou as cair.

— Venha até aqui.

Ela caminhou até a cama e ficou parada na frente dele. Talvez se lhe contasse tudo agora, que jamais fizera aquilo antes, que sentia muito, que tudo fora um grande erro, ele pudesse ser gentil.

— Esta noite, eu…

— Não fale! Nem mais uma palavra. Deite-se na cama, ao meu lado.

Miranda subiu na cama, e se deitou de costas ao lado dele. Ela estendeu a mão para puxar as cobertas, e ele as arrancou dela e as atirou para o pé da cama, deixando-a vulnerável.

E então, ele a estava tocando.

Ela se preparava para um golpe. Quando o primeiro toque veio, ela mal o registrou. Ele correu a mão pela extensão do braço nu dela, que sentiu seus pelos se arrepiarem e sua pele arder.

A carícia cessou, e ele correu a mão pelo ombro de Miranda, descendo para acariciar primeiro um seio e, depois, o outro. Os mamilos dela endureceram contra a palma da mão dele, e ela olhou para o teto, com medo de encará-lo. Aquilo era certamente uma armadilha, para que ela ficasse imóvel antes das palavras duras, antes dos tapas, antes…

A cabeça dele desceu para onde sua mão estivera, e ele sugou um mamilo. Ela se esqueceu de tudo, com a exceção daquele momento e da sensação dos lábios dele em seu seio, e do sangue martelando em seus ouvidos, enquanto o mundo girava ao seu redor. A mão dele desceu ainda mais, acariciando-lhe o abdome. E mais ainda, chegando aos pelos entre as pernas dela. Sem querer, ela relaxou e abriu as pernas, e a mão dele deslizou entre elas.

Ele a acariciou e ela sentiu que ficava molhada, sentiu o calor entre suas pernas, e um desejo que a fazia arquear os quadris contra a mão dele. E quando ele introduziu primeiro um dedo, e, em seguida, dois para tocá-la mais profundamente, ela soube o que queria, e se moveu contra ele, e um gemido lhe escapou dos lábios.

Marcus ergueu a cabeça, e sua outra mão ergueu o queixo dela, virando-lhe o rosto até que ela olhou dentro de seus olhos. E ela se perdeu no olhar e no toque dele, nela e dentro dela, e sentiu uma estranheza e uma necessidade crescendo dentro de seu corpo até que não conseguiu aguentar mais. E quando ela pensou que deveria gritar que pertencia a ele, que não poderia lhe negar nada, ele a levou ainda mais alto, até que a paixão a derrotou e ela ficou deitada, exausta e tremendo, ao lado dele.

Então, a mão dele ficou imóvel, e ele mudou de posição e se deitou sobre ela. Ele a penetrou lentamente no começo, e parecia que não haveria como o corpo dela acomodá-lo. Ele recuou, e se moveu novamente, dessa vez com mais força, e ela prendeu a respiração com a dor e virou a cabeça contra o travesseiro, agarrando os lençóis sob si com os punhos cerrados.

E ele soltou uma exclamação de surpresa, enterrando o rosto na curva do pescoço dela, enquanto continuava a se mover.

Tudo terminou rápido. Ele estremeceu contra Miranda, deixou que seu peso descansasse sobre o corpo dela, e então rolou, deitando-se a seu lado. Ela sentiu a mão dele deslizar entre suas pernas e estremeceu, mas ele colocou a mão confortadora em seu ombro, virando-a para que olhasse para ele. Marcus a tocou com as pontas dos dedos e examinou o sangue em sua mão, limpando-o no lençol branco, que ficou manchado de vermelho.

E então, ele a apertou fortemente contra si, sua respiração entrecortada no ouvido dela, e sussurrou:

— Durma.

CAPÍTULO 23

Ele estava amaldiçoado. Não era a tristeza que o incomodava, nem a solidão. Já se acostumara com isso. Era a sensação de que uma mudança se aproximava. A sensação de que havia algo maravilhoso depois da curva da estrada, só para ver suas esperanças esmagadas e para descobrir que dera seu coração a uma mulher que não o queria.

— Bom dia. — Ela entrara na sala de jantar tão silenciosamente que ele não a ouvira.

E a voz dela estava rouca, como se tivesse chorado até adormecer, depois de voltar para seu quarto no meio da noite. Incapaz de dormir, ele fora para a biblioteca, em busca da garrafa de conhaque, e quando voltara para a cama, ela havia desaparecido.

— Bom dia — respondeu ele.

O que mais poderia dizer para ela? Que pedido de desculpas lhe oferecer? Que explicação poderia lhe dar para apagar a amargura daquela manhã?

Ela entrara na sua vida sem querer. Ele rira consigo mesmo do fato de que sua mãe escolhera a noiva perfeita, uma mulher tão infeliz como ele próprio. Seria um caso de atração entre semelhantes, e eles poderiam viver para sempre naquela casa, criando alguns filhos infelizes em meio a um silêncio de pedra.

E ele soubera da história dela, e ficara comovido. E observara enquanto ela desabrochava, modificando a casa e seus arredores, e dando-lhe razões para esperar que as coisas pudessem ser diferentes. Diferentes para ele. Diferentes entre eles.

— Café?

Antes que ele pudesse recusar, ela enchia a xícara dele. Miranda faria o mesmo com o seu chá da tarde, acrescentando o leite e o limão como ele gostava. Marcus não se lembrava de ter contado a ela sobre suas preferências, mas ela as conhecia mesmo assim, e fazia todos os esforços para vê-lo confortável. O café queimava em sua língua como bile.

Ele olhara para ela, do outro lado do salão de baile, na noite anterior, e ficara fascinado com ela. O vestido que lhe comprara, as joias que lhe dera brilhando em seu pescoço. E ela sorrira para ele, quando a multidão a levara. Ele ouvira os suspiros dos jovens quando ela passara, e os sussurros curiosos dos viúvos, e se deleitara com a inveja de todos.

O vinho durante o jantar e o conhaque depois tinham sido demais. Era estranho que a bebida o afetasse tanto. Mas ele suspeitava que não fora a bebida. Fora a visão dela, a alegria de saber que ela lhe pertencia. Seu corpo vibrava

com a sensação. Ansiedade. Ele se sentira como…

Um noivo. E ficara cansado dos sorrisos maliciosos que os outros homens lhe dirigiam, dos tapinhas nas costas, quando a vira procurando por ele, chamando seu nome e se esgueirando para a biblioteca escura.

E, incapaz de esperar mais um minuto, ele a seguira, excitado além da razão com o escândalo, correndo para o inevitável. E ele a teria possuído ali, com aquele vestido, no chão da biblioteca, se…

Deu um murro na palma da própria mão para voltar à realidade. Ela deu um salto, assustada, deixando cair a colher que segurava, e ouvindo-a ressoar no prato. Então, deliberadamente, ela apanhou a colher e voltou ao seu café da manhã, sem comer, mas mexendo a comida para os lados do prato, em uma simulação crível de alguém que apreciava sua refeição.

Se ao menos ela soubesse quem ele era. Os beijos que ela lhe dera eram para outra pessoa.

E quando eles chegaram em casa…

A mulher que sorrira para ele durante o baile mal podia olhar para ele, agora. E ele a silenciara, com medo do que ela poderia dizer.

Eu nunca o amei.

Deixe-me ir.

Deixe-me ir para ele.

Ele se perdera no alabastro da pele dela, na curva de seu pescoço. Um corpo feito para amar e ser amado, ainda que abrigasse um coração traiçoeiro.

Mas ao menos o que acontecera entre sua esposa e seu irmão não tinha ido longe o suficiente para causar dúvidas sobre legitimidade. Ela viera para a cama dele virgem. Havia meios de enganar um homem, ele sabia muito bem, se uma mulher se desse ao trabalho. Ela não tivera tempo para preparar uma cilada, e ele sentira o corpo dela responder com dor, e não com prazer, quando a penetrara. Com sua grosseria, e com seu ciúme, ele a machucara.

Ele se levantou da mesa e foi até a janela, olhando fixamente para o jardim. O sol brincava sobre as flores, zombando dele com a ilusão de paz e felicidade.

— St. John partiu.

Ela viera se juntar a ele, e também estava olhando pela janela.

— Eu sei.

Afinal, aquele era o jeito dele. Sempre fora assim: causava o maior caos possível e desaparecia em seguida, deixando os escombros para trás.

— Os serviçais disseram que ele veio buscar um cavalo e se foi a galope pouco antes de chegarmos em casa.

Então, ela fora procurá-lo, assim que acordara naquela manhã. Marcus agarrou as cortinas de veludo com uma das mãos, e sentiu os anéis que as

sustentavam cedendo com a pressão. Forçou-se a relaxar antes de responder:

— Eu sei.

— Ontem à noite, no baile…

— Não vamos falar de ontem à noite — interrompeu ele. — Não quero ouvir os detalhes. Estou disposto a me esquecer de que a noite de ontem algum dia existiu… — *Deus, como eu quero esquecer*. —, se você prometer, se puder jurar, que qualquer criança que vier a dar à luz será minha. — Ele se virou para ela, esperando a resposta.

— Eu juro. — A voz dela era quase inaudível.

— Muito bem então — disse ele, desvencilhando-se das cortinas. — Tenho negócios para tratar hoje. Vejo você à noite. — E saiu da sala.

Miranda observou a tensão nas costas de seu marido, enquanto ele se afastava, como se não pudesse suportar o peso do olhar dela.

Ela afundou na cadeira e brincou com seu café da manhã. Esperara, com a partida de St. John, ter uma chance de discutir as coisas com seu marido. Claro que também esperara estar livre dos segredos que já guardava, e agora ele insistia em piorar tudo. Depois da noite anterior, havia mais um item na lista das coisas que jamais deveria falar.

Maldito St. John, por conhecer seu irmão tão bem. Aquele fora um golpe em seu coração e em seu orgulho. Ela estava certa, antes da véspera, de que Marcus se mostrava mais amável com ela, e que as coisas ficariam mais fáceis entre eles.

E ele respondera a ela quando o encontrara na biblioteca. Ele respondera com entusiasmo. Ela estremeceu enquanto o desejo a invadia outra vez. Se fosse St. John, ela teria reagido da mesma maneira?

A experiência de St. John jamais poderia superar o ódio que ela sentia por ele. Quando encontrara Marcus, seu coração soubera o que sua mente não sabia, e ela respondera aos beijos dele. Mas como poderia se explicar, se Marcus queria fingir que nada acontecera? E ele ainda falava de filhos.

Isso é tudo que realmente interessa a ele.

Talvez fosse assim. Mas se não houvera amor, houvera afeição. E a sensação de que poderia haver mais do que uma tentativa de concepção durante o tempo que eles passavam juntos na cama. A noite anterior fora breve, e houvera dor, mas ele não a usara com crueldade. Ela se lembrava do toque das mãos e dos lábios dele em seu corpo e sentiu o desejo crescer dentro de si, afastando o medo. Voltaria a procurá-lo naquela noite, sem aquela sombra entre os dois, para ver se ele realmente pretendia esquecer o baile.

ELE CUMPRIRA a promessa e ficara o dia inteiro e parte da noite fora,

deixando-a jantar sozinha. Talvez tencionasse esquecer evitando tudo que lhe despertasse lembranças. Talvez pretendesse ficar longe durante meses, visitando-a ocasionalmente para tentar engravidá-la.

Ela cerrou os dentes. Cici estava certa. O único modo como sua posição estaria segura naquela casa seria tendo um filho nos braços.

E se o duque pretendia voltar para casa, estaria pronta para ele. Miranda chamou Polly, pedindo-lhe que lhe preparasse um banho e separasse sua melhor camisola. Em seguida, ela se sentou na beirada da cama e esperou, prestando atenção aos ruídos que vinham da porta ao lado.

O ponteiro do relógio se movia lentamente, hora após hora, e já era quase meia-noite quando se sentiu prestes a desistir. Talvez, se entrasse no quarto dele pela porta interna, ele a encontrasse em sua cama, se voltasse para casa.

Se.

Tinha de fazer alguma coisa, Miranda percebeu, ou ficaria louca, pensando. Testou a maçaneta e, como acontecera na primeira noite, a tranca se abrira em sua mão. Empurrou a porta.

Ele já estava lá, sentado na beirada da cama, com um copo de conhaque na mão, olhando pela janela.

— Marcus? — Ela ficou parada à porta, hesitando em prosseguir sem um convite para entrar.

— O que você quer, Miranda?

O que ela queria? Por que ele tinha de tornar tudo tão difícil?

— Eu pensei… Você gostaria de… Vai precisar de mim esta noite?

Maravilhoso. Ela se sentia como uma serviçal, esperando para ser dispensada.

Ele girou o conhaque no copo, e sorriu enquanto falava:

— Não esperava que você viesse. Mas se você insistir em ficar em pé à porta, certamente precisarei de você. A contraluz torna sua camisola totalmente transparente.

— Oh… — Ela deu um passo para frente, afastando-se da luz e fechando a porta às suas costas, e parou, confusa.

Ele a estivera admirando, o que era um resultado satisfatório, e ela colocara um ponto-final naquilo ao fechar a porta.

— Posso fazer alguma coisa por você, Miranda?

Sim, podia, mas ela não tinha certeza do que exatamente. Cici saberia o que fazer para lançar seu feitiço sobre um homem, mas nunca lhe explicara aquilo com detalhes. Ela insinuara que uma vez que as coisas chegassem ao ponto de se estar disponível, no quarto, não era necessária nenhuma mágica.

— Pensei, talvez, que se você tiver pressa para que eu conceba, seria aconselhável tentar mais de uma vez.

Ele achou as palavras engraçadas e caiu na gargalhada, deitando-se de costas na cama, derramando o resto do conhaque sobre os lençóis.

— É mesmo? Muito bem, senhora. Eu gostaria de não ter ficado tão bêbado na taverna, porque mal consigo tirar as botas, e só Deus sabe como poderei lidar com você.

— E o seu valete?

— Eu o dispensei pelo resto da noite. Não é justo manter os empregados acordados a noite inteira só porque eu não tenho o bom senso de vir para a cama.

Ao menos aquilo era algo que ela compreendia. Deu um passo à frente e se ajoelhou aos pés dele, tirando-lhe as botas e colocando-as de lado. Em seguida, subiu na cama e apanhou o copo de conhaque, colocando-o na mesinha de cabeceira. Marcus se sentou para observá-la, e ela tirou o casaco dele, levando-o para o armário e pendurando-o no cabide.

Quando ela voltou para tirar-lhe o colete, ele se afastou dela, de modo que ela teve de subir novamente na cama. Ela pendurou o colete junto com o casaco, sentindo os olhos dele sobre si enquanto caminhava. Quando retornou, ele se movera para o centro da cama e estava apoiado na cabeceira, com um ar de displicência. Ela suspirou, subiu na cama mais uma vez e desfez o nó elegante da gravata dele, tirando-lhe a camisa em seguida.

Ele segurou as mãos dela quando Miranda começou a lhe desabotoar a calça, e rolou, imobilizando-a sob si e segurando-lhe as mãos sobre a cabeça.

— Com o que você pensa que está brincando? — Ele olhou nos olhos dela com uma expressão dura.

— Já passa da meia-noite e você estava sentado, totalmente vestido, na cama. Presumi que precisasse de ajuda e estou providenciando.

— Não estou tão bêbado assim. Você daria um valete muito eficiente, senhora. Tem muita experiência?

Ela olhou para ele, indignada.

— Sim, vestindo e despindo doentes. Posso abrir um botão tão bem quanto qualquer um de seus empregados, Vossa Graça, embora não saiba dar um nó de gravata tão bom quanto o seu valete. Mas não foi isso o que você quis dizer, foi? Eu vim até aqui esta noite porque pensei que você desejava que começássemos de novo. Ontem à noite, no baile…

— Não quero que você fale disso.

— Não, mas planeja me repreender por toda a eternidade por isso, sem ouvir uma palavra em minha defesa. Ontem à noite, no baile, o seu irmão me disse para ir encontrá-lo na biblioteca ou revelaria certos fatos a você.

— E você foi para a biblioteca…

— Eu não sabia o que mais poderia fazer. Pensei que talvez houvesse um

candelabro ou um abridor de cartas, algo com o que eu pudesse atingi-lo para que ele me deixasse em paz.

— E você encontrou a mim, em vez disso?

— E me esqueci, por um momento, do meu motivo para ir até a biblioteca em primeiro lugar. Os seus beijos são muito… — Ela fez uma pausa, corando — perturbadores.

Os olhos dele escureceram e ela ouviu sua respiração acelerar.

— E quais são esses fatos dos quais o meu irmão sabia e que você tinha tanto medo de me contar?

Ela fechou os olhos e começou:

— Quando você estava em Londres… — Ela sentiu o corpo dele ficar tenso contra o seu. —, eu não sabia onde você estava ou quando voltaria.

— Mas na minha carta…

Ela arregalou os olhos.

— Que carta? Eu não recebi carta alguma. Não fazia ideia de aonde você tinha ido, ou do motivo.

O corpo dele ainda estava tenso, mas a pressão nos pulsos dela relaxou.

— Acho que estou começando a entender. Continue.

— Seu irmão se tornou meu amigo. Ele foi gentil, e eu fiquei lisonjeada. E não percebi, no começo, que ele estava ficando próximo demais.

— E o quão próximo, exatamente, ele ficou?

Ela respirou fundo e percebeu que o marido estava tenso.

— Ele tocou no meu cabelo. No meu tornozelo. E me beijou. — Ela disse a última frase apressadamente, esperando que ele não notasse. — Eu me tranquei no quarto e não quis vê-lo de novo. No dia seguinte, ele partiu e você voltou.

— E foi isso que aconteceu entre vocês e que você estava com medo de me contar.

— Ele disse que você acreditaria no pior, e que você só me queria pelo filho que eu poderia lhe dar, e que eu não devia me importar com o que você sentia.

— Ele disse que eu não a desejava? — Marcus riu novamente, e ela ergueu os olhos, espantada.

— Ele é seu irmão, e eu sou uma recém-chegada a esta casa. Como poderia diferenciar mentiras de verdades?

— Quer dizer que o meu irmão a enganou, e você arriscou a sua honra tentando esconder isso de mim. Eu lhe pedi uma vez, Miranda, que não mentisse para mim sobre o que há no seu coração. Existe mais alguma coisa que você queira me contar?

Ela mordeu o lábio. Se a verdade fosse demais para ele suportar, então que fosse assim. Ela começou:

— Quando eu tinha 10 anos, minha mãe morreu, e o meu pai perdeu a casa da família. — Ela começou a falar-lhe metodicamente sobre as circunstâncias da queda de sua família, e lhe disse tudo o que acontecera até sua chegada à mansão.

E Miranda sentiu o corpo dele relaxar contra o dela, e seus próprios nervos se acalmarem, ao perceber que a verdade aparecia e o desastre não acontecia.

A voz de Marcus estava controlada quando ele tornou a falar:

— Agora, exijo que me conte a verdade. Você foi mandada para cá contra a sua vontade para se casar. E não importa para a sua família quem seja o seu marido, desde que você esteja segura. Eu não encontro satisfação em lutar para ficar com uma mulher que deu seu coração a outro. Se a noite anterior não tivesse acontecido, se eu não a tivesse tocado, se você fosse livre para ir e ele a aceitasse… Você iria procurar St. John?

— Não. — A voz dela era pouco mais que um sussurro. — Eu fui uma tola, e ele tirou proveito do fato. Pode me mandar embora, se você quiser, Marcus, mas não me mande para ele. Ele é mau, e eu preferiria ir para o bordel a ir para o seu irmão.

O tom dele era seco:

— Muito bem. Você não prefere o meu irmão ao bordel. E onde eu fico? Meu irmão acha que passei dez anos frequentando os pardieiros da Europa sem aprender a apreciar uma linda mulher quando encontro uma sob o meu próprio teto.

— Linda?! — A palavra ecoou na mente dela.

— Miranda. — Ele sorriu e tocou o lábio dela. — Há uma estátua em um museu de Paris, uma estátua de uma deusa grega. Eu a visitei frequentemente, já que a mera visão dela me fazia querer escalar o pedestal e lamber o mármore. E quando você fica em pé na soleira da porta, com a luz iluminando o seu corpo, eu percebo uma semelhança impressionante.

— Oh… — Ela se moveu sob o peso dele.

— Eu a estou deixando constrangida?

— Não — murmurou.

Ele soltou os pulsos dela e rolou para o lado, deitando-se junto a Miranda, sua mão descansando no quadril dela, que podia sentir o calor do toque dele através do tecido.

— Claro que você tem muitas outras qualidades que acho admiráveis.

— Mesmo? — Ela suspeitava que ele a estivesse provocando, mas não sabia dizer o motivo.

— Você tem uma mente rápida e um raciocínio agudo. Mão firme com os empregados. Você entende o que é necessário para administrar uma grande casa,

e faz isso melhor do que minha mãe jamais o fez. Você não se desmancha em lágrimas quando sou agressivo demais, mas tem um temperamento forte. Se não fosse por uma tendência irritante de esconder segredos de mim para o meu próprio bem, eu diria que você beira à perfeição no que eu procuro em uma esposa.

— Oh…

Ele correu o polegar pela curva do lábio dela.

— E você diz que acha meus beijos perturbadores?

Ela podia sentir a própria pele corando com o calor.

— Eu não conseguia pensar em mais nada.

Ele se inclinou para a frente e tocou os lábios dela com os seus.

— Mas, decerto, eles são bem comuns se você confunde os beijos do meu irmão com os meus.

— Tive tão poucos dos seus beijos para poder comparar…

Ele se inclinou para a frente mais uma vez, e agora demorou mais um pouco, e ela abriu os lábios para ele. O beijo a invadiu como água que penetra o solo. Miranda provou de seus lábios e de sua língua, e suspirou contra a boca do marido, estendendo os braços para ele, puxando-o para mais perto, para sentir o coração dele batendo contra o seu.

— Melhor? — Ele suspirou contra o ouvido dela.

— Sim. Mas… — Como poderia lhe dizer aquilo sem magoá-lo? Ela se interrompeu.

— Chega de segredos, esposa. Diga-me o que você está pensando.

— Mas não como ontem. — Ela se interrompeu novamente. — E você não me beijou quando nós…

— Eu não podia beijá-la. Não me atrevi. Eu queria você além da razão. Com uma palavra, você poderia ter arrancado o coração do meu corpo e me deixado para morrer. Olhei para o seu corpo e soube que não poderia evitar responder a ele, mas estava com medo de compartilhar minha alma com você. Como agora.

E os lábios dele desceram sobre os dela e afastaram todos os pensamentos, e ela se agarrou a ele enquanto ele bebia da doçura de sua boca, e a deixava faminta por coisas que não conhecia ou compreendia. E o beijo lhe desceu pela garganta, movendo-se para seus ombros e para a curva de seus seios, e ela lutou contra o tecido da camisola, até que ele o afastou e cobriu seu mamilo com a boca, acariciando-o com as mãos e com a língua até ela gemer.

Ele recuou para beijar-lhe a têmpora, e ela sussurrou:

— Sim. Este é você. É isso que eu quero.

— E isso é tudo? — Ele estava rindo dela de novo, mas ela não se importou. — Quando existe muito mais do que isso?

Existe, o corpo dela gritou. *Existe*.

— Então, eu quero que você me dê tudo.

O duque tomou o rosto dela nas mãos, e tornou a sorrir.

— Fui um tolo em deixá-la sozinha, mesmo por um momento. — Ele acariciou o corpo dela por baixo da camisola, e a lateral de sua perna. O sorriso dele se desvaneceu, mas o brilho em seus olhos era diabólico. — E o meu irmão tocou apenas o seu tornozelo?

— Por cima da meia-calça — respondeu ela. — Eu caí. E ele disse que me examinava para verificar se eu estava ferida.

— Claro que sim. Eu também diria algum absurdo do tipo para colocar as mãos sob a sua saia.

— Sob a minha saia?

Ele descera para o pé da cama e segurava o tornozelo dela entre as palmas das mãos.

— E qual seria o tornozelo machucado? O esquerdo ou o direito?

— Eu não lembro.

— Ambos, então. — E ele beijou as solas dos pés dela, detendo-se nos arcos, correndo a língua pelos ossos pequeninos.

Correndo as mãos pelas pernas dela, segurando-a pelos joelhos e abrindo-os. E seus beijos chegaram aos joelhos dela, o que era interessante, mas não tão interessante quanto o que suas mãos estavam fazendo com a pele sensível da parte interna das coxas dela. E sua língua deslizava pela pele delicada, mas seus dedos haviam chegado ao ponto onde as pernas dela se uniam, e…

— Oh, meu Deus…

Ele parou. Parou e ergueu a cabeça para olhar para ela.

E ele estava sorrindo de novo.

— Você disse alguma coisa?

— Não. Bem, sim. É… muito bom.

— Ótimo. — E as mãos dele retomaram os movimentos, e seus polegares começaram a fazer alguma coisa incrível, e as pontas de seus dedos chegaram à abertura entre as pernas dela e deslizaram para dentro, e ela se contorceu contra ele, sem saber se precisava chegar mais perto ou se afastar.

E os beijos dele continuaram a subir pelas pernas dela, até que ela pensou que talvez ele fosse beijá-la…

— Oh, meu Deus!

Ele fez uma pausa, com um dedo ainda dentro dela, acariciando gentilmente, e olhou nos seus olhos.

— Desculpe. Você disse alguma coisa?

— Não foi nada. Só que eu nunca senti nada parecido com isso antes.

Ele não estava mais sorrindo. E o rosto dele desapareceu de vista, quando ele recomeçou a beijá-la, e seus lábios alcançaram seu objetivo quando suas mãos deslizaram por debaixo do corpo dela e a puxaram para mais perto. As mãos dela agarravam os lençóis com força, como na noite anterior, mas por medo de ser carregada pelas ondas de sensações que percorriam seu corpo, e ela sentiu os músculos que haviam resistido na noite passada se contraírem e pulsarem, e a sensação vazia e confusa desapareceu, e em seu lugar veio o caos e o triunfo, e ela pensou ter gritado de alegria, mas o quarto parecia estar longe demais para ela ouvir o som, e então ela estava flutuando de volta, para a sensação da cabeça de seu marido descansando contra seu ventre e a mão dele entre suas pernas.

— Bem. — O resto de ar que ela ainda prendia foi liberado em uma torrente.

Ela podia senti-lo sorrir a seu lado, e sorriu de volta, maravilhada.

— Bem? — A voz dele era profunda, e o som reverberou pela pele dela, fazendo-a arder. Ele correu as pontas dos dedos pela perna dela, que estremeceu.

— O que acontece agora?

— Você, honestamente, não sabe? — A voz dele era leve, e ela ouviu o espanto e um toque de convencimento. — O que acontece agora é o que você escolher, meu amor. Estou sob o seu comando.

— Você quer fazer… O que fizemos na noite passada? — Ela podia sentir que ele estava ereto, mas não havia tensão no resto do corpo dele.

— Poderíamos fazer. — Havia um toque de dúvida na voz dele. — Se, depois de ontem à noite, você não estiver sentindo dor. Não fui tão cuidadoso como poderia ter sido. E não quero machucá-la de novo só para buscar o meu prazer.

Ela sentiu o desejo crescente dentro de si, o desejo de ficar mais perto dele. De se sentir segura em seus braços, enquanto o recebia em seu corpo.

— Eu gostaria de tentar.

Ele se moveu pela cama, deitando-se ao lado dela.

— De um modo diferente, talvez. Mais fácil para você decidir o que é bom. — Ele a acariciou com uma das mãos enquanto seus lábios se moviam sobre seus seios, provando e provocando.

Ela podia sentir seu corpo começando a responder novamente, e se perguntou: por quanto tempo? Com que frequência? Quanto prazer ela poderia suportar, sem morrer de pura alegria? Miranda correu a mão pelo corpo dele e sentiu os músculos e os ângulos estranhos e a firmeza do corpo de seu marido. A suavidade inesperada e a textura mais grosseira de velhas cicatrizes. E, muito gentilmente, deixou que sua mão o explorasse ainda mais, tocando-o como ele a tocava.

As mãos dele seguraram o corpo dela com mais firmeza, puxando-a para mais perto, e sua boca encontrou o pescoço dela, mordendo-o, sugando-lhe a pele até

ela sentir o desejo crescente. Ele tomou-lhe a boca, era selvagem e maravilhoso, e ela se deleitava com a posse.

E então, ele tomou-lhe os quadris nas mãos, pressionando o corpo contra o dela, e ela se preparou para recebê-lo, mas em vez disso, ele rolou de costas, puxando-a sobre si.

Ele murmurou:

— Faça o que quiser. — E afastou as mãos que seguravam o corpo dela.

Ela o beijou. Cuidadosamente, a princípio, e então, com mais intensidade, como ele fizera com ela, introduzindo a língua em sua boca, tentando possuí-lo também. Ela se afastou um pouco, para poder deslizar a mão entre seus corpos e encontrá-lo novamente, e sentir sua pele, tão diferente de qualquer parte de seu próprio corpo, e tocá-lo até que a respiração dele começou a ficar mais curta e ela sentiu o líquido umedecendo seus dedos.

E ouviu seu próprio corpo, que gritava para ser preenchido. Dizendo-lhe o que deveria acontecer em seguida. Ela o montou, e guiou-o até que ele estivesse encaixado dentro dela e ela pudesse fazer com seu corpo o que fizera com a mão.

Ele gemeu sob ela, e gritou:

— Meu amor!

O som deu a ela a energia para aumentar o ritmo, e ele estremeceu, e ela sentiu a paixão dele explodir contra a tensão crescente em seu próprio corpo, e continuou a se mover até que a tensão cedeu e ela ficou deitada, exausta, sobre o corpo dele.

Marcus estava murmurando no ouvido dela, de novo. Chamando-a de querida, e de coração, e falando em francês, o que lhe acariciava os ouvidos, mas que ela não compreendia.

— Sinto muito, Vossa Graça — ela murmurou, enquanto lambia seu pescoço —, mas não faço ideia do que você está me dizendo.

— Vou ensinar a você então — murmurou ele em resposta.

— Fico feliz… — Ela o beijou de novo. —, porque você é um professor incrível.

Ela estendeu a mão para tocá-lo, e sentiu-o endurecer em sua palma.

Ele sorriu.

— E eu acho que está na hora de outra aula.

O VALETE de Sua Graça voltou para o andar de baixo logo após o café da manhã e sentou-se à mesa, chocado. Nunca, em todos os anos em que trabalhara para o duque, vira algo parecido. Ele chegara na hora de sempre, para acordar o duque e escolher suas roupas para o dia, e o encontrara enrolando-se em um robe

e fechando as cortinas da cama.

E sorria.

Não os sorrisos maliciosos que vira em Paris ou Londres, ou os olhares furiosos com os quais se acostumara, quando Sua Graça estava em residência na mansão. Aquele era o olhar de um homem embriagado de prazer.

Sua Graça, o duque, levou um dedo aos lábios, cuidadosamente.

— Shh.

Quando o valete ia se dirigir ao armário para escolher as roupas do dia, o duque o dispensou.

— Isso não será necessário, Thomas. Acho que vou passar o dia em meus aposentos.

— Vossa Graça está doente?

— Estou exausto. — O tom de voz dele subiu. — Cansado demais para pensar em sair do quarto. Quase cansado demais para me levantar.

Thomas ouviu distintamente uma risadinha feminina por detrás das cortinas da cama.

— Acredito que minha esposa também vai querer ficar na cama. Pode dispensar Polly hoje, pois duvido que ela virá a ser necessária.

Thomas assentiu, em dúvida.

— E o café da manhã, milorde?

— Deixe a bandeja do lado de fora da porta, Thomas. E traga o suficiente para dois, porque estou curiosamente faminto hoje. E o almoço também. Talvez até o jantar.

Houve outra risadinha vinda da cama, e Sua Graça, o duque, definitivamente sorriu.

CAPÍTULO 23

Miranda observou o rosto de seu marido enquanto ele se sentava diante da lareira bebericando seu vinho do porto. As noites eram seu momento favorito, quando a casa já estava devidamente arrumada e todas as tarefas diárias terminadas. Ela relembrou o quanto se preocupava quando os silêncios entre eles pareciam tão opressivos.

Com o passar do tempo, acabaram por encontrar a felicidade, e os silêncios tornaram-se mais preciosos do que as palavras. Ele podia sentar-se horas diante do fogo com um sorriso em vez de uma expressão taciturna, e fechava os olhos em paz consigo mesmo e com ela. Miranda, então, sentava-se ao seu lado e cochilava com a cabeça apoiada em seu ombro ou em seu colo, enquanto ele afagava seus cabelos.

Ela odiou ter de interromper o silêncio aquela noite, mas já era hora de perguntar o que queria saber. E seria melhor agora, um momento em que ele estava relaxado e tranquilo, do que esperar e ele não estar tão receptivo.

— Marcus?

— Sim, meu amor.

— Eu gostaria de pedir-lhe algo.

— Pode pedir o que quiser, Miranda. Faço qualquer coisa por você.

Ela suspirou.

— Não estou tão certa se você sabe a importância do que está dizendo. Prometa-me que não ficará zangado.

Ele desmanchou os cachos de seus cabelos.

— Você está demasiado cautelosa com as palavras, minha esposa. Esse comportamento não condiz com sua pessoa. Lembre-se: entre nós, apenas palavras simples. O que você deseja?

— Quero que você me conte sobre St. John.

A mão dele, que antes desmanchava seus cachos, deteve-se de súbito, e toda a sala pareceu tornar-se gelada a seu redor.

Ela insistiu na pergunta:

— Por que ele o odeia tanto? Isso se deve apenas ao ciúme que ele sente? Sempre foi assim?

Marcus permaneceu calado e ela sentiu que seu corpo tornava-se tenso.

— Por que você pergunta sobre assuntos que estão no passado?

— Porque sei o quanto segredos podem ser danosos para aquele que os guarda. E eu quero fazer parte de sua vida, Marcus.

— Você já faz parte de minha vida. Você não é apenas uma parte dela. Você é

minha vida, Miranda.

— Mais uma razão para que me conte sobre seu passado. Quero saber tudo a seu respeito.

Ele suspirou.

— O quanto St. John já contou a você? Quando vocês ficaram a sós, ele falou, não falou?

— Sim, mas ele mentiu, Marcus. Sobre tanta coisa. Eu não sei se ouvi dele duas palavras que fossem verdade nas últimas duas semanas.

Ele contemplou o fogo enquanto pensava no que responder.

— A verdade dele e a minha verdade não são as mesmas, Miranda. Esse é o problema.

— Qual a sua verdade então?

— Nosso relacionamento estava fadado ao fracasso desde o início. Nosso pai preferia a mim, o herdeiro. Nossa mãe preferia a ele, o caçula. E ambos nos manipularam, colocando-nos um contra o outro, fazendo com que brigássemos enquanto eles brigavam entre si. Nenhum de nós dois estava satisfeito com o que nos cabia: ele, a afeição; eu, o respeito. Competíamos por tudo. Quase quebrei meu pescoço tentando pular uma cerca. Ele era um melhor cavaleiro, e nosso pai me proibiu de segui-lo. St. John riu da proibição e me chamou de covarde. Ele sempre foi destemido, e eu o invejava por isso. Tive de assumir o papel de homem sensato. Especialmente após a morte de nosso pai e com a minha assunção do título que a ele pertencia. St. John dilapidou toda a compensação que minha mãe insistiu que eu lhe desse e zombou da caridade que fiz a ele. Por fim, acabamos por competir pelo amor de uma mulher. Éramos rivais e, contrariando todo o bom senso, eu a conquistei. Porém, não encontrei felicidade alguma na vitória. Ele jamais me perdoou.

Miranda disse o nome que tanto receava que ele dissesse:

— Bethany?

— Sim. E você, Miranda, acabou por envolver-se nessa confusão, e tudo recomeçou.

Ela aproximou-se dele e sussurrou:

— A confusão, porém, teve um fim diferente, espero. Você está feliz comigo, meu marido?

Ele sorriu, um sorriso triste.

— Estou muito feliz junto de você, minha esposa.

Ela devolveu o sorriso e o abraçou pela cintura.

— Se é assim, jamais o deixarei.

Ele beijou-lhe o alto da cabeça.

— Peço que me deixe agora, minha querida. É hora de dormir. Vá para seu

quarto e espere por mim. Logo estarei ao seu lado.

Ela o beijou e o deixou contemplando o fogo, como se as respostas para todas as questões que o afligiam estivessem escritas nas chamas.

Ela subiu as escadas rapidamente, desejando que ele não demorasse a encontrá-la. Fora preocupante vê-lo tão imerso em seus pensamentos a ponto de dar-lhe a impressão de que jamais conseguiria afastá-lo de tal estado.

Saber que suas perguntas foram o estopim das preocupações de seu marido em nada ajudou. Não obstante, era melhor do que vê-lo zangado o tempo todo. E, sem dúvida, melhor do que vê-lo cercado pela tristeza que o acompanhou durante tanto tempo em sua vida. Lamentar pela vida que ele nunca tivera, ser temperamental de vez em quando, era normal, pensou ela. Pelo menos o peso que ele carregava em sua alma tornara-se mais tolerável.

E, quando ele a encontrasse mais tarde, seu humor mudaria rapidamente. Ela estremeceu em antecipação, feliz por ele não ser o homem pomposo que ela esperava, ou um homem velho e cansado, ou até mesmo um belo jovem, mas sim o temperamental, rancoroso e teimoso homem com quem se casara. Um homem capaz de ser amoroso e terno de uma forma que ela jamais pudera imaginar em alguém que, em um primeiro encontro, se enfurecera tanto com a simples ideia de casamento.

MIRANDA ENTROU em seu quarto e, como habitualmente fazia, fechou a porta, então percebeu que algo estava errado.

Havia alguém ali. Ela podia sentir que alguém a observava na luz de velas.

Ela se virou devagar, suas costas apoiadas na porta, e viu St. John deitado, indolentemente, em sua cama. Enojada, percebeu que suas botas enlameadas manchavam a roupa de cama. Em suas mãos, trazia uma pistola já engatilhada e apontada em sua direção.

— O que você está fazendo aqui? — Ela tentou não mostrar o tremor em sua voz.

— Esperando por você.

— Mas como…

— Como entrei aqui? Como consegui entrar em sua casa? — Ele sorriu, e era o mesmo sorriso que ele outrora usara para cortejá-la. Seu tom de voz era calmo, mas o brilho em seu olhar, extremamente sério. — Não é uma tarefa tão difícil quando se possui as chaves. A sra. Clopton ainda a odeia. Mas ela sempre me quis muito bem. Está trabalhando em um hotel na rua principal. Quando você a despediu, deveria ter pedido a cópia das chaves de volta. Quando precisei delas, ela logo se prontificou a fornecê-las.

— E o que…

— E o que eu quero de você? Por que não para de fazer perguntas e me deixa terminar de falar, Miranda? Afinal de contas, é isso o que quero. Terminar o que há entre nós.

— Não há nada entre nós. Está tudo acabado, St. John. — A voz dela não soou nada convincente.

Ele era dono de uma confiança que a incomodava.

— Pois eu discordo. Estará tudo acabado entre nós quando eu assim o disser.

Ela virou-se para a porta a fim de agarrar a maçaneta e viu, pelo canto dos olhos, que a pistola nas mãos dele seguia seus movimentos.

— Tsc, tsc, tsc. — Ele sacudiu o dedo em uma negativa como se ela fosse uma criança desobediente. — Está cedo demais para que você pense em sair daqui. Relaxe, minha querida. Por que não se senta à sua escrivaninha? E faça isso devagar. Devo alertá-la de que qualquer movimento súbito de sua parte poderá fazer com que me sobressalte e acabe por causar um acidente.

— Você não pretende atirar em mim, pretende? — A voz dela soou não tão firme quanto queria.

— Não, eu não pretendo fazê-lo. Mas, se necessário, eu o farei. Por enquanto, procure ficar tranquila. Agora pegue algumas folhas de papel de carta na escrivaninha e escreva o que eu mandar. Feito isso, sairemos para uma pequena viagem. Caso tudo corra como o planejado, eu a libertarei sem nenhum arranhão.

— Quando você fará isso? — perguntou ela.

— Dentro de alguns dias. Talvez uma semana. Será o tempo necessário para que seu marido perceba que você se foi. Bem como perceba com quem você está e o que esteve fazendo.

— O que estive fazendo? Se esta é uma mais uma de suas rudes tentativas de sedução… Sequestro e estupro? — Ela esboçou um sorriso triste. — Sinceramente, St. John, é melhor que se retire agora mesmo, ou prepare-se para utilizar a arma que carrega. Prefiro morrer a permitir que me toque.

— Permitir que eu a toque? — A risada dele soou zombeteira e ao mesmo tempo cheia de confiança. — Você tem uma visão bastante distorcida do que ocorre aqui, minha cara. Eu atirarei em você caso tente escapar. E quanto ao resto? Caso eu decida tê-la, certamente não precisarei da arma. Sou muito mais forte que você e perfeitamente capaz de obrigá-la a fazer o que quero.

Os olhos dele passearam pelo corpo de Miranda.

— Seria, porém, muito mais prazeroso para nós dois se você se entregasse a mim voluntariamente assim como a primeira esposa de meu irmão fez.

Ela olhou para ele com repulsa.

— Não me importa o que ocorreu no passado. Se você pensa que serei infiel

ao meu marido assim como a primeira esposa dele o foi…

Ele a interrompeu com um aceno.

— Não há necessidade de que você decida nada agora. Não deixo de vislumbrar a possibilidade de que você o faça. Conheço meu irmão melhor do que você. Pode ser que você não se importe com o passado, mas ele continua muito vivo para meu irmão. A ideia de que a esposa passe uma semana em minha companhia, a sós, seja voluntariamente ou não, será mais do que suficiente para que eu consiga o que almejo.

— E o que você almeja, St. John?

— Destruir, de uma vez por todas, qualquer felicidade que meu irmão possa vir a ter. Fazê-lo perguntar-se pelo resto de sua vida se seu primeiro filho se parece comigo. Destruir toda a confiança dele em você, agora que é muito tarde para expulsá-la. — Ele a encarou. — É tarde para que ele faça isso, não? Você não é mais a desconhecida a quem fui apresentado semanas atrás, mas sua esposa. E meu irmão, certamente, apegou-se a você. Marcus tem um coração mole no que diz respeito às mulheres. Foi essa fraqueza que fez com que Bethany se entregasse a mim, mesmo depois de casados. Ele confiou nela, mesmo com todas as evidências de que ela o traía. Num primeiro momento, ele recusou-se a acreditar, mas quando a verdade lhe foi revelada, era tarde demais para que se desvencilhasse dela. Vejamos como meu irmão se sairá desta vez.

— Desta vez, porém, há uma diferença, St. John — protestou Miranda. — Eu não o amo. Eu o desprezo. E Marcus sabe disso. — Encarou-o. — St. John, você é lindo. E muito charmoso. Talvez eu pudesse ter amado o homem gentil que pensei que você fosse. Mas era tudo mentira. Tudo o que você me disse…

— Nem tudo o que lhe disse era mentira — murmurou ele.

Ela perdeu o controle:

— Você tem a audácia de vir ao meu quarto e, a despeito de usar palavras doces, tem uma arma na mão. Suas ações provam que o homem gentil e engraçado que conheci nunca existiu. Há algo muito errado com você, St. John. E isso me causa repulsa.

O sorriso dele se desfez e ela percebeu que suas palavras o tinham atingido em cheio.

— Felizmente para mim, sua opinião acerca de meu caráter não é algo com que me importe.

Ele apontou a arma para o papel em cima da escrivaninha.

— Você escreverá uma carta a seu marido explicando nossa fuga.

— Eu nunca o farei.

— Sim, você o fará. E, para tanto, usará tinta ou eu usarei seu sangue — ele respondeu friamente sem hesitar enquanto segurava a arma com firmeza.

— Marcus jamais acreditará que fugi com você de livre e espontânea vontade. — A voz dela perdera um pouco do tom rude.

— Não importará se você veio de livre e espontânea vontade ou se eu tive de arrastá-la pelo cabelo. Quando você voltar, Marcus dirá que acredita em você. Talvez até acredite em sua própria afirmação. E ele a receberá de braços abertos. Mas nunca deixará de remoer esse fato. Ficará insone deitado ao seu lado, imaginando o que realmente aconteceu no tempo em que esteve comigo. E, quanto mais você reafirmar sua inocência, menos ele acreditará. Obviamente, eu a apoiarei em suas afirmações. Direi, sim, que você é inocente. Acalmarei seu pobre ânimo exaltado. — St. John riu ironicamente. — Farei exatamente igual ao que fiz quando ele era casado com Bethany. Não importará se a tiver deixado ir sem encostar em um fio de seu cabelo. Por mais honestas que sejam minhas afirmações, elas terão menos valor do que qualquer mentira que eu possa inventar.

— Mas eu não sou Bethany, St. John. As coisas não são mais as mesmas. Marcus mudou. E ele acreditará em mim quando eu lhe contar a verdade.

Espero que assim seja, pensou intimamente Miranda. *É certo que não fui confiável no passado, mas ele confiará em mim agora.*

St. John a encarou.

— Acredita mesmo nisso? O quanto ele sabe sobre você? Ele sabe sobre sua guardiã, a notável *lady* Cecile?

Ela o encarou com estupor.

— Você, sem dúvida, é a pior pessoa que já conheci. E se pensa que pode me forçar a acompanhá-lo e arruinar a vida de seu irmão tão facilmente, engana-se. Ele e eu somos casados e felizes. Ele sabe a verdade. Digo mais: sabe o que penso acerca de sua patética farsa? — Miranda deu de ombros. — Não funcionou da última vez, quando tentou arruinar minha reputação no baile. Ainda assim, você insiste no erro. Será que um dia irá aprender ou continuará a utilizar-se de armadilhas como chantagem e sequestro até que tais expedientes se esgotem?

Houve um lapso de dúvida nos olhos dele, e Miranda prosseguiu:

— Você pode me matar, arrastar meu corpo escada abaixo e colocá-lo aos pés de seu irmão. Porém, não creio que tenha estômago suficiente para isso. — Ela rezou para que estivesse certa. — Eles o enforcarão por ter me assassinado a sangue-frio. E eu posso lhe garantir: uma corda em volta de seu pescoço, comparado à gravata que agora usa, não será nada elegante. E o que dizer de seu irmão? Quando ele o encontrar, duvido que hesitará em colocar uma bala em seu peito. E ele o fará em defesa da honra de sua esposa. Você tem certeza de que quer prosseguir?

Os olhos de St. John estavam enevoados, e Miranda percebeu que ele baixara a arma.

— Vá agora, St. John. Marcus não fez nada tão terrível a você para merecer tamanho ódio. E, se fez, tudo já está no passado. Não deixe que isso destrua o que restou de suas vidas. Esqueça.

A arma, antes apontada para Miranda, agora estava direcionada para o chão. As palavras dela haviam funcionado. Ela podia perceber o cansaço nos olhos dele. Ele tentou falar.

Subitamente, a porta se abriu, e Marcus irrompeu dentro do quarto. Havia um brilho assassino em seus olhos.

— Eu posso explicar — disse Miranda.

— Não há necessidade de explicações. Posso imaginar o que aconteceu. Afaste-se. — Com os olhos fixos na pistola, ele tomou-lhe a frente. — Saia do caminho, Miranda. Vá para o meu quarto e espere por mim lá. Tudo isso acabará em um instante. St. John, levante-se e vamos pôr fim nisso de uma vez por todas.

— Marcus, não. — Ela tentou tomar-lhe a frente, mas ele a empurrou para longe. — Eu não o deixarei aqui.

Não o abandonaria enquanto St. John estivesse armado, e seu marido, indefeso diante dele.

— Meu irmão, eu não o esperava tão cedo. — St. John abriu os braços e sorriu enquanto retirava os pés de cima da cama de Miranda.

Marcus manteve os olhos na pistola que seu irmão carregava enquanto esta mudava seu alvo.

— Você invade minha casa e o quarto de minha esposa e espera que eu não o encontre? Eu adverti os criados para que me alertassem de sua presença. Não sou mais o tolo que costumava ser, St. John.

St. John exibiu um sorriso triunfante.

— E como pode saber se não estou aqui a convite de sua esposa?

Miranda sentiu o coração parar por um momento, antes que seu marido respondesse.

— Eu o conheço. E conheço minha esposa. Você pode me tomar por um tolo, mas Miranda sabe que não sou. — Ele sorriu com frieza. — Se ela o tivesse convidado, não iria permitir que eu os flagrasse.

— Sério? Imagino que você esteja certo; afinal de contas, ela é especialista em guardar segredos, não é mesmo? Você sabia que sua esposa foi criada por uma prostituta e um bêbado?

— E é esse o segredo com o qual você a ameaçava? Eu já sabia disso. Soube quando viajei a Londres após o casamento.

St. John pareceu surpreso e desapontado, e Marcus lançou a Miranda um olhar

de encorajamento.

— E não pense que pode ameaçá-la expondo tal segredo. Eu a apoiarei. Nada disso importa para mim. Suponho, porém, que a família que o sustenta possa suportar mais um escândalo. Ademais, é um segredo muito antigo, estou certo? E agora que todas as dívidas do pai de Miranda estão pagas…

— As dívidas estão pagas? — As pernas dela fraquejaram, e Miranda desmoronou sobre a cadeira.

— Eu estava esperando o Natal para lhe contar. Seria seu presente. — O sorriso de Marcus era sincero quando olhou para ela. — Meu irmão idiota acaba de estragar a surpresa.

O pai dela estava livre. Ela poderia respirar aliviada sabendo que ele estava seguro. Isso, claro, se sobrevivesse àquela noite. Miranda sorriu para o marido.

St. John pigarreou, frustrado por ver que suas ameaças não tinham surtido efeito. Então, sorriu.

— Pois muito bem. Então não lhe importa que seu nome seja arrastado na lama por uma aprendiz de prostituta? E o quanto Miranda sabe acerca dos nossos antigos segredos de família, Marcus?

— Ela sabe o suficiente, St. John. O resto é melhor que fique esquecido e enterrado junto com aqueles a quem fazem referência, exatamente como tem sido nos últimos dez anos.

St. John ergueu a pistola de novo e a apontou na direção de seu irmão.

— Você pode ter esquecido, Marcus; afinal, você não sofreu por causa deles.

— Oh, mas eu sofri, St. John, embora você prefira acreditar no contrário.

— Tenho certeza de que você sofreu imensamente. — St. John fitou Miranda. — Seu precioso marido, que sempre teve tudo o que quis desde que nasceu… O título, a terra, a mulher, a herança. Tudo lhe foi entregue de bandeja e ainda assim ele não era feliz. Nem mesmo quando tomou o pouco que me pertencia. Ele lhe contou em que circunstâncias se casou com Bethany? Ele lhe contou que a desposou ainda ela sendo minha noiva?

— Noiva?! — Ela olhou para Marcus.

— Na verdade, ela foi abandonada por você — retrucou Marcus. — E já estava grávida. E eu não sabia de nada disso até ser tarde demais.

— Está mentindo. Você a quis porque ela era linda. E porque era minha. Você sempre cobiçou o que era meu, Marcus. Nunca se satisfez com a melhor e maior parte. Você precisava ter tudo, não é? Eu viajei a Londres e estava voltando com um anel para ela. Você esperou que eu partisse e agiu pelas minhas costas.

— Eu já lhe expliquei na ocasião, e juro por Deus que se nossa mãe tivesse me contado toda a verdade antes do casamento, jamais teria casado com ela. Ela não pôde encontrá-lo, pois você fugira outra vez. A família de Bethany quis que

a justiça fosse feita, e a honra da filha, restaurada. Eles contaram a história à nossa mãe, e não a mim. E nossa mãe fez planos, como sempre, não se importando em como tais planos poderiam afetar nossa família. Nossa mãe nos reuniu. Bethany era linda. Era talentosa. Eu fiquei enlouquecido por ela. E como não ficaria? Sabia que algo havia acontecido entre vocês, mas ela nunca me disse que fora algo sério.

— Você podia ter me procurado. Podia ter me perguntado a verdade.

— Eu não queria a verdade. Só me interessava pela mulher. E ela não o quis, St. John. Um irmão de 18 anos não era prêmio suficiente quando se pode ter alguém muito mais ingênuo e fácil de manipular. E nossa querida mãe não se importou que eu não fosse o pai de meu herdeiro. Se você, seu filho favorito, não poderia ser o novo duque, então seu filho o seria. Foi um plano bem articulado. Mas, como sempre, nossa mãe soube como engendrá-lo.

— E a história se repete — retrucou St. John. — Nossa mãe escolheu outra noiva para você, que, como a primeira, se apresenta sem honra, mas sequiosa por um título. E você continua sendo o ingênuo que sempre foi.

— E você pensa que pode roubar minha esposa tão facilmente quanto o fez dez anos atrás?

— Caso sua esposa tivesse sobrevivido, ela ainda seria minha. E seu filho, meu herdeiro.

Foi a vez de Marcus cuspir.

— Se ela tivesse sobrevivido, ela nos teria feito a ambos de tolos, e um herdeiro teria sido o filho de um tratador de cavalos. Nossa mãe foi mais tola que nós dois quando acreditou na história que Bethany contou. Até mesmo em nossa noite de núpcias Bethany provou ser versada em folguedos sexuais. Folguedos que você nunca ensinou a ela.

— Mentiroso! — A palavra soou como um tiro na voz de St. John.

— Jure para mim que ela era inocente na primeira vez em que a teve e que você já não era um menino ingênuo nessa época.

— Malditos sejam você, seu título e suas terras! Você se casou com a mulher que eu amava e a deixou morrer!

— E ela nunca amou nenhum de nós dois. Deixe-a morta. Esqueça-a. — Marcus estendeu a mão a seu irmão sem perder de vista a pistola.

— Não — uivou St. John e, atirando a arma para longe, atacou o irmão.

Seus punhos acertaram Marcus vezes sem conta enquanto este resfolegava e recebia os golpes. Sangue saiu de seus lábios partidos, e ele arfou ao receber um golpe na barriga, mas era maior que o irmão e se recompôs. Erguendo os braços, protegeu-se dos golpes desferidos e o empurrou. E, então, suas mãos estavam em volta do pescoço de St. John.

St. John continuava a desferir golpes, mas estes se tornaram cada vez mais fracos.

Os olhos do duque estavam distantes e cheios de mágoa, mas as mãos continuavam firmes ao redor do pescoço do irmão.

— Marcus, já basta. Deixe-o ir. Ele é seu irmão — Miranda suplicou ao marido, temendo que acontecesse um trágico desfecho.

Marcus afastou o irmão de si, deixando-o estirado no tapete.

— Você estava certo, St. John. Eu sou demasiado fraco para matá-lo. Embora seja um indivíduo execrável, você é meu irmão. — Ele lançou um olhar desamparado a Miranda. — Mas o que farei com ele? Ele tentará machucá-la novamente, pois sabe que se o fizer, irá me ferir.

— Por que você o impediu, Miranda? Deixe que ele me mate. Permita que ele termine o que começou anos atrás.

Miranda olhou para St. John ainda estirado no tapete, seus olhos cheios de morte e desespero, as marcas vermelhas em volta de seu pescoço. Voltou-se e abriu sua caixa de joias, de onde retirou algo.

Por fim, encaminhou-se de volta para o cunhado, o medo esquecido.

— St. John, está tudo terminado. Você perdeu. Não pode mais me usar para ferir Marcus. Eu não permitirei que faça isso. Mesmo que você consiga se vingar, isso não trará Bethany de volta. Nada mudará o passado. Se você não pode viver com isso, se realmente deseja morrer, vá ao encontro da morte em outro lugar. Pelas mãos de seu irmão, isso não acontecerá, pois eu não permitirei que você o envolva nisso.

Percebendo como Marcus ainda estava agitado, Miranda especulou intimamente se ela seria capaz de fazer o que acabara de dizer, caso as circunstâncias se repetissem.

Abrindo a mão, Miranda deixou que as esmeraldas Haugleigh caíssem sobre o peito de St. John.

— Quando eu cheguei a esta casa, você disse ser meu amigo. Diga-me: isso era mentira?

Ele olhou para ela e seu rosto desanuviou-se, mas ele nada disse.

— Caso tenha havido algum momento de ternura, algum vestígio de calor humano ou de amizade por mim, sem que tenham sido provocados em prol de suas maquinações perversas e seus planos para prejudicar a esposa de seu irmão, eu lhe agradeço por isso. Neste momento, escolho esquecer tudo o que se passou aqui e lembrar somente de sua bondade para comigo. Porém, não permitirei que fique em minha casa por nem um momento mais se sua permanência fizer com que meu marido e eu nos afastemos. Aceite o colar. Você não pode ter o título ou a casa ou a mim. Mas pode levar este símbolo da honra de sua família. Você

certamente merece isso. Leve-o e venda-o. Será mais que o suficiente para que você compre uma patente no exército. Recomece sua vida, St. John, longe daqui. Se está tão propenso a tirar a própria vida, faça-o em defesa de seu país, e não como decorrência de uma farsa ridícula na qual acabará por morrer pelas mãos de seu irmão.

Ela lhe ofereceu a mão e o ajudou a levantar-se. O colar escorregou, caindo no solo. St. John o pegou, colocando-o no bolso. Por fim, retirou o pó de suas roupas e esfregou sua mão em torno das marcas vermelhas em seu pescoço. Limpou o suor do rosto com a ponta da gravata e, por um momento, Miranda pôde vislumbrar em seu rosto aquela expressão de "o demônio que se cuide", que tanto a impressionara no primeiro dia, retomar sua face.

Ele voltou-se para ela, fez uma longa reverência e disse sarcasticamente:

— Obrigada, Vossa Graça, por tomar como suas as gentilezas de seu marido e não ser capaz de fazer aquelas que lhe cabem.

St. John, então, voltou-se para seu irmão e repetiu a mesma reverência sarcástica.

— E obrigado a você, Marcus, por ter poupado minha vida miserável. Sei que esse seu gesto de altruísmo nos beneficiará a ambos. Não tenho dúvidas de que a jogarei fora, juntamente com todo o dinheiro que conseguir com este patético colar. Ainda não decidi se me esconderei em algum buraco em Londres ou se viajarei de volta ao continente, mas, seja como for, pode ficar tranquilo quanto a um fato: quando eu morrer você não terá meu sangue em suas mãos.

Miranda olhou para seu marido e percebeu que as últimas palavras ditas por St. John o haviam afetado.

— Eu não posso salvar você de si mesmo, St. John. Apenas você pode fazer isso. Caso não consiga encontrar a felicidade, espero que pelo menos encontre paz.

Com uma risada amarga, St. John saiu da sala, o som de seus passos sumindo ao longe enquanto se afastava deles pelo corredor.

CAPÍTULO 24

Miranda observou seu marido sentado à mesa como tantas vezes fizera no decorrer dos últimos seis meses e sorriu. Ele lia sua correspondência e, quando percebeu que estava sendo observado, escondeu uma carta debaixo da pilha.

— Alguma coisa interessante na correspondência de hoje? — perguntou ela.

— Hmm. — Ele olhou para as cartas fingindo inocência, mas Miranda pôde perceber um meio sorriso em seus lábios.

— Há algo que você não deseja me contar?

O meio sorriso alargou-se.

— Não ainda, querida.

— Por acaso é parte da grande surpresa de Natal que me prometeu? Ou melhor — corrigiu ela —, parte da grande surpresa de Natal com a qual você vem me provocando há semanas sem nada revelar?

— Mas não seria essa a definição de surpresa: algo do qual tenho conhecimento e você não? E algo que logo revelarei a você, embora ainda falte uma semana para o Natal.

— Quando você o fará?

— Logo. Hoje mesmo, talvez.

— Mas apenas se eu me comportar, correto?

Seus olhos se tornaram mais escuros quando a fitaram.

— Você sempre se comporta bem, minha querida. E não, seu comportamento em nada influenciará o momento em que revelarei seu presente.

— Mas você precisa me contar hoje ou irá me mostrar? Será um evento a que iremos? Ou um presente?

— E nós brincaremos de “responda sim ou não” enquanto tenta adivinhar aquilo que não pretendo lhe revelar?

— E tal expediente funcionaria?

— Não. E meus ovos mexidos estão esfriando.

— Pois coma-os, milorde.

Ele deu uma garfada generosa nos ovos e passou a mastigá-los.

— E você? Recebeu algo interessante na correspondência hoje?

— Votos de feliz Natal de nossos vizinhos. Várias novas confirmações de convidados ao nosso baile. — Ela tocou a barriga. — Todas as mulheres me asseguraram que dançar não prejudicará o bebê e, sendo assim, eu o farei. Mesmo me cansando com facilidade.

— Então, não se esforce muito, querida. E, no baile, dance apenas comigo.

— Você está preocupado com meu bem-estar, Marcus, ou esta é apenas uma

tentativa de me monopolizar?

— Ambos. Se eu for bem-sucedido, terei persuadido você de que qualquer forma de entretenimento é cansativa e que deve ficar sozinha comigo o tempo todo. Porém, acho que teremos de receber todas essas pessoas que invadirão nossa casa, comerão nossa comida e acabarão com a nossa paz até altas horas.

— De fato. Devemos retribuir os convites que nos foram feitos, uma vez que todos nos receberam tão bem em suas residências. Não posso mais usar a desculpa de que nossa casa não está apta a receber, já que limpamos o último candelabro da sala vários dias atrás e terminamos toda a decoração. Nosso cavalariço criou arranjos para enfeitar a sala e pendurou visco.

— E perseguiu as criadas — acrescentou ele. — Como você consegue que a criadagem trabalhe na época de Natal é algo que não consigo atinar. Mas está certa. A casa está maravilhosa, e precisamos receber nossos convidados. Este será o melhor Natal que tive desde a morte de meu pai. — Propôs um brinde usando sua xícara de café — Você se saiu esplendidamente bem, Miranda.

— Obrigada.

— Obrigado.

Ela voltou os olhos para sua correspondência com um sorriso satisfeito. A última carta da pilha tinha um aspecto estranho. Havia uma saliência nela, estava manchada e parecia ter viajado uma longa distância. Não havia, porém, indicação de quem seria o remetente.

Quando abriu o envelope, ele continha apenas uma folha de papel cuidadosamente dobrado. Ela o desdobrou, e uma pedra verde caiu na mesa. No papel, alguém havia escrito a palavra “obrigado” numa caligrafia tipicamente masculina.

Miranda levantou-se, dirigiu-se até a cabeceira da mesa e colou a carta diante de seu marido.

— Você acha que isto significa que…

— Que St. John escreveu a você para dizer que está vivo e bem? É o que parece.

— Fico feliz por saber disso.

— Eu também, desde que a carta venha de muito longe. — Ele virou o envelope. — Está endereçada a você, mas até mesmo isso faz sentido. Duvido que apenas alguns meses sejam suficientes para que St. John me agradeça pelo que quer que seja.

Marcus olhou a pedra contra a luz.

— Ao que tudo indica, ele lhe mandou o troco do presente que você lhe deu. Parece que meu irmão acabou por tomar juízo antes de dilapidar todo o dinheiro que tinha. — Ele devolveu a pedra a ela. — Guarde isto em sua caixa de joias,

para dar sorte.

Wilkins limpou a garganta a fim de anunciar sua presença da maneira mais discreta possível. Um leve tremor e uma sobrancelha levantada demonstravam que ele estava num estado de grande agitação.

— Sim, Wilkins?

— O pacote que esperava acaba de chegar, Vossa Graça.

A frase fora dita num tom tão peculiar que Miranda teve certeza de que o pacote devia conter um segredo.

— Muito bem. Parece que você saberá a resposta para todas as perguntas que me fez no café da manhã, minha querida. — O duque retirou um lenço limpo do bolso de seu casaco e começou a dobrá-lo em forma de uma venda.

— Não terei que usar isso, terei?

— Sem dúvida que sim. Tive um enorme trabalho para preparar esta surpresa e pretendo manter o suspense até o fim.

— Que assim seja então.

Ele se posicionou atrás dela e cobriu seus olhos com o lenço.

— E agora você pode tomar meu braço?

A mão dela pairou no ar antes que ela sentisse que ele a tomava e apertava. Então, o duque a ergueu, e Miranda sentiu a pressão de seus lábios em sua palma antes que ele a apoiasse em seu braço. Marcus a ajudou a se levantar e a guiou pela sala e através do corredor. Miranda percebeu a mudança do cômodo na medida em que o piso, antes atapetado, agora era firme, de mármore.

— Você é mesmo impossível.

— E você sabia disso antes de se casar comigo. E, mesmo assim, o fez.

— Não pensei direito acerca do assunto na época.

— Não, você não o fez. Esperou até nossa noite de núpcias para enumerar todos os meus defeitos e me expulsar de casa.

— Expulsar você de…

— Para Londres, onde eu tive a ideia para esta surpresa.

Ele a levara até o vestíbulo. Ela podia ouvir a voz dele ecoando pelo recinto e sentir o frio que entrava pela porta recém-aberta. Miranda se pôs a pensar. Que tipo de pacote chegaria a uma hora dessas? Talvez uma entrega especial vinda de Londres? Considerou a ideia de que pudesse ser um substituto para o famigerado colar de esmeraldas. Certamente, ele não o daria a ela de manhã.

E se ele o fizesse, ela o aceitaria de bom grado e faria uma oração silenciosa para que St. John retornasse de bolsos vazios novamente e ela o pudesse subornar mais uma vez. Seu marido perdera muito tempo em contendas no passado, e o colar era uma triste lembrança dessa época. Já era tempo de livrarem-se das tradições antigas e criarem novas.

— Você está pronta?

— Sinceramente, Marcus, sabe que não precisa me dar mais nada. Você já me deu tudo que eu poderia querer.

— Tudo, exceto uma coisa.

E ele removeu a venda de seus olhos e a deixou piscando enquanto se acostumava com a claridade enquanto Wilkins anunciava com sua voz poderosa:

— Sir Anthony e sra. Cecily Grey.

Miranda correu até sua família, para o frágil abraço de seu pai, pelo qual tanto ansiara por quase meio ano, e as lágrimas e os beijos de Cici.

Finalmente, ela virou-se para seu marido, incapaz de expressar tudo o que seu coração sentia naquele momento.

— Obrigada, Marcus, meu amor. Pensava que você tinha me dado tudo o que eu podia querer, e, ainda assim, você me concedeu meu maior desejo.

— Agora, você e Sir Anthony terão de me dar algo. — Marcus sorria para ela, mas havia certa timidez, certo nervosismo nele que a cativaram.

Confusa, Miranda olhou para seu pai e viu em seu rosto um sorriso tão amplo quanto o que viu no rosto de seu marido.

Então, para seu espanto, seu marido deu um passo à frente e disse numa voz muito contida:

— Sir Anthony, com sua licença, posso pedir a mão de sua filha em casamento?

O pai dela fez uma pequena pausa, como se pensasse no pedido.

— Eu juro, senhor, que Miranda terá todo o conforto que merece e todo o amor que tenho em meu peito.

Quando o pai dela assentiu, Marcus virou-se para Miranda e, ajoelhando-se, tomou suas mãos entre as dele.

— E você, Miranda? Você me concede sua mão e aceita meu coração em troca?

Ela corou ao vê-lo ali ajoelhado diante dos empregados e no frio que entrava pela porta aberta.

— Marcus, levante-se. É claro que sim. Eu já o fiz. Nós já nos casamos, não?

Ele olhou para ela.

— Talvez nossas almas já o tenham feito, mas não da maneira como você merece, minha querida. Se concordar, podemos fazê-lo de novo, com as bênçãos de seus pais e do reverendo Winslow, que está a nossa espera na capela. E todo o mundo, se você preferir, porque quero que não haja dúvida acerca de como me sinto.

Ela tomou o rosto dele em suas mãos e o beijou no alto da cabeça.

— Levante-se, antes que você fique doente. Vamos para a capela. Não posso

pensar em nada melhor a fazer do que lhe dar minha vida e meu coração outra vez.

Ela o sentiu relaxar enquanto o ajudava a se levantar, e quando o olhou ele realmente parecia tão ansioso quanto um noivo prestes a se casar.

Marcus sorriu-lhe com doçura.

— Mas vamos ter problemas no futuro, minha querida. Estou feliz em dar a você tudo o que sou e tudo o que serei. Mas, o que lhe darei no próximo Natal?

Table of Contents

A Duquesa Rebelde
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24